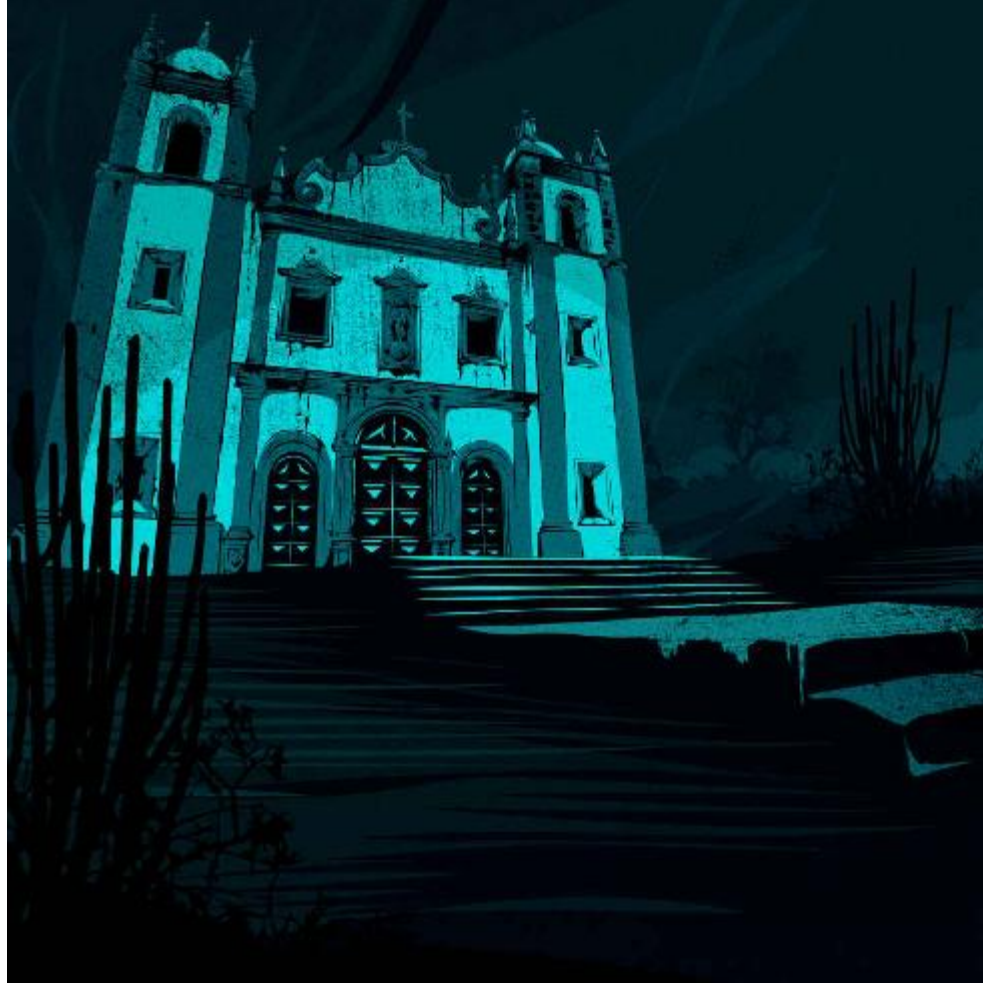


MAURO LOPES

NOVA JAGUARUARA



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MAURO LOPES

NOVA JAGUARUARA



NOVA JAGUARUARA
Mauro Lopes

NOVA JAGUARUARA
Mauro Lopes

Edição independente, 2017

Contato: oimauirolopes@gmail.com

Capa: Gustavo Thomé

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 1

As lâmpadas incandescentes emitiam um amarelo triste que banhava os contornos da igreja e a pequena praça com seus bancos de madeira. A igreja matriz era de grande importância e certamente um dos principais prédios da cidade de Nova Jaguaruara, uma cidade de pouco mais de vinte mil habitantes localizada no interior do estado do Ceará.

O relógio na torre principal marcou meia-noite e, numa sincronia desconcertante, como que por ordem do mínimo movimento dos ponteiros, todas as lâmpadas se desligaram e se mantiveram assim, em consonância com a quietude da noite, por exatamente um minuto. A cidade inteira permaneceu na escuridão. Todas as luzes de todos os postes se desligaram; todos os aparelhos de televisão e rádio daqueles que alimentavam a insônia também se calaram; todas as máquinas da cidade, mesmo as do hospital assim também o fizeram. Mas nenhum deles demorou mais do que um minuto.

Ninguém entendia o fenômeno na cidade de Nova Jaguaruara, mas todos o conheciam muito bem. Um segredo que foi se perdendo ao longo das gerações, uma informação que por escolha era mantida em sigilo pelos mais velhos. A vida seguia e esse aparente problema da cidade não mais incomodava. Um minuto apenas. Apesar da indiferença para o acontecimento corriqueiro, os mais antigos da cidade ainda temiam esse horário e recomendações não faltavam para que ninguém estivesse fora de suas casas.

Meia noite e um. As lâmpadas dos postes próximo à igreja acenderam-se com um estalo. Três meninos formavam um pequeno círculo. Em silêncio, trocaram olhares entre si e para as luzes mais próximas. As ruas agora exibiam suas lâmpadas acesas e os insetos, em suas confusas trajetórias, retornavam a apinhar-se diante das mesmas.

— Eu sabia que isso era uma grande bobagem — disse João eufórico.

— Estou vivo! É a primeira vez que estou fora de casa a esse horário — disse Antônio, passando as mãos pelo peito e pela grande barriga.

— Deixe de ser maricas! Eu também não acredito nessas velhas histórias de fantasmas. Isso só pode ser algum problema elétrico, nada de mais — disse Fernanda.

— E como vocês explicam essa precisão de horário? Não tem dia que a eletricidade não se vá das nossas casas à exata meia-noite. Dia santo ou não, chovendo ou não, em qualquer época do ano é a mesma coisa — disse Antônio esforçando-se para não parecer ridículo.

— Eu também não sei explicar isso, meu querido Toinho, mas

não é essa falta de explicação que vai me fazer acreditar em fantasmas ou outras idiotices do tipo — disse João.

João tinha catorze anos, mas era corpulento o suficiente para se passar por um garoto de dezessete. Embora visto como um desordeiro pelos adultos, ele era respeitado pelas crianças e adolescentes pela sua coragem e espírito aventureiro.

— Vocês não acreditam? — retrucou Antônio seriamente.

— Eu repito que não acredito em fantasmas. E você, Fernanda?

— Estou começando a achar que Antônio não vai ter coragem de fazer a segunda etapa do desafio. — O tom de deboche fez João olhar com cara de cobrança para Antônio, que respondeu de imediato que iria sim. Fernanda, na verdade, realizara uma manobra para fugir da pergunta inquietante. Fernanda acreditava nas velhas histórias da cidade e estava nervosa com a ideia do desafio. Como sempre, porém, sabia que dar o pé para trás era perder sua notoriedade de menina mais corajosa da cidade, diferente das outras que brincavam em segurança com suas bonecas longe das brincadeiras dos meninos. Além do título, tinha sempre a esperança de impressionar João, mal sabendo que sua presença constante apenas a fazia ser vista como igual pelo menino, afastando todas as possibilidades de um eventual relacionamento juvenil.

Enquanto as crianças da cidade passavam as manhãs cavando em seus quintais à procura de velhas botijas, eles preferiam outros tipos de aventura. Aquilo era coisa de criancinha, como sempre afirmava João. Desafiavam-se dia e noite, numa tentativa de determinar o mais corajoso e divertir-se, obviamente, à custa do mais medroso ou bobo. Os desafios começaram simples, como saltar de um galho de cajueiro de altura razoável ou jogar carcos de seriguela em pessoas que passassem pelas ruas. Com o passar do tempo, aquilo se transformou em droga para aqueles meninos. A maioria das crianças se afastou do grupo por ordem dos pais preocupados, que os acompanhavam apenas com olhares vigilantes e raramente com olhares de “sejam bem vindos” ou “fiquem à vontade”. Os três eram vistos como uma pequena gangue de meninos sujos, de má educação e que sempre estavam fazendo alguma desordem pela cidade. Os desafios atuais giravam em torno de aventuras perigosas, como cruzar a nado o grande açude da cidade de pernas amarradas, derrubar colmeias de abelhas, furtar pequenos objetos de lojas da cidade ou galinhas de terrenos vizinhos e até mesmo experimentar um baseado.

— Só uma última coisa antes de irmos. Ninguém da casa de vocês acordou, não é? Estamos encrocados se alguém descobrir.

— Escapei pela janela do quarto. Ninguém a não ser Faísca me viu.

— Ele latiu?

— Não, João! Desde que comecei a treiná-lo, ele quase não me desobedece mais. — No rosto uma falsa expressão de confiança.

— Não imagino você treinando um cachorro e isso funcionando. — João não perdeu a oportunidade. Fernanda caiu na gargalhada e, com um tom petulante de quem completa uma formalidade, também confirmou que ninguém a tinha visto sair.

— Pois antes de irmos, gostaria apenas de...

— Você ouviu isso? — Antônio interrompeu, voltando-se para o outro lado da praça, de onde um barulho metálico acabara de vir do camburão de lixo. Antônio deu alguns passos na direção, como querendo mostrar coragem, ainda mais pelo que estavam prestes a fazer àquela noite. Decidiu ir até o camburão para se certificar de que tudo estava bem. Estando a meio caminho do alvo, pôde escutar as risadas vindas das suas costas.

— Deixe de bobagem, Antônio. Melhor seguirmos. Não há nada aí — disse João alto o suficiente para ser ouvido pelo amigo, mas atento às dezenas de janelas das casas ao redor da praça da igreja. Sabia que por trás delas dormiam velhas fofoqueiras e crianças cabuetas.

Quando Antônio decidiu por fim virar-se, numa última olhada, imaginação ou não, pôde jurar que o grande latão havia feito um movimento mínimo. Na esperança de apenas ele ter visto aquilo, decidiu voltar em direção aos amigos.

— Antônio, aquela lata se mexeu. Tenho certeza! — disse Fernanda com um sorriso malicioso.

Antônio virou-se para o camburão, mas, quando estava prestes a dar o primeiro passo, um gato branco como uma alma pulou para fora soltando um miado agudo e estridente. O menino caiu assustado. Mesmo no chão, suas pernas ainda tremiam, provocando malditas risadas nos outros. O gato correu como louco desaparecendo por uma das ruas.

— Gato idiota! — disse Antônio levantando-se. — Eu posso jurar que era a sua gata, João — acrescentou. João não deu a mínima ao que Antônio havia dito nem percebera que a gata fugitiva era de fato a sua.

João passou a mochila para frente e, dentre uma garrafa de água, biscoitos de chocolate e algumas pilhas, retirou uma lanterna e um estilingue, colocando o último como um cordão por sobre a cabeça.

— Melhor irmos! Já perdemos tempo demais.

— Então é isso — disse Antônio para si mesmo ainda pensando no que estavam prestes a fazer. Desceram os degraus da igreja e montaram em suas bicicletas.

Os três pedalarão devagar, de forma a não fazer barulho enquanto ainda estavam na cidade. Logo a via os levou para fora e em

pouco tempo eles pedalaram com velocidade contra o vento frio da madrugada. Tomaram a via raramente usada que dava acesso ao litoral, onde havia uma praia cheia de pedras e pouquíssimo visitada.

O som das bicicletas era tudo o que se podia ouvir. Instantes depois, as nuvens deixaram escapar o brilho da lua cheia, delimitando contornos diversos de cercas, árvores e placas. Mesmo as faixas amarelas no asfalto podiam ser facilmente vistas indicando o caminho. Mesmo assim, João preferiu manter sua lanterna ligada presa ao guidão. Pequenas gotículas e poeira exibiam-se aos raios de luz da lanterna numa dança irreconhecível enquanto os metros eram subtraídos.

— Já fizemos metade — disse João. — Querem parar para tomar água? Ainda faltam dez quilômetros.

— Mais precisamente dez e meio, se realmente estivermos na metade do caminho — ponderou Antônio com uma voz dissimulada. Já se sentia terrivelmente cansado.

João freou, sendo seguido pelos outros. Os três ficaram lado a lado, Fernanda no meio, exatamente em cima de uma das faixas. Estar ali parado tarde da noite, no meio do nada, cercados pela escuridão e longe da segurança de suas casas, despertava os medos mais primitivos. Arrepios e leves tremores lhes ocorreram, mas ninguém falou nada. Eram imaturos demais para assumir isso. Tomaram água e puseram-se a pedalar, um a um. Estar em movimento era tranquilizador, estar parado era fazer-se de presa fácil.

Antônio fora o primeiro a desfazer a formação, sendo seguido por Fernanda. João olhou uma última vez para os lados e para os contornos bizarros da mata, recortados com leveza pelo luar. Mas foi ao olhar para trás, atraído por um leve rangido metálico, que teve uma grande surpresa. Virou-se para os outros, mas eles já iam a pelo menos vinte metros de distância. João os alcançou.

— Quando desligar a lanterna, eu quero que vocês me sigam. Vocês vão entender. — disse João fazendo a ultrapassagem.

João desligou a lanterna e saiu pelo acostamento. Pararam as bicicletas por detrás de um cajueiro.

— O que está acontecendo, João? — perguntou Fernanda sem entender o porquê da nova pausa. — Não faz um minuto que...

— Psiu! — João levou o indicador à boca e ficou assim, olhando para a estrada. — Vocês vão entender.

O silêncio foi então quebrado pela aproximação de uma bicicleta. O esforço da pedalada podia ser facilmente reconhecido pelo som da corrente enferrujada. Agora mais perto, ouviram a respiração ofegante do pequeno ciclista, que, em uma bicicleta de adulto, pedalava com destreza e equilíbrio admiráveis.

— Pedro... — sussurrou João, lembrando-se de quantas mil vezes

já havia dito que um pirralho de nove anos não era bem vindo.

Pedro pedalava de pé, as pernas curtas de menino esticando-se da melhor forma para alcançar os pedais. A bicicleta rangia com dificuldade e traçava uma trajetória ondulante que certamente lhe acrescentaria ao menos dois quilômetros até o destino final, o qual ele já suspeitava.

O menino passou pelo cajueiro com a cabeça baixa, distraído, lutando para manter o guidão firme. João caminhou até a estrada, deixando a bicicleta escorada ao cajueiro junto aos outros. Retirou o estilingue do pescoço e uma pedra arredondada do bolso. Mirou em direção à bunda do irmão e, com um sorriso maldoso estampado no rosto, disparou.

— Na mosca! — João gritou aos pulos, vendo que Pedro não passava de uma barata envenenada a se estrebuchar de dor, deitado no asfalto, com as duas mãos pressionando o local atingido. No rosto, a expressão de agonia e a vergonha de ter sido descoberto. Os pneus ainda rodavam ligeiro na bicicleta derrubada ao seu lado.

— Não precisava fazer isso, João! — A mão ainda massageava a bunda. — Eu suspeitei o que vocês estavam aprontando e vim conferir se realmente teriam coragem. Você preferia que eu tivesse contado para o papai? — Pedro levantou-se, esforçando-se para falar grosso ao ver que Fernanda e Antônio se aproximavam rindo.

— “Contar para o papai... papai...” — João falava com uma vozinha débil e aguda, balançando os braços de um lado para o outro. — Eu preferia que você deixasse de ser metido, isso sim. Como diabos você descobriu que a gente ia fazer uma missão fora da cidade? — disse, enquanto os outros dois garotos posicionavam-se às suas costas.

— Missão? Esse é nome que vocês dão a essa loucura? Ouvi vocês comentando durante a missa no último domingo. Falaram de entrar na velha igreja e sei o que isso quer dizer. Estou de olho em você no nosso quarto enquanto você dorme desde então. Hoje eu vi você pegando sua mochila e claro que eu não ia ficar de fora. Vocês sempre me deixam de fora. Depois que você saiu, coloquei Dara dentro da mochila e peguei a bicicleta do papai.

— Eu sabia que aquela gata era a de vocês... — disse Antônio.

— Assim que faltou a energia, eu escondi a bicicleta e corri pra dentro do camburão de lixo. Não contava com tantas baratas lá dentro. Era impossível ficar quieto. Minha única ideia para não ser descoberto foi soltar Dara — disse retirando a coleira com um sininho de um dos bolsos.

— Eu te mato se ela não achar o caminho de volta pra casa — disse João com os punhos fechados.

— Só queria fazer parte do grupo, João. Por que vocês não me chamam nunca?

— Por que você ainda é um bebezão... bebezão... — disse a mesma voz irritante. — Sabe o que você vai fazer agora? Dar meia-volta. — Fez um círculo com o indicador apontado para baixo.

— Não, João! Não é justo! Já estamos na metade do caminho. Nossos pais nunca vão descobrir que saímos. Eu prometo. Agora se você me fizer voltar, eu acordo eles assim que chegar.

João empunhou o estilingue.

— Você teria toda essa coragem, irmãozinho?

Os outros riram e soltaram gritinhos cortantes, estimulando uma possível briga. Após alguns instantes, Fernanda disse:

— Vocês podem deixar os probleminhas de casa para outro momento? Estamos perdendo tempo. Se o pirralho teve coragem de pedalar até aqui, acho que ele merece ir com a gente.

— Não estamos falando de merecer ou não, Fernanda. Meus pais me matam se algo acontecer a ele. “Você é o mais velho! Você é responsável pelo seu irmão!” — disse agora com a voz do pai.

— Sempre soube que você me amava, irmãozinho — disse Pedro numa voz carinhosa, provocando risos dos outros para João.

— Não me amole, Pedro. Tenho pena é de mim caso algo te aconteça.

— Nada vai acontecer, está bem pessoal? Vamos terminar essa ideia maluca de uma vez por todas. Também sou a favor de Pedro prosseguir com a gente, o que faz termos dois votos a favor. Você perdeu, João! — Antônio concluiu a discussão, sentindo certo sabor com a última frase. Falar aquilo para o garoto que sempre corria mais rápido, que sempre escalava mais alto e que sempre chamava atenção das meninas mais bonitas era certamente sua chance em um milhão. Além disso, uma pessoa a mais no grupo só aumentaria as chances de salvar seu próprio pescoço.

Pedro pulou de alegria, mas João se limitou a caminhar de volta ao cajueiro, montar em sua bicicleta e voltar pedalando para a estrada. Os outros montaram também nas suas e logo os quatro pedalavam rápido, devorando os últimos quilômetros. As pernas de João queimavam com o ritmo que impusera, mas animava-se por saber a dificuldade que os outros estavam tendo para alcançá-lo e não diminuía o passo. Vinte minutos depois, chegaram a uma velha igreja recuada em um dos lados da estrada.

A frente da igreja apresentava três portas de madeira, contendo no seu ponto mais alto um crucifixo que se alinhava a duas torres laterais. Projetavam-se acima das portas e nas laterais da construção inúmeras janelas, das quais se podia ver a escuridão do interior através dos pequenos buracos ou desencaixes provocados pelo tempo. As paredes eram sujas, pintadas por lodo e musgos que brotavam da base. Os degraus da pequena escadaria exibiam as bordas quebradas,

soltando estruturas de ferro oxidadas. O crucifixo no ponto mais alto mantinha preso a pregos um magro Jesus exibindo suas largas costelas sob a pele, que parecia prestes a se romper a qualquer momento, liberando um conteúdo fétido de sangue e vísceras podres. A imagem da cruz era forte demais para que olhos humanos, ainda mais os de crianças, ali se repousassem por muito tempo.

— Eu odeio vocês! — Antônio desceu da bicicleta, deixando-a cair no chão. O coração batia em desespero contra suas costelas como um prisioneiro debatendo-se nas grades de uma prisão. A cabeça girava, olhando para todos os lados em movimentos rápidos e precisos, respondendo a qualquer mínimo ruído da noite.

Uma rasga-mortalha emitiu um grito penetrante, fazendo todos se arrepiarem de frente ao grande paredão da igreja.

Os quatro ficaram de pé, lado a lado, ninguém tendo coragem de dar o primeiro passo. Mantiveram-se em silêncio, lembrando-se de histórias que cresceram ouvindo sobre a velha igreja.

— Eu estou com muito medo, João — disse Pedro, segurando o braço do irmão. João tentou se livrar, mas desistiu, a proximidade de Pedro o fazia se sentir mais forte. João, mesmo não querendo admitir, tinha os pelos da nuca permanentemente eriçados àquela altura.

— Pronto, já chegamos aqui e acho que já podemos ir embora. — Pedro quebrou o silêncio mais uma vez, não imaginando a real intenção do desafio.

— Bem pessoal, vamos logo fazer o que viemos fazer e dar o fora daqui. Todos prontos? — Fernanda posicionou-se de frente para eles.

— Como assim? O que vocês pretendem fazer? — disse Pedro, quase chorando.

Antônio animava-se por saber que pelo menos alguém tinha mais medo que ele. E pouco importava se era um menino bem mais novo.

— Não seja o bebê da mamãe, Pedro — disse João provocando uma nova onda de risadas, muito bem-vinda naquele momento, por sinal. — A gente tem um desafio a cumprir.

— Nós combinamos de que quem perder deve entrar na igreja, ir até o altar e trazer algo pra provar — disse Antônio. Seu tom de voz deixava claro o quão absurdo considerava o desafio e, mais ainda, o quão medroso e covarde era para ir de encontro às ideias de João e Fernanda.

— Vocês só podem estar ficando malucos. — Pedro deu dois passos para trás, desfazendo o círculo. — Pessoas desapareceram aqui. Vocês sabem que não podemos vir para esse lado.

— Como você decidiu nos seguir irmãozinho, você vai fazer parte disso também. — Enquanto João se divertia assustando o irmão, Fernanda coletava algumas pedras e as colocava em saco de pano que retirara da mochila.

— Aqui dentro deste saco existem três, quer dizer, quatro pedras — disse ela, voltando-se para Pedro — que decidirá nossos destinos. O que eu acredito? Que tudo isso que sempre ouvimos não passe de uma grande bobagem, histórias para assustar criancinhas e que nada acontecerá com quem perder no sorteio. — Fernanda parecia uma apresentadora de programas de televisão com uma entonação teatral forçada. — Vou pedir para que cada um retire uma das pedras e a mantenha na mão. Vamos abrir as mãos juntos e quem exibir a única pedra branca, será nosso grande desbravador.

Um a um retiraram suas pedras e à ordem de Fernanda, elas foram exibidas.

Pedro começou a berrar.

— Eu sou muito novo para morrer. Vocês não podem fazer isso comigo. Não, vocês não podem! Eu não devia ter seguido vocês... Vocês são malucos, não podem fazer isso comigo. Não vou entrar nessa igreja. Não vou... — Pedro chorava e resmungava com dificuldade enquanto João o agarrava pelo pescoço impedido que ele fugisse.

— Você deve entrar por ali, maricas. — João apontou para uma das janelas da lateral que estava quebrada, exibindo uma abertura que daria passagem inclusive para um adulto.

— Traga algo legal, por favor. Faça valer a pena! — Antônio acrescentou com um tom de voz corajoso, revigorado. Estava aliviado como uma galinha de granja que é poupada por mais um dia.

João empurrou Pedro em direção à igreja e armou rapidamente seu estilingue com a pedra escura que acabara de retirar do sorteio.

— Um passo que não te leve à igreja e eu te acerto em cheio na cabeça.

Pedro olhava para os outros como que pedindo socorro, os lábios tremiam e a língua saía em intervalos coletando as lágrimas salgadas. Olhou uma última vez para o irmão e seguiu em direção à janela. De frente à escuridão da abertura, pôde ver grandes olhos de monstros devoradores de crianças, observando-o com apetite, à espreita, esperando pelo exato momento em que ele ultrapassaria o limite, esperando o exato momento que ele trocaria a luz do luar para ser encoberto por toda aquela escuridão. Assim que ele entrasse, o que quer que morasse naquela velha construção iria abrir mão de seu eterno silêncio e iria atacá-lo com seus dentes e garras afiados, cortando sua carne e seus ossos como papel. Enquanto sua mente se ocupava nesse turbilhão de pensamentos, gargalhadas às suas costas trouxeram-no de volta para a realidade.

— Você é um bebezão mesmo — disse João, apontando para algo na altura de seu quadril. — Você mijou nas calças, bocó! Não estou acreditando. Você não consegue nem fazer isso.

Pedro olhou para as calças molhadas e, tomado de vergonha por ver que seu medo tinha se tornado diversão para os outros meninos, correu em direção à bicicleta, querendo fugir dali naquele momento. Suas pernas iam bambas e cambaleantes. E ele quase não conseguiu montar na alta bicicleta. O peito arfava pela respiração pesada, as lágrimas indesejadas caindo-lhe na face molhada de suor. Em sua cabeça, os poucos pensamentos que em casa tentaram convencê-lo de não seguir o irmão, agora reinavam vitoriosos, acompanhados de arrependimento e frustração.

— Acho melhor a gente ir embora! — Apesar da gargalhada inicial, Fernanda teve pena. Ela sabia que também não teria coragem de entrar na igreja, sendo esse o motivo de ter insistido tanto para fazer o sorteio. Escondia, desde o início, uma pedra preta extra na outra mão. Fernanda olhou para o relógio de pulso. — Já são quase duas horas da manhã e ainda temos muito a pedalar. Melhor nos apressarmos, não quero correr o risco de ser descoberta pelos meus pais.

Quando Fernanda e Antônio montaram em suas bicicletas, foram surpreendidos por João, que se mantinha firme na mesma posição, com um olhar fixo e ambicioso para a escuridão que vazava de dentro da igreja.

— Eu vou!

— Tudo bem, João. Não precisa! Melhor voltarmos.

— Não Antônio! Quero terminar o que começamos. — Desvencilhou-se do braço de Antônio e caminhou em direção à abertura. Colocou o estilingue de volta no pescoço, empunhou a lanterna e, como um mergulhador que se prepara antes de afundar na escuridão, inalou o ar da madrugada e desapareceu no interior da velha construção com a agilidade de um gato.

Os três ficaram em silêncio montados em suas bicicletas, atentos a qualquer barulho acusatório de que João precisasse de socorro. Pedro não conseguia olhar para outro ponto. O olhar estava pesado em direção ao buraco da janela, imaginando alguma coisa monstruosa saindo para pegá-los. Apenas um garoto não seria o bastante para alimentar a sua fome.

— Consegui! — Em menos de um minuto a abertura dava à luz um João são e salvo, caído de lado no chão como um filhote expulso de suas estranhas. Em suas mãos havia uma antiga taça de cobre, provavelmente usada no passado, durante as missas dos antigos habitantes da cidade.

Antônio e Fernanda foram ao seu encontro, dando-lhe tapinhas na cabeça e nos ombros. Antônio estava fascinado com a beleza e o brilho do objeto.

— Quanto acha que conseguimos por isso? — disse pegando a

taça das mãos de João, conferindo o reflexo de um menino gorducho de boca aberta. Baforou forte, deixando o vapor tomar conta de uma das faces do objeto metálico. Esfregou-a na manga da camisa em seguida.

— Me dê isso — disse João tomando a taça. — Vou guardar como um troféu.

— Pena que não possa mostrar pra ninguém. — Pedro acrescentou da estrada. Para a sua sorte, não era claro o suficiente para que vissem o rubor de suas bochechas. Estava tomado por vergonha e inveja.

— Deixa disso, irmão. Isso é nosso, tá bom? — João caminhou até o irmão, dando-lhe um puxão no cabelo como demonstração de carinho. Pedro ficou ainda mais fulo da vida. Começou a pedalar. Antônio e Fernanda seguiram-no.

João observou os outros garotos afastando-se, pedalando desanimados e sonolentos de volta à Nova Jaguaruara. Levantou sua bicicleta, mas, com um sorriso largo no rosto, decidiu dar uma última olhada no prêmio antes de partir.

Algo então chamou sua atenção no fundo do recipiente. Onde não havia nada há pouco, agora uma pequena gota de um líquido viscoso e escuro se destacava. João olhou com mais atenção e percebeu que a gota parecia crescer como que por fonte misteriosa. O líquido começou a aumentar de volume e a preencher a taça cada vez mais rápido.

A bicicleta tombou no chão enquanto ele, com as duas mãos, lutava para equilibrar a pesada taça. O líquido escuro transbordou os limites do recipiente e escorreu em espessas faixas por entre seus dedos, revelando uma coloração assustadoramente avermelhada. O cheiro acre se espalhou no ar e ele percebeu que aquilo era sangue.

João atirou a taça ao chão, balançando as mãos com nojo e limpando o excesso nas calças. Gritou em direção à estrada para que os outros voltassem. Não demorou muito para que os três estivessem novamente ali, fazendo João respirar de alívio à chegada deles.

— Olhem para aquilo. — João apontou para a taça, que continuava a derramar o conteúdo no chão.

Os olhos dos garotos passavam de um lado a outro, varrendo toda a área lateral da igreja de onde tinham acabado de partir, mas não viam qualquer sinal de João, apenas sua bicicleta a um canto, congelada com o resto da paisagem como se sempre tivesse estado ali.

João balançou os braços estendidos; as mãos ensanguentadas soltando pesadas gotas que lhe caíram no rosto. Não adiantava. Ao tentar dar um passo na direção dos outros, sentiu sua cabeça estranhamente leve e seu corpo fraco demais. João tremia de frio.

— João! Cadê você? Isso não tem graça! — chamavam os outros

sem obter resposta.

Com o corpo tremendo, João caiu de joelhos com uma das mãos no peito, sentindo seus batimentos cada vez mais fracos. Seu peito doía. Tudo estava mais frio, como se de repente aquela terra quente banhada diariamente pelo sol tivesse embarcado em um inverno rigoroso em questão de segundos. Olhou para a taça, que continuava a transbordar sangue pela terra e entendeu, por fim, que aquele sangue era seu. O sangue ocupou grande extensão e ele se viu cercado por uma poça, mergulhado nela.

Caiu e, por um momento, o calor do sangue o reconfortou. A calma do desatino. Sentiu a sua consciência escapando-lhe, enquanto ouvia as vozes dos amigos em desespero a procurá-lo cada vez mais longe.

Um homem alto então apareceu. Vindo da igreja e caminhando em sua direção. Era descomunalmente magro, fazendo o tecido preto de suas roupas tremularem como uma bandeira ao vento. O homem inclinou-se diante dele e a última coisa que João pôde ver foram seus grandes olhos vermelhos acompanhados de um sorriso largo e lunático.

Capítulo 2

Dentre tantas casas regidas por uma tradição patriarcal, aquele lar era visto no mínimo de forma curiosa pelos outros da pequena cidade. Além do próprio fato de ser a única casa dos arredores governada por mulheres, cogitar o motivo disso era o que dava ainda mais sabor às línguas. Mau agouro, diziam uns; mero acaso, diziam outros. O fato era que todos os homens que ali depositavam suas sementes, não duravam o suficiente para ver seus cabelos ficarem brancos.

Auxiliadora tivera três filhas até a morte do marido por tuberculose. A primeira filha, Firmina, tornou-se viúva com menos de um ano de casamento. O marido foi picado por uma cobra e a mulher jamais se casou novamente. Por nunca ter tido filhos, disfarçava a tristeza toda vez que fazia um parto, o que lhe era muito comum, sendo uma das melhores parteiras da região. A segunda filha, Benvinda, tivera apenas um menino, quando o marido foi então acometido por febre tifoide. A vez de Auxiliadora também chegou, morrendo pouco depois do nascimento da terceira e última filha, Amparo. Esta ficou então aos cuidados das irmãs, que, tornando-se viúvas, retornaram para a casa da mãe. Na casa moravam, assim, as três irmãs e o filho de Benvinda, cujo nome era Sebastião. Mais um membro daquela família, porém, estava por vir.

Amparo repousava na cadeira de balanço do alpendre numa manhã de setembro; o tricô recém-finalizado dobrado em uma das pernas. Uma das mãos tocava a grande barriga, sentindo os movimentos do bebê, enquanto a outra balançava um leque. Ao longe, divisava as frágeis plantações com seus espantalhos aposentados; ela mesma remendara a blusa de um deles. Estava quente, não chovia há pelos menos seis meses. As chuvas desse ano haviam sido fracas, fazendo muita gente perder o gado e a colheita pelo que ouvira falar.

— Está mais tranquila? — Firmina perguntou, saindo da casa. Achegando-se atrás da irmã.

— Ainda estou preocupada. Tenho medo de como vai ser o parto.

— Pena que eu não possa te dizer como é. — Repousou as mãos em seus ombros, observando o movimento vagaroso das pessoas que passavam pela rua. — Já passei dos cinquenta há tempos e nessa vida não conhecerei dessa dor. Já não basta essa terrível dor nas costas que me acompanha. — Sorriu. — Você precisa manter a calma, Amparo. Esqueceu-se de que vou estar ao seu lado.

— É que...

— Ainda mais você, que dor ou enjoo algum sentiu desde o

início da gravidez. Na verdade, nunca a vi tão bem. Essa criança certamente te fez bem. Não há com o quê se preocupar... E Benedito, quando volta?

— É sobre isso que eu queria conversar. Você acha que nossa família tem algum problema?

— Lá vem você com essa conversa de novo? Deixe de superstição besta! Não pense que só porque nos tornamos viúvas, que isso vai acontecer com você também. Infelizes coincidências da vida, nada mais.

— Não estou com um bom pressentimento... Já faz quinze dias que não chega carta alguma, nenhuma notícia sequer mandada por alguém. Gostaria que Benedito voltasse antes do bebê nascer. Não gosto dessa história de ele ficar indo à Fortaleza.

— Até quando você acha que isso vai durar?

— Disse quando voltou da última viagem que estava prestes a conseguir um trabalho por lá. Não conte para ninguém ainda, mas ele quer levar a gente. Eu e o bebê. Eu sinceramente não sei. Eu não me vejo saindo daqui, a casa que cresci junto de nossa mãe.

— Algo melhor pode estar esperando por vocês em outro lugar, Amparo. Não tenha medo de acompanhar seu marido. — Deu a volta na cadeira e sentou-se num tamborete à sua frente. — Você sabe que pode ser a qualquer momento, não é mesmo? — disse olhando para a enorme barriga.

— Não me deixe ainda mais nervosa.

— Preciso que você deixe de se preocupar com essas coisas. E quanto a se mudar daqui, deixe isso de lado, pelo menos por esses dias. — Tomou as mãos da irmã às suas. A cruz do terço que usava em um dos punhos pendulou de um lado para o outro. — Sabe de uma coisa? Eu também tenho um pressentimento.

— E é melhor que o meu?

— Você vai ter um lindo filho, irmã. E ele vai ser um grande homem.

— Desde o início que você insiste que vai ser um menino, não é?

— Você sabe que eu não erro nunca.

— Pois se você tem tanta certeza assim, acho que já escolhi o nome então.

— Finalmente! E qual vai ser?

— Meu filho vai se chamar José Bonifácio, em homenagem ao avô de Benedito. O que acha?

— Não poderia dar sugestão melhor. — Firmina gostou do nome, apesar de esperar que alguém do seu lado da família que fosse receber a homenagem. Ela só estava fugindo das superstições, pensou.

As duas permaneceram no alpendre a conversar até Benvinda aparecer chamando-as para o almoço. As mulheres comeram,

enquanto contavam e recontavam antigas histórias. Sebastião não entendia aquelas conversas de gente grande nem o motivo para tantas risadas. Amparo estava ainda mais distraída. Imaginou-se com o bebê, segurando-o, pondo-o para dormir, amamentando-o. Enquanto as outras falavam, sorria em retribuição sem muito entender.

Foi no primeiro sábado de outubro, pouco depois das seis da noite, quando a escuridão devorava toda a paisagem ao redor e nada além das lamparinas e lampiões dos vizinhos mais próximos podiam ser vistos, que Amparo sentiu as primeiras contrações. Duas cigarras ao longe competiam pelo som mais arrepiante e os grilos da casa preparavam-se com seus reco-recos para um concerto impaciente.

A notícia espalhou-se, trazendo homens e mulheres da vizinhança. O padre recém-chegado à cidade também apareceu, para lembrar aos fiéis mais esquecidos de que a presença deles era de grande valia para a igreja. Todos ficaram a esperar pela notícia do nascimento. Benvinda recebeu as visitas no alpendre, enquanto Firmina e outras duas moças estavam no quarto com a grávida.

Amparo estava deitada, suas entranhas contraindo-se num ritmo vertiginoso. Ao contrário de toda a gestação, sentiu naquela noite toda a dor e desconforto que jamais sentira. Seu único consolo era a mão da irmã. Pensou no marido e chamou pelo seu nome. Estava delirando.

As mulheres tentaram acalmá-la, mas a dor e a inquietação só aumentavam. Depois de três horas de espera, Benvinda brechou da porta à procura de notícias. Ver o rosto pálido de Amparo com todas aquelas velas, trouxe-lhe uma sensação de agouro. Benzeu-se, beijando as pontas dos dedos e mirando-os em seguida para a irmã.

— Ainda não. Agora é esperarmos por ela. Estou vendo aqui que houve alguma abertura, acho que não vai demorar muito — disse Firmina.

— Vocês devem estar exaustas! Se quiserem ir à cozinha comer alguma coisa, eu fico aqui com Amparo. Qualquer coisa eu chamo.

— Obrigado Benvinda, mas vamos ficar esperando. Será a qualquer momento.

Amparo gritou com mais força, fazendo as parteiras se posicionar. Benvinda, à porta, manteve-se em silêncio a observar.

— Força, Amparo. Vai! — Firmina ordenou, vendo em seguida a cabeça surgindo e rasgando os tecidos para abrir caminho. Pôs a mão de forma a apoiar a cabeça do sobrinho.

Amparo deu um último grito e expulsou o corpo banhado de sangue. Era de fato um menino, um menino grande e cabeludo. Amparo silenciou-se. Era a vez dos gritos de Bonifácio.

Algo então aconteceu naquela noite. Algo que ninguém

conseguiu entender, mas que foi lembrado por muitos anos pelo povo da cidade. Se as futuras gerações iriam acreditar ou não, seria uma questão de fé.

O ar entrou nos pequenos pulmões de Bonifácio e o menino berrou. Poderia ter sido apenas isso, algo de grande e de extraordinário, porém, havia naquele som, ultrapassando os limites do quarto e da razão. Todos se calaram à sua ordem. Como um bálsamo, o choro trouxe um inexplicável reconforto. As mulheres fecharam os olhos e se sentiram purificadas, não havia mais medo ali. O ar era doce e a sensação de senti-lo invadir as narinas proporcionava calma e prazer imensuráveis. Firmina, que segurava o bebê, pensou que fosse cegar por um momento. Abriu os olhos e tudo era branco, só havia luz. As próprias chamas das velas pareciam grandes labaredas de luz a projetar-se até o teto. A onda de arrebatamento transbordou do quarto e percorreu por toda a casa, derrubando os que esperavam no alpendre. Felizardos! A espera valera a pena. As pessoas caíram ao chão em movimentos suaves, dominadas pelo gozo. Todas as mazelas deixaram de existir naquela noite. A dor, a doença e a fome pareciam ser apenas velhas histórias de outros povos, de outras vidas. Seus corpos estavam inundados por uma substância desconhecida, de um mundo além. Aquele choro parecia fazer cócegas nos tímpanos e estes amplificarem a sensação por todo o corpo. Da cabeça aos pés, todos foram curados naquela noite. Por um momento, não havia dano, só reparação.

A vida, obviamente, encontrou seus meios para novamente trazer a dor, a ruína e a doença. Por um momento, entretanto, aquelas pessoas puderam sentir algo que não era da natureza humana e sempre que se lembravam daquela noite diziam “Amém”.

Quando o choro parou, Firmina foi a primeira a sair do transe. Limpou o sobrinho e reparou em uma marca de nascença. Um sinalzinho do lado direito do pescoço, quase escondido por trás da orelha. Levou-o limpinho e envolto em um lençol aos braços da irmã.

— Parabéns, Amparo.

A mulher segurou o filho, com o grande peito cheio de leite para fora do vestido. O bebê, como um bezerro que sabe o que fazer, abocanhou o mamilo e se alimentou. Amparo sorriu para o filho, fechando finalmente os olhos. Sua cabeça pendeu.

Bonifácio continuou a se alimentar do leite defunto. As mulheres do quarto ficaram a observar a cena em silêncio. Amparo estava morta, mas parecia esboçar um sorriso no rosto. O que quer que tenha pensado em seus últimos instantes certamente havia sido algo extraordinário. Seus braços ainda envolviam com firmeza o filho, a morder o peito insensível.

Passados alguns minutos, Firmina tomou Bonifácio em suas

mãos. Benvinda, ainda à porta, assentiu com um leve movimento de cabeça. E Firmina entendeu que seria sua missão criar o menino como seu.

No outro dia choveu cedo. A chuva inesperada em pleno mês de outubro trouxe alegria para o povo. Choveu por três dias sem parar. A mata ficou verde e os animais se exibiram em suas cortes. No terceiro e último dia de chuva, chegou a notícia de Fortaleza de que Benedito havia morrido.

Capítulo 3

— Bom dia! Temos uma reserva para cinco pessoas.

— Está no nome de... — O recepcionista inclinou-se diante do computador, enquanto apagava o cigarro num isqueiro repleto de bitucas. — Vicente Bastos?

— Isso.

— Seja bem-vindo, Vicente. Preciso apenas que preencha esse formulário e mostrarei os quartos. Fiquem à vontade! — disse para as quatro pessoas que estavam mais atrás e voltou-se novamente para Vicente. — Só confirmando, são seis diárias, não é isso?

— Uhum.

O recepcionista virou-se e retirou três chaves de um claviculário de madeira, ao lado de um grande quadro de um pescador, uma jangada e um luar. O relógio de parede indicava meio-dia.

Enquanto Vicente preenchia o formulário, Rose, André, Felipe e Maria descansavam em cadeiras na recepção. A pequena pousada era na realidade a única que existia na cidade. Maria, que ficara responsável por procurar por pousadas na internet, ficou impressionada com a falta de opção e estava apreensiva com o que poderiam encontrar. Agora, cansados como estavam após a longa viagem de cinco horas de carro desde Fortaleza, era consenso que qualquer cama seria muito bem-vinda.

— Pronto. Estão aqui meus dados.

— Muito obrigado... — Ele pescou do papel — Vicente. Deixe-me levá-los aos quartos.

O recepcionista conduziu o grupo a uma escada no final do corredor. Seguiram-no em fila indiana, carregando as bagagens, enquanto revezavam os olhares entre os velhos quadros, que pendiam sem nenhum alinhamento ou simetria, e as ranhuras nas paredes e no teto. Uma barata morta pisoteada jazia a um canto.

Subiram a escada sem apoiar-se nos corrimãos. Vicente segurou-se, devido a um pequeno desequilíbrio pelo peso da mala, tendo que bater a mão na calça em seguida. Chegaram a um pequeno corredor com não mais que seis portas, o que possivelmente seriam todos os quartos da pousada.

— Os de vocês são esses três — disse o recepcionista, abrindo os quartos um a um. Vicente ficou no menor sozinho, Maria e Rose em outro e André e Felipe no último.

— O que precisarem, basta irem à recepção ou discar nove, que vocês falam diretamente comigo ou com alguma das meninas. Caso falte energia durante a madrugada, não se preocupem, acontece sempre, mas não demora muito. — Fez uma pausa, olhando para o

teto; a ponta do indicador à boca. — Hum, o café-da-manhã é servido a partir das sete... Acho que é isso.

— Muito obrigado... Como você se chama? — perguntou Vicente, examinando o interior do quarto.

— Ah, me desculpe. Meu nome é Pedro. Qualquer coisa, é só chamar.

— Obrigado, Pedro.

Por sorte, os quartos tinham uma aparência melhor do que a do restante da pousada. Em cada quarto havia um aparelho de ar condicionado, duas camas de solteiro, frigobar, televisão e um pequeno banheiro. Nada de especial quanto ao espaço, mas bastaria por aqueles dias.

Vicente trancou-se em seu quarto e pôs-se a organizar suas coisas. Empilhou as roupas em cima de uma das camas e o material de campo no chão. Ao terminar, deitou-se e abriu a carteira, retirando uma foto de um garoto de camisa verde listrada. Deixou escapar um sorriso, mas antes que a tristeza lhe abatesse, guardou a foto novamente na carteira e jogou-a na cama ao lado. Ligaria amanhã cedo. Adormeceu.

Vicente despertou de um salto minutos depois com uma batida na porta.

— Vicente? Estou indo almoçar com Felipe. Você vai com a gente? — perguntou Rose do outro lado da porta.

— Tenho cinco minutos? Caí no sono.

— Tudo bem, estamos lá embaixo na recepção.

Cinco minutos depois, Vicente desceu com a mesma roupa da viagem, mas com os cabelos molhados e penteados, na tentativa de disfarçar um banho.

— Maria e André não vêm?

— Preferiram ficar dormindo — disse Rose, levantando-se de um dos sofás.

Os três saíram aos cumprimentos de Pedro e foram explorar a pequena cidade à procura de um lugar para almoçar. Apesar do calor, optaram por ir a pé; haviam passado tempo de mais sentados durante a viagem e não havia quem aguentasse mais o ar condicionado frio que Vicente insistia em colocar. O sol escaldava a paisagem ao redor, fazendo-os ziguezaguear pelas ruas à procura da menor sombra disponível. As ruas eram de calçamento. Poucas tinham asfalto, a não ser pelas ruas da prefeitura, do hospital e das vias principais de acesso à cidade. Pontos comerciais se alternavam com residências. A maior construção da cidade não tinha mais do que três andares, o que facilitava a circulação de vento, restringindo, no entanto, a disponibilidade de sombra aos transeuntes. Enquanto os três caminhavam, os olhares dos curiosos os perseguiram. E não foi preciso

mais do que um dia para que todos já soubessem seus nomes, cidade de origem, estado civil e profissão.

Vicente era coordenador de um grupo multidisciplinar que prestava serviços para uma construtora argentina de parques de energia eólica no estado do Ceará. Vicente era engenheiro elétrico, assim como Felipe. André e Maria eram geógrafos. Rose era bióloga. Já trabalhavam há quase dez anos para a mesma empresa, escolhendo locais do estado que atendessem aos requisitos básicos necessários para a implantação das torres de energia.

O estado do Ceará, com seu extenso litoral e com um forte regime de ventos durante praticamente todo o ano, fornecia de fato ótimas condições para as instalações dos parques. A equipe de Vicente já havia realizado estudos para a implantação das estações em vários municípios do litoral oeste do estado como Icarai de Amontada, Itarema e Acaraú.

Os dados preliminares eram analisados e os locais escolhidos com base nos estudos deles recebiam posteriormente as equipes de instalação das grandes torres. Periodicamente, Vicente e a equipe voltavam a alguns dos municípios depois da montagem, de forma a verificar possíveis deslizamentos ou desníveis no solo devido ao grande peso das mesmas.

A promessa de uma energia limpa chegava com as grandes torres, as quais chamavam a atenção e despertavam a curiosidade dos moradores dos municípios pelos quais passavam. A chegada dos caminhões com os enormes cilindros e hélices era recebida pelas pessoas com olhares indiscretos e pelas crianças com alvoroço. Na pequena cidade de Nova Jaguaruara, os boatos da chegada da nova fonte de energia geraram inquietação e rumores sobre os problemas diários de falta de energia. Os moradores mais antigos não acreditavam que tecnologia alguma poderia resolver o problema da cidade; os mais novos estavam excitados diante da possibilidade.

— O que acharam do almoço? — perguntou Rose, instantes depois, ao sair do pequeno restaurante em que haviam almoçado.

— Só posso dizer uma coisa. Essa semana vai passar devagar demais... — disse Felipe; o celular tocando em seu bolso. — Problemas! Esqueci de ligar para a mulher. Prometi ligar assim que chegasse. — Falou sem graça, fazendo uma careta com a língua pra fora e apressando o passo para falar mais à vontade.

De volta à pousada, Rose entrou em seu quarto, deparando-se com André sentado na cama de Maria, junto dela. Pareciam assistir a um programa na televisão. Rose percebeu, entretanto, que nenhum dos dois seria capaz de falar sobre o que estavam assistindo. Assustaram-se à sua chegada; alguma frase cortada e um silêncio constrangedor. Rose sentiu-se envergonhada por ter entrado sem

bater, mas como poderia saber? Acreditava que encontraria a amiga dormindo, como a havia deixado ao sair.

— Olá pessoal, o almoço foi ótimo! Deviam ter vindo também — disse Rose tentando parecer natural.

— Fiquei tão cansado da viagem, Rose. Preferi só fazer um pequeno lanche e tirar um cochilo — disse André tímido, sentindo-se em território não convidado, como um cachorro xeretando algo na cozinha ao ser flagrado pelo dono. Ali não era o seu lugar de tirar um cochilo, era?

— Nem me fale, André. Essa semana vai ser puxada. Temos uma quantidade de pontos que chega ao dobro do que analisamos das últimas vezes. Vicente quer fazer uma reunião hoje com a gente para decidirmos algumas coisas durante o jantar. Por hora, só preciso descansar um pouco.

— Entendi o recado, Rose — disse André com um sorriso montado no rosto. — Vou voltar para o meu quarto, meninas. Deixá-las à vontade.

— Obrigado, André! Estava pensando mesmo se seria necessário te expulsar — disse em tom de brincadeira, como o trataria em qualquer outra situação corriqueira. Jogou-se de bruços na cama e abraçou o travesseiro. Constrangida a princípio, fingiu que estava dormindo, o que não demorou mais de cinco minutos para de fato acontecer. Nem mesmo ouviu a batida da porta quando ele saiu.

Ao final da tarde, Rose acordou com disposição. Convinceu Maria de que ela precisava desenfurnar daquele quarto e parar de comer besteiras. Chamou-a para dar uma volta na praça da igreja matriz, que ficava próxima à pousada.

A igreja chamou a atenção de Rose. Ficava em um dos lados da praça, numa parte mais elevada, rodeada por amplas escadarias. A torre principal exibia um relógio e uma grande cruz dourada, cuja sombra escorria pela praça com o pôr do sol. Pessoas chegavam de todas as direções dirigindo-se à igreja, à lembrança de um grande formigueiro. O padre, lá dentro, preparava-se para a missa das seis tomando sua quinta taça de vinho. A voz lenta e destonada, porém, tinha como álibi a idade.

— Você se importa se entrarmos para dar uma olhada, Maria?

— Estou com um pouco de dor de cabeça. Vi que tem uma farmácia logo ali. — Apontou. — A gente se encontra naquela esquina?

Rose entrou na igreja pelo grande portão frontal, acompanhada de outras tantas senhoras. A igreja, embora apresentasse arquitetura simples, era uma construção apreciável para os padrões da cidade. As paredes brancas acentuavam o interior claro, contrastando com a escuridão que crescia do lado de fora. Grandes colunas cobertas com

granito iam do chão ao teto, onde se podiam ver anjos e demônios em suas guerras seculares. Grandes arcos delimitavam três outras entradas por cada lateral da igreja. Imagens por todas as paredes e acima dos grandes portais eram um a um reverenciados por Rose enquanto caminhava em direção ao altar. O chão do altar era coberto por mármore claro onde se destacavam ranhuras cinzas, como vasos correndo por baixo de uma pele pálida. Uma grande cruz de madeira, polida e com odor desagradável de óleo, posicionava-se exatamente atrás da mesa do altar, indo em direção ao teto.

Rose fez menção a ajoelhar-se ao chegar diante do altar. Fez em seguida o sinal da cruz e continuou a caminhar, desviando-se das pessoas e das crianças que lotavam os corredores. Enquanto Rose caminhava por um dos corredores laterais, percebeu que atraía alguns olhares. E ao passar por uma caixa de ofertório, sentiu-se pressionada a colaborar. Depositou vinte e cinco centavos. A moeda caiu, produzindo um som metálico com o choque às outras tantas de baixo valor.

A um canto, viu dois grandes quadros de avisos. Um deles era destinado à sua real função, no qual se podiam ler avisos sobre festividades e quermesses organizadas pela igreja, horários de grupos de oração e avisos sobre vagas para o coral da igreja. Esse mural não despertou seu interesse. O outro apresentava uma energia diferente, quase magnética, e ela se deteve ali de pé, a reparar em seus detalhes. No segundo quadro, havia fotos antigas dispostas em série, formando várias colunas. Pela qualidade das fotos, Rose percebeu que elas estavam organizadas em ordem cronológica. As do canto superior esquerdo eram em sua maioria desenhos, enquanto que as do canto inferior direito eram impressas em papel fotográfico em tons que variavam do cinza ao sépia, revelando bordas irregulares provocadas pelo tempo. Poucas cores irradiavam daquele quadro. Mesmo assim, havia algo ali que lhe chamava a atenção. Ela pensou naquelas pessoas das fotos e imaginou que algo de bom não devia ter acontecido a elas para terem ganhado um cantinho ali. Havia algo de errado, até mesmo nefasto, naquelas imagens. Rose esticou a mão, quase a ponto de tocar no quadro, quando uma senhora parou ao seu lado.

Intimidada pela presença da mulher, Rose deu um passo em retirada.

— De onde você é? — disse a mulher com uma voz agradável.

— De Fortaleza... — disse Rose reposicionando o pé no local.

— Sua primeira vez em Nova Jaguaruara?

— Sim — disse Rose ainda oscilando o olhar entre a mulher e as fotografias.

— Espero que esteja gostando, tentamos ser hospitaleiros com os

recém-chegados. É uma pequena cidade, não se pode negar. Muita coisa não existe aqui, mas o essencial a gente consegue oferecer.

— Claro, claro! Nada a reclamar. Gosto de cidades mais tranquilas. Quebrar um pouco o ritmo...

— Católica? Fiquei observando você desde que entrou. Difícil encontrar alguém da sua idade com os mesmos hábitos.

Rose confirmou com a cabeça, ainda estava presa àquelas fotografias.

— Irão à praia?

— Infelizmente, não teremos tempo. Quem sabe no último dia. Viemos para estudar as condições da área para a instalação de estações de energia eólica... Aqueles grandes cata-ventos... — disse girando a mão. — Teremos muito trabalho a fazer esses dias.

Rose olhou para trás, começando a sentir-se entediada com a conversa, como geralmente acontecia quando abordada por estranhos. A igreja estava cada vez mais lotada. O murmurinho crescente, acompanhado do afinamento dos instrumentos pelos músicos, indicava que a missa estava prestes a começar. Contentou-se de saber que havia uma desculpa para despedir-se. Mas a mulher parecia determinada:

— Ouvi mesmo falar e ficamos animados com essa possibilidade de maior produção de energia para a região... — continuou a mulher. — Vocês ficam até o próximo domingo, não é mesmo?

Rose sorriu balançando a cabeça em afirmação. Como as notícias corriam rápido por ali. Estava decidida a se despedir e esquecer-se completamente do que lhe fisgara a atenção, mas, num último segundo, decidiu perguntar:

— Com licença, quem são essas pessoas?

Parecia tê-la acertado com um golpe inesperado. A mulher ficou em silêncio, inexpressiva. Rose, sentindo que não deveria ter perguntado sobre isso, continuou a olhar para as fotografias, como se aquela conversa, inclusive a intromissão inicial, jamais tivesse acontecido.

— Este foi Frutuoso, meu marido. — Apontou por fim para uma das fotos da última fileira. Sua voz perdera a energia. Falou baixo e Rose entendeu que deveria ser discreta também. — Desapareceu faz trinta anos. Só me restaram duas fotografias dele. Esta e outra em um velho porta-retratos na minha casa.

— Lamento... — disse fazendo menção de perguntar o nome dela.

— Conceição.

— Prazer, eu me chamo Rose.

— Belo nome para uma bela mulher.

— Obrigada — disse Rose voltando-se para a foto apontada.

— Você está em uma cidade de muitos mistérios, minha filha. Muitas coisas já aconteceram por essa região. Muita coisa não tem explicação e nem podemos afirmar com absoluta certeza se se trata de algo real ou não. Todas essas pessoas que você está vendo nessas fotografias desapareceram sem deixar qualquer vestígio. Nenhuma pista para que pudéssemos procurá-las. Sumiram. E nada mais. Espero que eles estejam bem onde quer que estejam — a mulher fez uma pausa para tomar o fôlego —, mas confesso que não apostaria por isso.

— A polícia tem conhecimento de todos esses desaparecimentos?

— Todos da cidade sabem das velhas histórias, Rose. Os mais jovens têm uma postura diferente se comparada a de pessoas da minha idade. Torço para que essas histórias caiam no esquecimento com o passar dos tempos.

— Desculpe-me pela pergunta, Dona Conceição, mas quando foi o último caso? — disse Rose, olhando para um homem de cerca de quarenta anos na última foto da sequência.

Conceição aponta então para a foto anterior, onde se podia ver um rapaz.

— Faz vinte anos desde a última vez, mas para uma velha como eu, é como se tivesse sido ontem. As três crianças voltaram com os olhos vidrados, as marcas de lágrimas secas abrindo caminho pela face suja de terra. Elas entraram na cidade pedalando ao nascer do sol. As bicicletas faziam curvas pelo tremor dos braços. Vinham com lentidão, mas era a velocidade máxima que elas conseguiam. Estavam exaustas. Eu estava regando minhas plantas no momento e fui a primeira a vê-las. Ouvi toda a história e não tardou para que toda a cidade estivesse em pânico, assombrada mais uma vez, e a família completamente inconformada.

— Foram feitas buscas atrás do garoto? — disse Rose, que agora tinha toda sua atenção na mulher.

— Não sabemos exatamente com o que estamos lidando. Algo não está certo no lado de lá. Já recomendávamos a não ir praquelas bandas, mas desde então virou quase que uma lei. O pai do menino, devastado — disse apontando agora para o homem da última foto —, caminhou os vinte e um quilômetros a pé até o local. Ninguém teve coragem de acompanhá-lo. A esposa esperou uma semana pelo retorno do marido. Todo final de tarde ficava sentada em um tronco próximo à entrada da cidade com o filho mais novo a esperar. Da minha janela, podia vê-la aos prantos, mas o pior era vê-la voltar todos os dias para casa de cabeça baixa quando a noite chegava.

— Que história triste — disse Rose.

— Esse não é o final, querida. Um ano depois, a mulher deixou o filho na casa de uma irmã e caminhou em direção ao rio. As poucas pessoas que estavam lá no momento a viram caminhar para o fundo.

O nível da água subindo pelo seu corpo, chegando finalmente ao pescoço. A cabeça então sumiu nas águas — disse simulando o nível da água com a mão espalmada no próprio corpo. Falou mais baixo, quase sussurrando, quando um senhor passou ao seu lado. — O corpo deve ter sido levado para o mar, nunca mais foi encontrado. Provavelmente, virou comida de peixe.

— Coitada da criança. Como uma mãe pôde ter abandonado o filho dessa maneira?

— Maria do Carmo já não era uma mulher boa da cabeça pelo que contam. Não foi forte o suficiente para aguentar a morte do marido e do primeiro filho. Graças a Deus, o caçula conseguiu superar bem a perda dos pais e do irmão. Fizemos o máximo para ajudar sua tia na criação. Ele era muito novo na época, nem sei se ele lembra o que aconteceu naquela noite. Nunca mais tocou no assunto com ninguém. Viver no esquecimento às vezes faz bem, filha.

Rose olhou mais uma vez para todas aquelas fotos e, pensando em tudo que a mulher acabara de dizer, perguntou:

— A senhora acredita que esses desaparecimentos ainda possam acontecer depois de tantos anos?

— Eu sinceramente não sei. O que sei é que sou apenas uma velha e que morrerei sem sair dos limites dessa cidade. Minhas pernas não conseguem mais me levar para tão longe e fico feliz de saber que aqui estamos seguros. Estou feliz com a minha condição. Temos muita fé em Deus e acreditamos que isso afaste qualquer mal daqui.

— Com todo o respeito, mas já foi levantada a possibilidade de ser alguém que tenha provocado esses desaparecimentos?

— Só uma longa tarde para te contar todas as histórias dessa cidade, Rose. Todas as velhas histórias contadas para mim por minha avó. Que Deus a tenha! O que corre por debaixo desse chão é coisa que você não conseguiria imaginar. Coisas que seus instrumentos de pesquisa não conseguiriam medir. Coisas que nem na Bíblia estão descritas em toda sua maldade. Entretanto, quero te dizer que já houve um tempo bom. Um tempo de fartura e felicidade. Mas se tem uma coisa que eu aprendi é que o mal se incomoda quando tudo vai bem e dá sempre um jeito de acabar com a paz dos outros. — Fez uma breve pausa e olhou nos olhos de Rose como se estivesse prestes a fazer-lhe um pedido. — Façam o trabalho de vocês, mas não ousem explorar os velhos terrenos. Sejam objetivos e digam adeus a essa cidade ao final. Haverá uma velha igreja seguindo a estrada em direção ao litoral. Não parem próximo a ela sob nenhuma condição.

— Tudo bem. — Rose manteve-se firme no olhar da velha. A expressão de dúvida certamente transparecia em seu rosto.

— Filha, você acredita em Deus?

— Sim.

— Pois então sabe que também existe o coisa-ruim. Muitas vezes nos esquecemos disso. Mantenha-se atenta por estas terras.

— Estamos seguros, digo, eu e minha equipe?

— Se você seguir o meu conselho... Poucos passam por aqui, filha. Poucos carros passam por aquela direção. Uma estrada que leva a uma pequena vila de pescadores, apenas. Uma estrada usada basicamente para abastecer esta cidade de peixe e outros frutos-do-mar. Não leva a lugar algum. Mas como vocês procuram por vento, acredito que sigam por aquele caminho. Evitamos contar essas histórias para pessoas de fora. Não queremos fazer alarde com os nossos próprios problemas.

— Entendo. Espero que não aconteça mais, dona Conceição. É muita dor para uma cidade.

— Nem me fale, filha. A melhor coisa que fizemos foi nos mudarmos para cá.

— O que a senhora quer dizer...

O sino soou indicando que eram seis horas da noite. O som espalhou-se pela cidade, batendo em paredes e portas, dobrando esquinas e seguindo até a última casa, até o morador mais distante, avisando que a missa estava prestes a começar. Rose, no interior da igreja, assustou-se com o som.

— Vou me sentar. A missa já vai começar e uma senhora como eu não aguenta mais assistir de pé daqui de trás. — Conceição virou-se, deu um passo em direção ao corredor central, mas voltou-se mais uma vez para Rose, ao ver que ela continuava presa àquelas fotografias. — Se após digerir essa conversa, achar que foi apenas um papo com uma velha coroca, sugiro que faça uma coisa. Não durma tão cedo hoje, espere dar meia-noite e vai ver que algo vai acontecer. Se achar que foi coincidência, pode repetir nos outros dias que estiver aqui, quantas vezes quiser — disse sorrindo por fim.

A mulher desapareceu, misturando-se em meio às inúmeras pessoas que, atrasadas, procuravam alvoroçadas um local para sentar. Rose, ainda perdida na conversa, lembrou-se de repente de Maria, e saiu da igreja às pressas.

Descendo os degraus da igreja, disse para si mesma em alto e bom som — Quanta bobagem! —, dando de ombros, sem perceber o olhar confuso das pessoas mais próximas para aquela maluca a falar sozinha.

Capítulo 4

Tão logo o sinal disparou, as crianças fervilharam aos gritos, guardando seus livros e cadernos a uma velocidade que facilmente explicava o estado mal preservado de suas capas. A professora ainda tentou falar em vão algumas palavras, mas dar um bom final de semana era o que ainda cabia diante da agitação.

Raquel despediu-se dos alunos com um grande sorriso enquanto arrumava suas coisas. Os esquemas no quadro foram apagados e, de costas, percebeu o barulho esmorecer até a sala ficar em absoluto silêncio. Ao virar-se para pegar sua maleta, entretanto, viu que um aluno ainda estava ali, de cabeça baixa diante de sua mesa.

— Bruno? Deseja falar comigo.

Bruno era um dos preferidos de Raquel e, muito embora ela se esforçasse ao máximo para não fazer distinção entre os alunos, não pôde deixar de entristecer-se ao perceber que suas notas vinham ficando cada vez mais baixas ao longo dos últimos meses. Algo em seu comportamento reservado e inseguro fazia com que ela se identificasse e se lembrasse de si própria quando criança.

O menino balançou a cabeça em afirmação. Raquel aproximou-se, abaixando-se até um dos joelhos tocar o chão.

— Está tudo bem com você, Bruno? Houve algo na aula hoje? — disse Raquel num esforço malsucedido de levantar o olhar do menino para si.

Raquel segurou-lhe o queixo gentilmente com uma das mãos, erguendo sua cabeça. Olhos tristes e perdidos encontraram-se.

— Desculpe-me, professora. Melhor eu ir, minha mãe já deve estar me esperando.

— Tem certeza que ela já chegou Bruno? Podemos conversar um pouco. Talvez eu possa ajudar...

— Ela já deve ter chegado. Está tudo bem, professora.

— Todos os dias, depois de ajeitar as coisas na sala dos professores, sempre o vejo esperando por ela no pátio. Sei que ela demora um pouquinho para chegar do trabalho. Não quer mesmo conversar um pouco?

— Ela não está trabalhando...

— Bem... Tente não se preocupar com os problemas da vida de gente grande, querido. Logo ela conseguirá outro emprego — disse, mordendo o lábio inferior. — Seu pai conseguirá dar conta enquanto ela se organiza. — Piscou um olho com ar de confiança, mas que logo foi perdido.

— Na verdade, ela nunca trabalhou.

— Desculpa Bruno, mas pensei que sua mãe fosse... Veterinária

— disse esforçando-se para lembrar. — Pensei ter ouvido isso na dinâmica que fizemos sobre os pais na semana passada.

— Eu que peço desculpas, professora. Eu menti...

— Por que, Bruno? Não devemos ter vergonha da profissão dos nossos pais.

— Não é isso. Eu tenho que ir. Minha mãe já deve estar me esperando.

— Tem certeza?

— De toda forma, conversar com você já fez eu me sentir melhor. Eu juro.

O menino caminhou em direção à porta; sua mochila pendendo para um dos lados. Algo além do peso mal distribuído e dos ombros desnivelados, porém, chamou a atenção de Raquel. Bruno caminhava com dificuldade; puxava uma das pernas.

Raquel apressou-se em arrumar suas coisas para alcançá-lo. Tentou localizá-lo, mas não conseguiu em meio às tantas crianças que ainda se adensavam e corriam nos corredores. Caminhou então até à sala dos professores, onde assinou o livro de ponto, preencheu o diário com as aulas dadas no dia e devolveu o material de uso coletivo. Cumprimentou os presentes, mas não obteve resposta. Olhou em volta uma última vez antes de retirar-se em silêncio; a pessoa que ainda lhe despertava algum interesse não estava.

Entre os dois turnos do trabalho, Raquel costumava pegar o carro e dirigir até o bairro vizinho para almoçar na casa da mãe. Tereza adorava as visitas diárias da filha, ainda mais depois da morte do marido no ano passado.

— Como foi o dia, filha? — disse Tereza enquanto almoçavam.

— O de sempre, mãe. Alguns alunos mais atenciosos, alguns outros mais bagunceiros, nada de diferente — disse de boca cheia, pensativa. — Na verdade, um aluno chamou minha atenção hoje...

— O que o pestinha aprontou?

— Não, Bruno é um menino ótimo! Só estou achando que ele pode estar com problemas em casa.

— E isso é da sua conta? Não se esqueça disso.

— Como pode falar assim? Ele veio me procurar ao final da aula. Ele não sabe o que fazer.

— E o que ele disse?

— Nada. Ele não disse nada.

— Pois você deve fazer o mesmo. Nada! Você e essa mania de achar que pode salvar as pessoas. Até parece o seu pai.

— E qual o problema disso, mamãe?

— Só vai trazer problemas pra você mesmo. Pode esperar.

Raquel ignorou-a, mantendo-se em silêncio até ser surpreendida por um comentário inesperado.

— Vi seu pai novamente.

— Não me venha com essa de novo. — Raquel levantou-se, recolhendo seu prato mesmo sem ter terminado.

— Ele entrou pela porta do quarto. Ainda era cedo, acho que umas cinco ou seis horas da manhã. — Tereza falava, não percebendo o esforço da filha de se esquivar daquelas palavras. — Ele sorriu para mim. Sentou-se ao meu lado na cama... Estava frio... Ele então perguntou por você.

— Basta! — disse com um tom áspero, tentando então se acalmar. Respirou fundo. — Não torne as coisas piores, mamãe, por favor.

— Ele quer te entregar uma coisa, querida.

— O que você quer dizer com isso?

— Ele sente saudades e quer que você saiba que está tudo bem, que ele te ama. Sei que você não acredita mais no que sua velha mãe diz. Justo o que eu mais temia da velhice, perdemos o vigor e a creditação dos outros. — Tereza olhou-a nos olhos. — Ele vem te visitando, filha, mas não está conseguindo falar com você.

— Ele disse isso, mãe? — Sua cabeça doía como se estivesse abrindo uma brecha para que aquela informação absurda encontrasse um atalho, sem ter de passar pelos bloqueios e filtros de racionalidade criados ao longo dos anos.

— Você precisa acreditar para estabelecer um contato.

— É isso que vem depois? — Raquel enxugou o canto do olho. — Eu não acredito. Chega! Tenho que voltar para o trabalho.

— Posso te mostrar apenas uma coisa, filha?

— Não tenho mais tempo para isso. Até amanhã. — Raquel saiu, não beijando a mãe pela primeira vez ao se despedir.

A caminho da escola, pensamentos aleatórios de uma vida que não parecia ser sua passaram-lhe pela cabeça. Estava em transe. Lembranças de uma infância distante e de uma adolescência que há tanto não eram revisitadas vieram-lhe à tona. Raquel rendeu-se finalmente e chorou. As buzinas dos carros ao seu redor e o calor sufocante do início de tarde eram inexpressíveis se comparados ao que estava sentindo. O cafuné do pai, o sabor do leite quente feito pela mãe todas as manhãs, a alegria boba e inesgotável da infância, tudo estava mesclado ao sabor mais amargo que a vida foi tomando ao longo dos anos; os primeiros conflitos com os pais, a rejeição, a sensação de ser diferente.

A percepção de estar afogada numa torrente interminável de desilusões e arrependimentos era sufocante. Raquel ligou para o colégio dizendo que não estava sentindo-se bem e que precisava voltar para casa. Não deixava de ser verdade, pensou enquanto mudava o trajeto.

Raquel estava próxima dos quarenta anos e, ao contrário da vida adulta com que tantas vezes sonhara, numa casa grande com um marido e um montão de filhos, sentia-se cada vez mais sozinha. Seu porte avantajado não atraía muitos olhares e seu jeito acanhado não despertava curiosidade, sendo os seus verdadeiros desejos por muito tempo suprimidos ou devorados pela timidez e pela baixa autoestima. Amigos eram escassos, alguns poucos que mantinha contato da faculdade; pessoas com quem se encontrava apenas em aniversários. Simplesmente levava a vida, pensou, recebendo o suficiente apenas para rodar no velho carro, pagar o aluguel e se alimentar de porcarias baratas compradas no supermercado.

A tarde de folga em casa, longe dos olhares impiedosos do mundo, trouxe-lhe novamente tranquilidade. O que mais inquietava Raquel, entretanto, era saber, com uma certeza tão resoluta, que a chave para os seus problemas não estaria escondida entre aquelas paredes em que ela por tantas vezes se escondia. Lembrou-se então de Bruno. Sabia que precisava fazer algo. Ela podia ajudar alguém, fazer a diferença. E como uma farpa difícil de ser removida, essa ideia cravou truçulenta e sem convite em seu juízo. Com a chegada da noite, apesar de tomada pela angústia, limitou-se a fazer a mesma coisa de todos os dias. Assistiu ao jornal, corrigiu provas e jantou uma sopa em pó de três minutos.

Capítulo 5

Com maestria e invejável destreza, o carcará voava pelos céus. Majestosas em estrutura, as asas levavam-no para destino qualquer que fosse pelo sertão. Abaixo dele, a mata espinhosa e arbustiva, seca pelos longos meses sem chuva, guardava em silêncio grandes tesouros. Ratazanas, cassacos e serpentes, que certamente cairiam como deliciosa refeição.

O carcará observava ao longe, com as mais variadas cores e com alcance que olho humano algum ou mesmo sua imaginação poderiam conceber. O curso do rio era visto e era marco para suas idas e vindas. O rio ia fino, as margens próximas, apenas um filete escorrendo pela terra quente aos olhos da ave. Oiticicas e carnaubeiras completavam a paisagem. Casas ao longe e tantas coisas mais que eram nomeadas no mundo dos homens, passavam ordinárias diante de seu esplendor. O oceano há quilômetros recortava o continente por caminhos tão bem conhecidos.

Algo então chamou a atenção da ave, fazendo-a olhar atenta para a figura. Por dois segundos apenas, entretanto, quando pôde seguir seu voo indiferente. A brevidade da contemplação não foi, porém, recíproca. A mulher contemplou o belo animal em toda a sua grandeza, imaginando o quão maravilhoso não seria possuir fortes asas e uma mínima chance de escapar dali.

A mulher caminhava com dificuldade, passando pelos galhos tortos, desnudos e pontiagudos da vegetação dormente; os braços estavam arranhados e os pés queimados pela areia quente. Sua pele derramava suor e sangue e a terra colava em seu rosto e corpo. Uma defunta desenterrada e envivecida.

Caminhava perdida, sem água ou comida, há dois dias. Os lábios rachavam como o chão e na boca cuspe algum não tinha. A tontura aumentava a cada passo e a sensação de inanição era iminente. Alimento para urubus e vermes da terra, que tudo limpam.

Caiu por fim ao chão embaixo de uma pequena sombra, espantando os calangos que também se escondiam. Olhou para cima e sentiu que ali, abaixo daquela árvore, seria o seu fim. Num último suspiro, fechou então os olhos.

O canto de um sabiá veio de longe, despertando-a de seu estado de semimorte. O canto a acordou. Já estaria morta se não fosse por esse chamado, pensou. Como que abastecida por força misteriosa, levantou-se reanimada e caminhou em direção ao canto. Estava cada vez mais próximo e, conforme tentava localizar o pequeno pássaro, encurvava-se na tentativa de barulho algum produzir. Mas tamanha foi sua surpresa ao perceber que não se tratava de ave alguma. Um

menino, na verdade, olhava para o céu imitando um sabiá.

O encanto produzido pelas notas frenéticas de sua boca, articulando-se, abrindo e fechando, paralisou-a de tal forma que ela apenas apreciou a arte do garoto, mantendo-se ainda escondida por detrás de uma moita. Olhava para o menino com a curiosidade dos felinos e caminhou como estes de moita em moita para não ser vista. Com a aproximação, fome e sede já não sentia.

O menino de repente para, olhando na direção da estranha figura escondida. Não conseguiu delimitar contornos ou imaginar o que fosse. O som de um graveto quebrando-se e uma respiração ofegante por trás de um arbusto.

— Tem alguém aí? — chamou o garoto.

— Preciso de ajuda.

O menino deu um pulo para trás ao ser respondido, assustado pela companhia inesperada. Atrás da moita havia alguém, que pela voz ele apenas pôde deduzir ser uma mulher.

— Quem é você?

— Estou perdida.

— Quem está aí? Mostre-se, por favor. Você está me assustando.

Uma mulher magra e suja levantou-se devagar. Seus olhos encheram-se de lágrimas ao encontrar os do garoto. Desajeitada, tentou colocar os cabelos sujos de terra por trás das orelhas, assanhando-os ainda mais com mãos trêmulas. Ela sorriu para o menino, mas este não retribuiu a princípio. Estava assombrado.

— O que houve com você? De onde veio? — E antes que ela pudesse responder. — Espere, acho que você precisa disso.

Retirou o cantil que estava pendendo de seu pescoço por um barbante. Passou-o à moça, que conforme bebia a água em grandes goles de cabeça erguida, mantinha os olhos para baixo em sua direção. Ele não parava de se aproximar, curioso pelo estado geral da moça e pelo número de arranhões na pele queimada.

— Muito obrigada — disse após enxugar a boca com as costas da mão.

— Como você se chama, a propósito?

— Clemência.

— Me chamo Bonifácio. — O menino ergueu a mão em cumprimento.

Clemência apertou a mão de Bonifácio e simplesmente apagou. Seu corpo fraco não aguentou a sensação repentina de ter sido transportada ao paraíso.

Bonifácio manteve-se agarrado a sua mão durante a queda, deitando-a ao chão. Era apenas uma criança e não conseguiria levá-la até a cidade, que ficava há pelo menos meia hora de caminhada. O garoto olhou de um lado para outro procurando uma solução. Sabia

que precisava correr dali e trazer ajuda, mas teve medo de não encontrá-la mais quando voltasse.

Bonifácio deixou o cantil ao lado de Clemência e escreveu no chão com a ponta do dedo.

NÃO VÁ EMBORA! EU VOLTO!

Benvinda e Firmina conversavam no quintal. Benvinda estava debulhando o feijão e Firmina jogando milho para as galinhas, quando foram surpreendidas pelos gritos do moleque.

— Mãe Firmina! Mãe Firmina!

Cacarejos e bater de asas em protesto para todo lado do quintal.

— O que foi desta vez, menino? — disse sorrindo para o garoto que quase todos os dias chegava cheio de histórias das suas andanças. — Saci ou mula sem cabeça dessa vez?

— Juro que dessa vez eu não imaginei nada. Achei uma moça no meio da mata. Tá perdida, ela. Verdade verdadeira.

— E por que não a trouxe? — disse em tom de desafio.

— Está desmaiada. Precisa de ajuda. — E por mais que se esforçasse em parecer verdadeiro, sabia que deixava escapar traços e trejeitos típicos da mentira.

— Você não acha que eu consigo carregar o peso de alguém, não é, filho?

— Vá pedir ajuda ao seu primo Sebastião — disse Benvinda sorrindo, sabendo que Sebastião não tinha paciência para as brincadeiras da peste.

Sebastião consertava uma mesa em um quarto separado da casa que dava para o quintal. Era seu local preferido da casa para trabalhar, guardar suas coisas e manter-se a salvo das peraltices do primo.

— Ei primo, por favor, não me venha dizendo que não. Sei que você está sempre trabalhando, mas é só um minutinho. — Bonifácio entrou aos berros no pequeno quarto.

— Esqueceu de que não pode entrar aqui, Bonifácio? Me deixe trabalhar.

— Sebastião, preciso de sua ajuda, por favor.

— O que foi dessa vez? — disse soltando o martelo na caixa de ferramentas e colocando as mãos na cintura. Um alto barulho metálico antecedeu o menino.

— Eu achei uma moça no meio da mata. Ela tá desmaiada e precisando de ajuda.

— Ah, menino! Preciso terminar de consertar essa mesa. Não me venha com as suas.

— Estou falando sério.

— Se você estiver mentindo... — Olhou ao redor do quarto. — Está vendo aquela cadeira quebrada? Pois bem, se estiver mentido,

você vai consertar aquela cadeira assim que voltarmos. Temos um acordo?

Quando chegaram ao local indicado, Sebastião praguejou algo ininteligível ao ver o corpo da moça deitado ao lado de um recado no chão. Completamente aturdido com a situação, soltou-se sobre a moça.

De joelhos ao seu lado, passou a grande mão pela face de Clemência, tirando a terra pregada em suas bochechas. Tocou-lhe então nos cabelos, enquanto os olhos desciam perdidos ao longo do corpo; um dos mamilos estava exposto e a barra do vestido levantada o suficiente para ver a base das compridas pernas. Com as mãos sedentas, sem ao menos perceber, desceu pelos seios, onde pôde sentir seus fracos batimentos. Já os seus, eram verdadeiras explosões de energia e calor. Ainda de olhos fechados, a moça apenas gemeu em resposta. Sebastião acordou de seus pensamentos ao grito do moleque, só então percebendo uma marca de sangue em seu vestido na altura da cintura.

— Vamos levá-la ou não?

Sebastião segurou a moça em seus braços e os dois caminharam por quarenta minutos até chegar à cidade. Durante o caminho, Sebastião não emitia uma única palavra em resposta ao menino, que não parava de falar sobre o que acontecera nos mínimos detalhes. Sebastião estava confuso demais, calado demais, sentindo algo dentro dele que jamais havia experimentado. Segurou a moça forte contra seu peito, sentindo que não se perdoaria se algo acontecesse a ela.

A chegada de Clemência à cidade causou alvoroço. Conforme Sebastião e Bonifácio passavam pelas ruas, iam sendo acompanhados pelos olhares indiscretos vindos de todos os lados e por crianças e adultos de toda idade que se amontoavam ao redor à lembrança de uma procissão. Sebastião caminhava impassível pelas ruas de pedras. Coluna ereta e firme como se peso algum carregasse.

A recuperação de Clemência foi rápida. Mesmo sentindo-se bem já no primeiro dia, com vontade de levantar-se e impaciente por fazer algo, Sebastião não a permitiu, fazendo-a repousar por três dias. A principal distração da moça eram as visitas de Bonifácio, que invadia sem convites o quarto que lhe foi reservado. Todas as manhãs ele chegava depois de suas andanças, cheio de histórias para contar e sempre com um presente no mínimo curioso: uma borboleta, uma concha, uma pena ou qualquer outra coisa que pudesse encontrar que lhe chamasse a atenção. Bonifácio não foi o único a visitá-la. Em uma semana ela conheceu metade das pessoas da cidade, que criavam desculpas das mais esfarrapadas para passarem na casa, quando na verdade só queriam ver quem era a jovem moça. Sua beleza e simpatia atraíram a atenção do povo, mas não mais que a curiosidade quanto a

sua identidade. Por muito tempo as pessoas se perguntaram quem era e como teria chegado ali. Clemência, entretanto, guardou isso para si. Era como se tivesse nascido ali, pela segunda vez, ao ser encontrada pelo menino. Sua vida começara naquele dia.

— Podemos dar uma volta mais tarde, Benvinda? — disse Firmina em seu ouvido no dia da chegada de Clemência, pouco depois em que um dos quartos havia sido preparado.

— Firmina, tenho que cuidar da moça. Acho melhor não sair de casa hoje.

— Ela está salva, mulher. Não morre antes dos oitenta...

— Como pode falar assim? Não viu como tá a coitada?

— Quero compartilhar uma coisa com você.

Benvinda não compreendeu o comportamento da irmã naquela manhã. Todas as pessoas da cidade estavam curiosas e ao mesmo tempo felizes por terem salvado alguém em perigo. Era essa a sensação que todos estavam experimentando, de que eles, de alguma forma, eram responsáveis pela sobrevivência de Clemência. As pessoas estavam contentes com o episódio e parabenizavam os dois heróis. Firmina, pelo contrário, manteve-se inquieta durante todo o dia.

Às cinco horas da tarde, as duas cruzaram o alpendre e desceram para a rua, onde viram Bonifácio ao longe correndo com outras crianças.

— O que há com você? — disse Benvinda depois de alguns minutos de caminhada, quando estavam sozinhas em um dos limites da cidade.

— Bem, irmã. Não sei por onde começar...

— Não venha me enrolar, mulher. Quero que você me diga o que te deixou tão inquieta com relação a essa garota.

— Se acalme, Benvinda! Ainda nem comecei a te contar o segredo e você já está assim?

— O segredo? Não venha me dizer que você sabe de onde veio esta moça. Você sabe quem ela é? Ora, diga logo.

— Não é sobre essa pobre infeliz que quero tratar com você, embora ela tenha sido a última gota d'água para mim. Chamei você aqui, pois quero conversar sobre Bonifácio.

— O que tem o menino?

— Nunca entendi exatamente o que há com ele, mas algo em Bonifácio não é normal, Benvinda.

— O que você quer dizer com isso, mulher? Não há problema algum com o meu sobrinho.

— Você viu o estado daquela moça? Sinto que se qualquer um de nós tivesse a encontrado, teria sido diferente. Ela certamente estaria morta.

— Não estou entendendo.

— Bonifácio não é um garoto normal como os outros de sua idade. Pode parecer absurdo o que estou tentando te dizer, mas acho que Bonifácio tem algum tipo de dom. Venho percebendo isso durante esses anos que estou criando o menino e a cada dia fico mais convencida disso.

Benvinda ficou em silêncio ouvindo com atenção a irmã, enquanto repassava mentalmente como tinham sido os últimos anos. Desde a morte de Amparo, durante o nascimento do garoto, era verdade que não houvera nenhuma outra morte. Nem mesmo a de recém-nascidos, que acontecia vez por outra. Em época de seca, a comida era pouca, mas o suficiente para alimentar cada pessoa da cidade; os bichos, não mais morriam por falta de água, tornaram-se fortes e resistentes de alguma forma. Saúde não era problema para aquelas pessoas. Gripes e doenças corriqueiras eram raras e quando apareciam rapidamente também se iam.

— Apenas uma grande coincidência, não?

— Você lembra do que aconteceu no dia que ele nasceu? — disse Firmina.

— Como não lembrar? Estávamos muito ansiosas...

— Não me venha com isso. Algo aconteceu naquele dia, Benvinda. E eu juro que ainda posso sentir todas as vezes que me aproximo dele. Nem as dores nas costas, que me eram tão comuns, não existem mais.

Benvinda passou uma das mãos na testa, a outra agarrada à cintura. Processava aquela informação enquanto via o sol a se pôr.

— Você pretende tratar esse assunto com ele?

— Não sei. Ele é apenas um menino e não sei até quando essas estranhas coincidências vão continuar acontecendo.

— Agora são coincidências?

— Entenda que para mim também é difícil de acreditar, irmã. Mas acho que hoje era o que faltava para mim.

— Se Bonifácio realmente tem esse dom, como entender a morte de Amparo?

— Passei anos tentando entender isso, mas minha única explicação é que Amparo estava fraca demais por conta do parto. Se o menino provocou aquilo na gente, não posso imaginar o que ela tenha sentido. Digo, o menino saiu de suas entranhas e ela não aguentou aquela onda explosiva de arrebatamento, prazer ou seja lá como você prefira chamar.

— De toda forma, sei que ela morreu em paz.

— Disso eu tenho certeza.

No quarto dia após a chegada de Clemência, Sebastião foi

surpreendido ao vê-la rodopiando no meio da sala com seus calçados novos, num belo vestido branco e com os cabelos penteados para trás presos a uma tiara. Bonifácio com o cantil pendendo de seu pescoço, a chamava apressado do lado de fora da casa.

— O que foi dessa vez, Bonifácio? — disse Sebastião ao vê-los naquela animação tão cedo da manhã.

— Vou levar Clemência para dar uma volta.

— Como é que é?

— Exatamente isso que ouviu. Já estaremos de volta, primo.

— Moleque atrevido! — disse sorrindo. — Ah Bonifácio, ia esquecendo. Obrigado por ter consertado a cadeira. Não precisava mesmo. Eu só estava brincando e, afinal, você estava falando a verdade.

— Você acha que ficou boa?

— Se ficou boa? Você parece ter jeito para consertar coisas, pirralho.

Bonifácio sorriu animado, pondo-se novamente a pular e gritar por Clemência.

— Melhor você descansar mais, mulher.

— Já estou ótima, Sebastião. Não aguento mais ficar deitada naquele quarto. Preciso de ar. Além do mais, prometo trazer um presente para você também.

— Presentes como os que Bonifácio te traz?

O homem sorriu balançando a cabeça e ganhou um beijo na bochecha da bela moça, que saiu aos pulos com Bonifácio para a rua. Sebastião encostou-se à porta do alpendre e ficou a observá-la caminhando em direção à saída da cidade. Estava apaixonado, concluiu por fim quando ela desapareceu.

Clemência corria para acompanhar o menino entre seus pulos e estripulias. Ela o seguia atenta para não se perder; depois de alguns minutos, já não saberia encontrar o caminho sozinha. Muito caminharam, mas pouco viram. Os bichos eram ligeiros e outros tantos mantinham-se escondidos, esperando pelas próximas chuvas.

No caminho de volta para casa, desanimada por não ter encontrado nada de especial para Sebastião, Clemência deparou-se com um pardal a rodopiar pelo chão. Apesar da recusa do animal, segurou-o com as duas mãos.

— Bonifácio, temos que ajudá-lo. O que você acha de levarmos ele para casa? Podemos cuidar dele.

Bonifácio pediu para que ela lhe passasse o pássaro.

— O que você está fazendo? — disse Clemência ao ver as mãos de Bonifácio fechando-se em torno do bicho com mais e mais força.

Mantendo-o firme, Bonifácio então fechou os olhos e os gritos de Clemência desapareceram. O sangue quente, o bater acelerado do

coração, a atividade frenética do pequeno cérebro, os pulmões e seus sacos inflando-se ritmicamente com a entrada e a saída de ar, tudo parecia fazer parte de si. Bonifácio sentiu o organismo em toda a sua complexidade e no difícil quebra-cabeça orgânico, alterou posições de estruturas e tornou possível a migração das mais diversas moléculas. Não havia manual de instruções, mas ele sabia, como que por instinto, o que fazer.

Clemência viu o animal agitar-se cada vez mais até finalmente conseguir escapar das mãos magras do menino, que agora olhava fascinado para o céu acompanhando o voo do pássaro.

— Não fale disso para ninguém, Clemência — pediu Bonifácio ao perder a ave de vista.

Ela prometeu que não falaria, mas foi a primeira coisa que fez ao achar-se sozinha com Firmina.

Capítulo 6

— Nossa Rose, se perdeu aí dentro? — disse Maria esperando por ela há pelo menos vinte minutos do lado de fora da igreja.

— Foi mal. Acabei me distraindo conversando com uma senhora sobre essa...

— Porcaria de cidade! — disse Maria erguendo o celular em busca de sinal. — Estou tentando ligar pro Gustavo, mas não dá certo.

— Não é sempre que funciona. Percebi isso também — disse Rose, perdendo o interesse de falar sobre a conversa que acabara de ter no interior da igreja.

Chegaram à pousada às seis e meia, encontrando Felipe e André na recepção assistindo a um jogo de futebol pela televisão.

— Olá meninos! Só confirmando, reunião durante o jantar?

— Isso... Droga, que vacilo... — André bateu em uma das pernas, com os olhos pregados na televisão. — Vicente disse que desce às sete, está organizando umas papeladas aí...

— Já voltamos, vamos só tomar um banho — disse Rose.

— O mesmo comportamento idiota do irmão... — disse Maria no andar de cima ao fechar a porta do quarto.

— O que está acontecendo, Maria? — perguntou Rose, farejando algo estranho desde que vira André no quarto com ela mais cedo. — Não entendi esse seu comentário.

— Não se faça de desentendida, Rose. Vem percebendo desde quando?

— Como assim? Poderia esperar qualquer pessoa nesse mundo, menos o André. O que está acontecendo?

— Aconteceu na última viagem que fizemos a trabalho.

— Como assim aconteceu?

— Começou com uma olhada diferente, um gesto cavalheiro inesperado, um toque suave durante uma simples conversa. Coisas que jamais aconteceram... Bem, coisas que eu talvez nem percebesse nas poucas vezes que nos víamos nas raras ocasiões longe do ambiente de trabalho. Só nos encontrávamos nas festas de Natal na casa do Gustavo, aniversários de alguém da família, esse tipo de coisa. Nem eu sei explicar, Rose, mas quando me dei conta, já estava na cama com o meu próprio cunhado.

— Meu Deus, Maria. O que vocês estão fazendo? Vocês vêm se encontrando com frequência?

Maria assentiu, envergonhada com a situação que estava expondo. Apoiou a cabeça entre as mãos, mirando um ponto qualquer do chão do quarto.

— Por que você não me contou isso antes? — continuou Rose.

— Eu sabia que você ia me encher com os seus sermões. As velhas conversas sobre amor e família, sobre abrir mão de certas coisas por outras. Tudo bem! Concorde em muitas coisas que você diz. Eu sei que errei. Mas às vezes é quase impossível controlar uma coisa que acontece tão naturalmente. Eu não sei o que fazer.

— Você sabe que sou sua amiga, não espere de mim o silêncio. Conheço você há anos e sei o que é bom pra você. E falo sério quando digo isso. Realmente foi uma surpresa, chegar do almoço e ver o André aqui, com aquela cara... — Rose fez uma longa pausa, certificando-se não estava pegando pesado. Não queria dar uma de mãe. — E o Gustavo, como vocês estão?

— O grande sonho de Gustavo sempre foi ter um filho, estamos tentando há muito tempo. Lembra dos exames que te comentei que ele ia fazer? Bem, os resultados saíram há umas duas semanas e confirmaram a suspeita do urologista. A contagem de espermatozoides deu bem abaixo da média. O médico disse que, mesmo assim, não devemos desistir. Isso não anula completamente nossas chances.

— Pelo que conheço do Gustavo, imagino como deva estar por isso.

— Isso tem nos afetado demais. Além da rotina do casamento em si, estamos fazendo sexo numa frequência cada vez menor. Sinto que fazemos mais pela tentativa de ter um filho do que por qualquer outra coisa. Isso tem nos machucado muito. Não quero justificar com isso, mas não posso negar que me sinto sozinha há um tempo... Como mulher, entende?

— Você tinha que ficar logo com o irmão dele?

Maria apenas abaixou a cabeça em resposta.

— Você está gostando de André? — continuou Rose.

— Não amiga, e esse é o problema. André está completamente apaixonado, foi o que disse hoje durante a viagem pelo celular. Ficamos trocando mensagens dentro do carro quase que a viagem inteira. Fiquei sem reação. Foi uma das razões de não termos ido almoçar. A gente precisava conversar. Isso tudo está mexendo demais comigo. Nunca vi alguém tão obcecado. André está agindo de uma maneira que me assusta às vezes. Tenho medo de que ele faça uma loucura e conte tudo pro Gustavo.

— Como assim está te assustando?

— Não sei. São as coisas que ele diz. Que deveríamos abrir o jogo para as nossas famílias ou que deveríamos desaparecer. Sempre fala que mereço alguém melhor que o fracassado do irmão. E isso vem me assustando, Rose. O problema maior é que eu não o amo. Entrei numa aventura que agora não tem mais volta. Não tenho coragem de me separar do Gustavo. Embora nosso casamento esteja numa fase terrível, sinto que ele é a pessoa certa pra mim.

— Maria, vocês precisam conversar. Você quer manter uma relação séria com uma pessoa, construir uma história, ter coisas em comum, mas quer que outra pessoa te satisfaça? Você está sendo injusta com os dois... Imagine a situação de André também. Ele é um homem solteiro e apaixonado por uma mulher casada. Muito complicado isso tudo, Maria.

— Você sempre teve mais juízo que eu.

— De tão ajuizada que sou, estou eu aqui sozinha. Isso me incomoda bastante e você sabe disso. Já tenho mais de trinta anos e não tenho ninguém. Já tive vários namorados, mas ainda não achei alguém com quem eu queira dividir os problemas e enfrentar os defeitos da vida a dois. Não será essa a base de um relacionamento?

— Não estou no momento certo para responder essas suas perguntas — disse sorrindo.

— Ah sua boba. Venha cá! Deixa eu te dar um abraço.

Pontualmente, Vicente desceu, trazendo uma grande pasta preta em mãos. Para sua sorte, o jogo já havia terminado, sendo acompanhado por Felipe e André até o anexo da pousada onde ficava o restaurante. Maria e Rose apareceram um pouco depois. Seja pelo horário ou pela pequenez da cidade, só uma mesa estava ocupada além da deles.

O próprio recepcionista, Pedro, trouxe os cardápios e não demorou mais do que dez minutos para que uma moça saísse da cozinha para anotar os pedidos e trazer-lhes as bebidas.

— Olá amigos, mais uma vez tiro vocês do sossego de suas casas para uma semana de trabalho juntos. Novamente, fui convocado pela *Wind Energy* para escolher o grupo que decidirá as áreas mais adequadas para a instalação das torres de energia nessa região. E, como vocês são os melhores que conheço... — disse em tom de voz brincalhão, erguendo o copo de cerveja para o alto em menção a um brinde.

Todos riram do comentário e levantaram os seus copos. Felipe virou o seu, batendo forte na mesa em seguida.

— Sem bajular, meu querido amigo.

— A nossa rotina em campo será a mesma dos outros trabalhos que fizemos nos meses passados — Vicente continuou. — Eu e Felipe ficaremos responsáveis pelas decisões referentes às torres, como a altura, o tamanho das hélices e o tipo de sistema operacional de acordo com as indicações dadas por vocês. — Apontou para André e Maria. — Vocês ficam responsáveis pela escolha dos pontos de instalação, levando em consideração as características do solo, o grau de compactação do mesmo, o perfil altimétrico da região e, não menos importante, a direção e intensidade dos ventos na maior parte do ano.

Rose, contamos com você para que as torres sejam instaladas em pontos que prejudiquem ao mínimo a fauna e a flora locais. Como das outras vezes, peço para que façam os levantamentos preliminares de dados para que só então as equipes de cada área possam, posteriormente, ser mandadas aos locais. Todos nós sabemos das dificuldades das várias fases até a execução final do trabalho, mas o resultado final é o que move a gente. Além disso, essa região, especificamente o município em que estamos tem sofrido com regularidade quedas de energia e acredito que possamos reverter essa situação. Tem pelo menos um evento diário de queda de energia pelo que ouvi falar.

— Vicente, como será o dia amanhã? — perguntou Maria.

— Bem... Já ia comentar isso. Como será nossa programação? — Vicente parecia que estava iniciando uma aula, senão fossem as cervejas e as calabresas aceboladas em cima da mesa. — Ficaremos uma semana aqui, mas pelo que olhei dos mapas, teremos muito trabalho a fazer e muitos perfis para delimitarmos. São muitos pontos. André, você pode retirar as imagens de satélite da pasta e passar uma para cada?

André abriu a pasta preta que estava ao centro, retirando cinco fotos e passando-as pela mesa.

— Bem, como podem ver, temos uma região bem heterogênea. O município fica a trinta e dois quilômetros em linha reta do Atlântico e por dentro do mesmo temos a presença de um único rio, o Acaraú, vindo desde Monsenhor Tabosa, cortando Sobral e outros municípios menores. Como podem ver no mapa, toda essa região do rio apresenta mata ciliar, repleta de carnaúbas, com um grau de conservação relativamente bom. Rose comentou comigo que por ser uma das fitofisionomias da Caatinga menos estudadas, vale a pena repensarmos se seriam bons pontos para a instalação das torres ou não. No restante da área vemos uma mata de tabuleiro, com mata mais alta e regiões em sucessão secundária apresentando atualmente mata arbustiva. Como vão perceber amanhã, boa parte da vegetação original está fragmentada. — Vicente passava a mão pela imagem erguida ao alto, indicando as áreas quadriculadas de diferentes cores. Os outros acompanhavam em suas próprias cópias.

— O que seria essa construção aqui na estrada, Vicente? — interrompeu Felipe, apontando para uma pequena mancha pixelada, de difícil identificação. Parecia uma construção isolada, afastada de Nova Jaguaruara no sentido que dava para o mar.

— Uma igreja... — sussurrou Rose olhando em seu mapa para o ponto indicado.

— Eu sinceramente não sei, Felipe — disse simultaneamente, voltando-se então para Rose. — O que você disse?

— Ah, apenas um palpite, Vicente. Cidades pequenas são cheias delas — disse Rose, de cabeça baixa, ainda examinando o mapa.

— Duvido muito ter uma igreja no meio do nada. Mais fácil ser alguma outra construção abandonada — disse André. — Outra coisa. Se vocês olharem bem para a mata, afastando da estrada nesse mesmo ponto, existe uma grande mancha verde uniforme. O que isso pode ser?

— Parece um espelho d'água qualquer — disse Felipe. — Uma lagoa, talvez. Em imagens de satélite geralmente aparecem assim.

— Eu sinceramente não sei... Tá parecendo um borrão.

— Enfim pessoal. Hoje no final da tarde — disse Vicente retomando a atenção dos outros —, enquanto as moças faziam o *city tour*, nós conferimos todo o material de campo. Está tudo organizado e em seus devidos lugares, prontos para amanhã. O dia começará cedo.

Os pratos e talheres então chegaram, fazendo Vicente acelerar.

— Bem, pensei em começarmos amanhã com a amostragem de todos esses pontos mais próximos ao litoral, já que são, naturalmente, áreas com maior oferta de ventos. Como acredito que precisaremos de pelo menos dois dias inteiros para varremos toda essa faixa — fez um movimento em arco —, dividimos os outros dias para examinar também as regiões circunvizinhas. Tudo bem por vocês?

O jantar chegou. Todos concordaram e a conversa, inicialmente técnica, foi tomando leveza ao longo da noite.

Por volta das onze horas, com suas vozes tomando um ritmo cada vez mais monótono, um a um retirou-se para seu quarto. Todos já haviam realizado campanhas semelhantes e sabiam que teriam um longo dia de trabalho amanhã.

No quarto, após Maria contar para Rose sobre as olhadelas e toques com o pé dados por André durante o jantar, foi por fim dormir. Rose, por outro lado, ficara de olhos grelhados, olhando para as manchas de tinta descascadas do teto e repassando a conversa que tivera com a velha senhora na igreja. Aquele ponto no mapa perto da estrada fez ela se lembrar de toda a conversa e do pedido feito pela mulher. Enquanto oscilava entre achar ou não relevante contar aos outros o que ouvira, tentava convencer a si mesma de que nada daquilo fazia o menor sentido. Rose olhou repetidas vezes para o celular para olhar as horas; as unhas sendo novamente roídas depois de tanto tempo de largado o vício.

Faltava meia hora para meia-noite. Rose precisava dormir, teria que acordar cedo no dia seguinte, mas estava envolvida demais para esquecer tudo aquilo. Desligou a luz do quarto, percebendo que Maria não parava de revirar-se de um lado para o outro da cama.

Quando faltavam apenas dois minutos, Rose levantou-se e foi ao banheiro. Seria a qualquer momento. Rose ficou estática, as mãos

sobre a pia, olhando-se fixamente no espelho. O celular havia ficado na cama, mas sabia que seria questão de segundos para a hora mencionada.

De repente, a lâmpada do banheiro apagou, provocando-lhe um breve sobressalto. Rose, tomada pelo medo, ficou atenta aos outros sentidos. O toque frio da porcelana e do azulejo sob seus pés, a massa de ar parada, densa e úmida passando pelo seu pescoço, e o som de sua respiração foram praticamente tudo que ela pôde captar. E ela torceu para que não houvesse nada a mais ali.

Um minuto depois, a lâmpada piscou rápido duas vezes e acendeu-se. Rose sorriu bobamente para si diante do espelho, dizendo para si própria que havia sido apenas uma rápida queda de energia. Era a única explicação para aquilo. É claro.

De volta à cama, Rose não demorou a dormir, muito embora tenha tido uma noite agitada, sonhando com as pessoas das antigas fotos vistas na igreja. De alguma forma sabia que eram elas, apesar das imagens confusas e cheias de pessoas sem face definida, como era típico de seus sonhos.

Capítulo 7

Já fazia pelo menos onze meses desde a última chuva. O milho e o feijão foram perdidos. O gado definhara. E o medo da fome e da miséria eram presenças constantes na rotina de Raimundo e de sua esposa, Rita.

Além dos problemas de falta de água e da improdutividade do solo para o plantio, Raimundo era um homem preocupado demais com a opinião das pessoas da redondeza. E justo aí residia o seu pior mal. O que mais incomodava Raimundo, não era a pobreza ou a seca, mas o fato da infertilidade ter pairado também no seu lar. Não só a terra parecia ser infértil. Assim levaram mais de dez anos de casamento, sozinhos em uma velha casa e rodeados por vizinhos com casas cheias de meninos. Raimundo procurava justificativas em qualquer lugar, mas era Rita quem sofria com o comportamento agressivo e desproporcional do marido.

Eis então que veio a primeira gravidez. Nasceu um menino. E que alegria maior haveria para Rita do que dar um menino ao frustrado e aborrecido marido? Uma mudança em seu atual comportamento trouxe-lhe de volta o marido carinhoso, mas não tardou para perceber que algo havia de errado com o menino.

Quando Joaquim fez dez anos de idade, não havia mais o que inventar para justificar o seu comportamento aparvalhado. Não sabiam se pelas poucas refeições diárias, hereditariedade ou praga, mas era fato que o menino era extremamente lento de raciocínio. Com sua fala arrastada e olhos vidrados, não demorou a ser apelidado pelas outras crianças como “o doido” ou “o retardado”. Alguns preferiam o último. Poucos sabiam sequer seu nome.

As pessoas falavam do casal com propriedade, embora divergissem em maior ou menor grau quanto às explicações. De toda forma, todas pareciam muito bem embasadas. Alguns diziam que Deus não iluminara o ventre de Rita e outros que ele não dava conta de exercer o papel de homem. Os comentários maldosos eram trazidos pelo vento como sementes podres, as quais davam vida a arbustos espinhentos a enovelar-se e perfurar o cérebro de Raimundo. Houve assim a transformação do homem em um monstro.

Não foi preciso muito tempo após o nascimento de Joaquim para que Rita desconhecesse o marido e mesmo fugisse dele o quanto podia. Agressões e abusos em seu corpo tornaram-se frequentes, fazendo-a sentir-se cada vez mais acuada. Passou então a tratar o marido com um respeito alimentado pelo medo, sentindo que qualquer mínima discussão poderia fazer o trem descarrilhar.

Enquanto almoçavam certo dia, após uma manhã infrutífera no

roçado, Raimundo não se conteve. Bateu forte na mesa, punho fechado, pedindo para que o menino fechasse a porra da boca e parasse de choramingar. A violência proferida, o murro na mesa e o som dos objetos derrubados estilhaçando pelo chão só aumentaram o terror da criança, fazendo-a se levantar e correr, ainda aos gritos, para a porta que dava para a sala.

— Tá vendo o que você fez? Assustou o menino.

— Posso chamar essa coisa que você gerou de filho? Esse *retardado*? Isso nunca vai virar homem de verdade.

— Não fale assim do meu filho! — disse Rita, não se lembrando de quando em toda sua vida já havia usado esse tom de voz contra o marido.

— Ele não entende, mulher. Isso é um imbecil. — Apesar da firmeza em sua voz, ele não pôde deixar de transparecer surpresa à reação da esposa.

Rita pegou uma faca que estava na mesa e levantou-se, apontando o objeto para ele.

— O que vai fazer com isso? Me matar, sua doida?

— Não fale assim com ele. É só um menino! — A mão à frente tremia. O sabor do arrependimento veio-lhe à boca. Sentia-se ridícula, mas pareceria ainda mais se desistisse do ato. Precisava mostrar coragem e a única maneira era levar aquilo até o fim.

— Vão morrer de fome sem mim. Você e esse menino são dois imprestáveis.

Rita pulou na direção de Raimundo, que desviou com facilidade, dando-lhe uma cotovelada no rosto. A mulher caiu no chão; a cabeça girando. A faca rodou pelo chão vermelho e liso de cimento, parando aos pés de Joaquim.

O menino olhou hipnotizado para o brilho da faca, parando finalmente de chorar. Era a primeira vez que via aquele brilho de tão próximo. Joaquim pegou a faca e ficou olhando para os pais em silêncio. Seu rosto era um quadro branco sem qualquer traço ou expressão.

— Não se aproxime! Vou te mostrar como você deve tratar uma mulher.

Raimundo baixou as calças, exibindo o forte membro; a cabeça brilhosa apontava para o alto. O homem segurou o órgão na base, balançando-o.

— Você vai ter um desses, moleque. Espero que saiba fazer uso dele.

Raimundo levantou o vestido da mulher com violência e rasgou-lhe a calcinha. Rita tentou soltar-se uma ou duas vezes, mas, percebendo serem inúteis suas tentativas, pôs-se em silêncio a rezar, não tendo coragem de abrir os olhos e ver seu filho diante de si.

Rita rezou com toda a devoção pedindo por alguma intervenção. E um desejo repentino de morte surgiu pela primeira vez. Sua mente saboreou-se com a ideia de uma morte misteriosa e repentina. Não sua! De forma alguma. A mulher ansiou por um ponto final na vida de Raimundo naquele exato instante. Mas a intervenção não veio. Rita sentiu o marido apoderando-se de seu corpo. Suas pernas tentavam fechar-se a todo custo; os músculos contraíram-se na tentativa de expulsar o corpo estranho.

Joaquim, diante da cena, segurava forte a faca a ponto de doer-lhe a mão. O menino não entendia o que estava acontecendo, buscando com os olhos inquietos os mínimos detalhes. E sua cueca molhava.

Após alguns minutos, Raimundo levantou-se de cima de Rita sem a mesma vivacidade anterior. O órgão tenro balançava de um lado para outro conforme subia as calças. O homem olhou para o filho uma última vez.

— Não se esqueça disso, tá me ouvindo? Seja homem.

Os meses se passaram e a barriga de Rita cresceu. A nova gestação trouxe para dentro do lar um Raimundo amistoso e companheiro como dos velhos tempos, fazendo Rita rezar todas as noites para que fosse um menino saudável e que, dessa vez, trouxesse orgulho ao marido.

Nove meses depois, veio uma menina. Rita temeu a princípio, mas grande foi a surpresa ao ver o contentamento do marido. O novo assunto para com os amigos e os vizinhos o reanimou. Raimundo sentia-se homem.

Mas quem dera fosse mais duradoura a alegria pelo nascimento da filha. Com o tempo, os insultos e os abusos voltaram a se incorporar em seu comportamento habitual.

— Você não é capaz de me dar um menino forte e saudável.

Rita ouviu isso quando o marido saía de casa para o roçado meses depois. Encostou-se à soleira da porta e, enquanto o observava se afastar, foi mais uma vez tomada por aquele estranho desejo. Desta vez, deixou seus pensamentos correrem livres. E a cada passo que ele dava, ela desejava que ele tropeçasse, o joelho quebrasse ou o pé deslocasse. Desejou que sua cabeça fosse de encontro com algo cortante que houvesse por acaso sido largado na calçada. Uma pedra qualquer que lhe rachasse o crânio, derramando os miolos no chão areento e quente. Desejou a cada virada de pescoço que ele travasse e se quebrasse. Naquele momento, enquanto o homem ficava pequeno ao ganhar distância, ela desejou que ele se engasgasse, que se afogasse, que caísse numa fogueira ou mesmo que se envenenasse.

Quando o homem sumiu de vista, Rita benzeu-se e olhou para o céu pedindo perdão. Pegou a filha, que estava na calçada

transformando lama em massinha, e entrou.

— Senhor, cuide da vida de minha pequena Clemência. Não dê à minha menina o mesmo destino que o meu — disse olhando para o céu, escorada na janela.

Joaquim a um canto observava as preces da mãe, sem muito entender. O que realmente chamava sua atenção eram os contornos de seu corpo, marcados pelo fino tecido da camisola. A visão da mãe sendo estuprada fora germe de insanidade em terreno fértil. Seus pensamentos formavam-se em um turbilhão confuso e desconexo. Delírios perversos que não sabia como extravasar ou acalentar. Por sorte, os sentimentos de proibição e erro ainda se apresentavam à frente da frágil porta da loucura e da corrupção.

Os filhos de Raimundo cresceram. Clemência tornou-se mulher bonita e habilidosa. Quando não estava ajudando a mãe nas tarefas de casa, estava a moldar os mais belos potes de barros, uma arte que aprendeu e dominou desde a infância. Joaquim tornara-se homem forte e corpulento, uma máquina para o serviço braçal, mas sem habilidades com as palavras. Um homem que se comunicava através de simples sinais de cabeça ou de sílabas emitidas de forma ruidosa.

Raimundo ainda sonhava com outros filhos, mas nenhuma das tentativas subsequentes nos anos seguintes trouxera resultado. Não havia mais o homem ali, apenas o monstro. Raimundo implantava um clima de terror dentro da casa, fazendo que mulher e filha sempre ficassem caladas com sua presença. Joaquim aprendia o comportamento de homem da casa, mas não se exibia como tal. Era tolo, mas não o suficiente para enfrentar o macho dominante.

Quando os sangramentos mensais cessaram junto com o aparecimento dos primeiros fios de cabelo branco, Rita soube que dela não viria mais a cura para as frustrações do marido. E dessa forma, ela sentiu-se livre de suas investidas.

Certa noite, Rita acordou assustada com o marido retirando-lhe a camisola, prestes a invadi-la. Ao contrário dos outros dias, nos quais desejava que fosse logo inundada e que aquilo se findasse, a impaciência prevaleceu. Ela não hesitou.

— Isso é agora em vão.

Rita sentiu o marido tornar-se pequeno e sendo expulso de si.

— O que diz, mulher? Acha que não sou homem o suficiente para fazer um menino?

— Eu que não sou mais jovem o bastante.

— Não diga bobagens, sua tola.

— Não sangro há dois meses, Raimundo.

— E por que não me disse antes, mulher?

— Eu precisava ter certeza. Acho que não precisamos mais

passar por isso.

— O que diz?

— Você não precisa mais me acordar durante a noite.

— Eu sou homem e tenho minhas necessidades, droga. Enquanto for minha mulher, vai ter que me satisfazer.

— Eu não quero mais, Raimundo. Estou cansada.

— Não fale assim comigo, sua inútil.

Num surto de violência, Raimundo cerrou o punho e esmurrou o ventre de Rita com tamanha força, fazendo-a gritar como um animal selvagem no meio da noite.

O homem virou-se na cama e caiu no sono, indiferente. Rita chorou baixo. Sentia uma enorme dor irradiando-se do local do murro. O sangue verteu furtivo pelo interior do corpo, caminhando por caminhos desconhecidos.

Na manhã seguinte, Rita acordou-se com manchas espalhadas por toda a barriga; o rosto estava notavelmente pálido. Tentou levantar-se, mas, indisposta para tanto, passou o dia inteiro na cama.

— O que houve, mamãe? — Clemência aproximou-se. Estavam sozinhas; Raimundo e Joaquim já haviam saído para o roçado. Embora nunca tivessem verbalizado, achavam aquele momento do dia, em que se encontravam a sós, o melhor.

— Não estou me sentindo bem, filha. Logo vai passar. — Rita fez uma tentativa.

— Sei que algo não está certo. Não minta para mim. Seu rosto está branco como algodão.

Rita deu as costas para a filha, virando-se para o outro lado.

— Eu ouvi seu grito.

— Pensei que tivesse um bicho na cama. Um sonho ruim, só isso. — A última palavra tremulou, acompanhada por silenciosas lágrimas.

— O grito que ouvi não foi de susto. O que o pai fez?

— Eu estou com tanto medo, Clemência.

— Não fale assim — disse puxando o corpo da mãe, fazendo-o rolar para o seu lado.

— Você trouxe felicidade de volta à minha vida, filha. — Soltou mais uma lágrima. — Mas sinto que será em breve.

— Do que a senhora está falando?

— Cuide de nossa família. — Rita segurou-se em seus braços. Suas mãos estavam geladas.

— Isso não é justo. O que o pai fez? — A voz de Clemência estava embebida em ódio.

— Seu pai é um homem difícil. Só isso. Raimundo não é um homem mau. Eu que não pude ser uma boa esposa para ele.

— Não diga isso!

— Filha, me escute...

— Não consigo levar isso adiante. Não imagino como será esta casa sem a senhora.

— Não tenha medo. Você ainda vai ser muito feliz. — Rita desviou o olhar de Clemência para um canto do quarto, de uma forma tão repentina, como se alguém tivesse acabado de chamar. — Quero te pedir uma última coisa. — disse voltando-se mais uma vez para a filha.

Clemência começou a chorar.

— Quero que me abrace forte.

Foi o último. O abraço tornou-se então folgado. Os braços de Rita caíram, fazendo Clemência sentir o peso do corpo completamente sustentado por si.

Repousou o corpo frágil na cama e enxugou as lágrimas. Prepararia o corpo de sua mãe, ela merecia. Tinha que fazer aquilo sozinha. Retirando-lhe o vestido, pôde ver o hematoma vermelho em seu ventre, próximo à vagina. Clemência fechou os olhos, lembrando-se do que ouvira na noite anterior. Aquele grito, tão vívido ainda em sua lembrança, despertou-lhe o mesmo desejo de morte alheia saboreado pela mãe. Clemência a vestiu com o vestido que ela usava para ir à missa aos domingos.

Em poucos minutos, a casa estava lotada de amigos e curiosos. Quando Raimundo e Joaquim chegaram ao final da tarde, foram surpreendidos por algumas últimas senhoras que ainda velavam o corpo. Joaquim demorou a entender o que estava acontecendo e agiu como uma criança boba; ninguém percebeu a diferença. Raimundo, por sua vez, providenciou o mais rápido que pôde o que faltava para o enterro, temendo que descobrissem a causa da morte.

Rita foi enterrada às oito horas da manhã seguinte.

O tempo passou e a vida continuou em sua inércia habitual. Raimundo e Joaquim trabalhavam na roça, Clemência no lar, assumindo os papéis outrora ocupados pela mãe. Ao final do dia, quando retornavam, uma atmosfera pesada se instaurava, fazendo-a falar, se falasse, apenas o necessário.

Qualquer coisa fora de ordem era de imediato repreendida pelo pai ou pelo retardado do irmão, que muito embora não entendesse bem das coisas, seguia o exemplo do pai. Duas versões da mesma pessoa, como certo dia concluía Clemência, uma bruta e outra completamente demente.

Como animal isolado em sua concha, Clemência cresceu sem grandes amizades, presa à rotina da casa e aos abusos do pai. Apesar da repreensão, o fato é que Clemência decerto cresceu e virou mulher feita. As roupas frouxas, muitas vezes vestidos velhos da mãe, esforçavam-se sem sucesso em disfarçar a carne contida abaixo.

Clemência tinha os quadris de um demônio.

Não tardou para que se sentisse invadida dentro de casa pelos olhares indiscretos do pai e do irmão, os quais travavam jogos proibidos em suas mentes pervertidas. Clemência fingia que nada estava acontecendo e detinha-se firme em suas obrigações. Eles traziam a comida. Ela fazia a comida. Cozinhava em panelas de barro feitas por si própria. Nesse lema a casa funcionou até uma manhã de setembro, quando Raimundo dera um passo além.

Raimundo acordou-se quinze minutos mais cedo do que o normal, não encontrando o café e a tapioca prontos na mesa. Clemência, percebendo a inquietação do pai, correu para a cozinha.

— Não seja uma vadia preguiçosa como a sua mãe, menina. Quando o homem da casa acorda, tudo já deve estar pronto.

Os olhos de Clemência caíram sobre a faca da cozinha, a mesma que ela usava todos os dias para degolar os pescoços finos das magras galinhas. Um pensamento furtivo. Rápido demais. Clemência abanou a cabeça e pôs-se a preparar o café da manhã.

Ao finalizar a tarefa, foi surpreendida pelo pai, que já estava sentado à mesa. A mão pesada bateu em sua bunda.

— Não faça isso de novo, papai.

— Clemência?

— Não tenho medo. Repito, não faça isso de novo. — Seu tom de voz era fraco, sem emoção. Mas aquela voz límpida, clara demais em sua informação, somada aos seus olhos firmes, foi o estopim para a transgressão.

Raimundo a agarrou, atirando seu corpo por sobre a mesa. Ela rolou e caiu ao chão. As pernas abertas e o vestido levantado conversaram com a ideia perversa que passava pela cabeça doente do homem. Penetrou a filha segurando-lhe pela cintura com tamanha força, não restando opção alguma de defesa à moça. Clemência gritava em pânico, não acreditando no que estava acontecendo. Mas a cada grito que dava e a cada movimento de fuga que fazia, mais o desejo de dominação se apoderava do monstro.

Joaquim entrou na cozinha pelo barulho, fazendo Clemência, em sua inocência, sentir-se segura e protegida pelo irmão. Ele certamente faria algo contra o pai e a salvaria, ela pensou, esquecendo-se por um instante de suas próprias conclusões sobre os dois. Joaquim ficou a um canto assistindo a cena.

A mente perturbada do garoto crepitava. Não entendeu o porquê, mas lembrou-se da mãe a cada nota de desespero emitida pela irmã. As conexões em seu cérebro eram confusas e agitadas, descargas elétricas em uma rede danificada. Olhou para a mão assustado e, por um segundo, pensou estar segurando uma faca. Podia até mesmo sentir o peso dela.

Clemência gritou por socorro, mas Joaquim apenas olhava petrificado para a cena. Algo em sua cabeça dizia não ser correto o que estava acontecendo, porém a parte insana e predominante empolgava-se com a situação, manifestando sinais vitais às suas partes mais distantes. As pernas de Joaquim tremiam pela excitação. Nunca penetrara uma mulher antes e sentiu inveja da posição ocupada pelo pai.

Instantes depois, Raimundo urrou feito animal, alterando o ritmo dos movimentos. Clemência foi então largada no chão da cozinha. Raimundo levantou as calças e saiu para a rua.

Joaquim, não sabendo o que fazer, caminhou até a irmã. Os olhos dela estavam frios e sem expressão, perdidos. Estaria ela morta? Provavelmente não, sua mãe não havia morrido com aquilo. Joaquim caminhou com os olhos por todo o corpo; suas pernas tremiam-se inquietas, querendo também ocupar-se do trabalho. Aproveitando o estado de choque em que ela se encontrava, Joaquim cedeu aos impulsos mais animalescos, os quais correspondiam a quase que toda sua totalidade. Joaquim abriu o botão da calça e deitou-se por cima do corpo de Clemência.

Ele não esperava por aquela facilidade. Era alargado e úmido. O corpo da irmã mantinha-se inerte; os braços chacoalhavam levemente ao chão no ritmo de suas investidas. E ele se lembrou de um cadáver. Por exceção dos olhos, que giraram nas órbitas e caíram agora sobre os seus. Daqueles olhos esbugalhados correu então uma lágrima. Clemência, em seu estado de transe, pode até mesmo ouvir o som da lágrima caindo no chão. Alto e opressor como o som de uma bomba.

Joaquim tentou se desviar daquele olhar, mas não havia como escapar de sua gravidade. Intimidado, ele falhou. Levantou-se constrangido, abotoou a calça e correu para fora, onde o pai o esperava desde que saíra cinco minutos antes.

E Clemência ficou ali, abandonada, com a barra do vestido levantada, incapaz até de espantar as moscas que a procuravam. Naquele momento, ela não sabia de nada, não se lembrava de nada, não era ninguém.

O medo e a submissão entreolharam-se e saíram da casa.

Quando os dois voltaram ao final da tarde, o jantar estava pronto e servido na mesa como de costume. Raimundo e Joaquim agiram como se nada tivesse acontecido. Clemência não fez diferente. Mas para ela, o jantar pareceu demorar uma eternidade.

No meio da noite, depois que todos haviam se recolhido, Clemência foi à cozinha tomar um pouco de água. O único objeto a reluzir estava então ali, ao alcance de suas mãos. Destacando-se. Provocando-a. Ela podia jurar que tinha guardado tudo nas gavetas ao arrumar a cozinha após o jantar. Ela não resistiu.

Pegou a faca, a mesma que anos atrás tivera sua estreia interrompida por Joaquim, e seguiu para o quarto em que o pai e o irmão dormiam. Ela cortou a garganta dos dois.

Clemência passou as mãos no vestido branco, à altura da cintura, com uma expressão de desprezo e nojo. Deitou-se em seguida em sua rede e dormiu até a manhã seguinte.

Ao amanhecer, caminhou até a porta da casa e olhou para fora. Era cedo. O céu ainda exibia tons melancólicos do vermelho ao azul. Olhou para as casas ao redor e sentiu vontade de desaparecer dali. Em pouco tempo, as primeiras pessoas acordariam e não sabia por quanto tempo poderia esconder os dois corpos. Olhou para a mata seca ao longe e pensou no que haveria além daquelas terras. Seria merecedora de uma nova vida? Uma casa nova? Um amor, talvez?

De dentro da casa, apesar de todas as janelas estarem fechadas, um vento frio passou pelo seu pescoço, em direção à rua.

— Não tenha medo, filha! Vá!

Ela não olhou para trás, apenas deixou-se levar por aquela brisa. Clemência desapareceu dos olhos da cidade antes que o primeiro habitante despertasse naquele dia.

Só podia ser o seu castigo, pensou horas depois. Estava perdida no meio da mata. Comeu calango e besouro e, de uma bromélia, roubou água. Ao final do segundo dia, Clemência entregou-se a morte, que se aproximou satisfeita depois de tanto a seguir.

Seus olhos fecharam pesados e seus sentidos voaram ao vento. No último suspiro, Clemência então ouviu o canto de um sabiá ao longe e abriu os olhos mais uma vez.

Capítulo 8

— Senhor, você tem um minuto? — disse o recepcionista ao ver Vicente saindo às pressas; ainda queria fazer uma ligação antes de pegar a estrada. Era o primeiro dia de trabalho.

A pousada, excepcionalmente, havia aberto a cozinha às cinco horas para servir o café da manhã de Vicente e de sua equipe, um favor que ele agradecera imensamente. Às seis horas, quase todos estavam prontos, Vicente tivera, entretanto, que voltar ao quarto por ter esquecido a bateria do rádio no carregador. Como Maria não tinha descido para tomar o café da manhã, aproveitou para chamá-la, mas, pela sonoridade da voz, parecia ainda estar no banheiro.

— Me chame de Vicente, Pedro. Somos quase da mesma idade — disse tentando não parecer apressado.

Pedro retribuiu com um sorriso e continuou.

— Posso lhe pedir uma coisa?

— Claro — disse sem valorizar o tom de voz misterioso do recepcionista.

— Não sei que estrada vocês vão tomar esses dias, mas acredito que vão utilizar a via que vai para litoral cedo ou tarde. Em torno de vinte e um quilômetros se afastando aqui da cidade, vocês vão ver uma antiga igreja. Talvez a vejam apenas de relance. O mato praticamente já a engoliu a essa época do ano, mas é possível vê-la do carro quando tiverem passando. A estrutura está precária, mas não tem como se enganar, é uma velha igreja...

— Então é mesmo uma igreja — pensou em voz alta lembrando-se do que Rose dissera no jantar na noite anterior. — E o qual o problema?

— Peço para terem cuidado. Não parem o carro nas proximidades. É muito perigosa aquela parte da estrada... — Pedro dobrava e desdobrava um pedaço qualquer de papel repetidas vezes sobre a bancada. — É comum haver assaltos por ali. Há boatos de que ladrões e viciados estejam usando a igreja de esconderijo. Coisas assim.

— Teremos todo o cuidado, Pedro. Mesmo assim, obrigado pela preocupação.

— Vocês voltam que horas hoje?

— Oi? — disse erguendo as sobrancelhas em surpresa.

— Desculpe-me, não quis parecer curioso, só por precaução. Bem, pensei que seria bom se alguém soubesse onde vocês estão, caso aconteça alguma coisa. Não é verdade?

— Você tem razão! Hoje iremos para Itarema.

Pedro esboçou uma expressão de tranquilidade ao ouvir aquilo,

mas quando Vicente deu as costas para retirar-se, ele insistiu:

— Vicente, qualquer coisa que acontecer pode contar comigo, ok?

Vicente correu para o lado de fora. Maria chegou no mesmo instante. Sua vez de esperar; ele passou cinco minutos ao telefone.

O carro pegou a CE-085, principal via que cortava o município, no sentido de Fortaleza. Por esse caminho, Itarema ficava a apenas uma hora de Nova Jaguaruara, mas devido às pausas que precisavam fazer, o percurso foi feito em cinco. Vicente ia dirigindo, enquanto Felipe ao seu lado, com o GPS em mãos, avisava onde deveriam parar.

A cada ponto de amostragem esforçavam-se para coletar o máximo de dados na maior velocidade possível, o que, graças à prática dos trabalhos anteriores, não fora difícil.

— E aí, o que vocês acharam do local? — perguntou Vicente ao final da manhã quando procuravam um restaurante na cidade de Itarema.

— Quanto ao vento, não há o que se discutir — disse Felipe —, mas o complicado é o fato de o solo ser muito arenoso por quase toda a localidade.

— Nada que uma compactação não possa resolver. Tivemos que adicionar essa etapa em vários pontos aqui do estado. Não será a primeira vez. — André acrescentou do banco de trás.

— Sabem o que eu considero mais complicado? — disse Felipe apontando para Rose e fazendo os outros caírem na gargalhada. — Espero que nossa bióloga aprove nossos pontos.

— Ora, mas isso não depende de mim. Tudo vai depender das espécies que forem levantados nos trabalhos de EIA/RIMA que ainda irão acontecer. Eu só analiso os dados, rapazes. Não tenho nenhum poder sobre eles.

— Sabemos disso, Rose. Mas é que sempre aparece alguma coisinha para desviar do plano inicial.

— Não é bem assim, pessoal.

— O que acham de almoçarmos aqui? — disse Vicente, estacionando o carro.

À semelhança de cinco extraterrestres adentrando em um estabelecimento comercial, todos os clientes do restaurante olharam assustados para aqueles forasteiros vestindo calças e blusas sujas de terra, além de acessórios diversos como botas, chapéus do tipo pescador e pochetes.

Enquanto almoçavam, Rose percebeu que algo não estava certo com Maria. Todos conversavam sobre assuntos dos mais diversos, mas Maria parecia não estar ali. Estava alheia à situação. Vicente fez um sinal para Rose de que também havia percebido, mas igualmente preferiu não comentar.

Mais tarde, de volta ao trabalho, Maria foi surpreendida por um gesto de Rose. Os cinco estavam em pontos diferentes da mata vistoriando os pontos, quando Rose, há pelo menos vinte metros de Maria, mostrou a mão direita fazendo um “cinco”, seguido de um ponto com o indicador e então um “zero”. Apontou por fim para o rádio na mão esquerda.

No meio da área aberta, Maria observava a mímica da amiga com a testa franzida, quando viu André passando ao longe. Maria escondeu-se atrás de um arbusto, onde ninguém pudesse vê-la, e mudou a frequência do rádio para 5.0.

— Maria na escuta? — Maria assustou-se com o chamado, disparado tão logo mudara de frequência.

— Positivo — ela respondeu.

— Amiga, desculpe. Não aguentei chegar à pousada para saber o que está acontecendo.

— Tem alguém perto de você?

— Não, pode falar tranquila. Você não parece bem, Maria. A gente se esforçou para puxar assunto com você durante o almoço, mas é como se você não estivesse aqui. — A voz de Rose saía mecânica e chiada.

— Estou com um grande problema.

— Você sabe que pode contar comigo. Suspeitei quando vi você indo à farmácia ontem. E ainda mais pela sua demora hoje no banheiro. Nem sequer desceu para comer. Deu positivo?

— Sim, deu positivo. Só tive coragem de fazer o teste hoje pela manhã.

Os rádios calaram-se. Rose procurava com esforço as palavras certas a dizer.

— Vou abortar, Rose. — Maria começara a chorar, tornando ainda mais difícil de ser compreendida pelo chiado do equipamento.

— Maria, você precisa manter a calma.

— Eu já decidi.

— Você precisa pensar...

Um bip acusou que Maria saíra da frequência. Rose tentou restabelecer o contato, mas foi em vão.

Passadas duas horas, os cinco se reencontraram no carro. Estavam exaustos, mas satisfeitos com a quantidade de pontos amostrados. Tinham cumprido a meta diária antes do imaginado, o que significava um pouco mais de tempo para descansar. Voltaram para Nova Jaguaruara sob um sol que ainda brilhava forte, mesmo estando prestes a se por. Ao longe, nuvens aproximavam-se em seus jogos infundáveis de se mesclar e separar. Choveu durante toda aquela noite.

Maria não desceu para jantar e recusou-se a conversar com Rose

quando ela voltou para o quarto às dez. Rose chamou duas vezes, mas não obteve resposta. Maria fingia dormir.

No segundo dia de trabalho, o carro tomou a via que dava para o litoral sob um céu escuro e nublado.

Enquanto Vicente dirigia, pensava na preocupação de Pedro. Embora tivesse aprendido que era recomendável avisar para onde estava indo quando fizesse um trabalho de campo, uma trilha ou qualquer esporte de aventura, dito por tantos professores e visto tantas vezes em documentários, algo no comportamento de Pedro o incomodava. Nesta manhã, a mesma conversa do dia anterior se repetira.

Vinte e um quilômetros após a saída da cidade passaram então pela igreja. Vicente olhou assustado para a grande construção recuada alguns metros do acostamento aos comentários de Felipe. Como estava escondida pela mata, teve apenas um vislumbre da construção. Virou o pescoço rápido demais para conferir, fazendo o carro dar uma leve derrapada. Ele recuperou.

— Tenho que admitir que você estava certa, Rose. De fato é uma igreja — disse André, apontando para o pequeno ponto no mapa. — Quem diria. Uma igreja no meio do nada.

Rose virou-se no banco traseiro na tentativa de olhar novamente. Não conseguiu; mato demais e então uma curva sinuosa, tirando-lhe qualquer possibilidade. Os pelos da nuca estavam eriçados como os de um gato.

— Vicente, você pode baixar o ar-condicionado. Não sei como aguenta.

— Obrigado, Rose. A você ele atende! Imagina como eu tô aqui na frente. Esse cara é maluco. Congelando aqui — disse Felipe dando um tapa de leve no ombro de Vicente.

Cerca de vinte minutos depois, quando a estrada chegou ao seu limite, uma espessa faixa do oceano apareceu no horizonte. Vicente estacionou o carro o mais próximo que pôde da praia, contemplando junto com os outros o oceano azul que se perdia de vista, salpicado por inúmeras jangadas como estrelas no início de uma noite. A praia era formada por inúmeras dunas, com vegetação associada e ainda bem preservada. Ao longe, pequenas casas de uma vila de pescadores.

Aos poucos o céu se abriu, embora muitas nuvens continuassem adensadas em grandes formações. O sol bateu implacável. A caminhada no terreno arenoso era difícil, facilitada apenas pelas estreitas faixas de vegetação baixa. As poucas sombras ao redor ficaram cada vez mais estreitas com o passar rápido da manhã, enquanto o sol atingia seu ponto máximo. O almoço daquele dia foi feito na pequena vila.

Embora no limite do cansaço, o trabalho de campo permitia a Vicente de alguma forma retirar sua cabeça da cidade e de suas confusões. Era como dar uma pausa no seu eu urbano e nos problemas pessoais e sentir-se um animal selvagem, não pertencente a todo o caos criado pelo homem. Embora preferisse ter um trabalho fixo em Fortaleza, por conta do filho, aquele era o único emprego que pagava o quanto ele precisava; nascera mergulhado de ponta-cabeça em dívidas e problemas herdados do pai. Mesmo a contragosto, Vicente sabia tirar proveito daquele momento em meio à natureza e era a única coisa que fazia ele, pelo menos por um instante, respirar mais como bicho e menos como gente.

Ao final da tarde, enquanto esperava os outros escorado ao carro, retirou da carteira a fotografia do filho. Há alguns anos lutava na justiça para conseguir sua guarda, mas o juiz alegava que sua situação financeira era ainda instável demais.

— Pensei que seríamos as primeiras a chegar — disse Rose, vindo por trás.

Vicente assustou-se, guardando a foto na carteira. Ainda de costas, olhou para cima fingindo ver o céu, dando tempo de uma lágrima espalhar-se e perder-se pelo olho. O céu virara novamente. Estava nublado, apresentando os primeiros clarões e as primeiras gotas de chuva. Embora fosse pouco mais de cinco horas da tarde, já parecia noite.

— Pelo menos deu tempo de acabarmos o que tínhamos por fazer hoje — disse ele bobamente, reparando somente ao se virar que Maria estava ao lado de Rose. Parecia um pouco melhor. Que bom que aquelas duas se entendiam, ele pensou.

A chuva ganhou volume e força de repente e eles entraram no carro. Pouco depois, André e Felipe chegaram, correndo às pressas em meia à escuridão com suas lanternas.

Vicente dirigiu o carro devagar. O farol não conseguia adentrar a escuridão e a chuva batia forte no para-brisa; os limpadores oscilavam de um lado para outro num esforço inútil. A estrada não exibia qualquer tipo de sinalização e as faixas nas laterais estavam apagadas demais ou mesmo ausentes em alguns trechos. Estar sozinho naquela estrada, com nenhum carro vindo em nenhum dos sentidos e em meio àquela chuva, só aumentava a sensação de que estavam no meio do nada.

Em uma curva acentuada, Vicente foi então surpreendido por um vulto. Um bode, talvez; um homem, talvez. Rápido demais, tarde demais. Vicente apertou o freio no meio da curva, desviando da estranha criatura. O carro derrapou no asfalto molhado e saiu da estrada.

O carro girou, caindo num barranco dois metros abaixo. Som

metálico, vidros quebrados e cheiro de borracha queimada girando em uma onda alucinante de desordem e loucura.

A chuva forte batia na parte de baixo do carro produzindo um som esmagador e hostil, o qual despertou Vicente instantes depois numa mescla nauseante de culpa e frustração. Um dos ombros segurava todo o peso do corpo com o cinto de segurança e parte da cabeça até a linha dos ouvidos estava submersa dentro da água. Só após conseguir assimilar todas essas informações, Vicente teve a consciência de que estava de cabeça pra baixo, quando na verdade sua cabeça parecia continuar a girar.

— Vocês estão bem? — A voz de Rose era abafada pelo som forte da chuva, sendo seguida por um clique e o som de seu corpo despencando do assento para o teto inundado do carro.

— Acho que sim, Rose — disse Vicente em resposta, desprendendo-se também do cinto. Seu ombro bateu no volante, disparando a buzina pela noite. Sentiu uma rápida fisgada, quase como uma faísca elétrica, disparando da coluna em direção a uma das pernas. Ficou temeroso. Quase em pânico. Mas, para a sua sorte, a dor não se repetiu.

— Mas que droga! — disse André assustado, chacoalhando a cabeça em contato com a água.

— Meu Deus! Onde está Maria?

— Como assim, Rose?

— A janela do lado dela está completamente aberta.

— Ela deve ter saído — disse André.

Vicente olhou para o lado, vendo então Felipe desacordado; sua cabeça pendia. O nível da água subia gradualmente, cobrindo-lhe os olhos e chegando ao nariz. Vicente arrastou-se para fora pela janela o mais rápido que pode, chafurdando como um porco em meio à lama. Levantou-se com dificuldade, lutando contra os músculos que respondiam com atraso. Deu a volta até a porta do passageiro, abrindo-a com dificuldade. Vicente pôs-se engatinhando embaixo do corpo de Felipe, apertou o botão para liberar o cinto e sentiu o peso do amigo em suas costas. Para sua alegria, sentiu uma das mãos de Felipe apertar sua barriga para se apoiar. Vicente engatinhou para trás, levando Felipe para fora do veículo.

— Eu te ajudo — disse André, já do lado de fora, ajudando-o a levar Felipe a uma elevação próxima.

Vicente olhou para o veículo à sua frente; peças do próprio carro e material de trabalho espalhados por toda parte. Rose caminhava nas proximidades procurando por algum sinal de Maria. E encontrou o celular dela na lama, próximo ao carro. Estava quebrado. Ainda havia esperança de entrar em contato com ela pelo rádio,

pensou.

Felipe despertou tossindo e perguntando acelerado sobre o que tinha acontecido.

— Calma, amigo. Sou eu! Acabei de fazer uma grande merda, cara.

— Você não tem culpa. Aquele... Aquela coisa apareceu do nada — disse Felipe, esforçando-se para se lembrar dos últimos momentos antes da queda. — Bati forte com a cabeça...

— Você acha que eu atropelei aquele cara?

— Eu não vi nada do banco de trás. O que houve, Vicente? — disse André.

— Não sei.

— Um animal na estrada, talvez... — Felipe segurava a cabeça entre as mãos.

— Me desculpem — disse Vicente desapontado.

— Maria! Maria! — Rose gritava ora para o rádio ora de uma direção para outra, perambulando, sem perceber o quanto a chuva anulava seus esforços.

— Será que ela saiu para procurar ajuda? — disse Vicente.

— Mas no meio dessa chuva? — Felipe forçava um bocejo, testando se tudo estava no lugar.

— Ela deve estar por aí. Temos que encontrá-la — disse André.

— Não temos sinal. — Rose aproximou-se, movendo o seu celular de um lado para outro. Protegia o aparelho da chuva com uma das mãos. — Precisamos pedir ajuda.

— Fiquem aqui com o Felipe, vou procurar ajuda. Quem sabe até não encontre ela? Deve estar por perto — disse Vicente levantando-se. Ao perceber que André ia acompanhá-lo, fez um sinal pedindo para que ficasse com os outros.

Vicente recapitulou cada momento antes do acidente, pensando no que poderia ter feito para evitá-lo; atividade cruel e inútil que só aumentava a sensação geral de desconforto e culpa. Vicente sentia vergonha. O sentimento de responsabilidade pelo acidente era sufocante. O quadro geral não era dos mais graves, pensou a princípio. Todos pareciam estar bem. Embora não soubessem de Maria, não havia sinais no carro ou qualquer outra evidência que denunciasse o pior. Já ela seria encontrada. E Vicente apoiou-se nessa ideia. No meio da chuva, sem carro e numa estrada pouco trafegada, sentiu-se responsável em dar um jeito de tirá-los dali. Não sabia ao certo o quanto ainda faltava para chegar à Nova Jaguaruara, mas sabia que não estaria tão longe. Precisava encontrar ajuda.

Subiu o barranco com o apoio das mãos, agarrando a terra molhada e escorregadia. Na estrada, as marcas escuras riscadas na pista ainda soltavam o cheiro desagradável de borracha queimada.

Caminhou na direção que viera, movido pela curiosidade de encontrar algum indício do que teria provocado o acidente e espantar a lembrança maléfica e disforme que ainda fustigava em sua cabeça.

— Tem alguém aí? — Vicente gritou com enorme esforço, sabendo que em meio àquela chuva sua voz estava limitada a uns poucos metros.

Não encontrando sinal algum de vítima, pessoa ou animal, concluiu que sua única opção era caminhar até Nova Jaguaruara. Mesmo sabendo que levaria horas de caminhada, tinha esperança de cruzar com algum carro ao longo do caminho. Com os ombros encolhidos e as mãos nos bolsos, caminhou de cabeça baixa pela chuva. Mas tão logo completou a curva na qual ocorreu o acidente, avistou a velha igreja, mergulhada em meio ao mato alto e fechado.

A possibilidade de um abrigo para os outros o animou. Aproximou-se da igreja não acreditando o quanto era sortudo. Entretanto, ao olhar para a imagem pendendo da cruz, estremeceu. Não soube se pelo frio ou pela visão assustadora de um Jesus macabro que olhava para baixo. Ignorou-o.

Voltou correndo, animado por poder de alguma forma amenizar a situação. A chuva ainda caía forte e sem previsão de trégua. Vicente ajudou André a levantar Felipe, que já arriscava alguns passos apoiado em seus ombros. Rose caminhava atrás, ainda procurando sinal no telefone.

Chegando à igreja, abrigaram-se abaixo de uma pequena marquise sobre a porta principal. André tentou arrombar a porta da frente, mas não obteve sucesso.

— André, melhor não — disse Vicente. — Pedro me falou algo sobre viciados e ladrões zanzando por aqui. Melhor ficarem do lado de fora.

— Eu também prefiro não entrar — disse Rose.

André sentou-se com as costas apoiadas à porta principal, resmungando.

— Tudo bem, então — disse Vicente não lhe dando atenção. — Fiquem de olho em Felipe. Vou o mais rápido que puder e logo volto com um carro para pegar vocês.

— Vicente, acho que deveríamos procurar um pouco mais por Maria. Ela pode estar por aí. Perdida, talvez — disse Rose, olhando para a construção com desconforto. No fundo, ela não queria que Vicente se separasse deles. Sentia que sem ele as coisas poderiam sair do controle. Pensar no grupo ainda menor só a fazia se lembrar com mais e mais vivacidade das fotografias vistas na igreja da cidade.

— Ela tem razão — disse André levantando-se.

— Tudo bem. — Rendeu-se Vicente. — Felipe, você fica aqui? Fique de olho nas redondezas caso ela apareça. Você acompanha a

gente, Rose?

Os cones emanados por suas lanternas giravam em movimentos confusos e imprevisíveis de um lado para outro. Voltaram para o local do acidente, contornaram a igreja, seguiram pela pista, mas nada além de escuridão e muita água.

Enquanto fazia a busca, Rose lembrou-se da gravidez da amiga. A vontade de contar para eles urticava em seus lábios, mas preferiu manter o segredo. Espalhar aquilo só iria gerar mais pânico. E, além disso, mais cedo ou mais tarde a encontrariam, pensou.

— Nenhuma pista de Maria? — disse Felipe ao perceber a reaproximação dos outros cerca de uma hora depois.

— Nada. E com você, tudo bem?

— Eu estou bem! Bati um pouco forte com a cabeça, mas acho que está tudo no lugar.

— Eu não vou embora sem ela — disse André, largando-se no mesmo lugar em que estava há pouco. — Não vou até que a gente a encontre.

— Peço para que pense racionalmente pelo menos uma vez na vida — disse Vicente, frustrando-se por estar ali há tanto tempo e não ter a menor perspectiva de aparecer alguém. — Tivemos um acidente de carro. Por sorte ninguém morreu na porra do acidente, mas estamos aqui há mais de duas horas. Já procuramos Maria em todo lugar que você possa imaginar e não vejo alternativa mais sensata que do que voltarmos para pedir ajuda. Como não saber se ela mesma não saiu pra procurar ajuda? Não temos ideia de quanto tempo ficamos desacordados depois da queda. Vai ver ela conseguiu uma carona.

— Pois se é assim, devemos ficar aqui esperando. A propósito, acredito que ela já estaria de volta, não?

— André, entenda a situação. Felipe precisa de ajuda. Temos que voltar para a cidade.

— Estou bem, Vicente, mas estou com você. Não faz sentido ficarmos aqui. Estou pronto para voltar.

— Como assim? Tem certeza que consegue caminhar até a cidade?

Felipe deu os primeiros passos em direção à estrada como resposta.

— Eu já estou indo.

Rose sorriu sem graça diante da situação, acompanhando-o. Vicente estendeu a mão para André, mas o gesto foi recusado.

— Vá com eles, Vicente. Não sabemos o que houve e ela pode ainda estar por aí.

— Tudo bem, André. A gente volta o mais rápido possível pra te pegar. Quanto tempo acha que a gente leva até a cidade?

— Quatro a cinco horas de caminhada, talvez. Mas prefiro

pensar que algum carro vai aparecer.

— Não apostaria por isso. Estamos no meio do nada...

— Mas quis usar esse argumento pra me convencer de que Maria estava bem.

— Cara, fique com o meu rádio. Falo com você assim que chegarmos do rádio do Felipe. Poupe as baterias.

— Ligo o rádio daqui a quatro horas então.

Vicente acelerou o passo para alcançar Rose e Felipe.

A chuva diminuiu de intensidade, mas manteve-se em pequenos chuviscos. Após quase quatro horas de caminhada, finalmente conseguiram avistar as primeiras luzes de Nova Jaguaruara.

Ao passarem pelas primeiras casas, aliviados pela chegada, as lâmpadas de todos os postes apagaram-se de repente, devorando-os em uma terrível escuridão. Vicente e Felipe bateram com suas lanternas contra a mão.

— Meia-noite — disse Rose.

A princípio, eles não entenderam.

Capítulo 9

Havia algo de errado com Bruno naquele dia. Ele assistia à aula distraído, sentado sobre uma das pernas, gerando uma visão desagradável de uma criança completamente torta e desajeitada.

Raquel evitou a todo custo fazer contato visual com o menino. Precisava manter-se concentrada, dar aula para trinta crianças não era tarefa fácil. As crianças eram agitadas e embora isso tornasse o trabalho ainda mais cansativo, desejou naquele momento que todas continuassem daquele jeito. Desejou que Bruno fosse assim. O olhar do menino, embora vago e perdido, tinha aquela terrível profundidade que só ela conhecia. Raquel evitou então aqueles olhos, sabendo que eles poderiam ser o caminho para também conduzi-la a uma queda dentro si própria para um abismo.

Ao final da aula, Raquel despediu-se dos primeiros alunos a sair e virou-se de costas para a sala, demorando o dobro, talvez o triplo de tempo para apagar o quadro. Seu coração batia forte; sua garganta estava seca. Desejou que não houvesse ninguém mais ali. Desejou encontrar-se sozinha. Olhou por sobre o ombro e viu de relance que um único aluno estava à sua mesa. Não tinha saída, teria que encarar aquele que a fazia sentir-se diante de um espelho, o demônio disfarçado de criança.

Em meio ao turbilhão de pensamentos antagônicos, que lutavam por um espaço naquele corpo há tanto acomodado, Raquel virou-se com uma determinação jamais experimentada. E ela falou com uma firmeza que não lhe era típica.

— Bruno, você pode vir aqui?

— Oi professora — disse aproximando-se com dificuldade.

— Pode me ajudar a levar essas pastas para a sala dos professores? Foram tantas lições que recebi hoje que acho que vou precisar de uma mãozinha.

Bruno hesitou, olhou para a porta, mas voltou-se novamente para Raquel. Segurou uma das pastas, mas logo desistiu ao tentar levantá-la. No rosto, uma sutil expressão de dor, a qual temeu ter sido percebida por Raquel.

— Lamento não poder ajudá-la. Acabei de lembrar que minha mãe vai chegar mais cedo hoje. Aposto como já tá me esperando lá fora e ela não gosta quando eu me atraso.

— Bruno, está tudo bem com você? — disse Raquel com uma cara abobalhada, tentando fingir que não desconfiava de nada.

Bruno não respondeu.

Raquel observou ele se afastar em direção à saída e percebeu que ele, ao tentar colocar a mochila nas costas, desistiu. Não ficou claro

para ela se era dor nas costas ou se seu braço que não conseguia realizar o giro do movimento.

Ela respirou fundo, organizou suas coisas e foi à sala dos professores. Pela primeira vez ao entrar não cumprimentou ninguém. Entrou de cabeça erguida, ajeitou suas coisas e saiu para almoçar. No piloto automático, já estava guiando o carro na direção da casa da mãe, mas, lembrando-se da discussão do dia anterior, decidiu almoçar em um restaurante próximo à escola. Tereza ligou quatro vezes. Raquel não atendeu.

Deitada na cama ao final do dia, repassou incontáveis vezes a curta conversa tida com Bruno. Pensava de que forma poderia abordá-lo, que frase poderia ser jogada e que teria alguma chance de ser fisgada. Precisava de algo forte o suficiente, mas não assustador a ponto de perder qualquer chance de aproximação. Sabia que algo estava errado com o menino, mas precisava de uma confirmação para assim tomar qualquer providência. Mas como fazer isso? Como agir de uma maneira completamente nova para uma pessoa que sempre se comportou a maneira de um ermitão?

Raquel era a típica pessoa em que todos passavam a perna. Muito embora tivesse uma inteligência aguda o suficiente para perceber quando algo estava errado, a atitude era inversamente proporcional ao faro. Sempre baixava a cabeça. Ela não entendia por que as pessoas sempre tentavam tomar vantagem até nas situações mais triviais. E isso acontecia todo o tempo: era o troco num mercado, o preço superfaturado de um conserto banal no carro, alguém furando sua frente numa fila.

Pela primeira vez, entretanto, Raquel se sentiu dona de uma grande responsabilidade. Ela sabia que poderia ajudar alguém. Era a sua chance de quebrar o ciclo. Sabia que poderia ajudar Bruno e isso a consumiu a noite inteira.

Na manhã seguinte, entrou na sala de aula animada. Como de costume, escreveu a data, o conteúdo e seu nome no quadro:

15 DE MARÇO DE 2017

ASSUNTO DO DIA: MEUS PAIS

PROFA. RAQUEL

— Bom dia, meninos e meninas.

— Bom dia, professora Raquel. — As crianças responderam num uníssono desafinado.

— Vamos fazer algo diferente hoje. Vamos começar o nosso dia com uma atividade. Pelo tema, alguém arrisca?

— Eu não quero ter que desenhar na frente de novo não, professora — disse uma menininha assanhada sentada à frente. Cada palavra era acompanhada por pelo menos uma fungada.

— Não precisa ter vergonha de vir pra frente, Michele. Mas fique tranquila por hoje. Vocês vão realizar a atividade daí mesmo, da cadeira de vocês.

— Ditado não, professora.

— Também não, Miguel. Mas se for pra já ficar ansioso, só se for com a letra S. Não se esqueça da próxima vez — disse gerando risadas na turma.

— Eu já sei! A senhora vai pedir para fazermos uma redação.

— Muito bem, Marcela! E o tema já está no quadro. — Apontou para onde havia acabado de escrever, enquanto alguns dos alunos resmungavam. — Não quero ver cara feia, meninos! Vamos ao trabalho. Peguem uma folha e escrevam o que quiserem sobre seus pais, sobre a sua família, sobre como é a casa de vocês. Tentem escrever como é a rotina em suas casas. Quero um mínimo de dez linhas.

— É pra arrancar do caderno, professora? — perguntou um mais desatento.

— Sim, isso é importante! Obrigada, Artur! Quero que vocês me entreguem. Vou fazer diferente das últimas vezes. Não vou pedir para vocês lerem aqui na frente. Lerei eu mesma em casa, assim poderei fazer a correção com mais cuidado. Repito: só eu vou ler o texto de vocês! Vamos lá então? — disse batendo palmas uma vez e esfregando as mãos.

O som de folhas sendo arrancadas tomou conta da sala. Alguns alunos iniciavam a primeira linha, mas já amassavam o papel antes mesmo de chegar à seguinte. Raquel caminhou pelos corredores, de forma a auxiliá-los na produção do texto, tentando a severas custas ser o mais discreta possível e não olhar para a direção em que Bruno estava sentado. Como um grande buraco negro, entretanto, o menino gerava uma atração que fazia até mesmo seu pescoço se deslocar toda vez que ela se distraía de sua tarefa proibitiva. Seus olhares encontraram-se duas ou três vezes perdidas.

Bruno exibia a expressão de um forasteiro recém-chegado a um país além-mundo, sem saber o que fazer a seguir, sem conhecimento do idioma ou de qualquer código de comunicação. Limitou-se, quase paralisado em sua cadeira, a uma fria e ludibriante estátua de mármore posta em seu lugar. Não parecia ter vida, era como se o ar não fosse tragado por seus pulmões e sua mente não pudesse decifrar nada ao redor; a ponta do lápis estava cravada no papel à beira de perfurá-lo. Durante um longo tempo, nenhum mínimo deslize do instrumento para formar um traço qualquer, uma palavra ou uma denúncia.

Raquel percebeu que Bruno não havia escrito nada e ficou desanimada. Os ponteiros dos segundos rodavam e rodavam,

incansáveis, no grande relógio de parede e não tardou para que as primeiras redações fossem colocadas em sua mesa. Organizou-as em ordem alfabética; seus olhos cruzavam com palavras como amor, cachorro, sobremesa e carrossel.

Quando estava com cerca de vinte redações em mãos, faltando apenas as de alguns poucos alunos e completamente desacreditada, foi surpreendida ao ver Bruno levantando-se e caminhando até a sua mesa com o papel contra o peito. O abraço era tão apertado que mesmo alguém do seu lado não teria qualquer chance de ler.

Uma folha com bordas amassadas e uma péssima caligrafia. Um texto que certamente tinha sido escrito de um lampejo, sem qualquer planejamento. Suas mãos trêmulas fizeram a folha balançar no ar a caminho das de Raquel, que a fez deslizar suavemente em direção às outras. O papel perdeu-se na pilha e ele sentiu uma tranquilidade repentina ao constatar isso. Em nenhum momento entreolharam-se e então retornou lentamente e com dificuldade até sua cadeira ao final da sala.

Nada mais ao longo do dia parecia ter o menor sentido, a inquietação e a ansiedade fizeram Raquel dar as últimas aulas do dia como um boneco programado de repetição. Não havia outros caminhos, tudo que lhe restava era ler o conteúdo daquele pedaço de papel e tentar fazer algo diferente pelo menos uma vez na vida.

Ao chegar em casa, a primeira coisa que fez foi procurar a redação de Bruno no meio das outras. Sentou-se no canto do sofá da sala e doou toda a sua atenção a um menino de dez anos que, para falar a verdade, mal conhecia.

Minha família

A minha família é pequena. Somos apenas eu, minha mãe e meu pai, mas eles são separados faz cinco anos. Eu mal lembro da separação, mas lembro que chorei muito. Desde então moro com minha mãe. Ela traz pessoas estranhas para casa quase todo dia. Eles jogam baralho a noite toda. Eles bebem e fumam muito. Passo o dia todo no meu quarto, não gosto de ficar andando pela casa, até por que se eu fizer algo errado, minha mãe perde a paciência comigo. E eu tenho muito medo quando ela perde a paciência. Ela fica nervosa. Quando tudo se resolve, ela sempre vem chorando me pedir desculpas, mas eu já aprendi que nunca é a última vez. Eu queria muito morar com o meu pai, mas ele não trabalha em Fortaleza e, como viaja sempre, não me deixam ficar com ele. Mas ele está tentando conseguir a minha guarda, pelo que me disse da última vez que nos vimos. Ele manda dinheiro para minha mãe, mas nem sempre tem comida na geladeira. Ela parece não se importar, está sempre bêbada. Meu pai vem me visitar toda semana quando não está fora trabalhando. Eles fingem não se ver quando ele vem me pegar. Eu nunca falo para ninguém o

que acontece em casa, nem mesmo para meu pai. Tenho muito medo da minha mãe. Tudo que posso dizer é que ela é uma mulher difícil. Bem, cresci ouvindo meu pai falar isso dela para os outros. Estou com muito medo de estar escrevendo essa carta. Não quero que ninguém mais leia além da minha professora Raquel.

Ela leu em voz alta de um fôlego só, soltando a carta ao final como se tivesse acabado de ler algo proibido. As mãos inquietas procuravam a saia em movimentos repetidos; estavam molhadas. A carta caiu em um movimento confuso, rodopiando até juntar-se às outras espalhadas na mesinha de centro. Estas também tiveram seu momento, mas não aquele. Ficaram ali esparramadas esperando um final de semana qualquer, quando, na falta de companhia, receberam uma leitura rápida e um tanto desatenta.

A esperança de que tudo fosse apenas um mal-entendido, um erro de percepção, e que aquele fosse apenas um garotinho qualquer e de que tudo estivesse bem despedaçou, soltando estilhaços para todo lado. A cabeça girava, o peito arfava e as pernas traçavam rotas inúteis e sem sentido pela sala. Tudo se encaixava: o comportamento inseguro do garoto e a falta de amigos, a ausência de qualquer membro da família em reuniões de pais e mestres, o atraso da mãe todos os dias ao final da aula. Raquel sentiu medo e, por mais que tentasse resgatar toda a confiança daquela manhã, apenas afundava ainda mais numa onda alucinante de insegurança. O que fazer? Quem procurar? Como agir da próxima vez que o visse novamente? Não poderia agora voltar atrás e fingir que nunca lera a carta. Poderia dizer que havia perdido todas, pensou.

Naquela noite, assistiu à televisão sem entender o que passava e jantou sem sentir o sabor de nada. Estava alheia ao mundo, como se aquele corpo não fosse seu; encarnada por uma noite num corpo de uma maluca qualquer. Um corpo nunca experimentado e de um mundo muito distante. Quando foi se deitar, viu no celular que havia oito ligações perdidas de Tereza. Ela retornou.

— Alô, filha!

— Oi mãe. Desculpa por não ter dado notícias. Muitas coisas para resolver do trabalho. Não tive a intenção... — Sua voz era distante e inexpressiva.

— Sei que está chateada comigo. Também peço perdão pelo o que eu disse.

Seguiu-se um silêncio constrangedor para Tereza, mas indiferente para Raquel.

— De toda forma, eu insisto. Preciso mostrar uma coisa para você. É sobre seu pai — continuou Tereza.

— Como quiser, então. Se pra você é tão importante... Até

amanhã.

— Boa noite, filha.

Raquel desligou o telefone, caminhando em direção ao espelho da penteadeira. Virou levemente a cabeça de lado e passou a mão no pequeno sinal. Um sinalzinho do lado direito do pescoço, quase escondido por trás da orelha. Era impossível olhar para aquela marca e não lembrar-se do pai.

Deitou-se e passou sua segunda noite em claro.

Capítulo 10

O som dos cascos do jumento contra as pedras da rua indicou que finalmente haviam chegado à cidade. Após cavalgar por dois dias praticamente sem pausa, carregando o dono de mais de oitenta quilos, ele estava cansado e ansioso por água, sombra e capim fresco.

Venâncio saltou do jumento, caminhando por uma pequena praça, enquanto guiava o animal por uma corda presa ao arreio. Aquela devia ser a rua principal. Embora fosse muito cedo, viu um homem em um dos bancos de madeira mascando o primeiro fumo do dia com uma cara rabugenta.

— Com licença, o senhor sabe onde posso encontrar José Bonifácio?

— Quem é o senhor? — disse o velho.

— Perdão, deixe-me apresentar. Sou Venâncio, moro com minha esposa e duas filhas em um pequeno distrito próximo de Sobral. Lá tenho um terreno considerável, tenho algum gado e algumas ovelhas também. Como o senhor se chama? — disse baixando o chapéu com uma mão enquanto estendia amigavelmente a outra.

— O que você quer com ele? — disse, ignorando o cumprimento.

— Desculpe-me por importunar a sua manhã. Pensei de procurar na igreja, mas a pequena igreja ainda está fechada. Vou tentar a informação com outra pessoa. Obrigado.

— O que você quer com Bonifácio, seu tolo? — repetiu o homem.

Venâncio irritou-se com a impaciência daquele homem, mas, olhando para a praça deserta e para as janelas das casas ainda fechadas ao redor, concluiu que não teria alternativa.

— Os rumores se espalham rápido, senhor... Fiquei sabendo de coisas que Bonifácio é capaz de fazer.

— Você acredita mesmo nessas bobagens?

— Infelizmente, é o que me resta.

— O que você quer dizer? — O velho cuspiu o fumo, escarrando em seguida.

— Você tem filhos? — Fez uma pausa, esperançoso por uma resposta amistosa. — Não faria tudo por eles? — continuou ao balançar afirmativo de cabeça do velho.

— Prossiga. — A cabeça ainda balançava, impaciente.

— Tenho uma moça de dezessete anos que sinto que não viverá muito tempo.

— E como você acha que Bonifácio poderá te ajudar?

— Ouvi falar das coisas que ele fez. É verdade que sai luz das mãos dele?

— É assim que estão falando dele? Quanta bobagem — disse o homem com uma gargalhada debochada, seguida por uma tosse seca.

— Então não é verdade?

— Me acompanhe! — disse o homem levantando-se.

O velho caminhou ligeiro sem olhar uma única vez para trás. Mais parecia estar sendo seguido do que conduzindo alguém a um destino. Dobrou uma rua e depois outra em seu passo firme, ignorando os sons dos cascos do jumento e do cavaleiro às suas costas.

Quando Venâncio começava a cogitar de que o velho esquecera-se dele, pararam finalmente diante de uma grande casa branca, onde uma mulher varria o alpendre.

— Clemência! — disse o velho carrancudo.

— Bom dia, Seu Frutuoso. O que traz o senhor aqui? — disse para o velho, mas com os olhos pousados no estranho homem que nunca vira antes na pequena cidade.

— Esse homem quer falar com Bonifácio — bodejou.

Venâncio esboçou um sorriso tímido, retirando o chapéu de palha da cabeça.

— Tudo bem, Seu Frutuoso. Pode deixar que resolvo daqui.

Frutuoso deu às costas sem se despedir e foi embora.

— Não ligue para ele, é um pobre coitado. Desde a morte da mulher e da filha, há mais de vinte anos, passa os dias andando por aí. Esse homem bebe tanto que não sei como já não está morto. Deus do céu! — disse olhando para o velho afastar-se ao longe.

— É verdade que ninguém dessa cidade morre há anos?

— Perdão? — disse repousando a vassoura na parede ao seu lado.

— Peço desculpas se pareço intrometido... Você que fez? — disse o homem, apontando para um pote de barro que secava ao sol. Ela não sabia se já tinha visto algum outro mais bonito.

— Sim, eu mesma. Como o senhor se chama?

— Venâncio. E eu preciso conhecer Bonifácio.

— Sobre o que se trata?

— Você é a esposa?

— Não, sou amiga. Mas sou também da família! — Sorriu. — Nem sempre me lembro disso, mas sendo eu casada com o primo dele, é isso que eu sou.

— Ouvi falar que ele cura pessoas doentes.

Clemência não conseguiu disfarçar a surpresa. Manteve-se em silêncio; a testa crispou-se e os olhos moveram-se pelo alpendre como se ocupados em procurar por algo.

— Não sei o que o senhor ouviu — disse restabelecendo-se, enxugando a testa com as costas das mãos —, mas não gostaria de sentar-se para esperá-lo? Ele saiu cedo pra trabalhar hoje.

— Então é verdade? — disse enquanto amarrava o jumento a uma árvore, subindo em seguida os três degraus de acesso ao alpendre.

— Bem, tudo que posso dizer é que Bonifácio é um homem bom e que ele tem a capacidade de trazer esperança para as pessoas.

— E cura? — disse sentando-se.

— Desculpe-me, mas preciso varrer lá dentro. Fique à vontade. — Adentrou a casa, esquecendo-se da vassoura escorada do lado de fora.

Venâncio sentiu-se observado pelas janelas e pela porta da casa. Sentiu que pessoas vinham xeretar às suas costas logo após a entrada de Clemência. Não querendo incomodar e nem gerar repercussão, limitou-se a ficar sentado observando a cidade despertar diante dos seus olhos. Carroças passavam, gente passava. Não conseguia precisar exatamente o quê, mas havia algo que lhe escapava daquele povo e daquelas ruas. Podia sentir, entretanto, que as engrenagens daquele sistema giravam de uma forma diferente. Até o cheiro da cidade e as luzes que emanavam das paredes e do chão pareciam ter mais cor, fazendo-o navegar por uma onda de nostalgia e bem-estar típicos das lembranças mais pueris. Era como um mundo bonito e colorido visto dos olhos de uma criança.

Próximo ao meio-dia, Venâncio deparou-se com um jovem de estatura mediana, franzino, com barba por fazer e cabelos desgrenhados subindo para o alpendre. Suas roupas velhas e maltrapilhas colavam-se ao corpo suado. As clavículas e ossos das maçãs do rosto irradiavam em sua pele suada e brilhosa. Em uma das mãos, uma caixa de ferramentas balançava, produzindo um leve som metálico.

— Olá senhor, procura alguém? — disse o rapaz com uma segurança e uma propriedade de quem certamente morava ali.

— Estou procurando por Bonifácio. — Um tom de dúvida marcava sua voz enquanto olhava para o jovem rapaz.

— Em que posso te ajudar, amigo? — disse o jovem sentando-se ao seu lado com a voz mais amigável e amorosa já ouvida por Venâncio.

Venâncio voltou-se desconcertado, completamente surpreso, para o rapaz. Aquele Bonifácio definitivamente não era o homem que ele esperava encontrar. Um homem ordinário e com cara de trabalhador, sem batina ou aréola acima da cabeça. Não passava de um homem sujo e de pés rachados. Alguma coisa em seu olhar, entretanto, queimava como chama. Seus olhos pareciam ter sido arrancados do mais distraído anjo e Venâncio indagou-se se seriam mesmo terrenos. Sentindo o fascínio emanado pelas duas tochas de fogo, sorriu tendo a certeza de que havia encontrado o homem certo.

— Olá Bonifácio. Me chamo Venâncio. Passei dois dias nas costas daquele pobre animal à sua procura para fazer minha última tentativa. Tenho uma filha que está muito doente.

— Desculpe-me, senhor, mas como acha que eu poderia ajudá-lo?

— Eu ouvi coisas a seu respeito.

— O que você ouviu?

— Que você tem o dom de curar os outros. Desculpe-me pela indelicadeza, mas, estando diante de você, eu posso sentir que isso é verdade.

Bonifácio desviou os olhos do homem e ficou a contemplar as carnaubeiras mais distantes, procurando palavras para sua próxima frase. As pernas tremeram e a voz parecia ter lhe sido tomada.

— Não sei do que o senhor está falando.

— Eu acredito nas histórias que chegaram a esses ouvidos.

— Existem muitas histórias nesse mundo para reconfortar as pessoas.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu não sei de que forma poderia ajudar o senhor. Realmente peço desculpas.

— Não me diga isso. Você é a única esperança que ainda tenho. Não posso perder minha filha. — A quietude da face cedeu então lugar para os traços do desespero.

Bonifácio levantou-se e disse antes de desaparecer para o interior da casa:

— Infelizmente, não há o que eu possa fazer.

Protegido pela penumbra, observou o homem descer os degraus e desamarrar o animal. Num cavalgar lento e desanimado, o jumento e seu dono ganharam distância.

— Não pude deixar de ouvir a conversa, filho — disse Firmina repousando as mãos nos ombros trêmulos de Bonifácio. E ele sentiu o peso da cruz que ela carregava no punho batendo em suas costas. — Não é preciso sentir o que você sente para saber o quão desesperado esse homem está.

Bonifácio enxugou as lágrimas do rosto, voltando-se para Firmina. Em seu rosto, uma expressão de pânico ainda não conhecida por ela.

— Você tem um dom, filho. Deve preocupar-se em saber de que forma usá-lo.

— Não posso me ausentar de casa, mãe. Tenho medo do que possa acontecer se eu me afastar das pessoas que eu amo.

— Bonifácio, ninguém escapa da morte. Não há o que se possa fazer. Você não tem como interromper o ciclo.

— Mas eu posso atrasá-la, você sabe. Não sei até quando, mas eu

consigo.

— Filho, temos uma missão aqui. Fico feliz que você, mesmo tão novo, já saiba da sua. Só te peço uma coisa.

— O que?

— Não negue isso.

— Eu tenho medo. — A voz do rapaz de vinte anos ressoou com uma nota dos tempos de meninice, fazendo Firmina lembrar-se do garotinho que outrora corria pelas veredas da região.

— A filha deste senhor está agora deitada numa cama. Ela não sabe se haverá mais um amanhecer, mais uma semana ou mais um mês. Ela está imaginando como deve ser morrer e eu sei que ela está com medo, porque eu também tenho medo. Pense no medo dela, Bonifácio.

— E como isso pode me ajudar?

— É no medo dos outros onde reside a nossa coragem, filho. É justo aí onde temos a chance de fazer algo.

— Se eu sair agora, outros além das pessoas dessa cidade vão acabar sabendo — disse olhando para as palmas das mãos voltadas para si.

— Não se preocupe com isso. Somente os loucos vão acreditar. Comece ajudando o primeiro que bateu nessa porta, depois você pensa no que fazer a seguir.

Bonifácio beijou Firmina na testa e disse baixinho enquanto a abraçava:

— Eu volto o mais rápido que puder.

Correu apressado para dentro de casa, seguindo para o quintal, sem falar com ninguém. Pegou um dos jumentos e saiu para a rua pelo portão lateral. Depois de alguns instantes, avistou o homem ao longe, além dos limites da cidade.

— Venâncio! — gritou o mais forte que pôde.

A viagem até a casa de Venâncio levou três dias. Os dois sertanejos, montados em seus jumentos, passavam pelos pequenos povoados no caminho despertando curiosidade do povo. Venâncio parara em algumas casas no trajeto de ida e agora, na volta, parava nas mesmas para pedir mais um copo de água, um almoço e uma dormida, aproveitando também para apresentar ao povo o homem do qual comentara, o homem que salvaria a sua filha. Bonifácio ruborizava ao seu exagerado contentamento, limitando-se a ficar calado enquanto experimentava, pelos olhares daquele povo, o que eles estavam sentindo com a sua presença.

Chegando à casa de Venâncio, sua filha mais velha esperava à porta. A mudança nítida de semblante mudou da água para vinho à aproximação do pai com o estranho homem.

Bonifácio entrou de cabeça baixa ao convite de Venâncio, encontrando em um dos quartos, uma moça pálida como as nuvens do céu dormindo em uma cama. E a morte recuou dois passos à sua entrada.

Bonifácio aproximou-se da cama para vê-la melhor.

— Esta é minha filha, amigo. — Venâncio permitiu-se ao uso da palavra depois das muitas conversas trocadas durante a longa viagem.

A menina despertou e seus olhos bateram nos de Bonifácio.

— Eu morri?

— Não! Qual o seu nome? — Bonifácio perguntou à moça, admirado com a sua beleza. Mas ela fechou os olhos novamente e manteve-se em silêncio.

— Ela se chama Cândida — disse Venâncio.

— Há meses está com muita fraqueza, não tem disposição para nada. Sempre com dor nos ossos e nas juntas. Há dias ela não tem uma noite de sono tranquila sequer por causa das dores. Ela não está bem, doutor. — A irmã mais velha comentou.

— Agora sou doutor? — disse Bonifácio sorrindo ao olhar para as roupas que vestia.

— Você é minha única esperança, amigo.

Bonifácio segurou as mãos de Cândida e fechou os olhos.

A escuridão abaixo das pálpebras foi gradualmente ganhando as cores mais ricas e orgânicas. O vermelho e o roxo em seus mais variados matizes enriqueceram a visão de Bonifácio de forma caleidoscópica, fazendo sentir-se parte daquele corpo. Banhou-se em seu sangue quente e sentiu a textura lisa de seus ossos. O coração pulsava duvidoso e os órgãos funcionavam sem orquestração. Pensou na ordem e no controle e assim o fez no jovem corpo. O sangue em segundos ganhou mais e mais corpúsculos, batendo na face de Bonifácio e provocando-lhe cócegas como bolhas de ar num delicioso mergulho. O sangue correu denso pelos vasos e abasteceu o coração, que se alterou para um ritmo altivo. Havia música ali dentro.

Cândida abriu os olhos e inspirou um ar com uma fragrância adocicada jamais experimentada. Levantou-se e abraçou o pai, a irmã e o estranho em seu quarto. Bonifácio estremeceu àquele toque, agora vívido como uma chama.

— Não sei como posso te agradecer, Bonifácio — disse Venâncio.

— Deixe disso, meu amigo. Fico feliz de ter podido ajudar. Agora preciso partir.

— Mas já? Não faz quinze minutos que chegamos... Foram três dias de viagem, homem. Deve estar exausto. Fique um dia! Descanse uma noite com a gente.

— Seria um prazer ficar aqui por uma noite — disse olhando de soslaio para Cândida. — Infelizmente não posso esperar, Venâncio.

— Está tudo bem? — disse enquanto captava algo estranho em sua expressão, uma angústia aflorada e marcada pelos músculos de sua face.

Bonifácio apenas apertou a sua mão num sincero cumprimento, saindo do quarto da jovem moça sem despedir-se de mais ninguém. Daria um jeito de voltar ali depois. Voltaria por ela.

O caminho percorrido em três dias juntamente com Venâncio, mais de cem quilômetros de distância, fora na volta devorado em apenas um. Bonifácio conduziu o jumento avexado, o olhar fixo à frente, os calcanhares batendo nos flancos do animal, incitando-o a correr cada vez mais rápido. Um feito não registrado, mas certamente um recorde o qual nenhum outro ungulado jamais bateria. O jumento cavalgou por um dia sem pausa. Não sentira, entretanto, sede, fome ou qualquer esmorecimento. O animal, em sua razão e consciência, não entendia o que estava acontecendo, apenas obedecia a uma vontade crescente e avassaladora de correr mais e mais. E como máquina alimentada por fonte de energia inesgotável, o bicho seguiu desembestado pela mata, cruzando o sertão como um trovão.

Bonifácio chegou em casa cedo na manhã seguinte. Clemência varria o alpendre.

— Nossa Bonifácio! Que cara é essa?

Bonifácio amarrou o jumento na árvore à calçada. Nada respondeu, mas seus olhos rápidos e alvoroçados iam pela varanda e para dentro da casa, tentando captar pela porta e janelas abertas qualquer coisa diferente do habitual, uma pista qualquer de que não adiantava mais apressar-se, um sinal qualquer de que jamais deveria ter saído de casa. Bem, Clemência estava varrendo o alpendre. Deve estar tudo bem! Ela não estaria varrendo o alpendre se lá dentro estivesse acontecendo um velório, estaria? E, além do mais, casa não estava tomada de pessoas. Isso o tranquilizou um pouco.

— Estava preocupada com você. Firmina nos contou tudo. Você simplesmente desapareceu... — Calou-se então ao perceber que Bonifácio estava parado no segundo degrau, medroso como uma criança adentrando uma casa mal-assombrada. — Algo de errado Bonifácio? Você não conseguiu ajudar à moça, foi isso?

— Onde está minha mãe? — A simples frase saía de sua boca com dificuldade, como que munida de espinhos a arranhar garganta e língua.

— Nossa Bonifácio. Está tudo bem com você?

— Onde está minha mãe?

— No quintal, debulhando o feijão.

Bonifácio correu para dentro, passando por pessoas a chamar seu nome e a cumprimentá-lo em vão. E finalmente, lá estava Firmina,

sentada a um canto com a cabeça abaixada.

— Desde quando você sabe, filho? — disse tão logo Bonifácio sentou-se ao seu lado.

— Do que está falando?

— Você sabe, Bonifácio. Só depois entendi o seu medo e dúvida de ajudar aquele pobre homem. Por um momento, eu não acreditei que você estava se recusando a ajudar alguém. E bastou um dia longe de você para que eu entendesse tudo.

— Qual o tamanho?

Firmina soltou a vagem que estava segurando e tomou uma das mãos de Bonifácio, conduzindo-a a um dos seios.

Bonifácio olhou em seus olhos, enquanto tocava com a ponta dos dedos o maldito caroço. Desordem e autodestruição.

— Até quando você acha que vou durar, filho?

Bonifácio retirou a mão, levantando-se.

— Enquanto eu durar, mãe. — O lábio inferior tremeu num gesto tão conhecido por Firmina. Um choro contido contorcia-se lá dentro. — Preciso me deitar um pouco, ainda tenho que consertar o restante dos bancos da igreja. Padre Honório não deve ter entendido meu sumiço.

Firmina observou Bonifácio afastar-se e entrar na casa. Tocou em seus seios e, para a sua surpresa, já não havia mais nada.

Capítulo 11

— André? — O rádio chiou na calçada da antiga igreja. — André?

— Oi Vicente! Ainda aqui.

— Algum sinal de Maria?

— Nada, cara.

— Passando o rádio só para avisar que chegamos à cidade. Já passou da meia-noite e não há ninguém nas ruas. Assim que conseguirmos ajuda, voltamos pra pegar você aí.

— Tudo bem, Vicente. Estarei aqui.

Vicente, Rose e Felipe caminharam como fantasmas por aquelas ruas. Passaram pela pousada, encontrando o carro de Pedro estacionado a um canto. Na dúvida, preferiram manter o passo e seguir direto à delegacia.

Lá chegando, encontraram dois policiais dormindo, sentados por detrás do balcão da recepção. As grandes barrigas sustentavam os braços cruzados, subindo e descendo ritmados a cada ronco. A televisão ligada sobre um suporte exibia algum filme da década de oitenta.

— Com licença senhores, estamos com problemas — disse Vicente depois de limpar a garganta, aproximando-se do balcão com o tom de voz mais suave que conseguiu encontrar. Sua roupa ainda pingava. — Tivemos um acidente — continuou ao perceber que um dos policiais abriu os olhos. O outro acordou à custa de duas cotoveladas.

— Vocês são do grupo de instalação das eólicas, confirma? — disse Geraldo, prestes a dar a terceira cotovelada em seu parceiro caso fosse necessário.

— Isso! Tivemos um acidente pouco depois das seis. Sabem se alguma moça veio aqui?

Bernardo, o outro policial, revirou-se na cadeira em direção ao relógio de parede que ficava às suas costas. Deu um largo bocejo e, antes mesmo de poder perguntar o motivo da demora de terem aparecido, como sua expressão de assombro denunciava, Rose precipitou-se:

— Uma de nossas amigas desapareceu após o acidente. Procuramos por toda parte, mas não conseguimos achá-la.

— Onde aconteceu o acidente? — perguntou Bernardo, endireitando-se na cadeira.

— Próximo à antiga igreja. — Rose respondeu em um tom impaciente, incomodada por ainda vê-los sentados.

Os dois policiais ficaram em silêncio, entreolhando-se sem saber

o que dizer a seguir. Bernardo fez a sua tentativa:

— Vocês entraram na velha igreja?

— Não senhores. O acidente foi próximo à igreja, antes da curva — acrescentou Felipe, exibindo um belo calo no lado direito da testa.

— Vocês estavam em cinco, confirma? — disse Geraldo. — Onde está o outro?

— Ficou na igreja — disse Vicente.

— Desculpe-me, precisamos entrar em contato com um superior — disse Geraldo, percebendo a irritação crescente do grupo. Mas o que fazer? Ele sabia que precisava ganhar tempo para processar aquela informação; fazia anos desde a última vez. Ele pegou o telefone.

— Precisamos que a polícia vá até o local para pegar nossos amigos. — Rose estava cada vez mais nervosa com a inércia naquela sala.

— Peço desculpas pelo tom de voz de minha amiga — disse Vicente dando um passo à frente com as mãos levantadas para o alto à semelhança de um refém. Apesar de sua manifestação pacata e passiva, refletia sobre qual seria a dificuldade dos policiais perceberem, a julgar pelo aspecto dos três, que haviam acabado de sofrer um acidente e que precisavam de ajuda.

— Bem, Jorge não atende. Vamos aguardar que ele retorne — disse Geraldo, com as mãos agora apoiadas no descanso na cadeira. Pareceu por um instante que fosse se levantar. Não o fez.

— Precisamos pegar André agora — disse Felipe, colocando-se ao lado de Vicente.

Os policiais entreolharam-se uma última vez e então Bernardo falou:

— Lamento dizer, mas diante das circunstâncias, teremos que esperar pela chegada de nosso superior.

— O que você quer dizer com isso? — Felipe esmurrou o balcão, derrubando alguns papéis e um porta-lápis. Os lápis rolaram pelo chão da recepção. Num átimo, Felipe arrependeu-se pelo desacato, mas não conseguiu se conter, deixando escapar um sorriso debochado e satisfeito ao constatar que curara a paralisia dos policiais.

Geraldo levantou-se abruptamente, enquanto os lápis ainda rolavam no chão produzindo um som estranhamente infantil. Mas antes mesmo que Vicente conseguisse realizar a extensão máxima em um movimento amplo com os braços, o policial apontou a arma na direção de Felipe.

— Chega de baderna por aqui seus merdas! Mais um movimento e eu atiro, seu filho da puta!

— Desculpem-nos cavalheiros, acho que começamos da forma errada — disse Vicente tentando reparar a situação. Estava entre o

policial e Felipe, com uma das mãos na direção da arma e outra na direção do amigo. Antes de conseguir pronunciar qualquer outra coisa, engoliu em seco ao olhar para o orifício negro e tremelicante da arma à sua frente. — Nós *realmente* precisamos de ajuda.

— Próximo a essa cidade existe um mal, forasteiro — disse Bernardo levantando-se da cadeira em um movimento suave, que poderia mesmo ser tranquilizador não fosse a reação contrária de seu companheiro. Bernardo passava as mãos nas calças apertadas, desamassando-as, enquanto Geraldo alternava sua mira de Vicente para Felipe. — Vocês não sabem com o que estão lidando.

— Não sei do que você está falando! Mas se não pudermos contar com a polícia local, teremos que pedir ajuda de fora — disse Vicente tirando o celular do bolso num movimento claro e lento o suficiente para não assustar Geraldo, agora ainda mais trêmulo ao vê-lo retirar algo do bolso.

— Não me faça fazer uma bobagem, seu bosta. Tome o celular deles — disse Geraldo inclinando a cabeça na direção de Bernardo em um movimento vacilante.

Bernardo deu a volta no balcão e tomou-lhe o celular, trazendo a Vicente um pensamento hilário de que nunca imaginara ser roubado por um policial. Sorriu abanando a cabeça, um gesto tão breve e discreto que apenas Felipe, por compartilhar a mesma sensação, fora capaz de perceber. Bernardo revistou Felipe, que apesar de tentar resistir com um solavanco, foi convencido pelo olhar mandão de Vicente a manter-se quieto. Sentiu o celular e o rádio sendo retirados e suas calças ficando repentinamente leves e frouxas. Rose, com uma expressão amedrontada, estendeu o celular a Bernardo em um gesto de submissão exagerada. Temerosa, ponderou se estava fazendo a coisa certa. Se Geraldo ao menos desconfiasse de algo ela tinha certeza, pela sua expressão perturbada, que ele acabaria atirando. Bernardo tomou o celular de sua mão e seguiu novamente para detrás do balcão.

— Vocês não tem noção no que se meteram — disse Bernardo guardando as coisas deles em um saco preto.

— Cara, não sei o que tá rolando. Não viemos aqui procurar confusão. Já estamos com problemas de mais — disse Vicente ainda tentando manter um tom de voz suave, mas deficiente pelas várias sílabas mais fortemente pronunciadas. Ele sabia que haviam chegado a um ponto sem volta. A questão agora era amenizar os ânimos, não havia nada que pudesse reverter o inconveniente.

— Vocês não deviam ter fuçado o que não é da conta de vocês. Não deviam ter ido àquela igreja — disse o policial ainda apontando a arma. Suas mãos não mais tremiam. Por um breve instante, Geraldo sentiu-se importante, participando de um grande caso. Poderia até

mesmo orgulhar o chefe, quem sabe. Era notória a mudança em sua expressão. Parecia agora ter tomado gosto pela novidade e sentiu-se dono da situação com o dedo pressionando o gatilho. Eles fariam o que ele quisesse e essa sensação era de certa forma excitante. — O que você está pensando em fazer com eles, Bernardo?

— Você sabe qual a recomendação para esse tipo de caso. Não tá lembrado?

— Então você é a favor de eu apertar o gatilho e receber os parabéns do Jorge pela manhã?

— Por favor, alguém pode explicar o que está acontecendo aqui — disse Rose perplexa.

— Não podemos esquecer de que pelo menos um deles está à solta. Melhor não nos precipitarmos — disse Bernardo.

— Então você amarelou? É o que estou ouvindo? — disse balançando a arma, sentindo um prazer imensurável às contrações evasivas dos alvos a cada oscilação de seu punho.

— Já faz anos que esses casos não acontecem. E, como te disse, ainda há um deles por aí. Não podemos nos arriscar tanto.

— Tem uma ideia melhor, imbecil?

— Vocês estão presos! — disse Bernardo diretamente para o grupo, numa voz firme e autoritária, fazendo Geraldo baixar a arma lentamente, quase desanimado.

— Você não pode fazer isso com a gente, filho da puta.

Felipe deu um passo pra frente e Geraldo atirou.

A bala passou rente à sua cabeça, acertando um vaso no canto da sala. O zumbido no seu ouvido despertou a mesma dor de algumas horas atrás, fazendo-o cair ao chão com a mão pressionando o ouvido. Por um momento, Rose jurava que ele tivesse sido atingido.

— Na próxima eu acerto seus miolos, seu merda — disse Geraldo com um sorriso largo. Era uma alegria para ele ter atirado depois de toda a tensão concentrada no indicador por tanto tempo.

— Lamento o fato de que não possamos contar com a ajuda da polícia. — Ainda tentou Vicente, sentindo-se ridículo.

— Seus dois amigos já estão mortos — disse Geraldo, fazendo um gesto afirmativo para que Bernardo os conduzisse à cela.

Era uma prisão pequena. Numa única sala, as grades delimitavam pequenas celas, talvez uma dúzia, e um corredor central partindo desde a porta, por onde agora caminhavam. A maioria das celas estava ocupada, baderneiros ou ladrões considerados perigosos para os padrões locais. Os bandidos que mais se *destacavam*, como internamente os presos falavam, eram mandados para os presídios da região metropolitana, próximos da capital. Naquele horário não era comum encontrar os presos acordados, mas estavam ali, de pé junto às

barras, curiosos demais pelo tiro que dentro da delegacia que haviam acabado de escutar.

O grupo foi conduzido por Bernardo até a única cela vazia, a última do lado direito. No interior, dois beliches, uma pia e um vaso sanitário compunham as amenidades do recinto, que era adornado por duas baratas mortas e um rato ligeiro, que se escondeu em um pequeno buraco na parede com a entrada do grupo. O cheiro pesado reforçava o restante do cenário que não podia ser visto pela baixa luminosidade.

— Não posso acreditar. Só podem estar de sacanagem com a gente — disse Vicente, caminhando de um lado para outro após a saída do policial.

— Vai ficar tudo bem, Vicente. Somos inocentes. Não fizemos nada — disse Rose recuperando seu tom de voz. O absurdo do que estava acontecendo de alguma maneira abastecia-a com um ar de confiança. Era só questão de tempo até alguém sensato chegar à delegacia pela manhã e resolver o mal-entendido.

Felipe chutou e balançou as grades, gerando um som metálico que se espalhou por toda a sala. Um dos presos chiou em protesto. Os demais, pela falta de ânimo ou de explicação, voltaram para seus beliches. Uma ou outra piadinha foi direcionada a Rose. Fazia anos que alguns ali não viam uma mulher como ela.

— Tudo minha culpa — disse Vicente baixinho.

— O que vocês aprontaram? — disse o preso da cela vizinha aproximando-se.

— Nada! Não fizemos nada. Foi só um grande mal-entendido. Só isso — disse Felipe de cabeça baixa, com as mãos ainda segurando fortemente as barras.

— É o que todo mundo diz quando chega aqui. — Deu uma gargalhada, sendo repreendido pelo chiado de outro detento. — Ninguém acreditou em mim também. Vocês tem pedra? Alguma coisa?

— Não! — disse Rose, sentando-se no beliche de costas para o homem.

— Calma aí, patroa. Não tenho culpa das pilantragens de vocês, não. — Riu zombeteiro. — Estava aqui na minha, dormindo meu sono numa boa, quando vocês chegam com essa barulheira toda.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — disse Rose voltando-se para Vicente e Felipe, numa tentativa de encerrar a conversa com o prisioneiro.

— Poxa madame, pode conversar comigo que sou da paz. E gosto sempre de elevar essa paz sempre que eu posso, se é que a senhora me entende. — Mais risadas. — A rapaziada sempre ajuda a gente a conseguir bagulho, pena que vocês parecem ser daquela gente careta. Mas conta aí, o que rolou?

— Nos deixe em paz, tivemos um dia difícil. Acabamos de sofrer um acidente e perder uma amiga — disse Vicente.

— Uma merda isso de morrer em acidente. A gente nunca espera, não é mesmo?

— Na verdade, ela não morreu. O que ele quis dizer com *perder* é isso mesmo. Não sabemos onde ela pode estar. Escafedeu-se. Desapareceu — disse Felipe, largando as grades e voltando-se na direção do homem.

— Como assim desapareceu? — disse o homem arregalando os olhos, prestes a saltar-lhes das órbitas.

— Ela desapareceu próximo à antiga igreja, se é isso que quer saber — disse Rose propositadamente, esperando pela reação que aquelas palavras poderiam provocar em alguém da cidade.

O prisioneiro que até então estava escorado às barras de rosto encaixado, pulou para trás, onde, na escuridão, manteve-se em silêncio.

— O que houve? — perguntou Rose virando-se em direção à cela vizinha, onde até alguns instantes encarcerava um prisioneiro por demais falante.

— Vocês tem que dar um jeito de fugir daqui. Eles não vão deixar vocês se safarem — disse numa voz assustada depois de um tempo, partindo de um ponto da cela mais escuro. O contorno mal desenhado do prisioneiro pela única lâmpada do recinto e pela luz da lua, que adentrava por uma pequena janela gradeada próxima ao teto, dava-lhe um aspecto doentio. Estava abraçado aos próprios joelhos como uma criança assustada.

— Por que temos que fugir da cidade? — disse Felipe.

— Não tem mais volta. A amiga de vocês já era. Voltem para suas casas!

— E como você sugere que façamos isso? — disse Felipe, batendo nas barras frias da cela com a ponta dos dedos.

— Eles não podem nos prender para o resto da vida. Não fizemos nada — disse Rose.

— Essa cidade não é normal. Vai por mim. Talvez só haja uma forma de eles aceitarem libertar vocês da prisão.

— Que seria? — disse Vicente.

— Desistir da amiga de vocês.

— Você só pode tá maluco — disse Felipe virando-se de costas para o homem com impaciência.

— O que tem essa cidade? — perguntou Vicente.

O prisioneiro não mais respondeu. Vicente tentou mais uma ou duas vezes, até ser repreendido pelo pedido de silêncio de outro preso do outro lado do salão. O silêncio pairou pesado e definitivo. Passaram-se alguns minutos, dentro dos quais só alcançaram o som de

roncos e de grilos vindos da rua. A calma foi então quebrada por um bip.

— Como posso ter me esquecido? — disse Rose retirando algo do bolso lateral da calça, próximo ao joelho.

— Não acredito no que estou vendo! — disse Felipe extasiado.

— Quando o policial começou a tomar os celulares de vocês, escondi o rádio nesse bolso e entreguei logo o meu celular de cara. Em meio à confusão eles nem perceberam. Lembram que André também está com um?

— Você é surpreendente, Rose — disse Vicente.

— André, na escuta? — disse Rose apertando um dos botões na lateral do rádio.

O rádio apitou novamente indicando que a bateria estava fraca.

— André, na escuta? — Rose repetiu o chamado. — Será que o dele descarregou?

— Não acredito. Deixei a bateria do meu com ele.

— Vai ver ele também desapareceu. — Felipe esboçou um sorriso irônico olhando para a cela vizinha.

— André, na escuta?

— Rose! Rose! Estou aqui, tudo certo? Acabei caindo no sono. — Uma voz ruidosa e destonada respondeu.

— Tivemos um problema aqui na cidade.

— Não conseguiram um carro para me pegar?

— Fomos presos — disse Rose no automático, sem perceber o peso que aquelas duas palavras carregavam.

— O quê?!

— Não grita! Estamos na prisão. — Rose sussurrou e o rádio mais uma vez deu um bip.

— Diabos! O que aconteceu?

— André, a bateria está acabando. Vou ser breve! Estamos na delegacia de Nova Jaguaruara. Você tem que pensar num jeito de nos tirar daqui. Se te acharem, vão te prender também.

— Como vou conseguir fazer isso?

Vicente tomou o rádio da mão de Rose:

— André, volte para a pousada e procure por Pedro. Ele vai te ajudar. Não deixe ninguém da cidade te encon...

O rádio deu o último bip e desligou.

Capítulo 12

— Cândida, podemos conversar?

— Claro, Padre — disse ela surpresa, não se lembrando da última vez que falara a sós com ele. Cândida estava saindo da igreja ao final da missa das seis, acompanhada por Clemência e Firmina, quando foi abordada. — Vocês podem ir na frente. Já eu chego em casa.

Clemência assentiu, acenando timidamente para o padre. Conforme caminhava para a saída da igreja, olhou para trás tentando imaginar o que diabos o padre gostaria de tratar com Cândida. Firmina não deu ouvidos às suas especulações.

— Podemos nos sentar? — Padre Honório apontou para um dos bancos.

Cândida sentou-se, as mãos juntas com os dedos entrecruzados sobre as pernas, observando os últimos fiéis a sair. O interior da igreja ficava a cada minuto mais escuro; a maior parte das velas havia chegado ao fim enquanto algumas poucas ainda resistiam nos últimos milímetros de parafina.

— O que você achou da missa, Cândida? — continuou o padre com uma voz mansa ao perceber que a mulher não parecia à vontade.

— Ótima, Padre. O senhor sabe que não falto um domingo sequer.

— E é por isso que devo tratar de um assunto com você. Sei que entende a função desta instituição em uma cidade e o seu papel para com o povo. Sou utilizado como instrumento de Deus para passar adiante os ensinamentos de seu filho. A palavra de Deus torna o povo forte...

A mulher balançava a cabeça, esforçando-se para não perder o fio da conversa e imaginando aonde chegariam com aquele assunto. Tentava adiantar-se um passo à frente, talvez antecipar-se em pensar numa resposta para uma possível pergunta, mas sentia-se completamente confusa em meio a tantos arroleios. A tarefa era inútil, cabendo-lhe apenas exercer o oneroso dom da paciência.

— ... mas um povo só pode ser verdadeiramente feliz quando Deus está presente em suas vidas. E que lugar melhor para encontrar-se com Deus do que em sua própria casa, não? Porém, venho percebendo uma coisa nos últimos anos e eu creio que você sabe do que eu estou falando.

— O número de pessoas nas missas? — disse, sentindo-se de certa forma pressionada.

— Você é uma mulher inteligente. Ao longo de todos esses anos como padre nesta cidade, venho percebendo uma diminuição cada vez maior dos fiéis e isso é péssimo para a igreja e péssimo para a cidade.

Uma cidade sem uma igreja forte é uma cidade entregue à desordem. Outra coisa que não posso esquecer é do valor arrecadado no ofertório. O total arrecadado chega a ser tão baixo, que de um tempo para cá, não tem dado para suprir nem com as despesas básicas da igreja. Não que o dinheiro seja o fator principal de minha preocupação, apenas acho que... Acho que o povo precisa voltar para dentro dessa casa. Uma pessoa sem Deus é como um bicho solto entregue a própria sorte. Você está me acompanhando?

— O senhor acha que o povo perdeu a fé em Deus?

— O homem tem pressa e se vicia em soluções práticas para seus problemas. E sejamos francos, você sabe por que o povo está vindo cada vez menos. — O dedo apontado para ela, quase lhe tocando o vestido na altura do peito. — Não vejo mais ninguém aqui procurando por intervenção divina, por ajuda para um problema de família... ou financeiro... ou de saúde... Raros são os que ainda vêm confessar-se. O povo está vivendo de qualquer jeito e vícios estão surgindo, Cândida. Viciados e pessoas levando a vida sem pudor algum, se é que você me entende, estão por toda a parte. E sabe por que o povo está com essa sensação falsa de serem livres para fazerem o que quiserem? Porque ninguém mais está sendo castigado nessa cidade há tempos. Uma vida sem punição é uma vida corrompida.

— Então isso é um sim, padre? Você acredita que o povo tenha perdido a fé em Deus?

— Estou tentando deixar claro para você que uma das principais causas da falta de dinheiro... Quero dizer, da falta de fiéis nessa cidade é o fato de que a maioria das pessoas está associando saúde e paz de espírito à presença do seu marido. E você não tem ideia de como isso prejudica essa pequena, mas importante, instituição.

— Desculpe-me Padre, mas de que forma eu poderia ajudar?

— Gostaria que você convencesse Bonifácio a tornar-se presente na igreja. Ele vem uma, duas vezes por ano? Isso não está certo, Cândida.

— Com todo o respeito, não posso fazê-lo estar presente onde ele não se sente bem.

— Bobagem, mulher. Ele ainda está chateado por eu não ter pagado pelos reparos que fez na igreja? Isso faz tanto tempo. Ele tem que entender que a igreja passava por um período difícil e eu não tinha como pagar por esse tipo de trabalho. Ele devia sentir-se honrado, na verdade, por ter prestado um serviço, muito bem feito por sinal, à casa do pai.

— Lembro que naquela época as missas eram lotadas.

— Não se deixe iludir por falsas impressões, minha filha. Grandes são as despesas dessa casa. Fico surpreso de Bonifácio importar-se com bens materiais, diante do maior presente que Deus já

lhe deu.

— É do trabalho que tiramos nosso sustento e mantemos nossa casa, padre. Precisamos de dinheiro como qualquer pessoa para comer.

— Não se irrite, Cândida. Esse não foi o propósito de tê-la chamado para conversar.

— No que o senhor está pensando?

— Ao longo desses dias, percebi finalmente algo que vem me passando despercebido há anos. Deixe-me explicar — pediu ao ver a sobrancelha da mulher se erguendo em um leve e sutil sinal de ironia. — Você sabe que a fama do seu marido está além dos limites dessa cidade. Os boatos se espalharam e hoje pessoas desesperadas vêm de toda parte atrás de ajuda. Eis que percebo que todo esse povo associa Bonifácio à igreja. Digo por não serem raras as vezes que batem nestas portas à sua procura, para só então eu aparecer e indicar onde fica a sua casa.

— Você está propondo que Bonifácio receba as pessoas aqui na igreja?

— Acredito apenas que possamos atrelar nossos serviços para construirmos uma igreja mais forte. Só assim teremos uma cidade igualmente forte e muito mais próspera. Você está me acompanhando, Cândida?

— Sinceramente eu não sei, Padre.

— O que quero dizer é que eu e seu marido podemos ajudar esse povo em troca de uma humilde colaboração, apenas para custear as despesas da igreja ou quem sabe reformá-la. Quem sabe uma igreja nova? Maior! Sei que os fiéis vão voltar tendo Bonifácio aqui.

— O senhor acha mesmo?

— Não se faça de desentendida. Você sabe que seu marido já é um símbolo de fé nessa cidade. Não duvido nada de o homem virar santo um dia.

— Bem, acho que já conversamos o suficiente, Padre. Tenho mesmo que ir. — Levantou-se do banco, olhando para as duas únicas velas ainda acesas, quando foi então surpreendida pelas mãos do padre tocando as suas.

— Apenas peço para que pense a respeito.

Cândida retirou-se.

Padre Honório trancou a porta principal e caminhou para seu quarto, que ficava por trás do pequeno altar. Deitado na cama, olhando para os buracos nas telhas, repassou antigas lembranças. Pensou em como viera parar naquele inferno de cidade. E essa atividade que lhe ocupou parte da noite até finalmente cair no sono.

Padre Honório foi aluno da primeira turma do Seminário

Episcopal do Ceará. Mas fato é que aquele título não lhe cabia. Um padre de formação interrompida devido à sua fuga do seminário no terceiro ano, nunca tendo recebido a ordenação sagrada pelo bispo local. Ainda hoje podia lembrar-se, entretanto, da vista de uma das torres. Ele ainda podia ver o mar à distância e respirar a brisa fresca ao pôr-do-sol.

Um dos principais motivos de sua fuga foi a descoberta de que haviam roubado dinheiro do seminário. E antes mesmo que pudessem confirmar o culpado pelo dinheiro desaparecido, ele fugiu para o mais longe que pôde.

A ganância pelo dinheiro era um traço marcante herdado de família. Padre Honório pertencia a uma família tradicional da capital cearense, que frequentava bailes e que participava de reuniões frequentes com monarquistas; uma vida de aparências e de tentativas sem fim de construir um grande patrimônio. Pressionado pelos pais, ainda menino, foi colocado dentro da igreja próximo de casa, onde recebeu acompanhamento dos padres até ficar maior de idade e finalmente ser matriculado no recém-inaugurado Seminário.

Pequenos delitos e escândalos sexuais dentro da igreja na adolescência eram passados em sua maioria despercebidos pelos padres, que interpretavam os pequenos desvios como traços a serem corrigidos ao longo da formação. *Algo normal*, diziam. Eles tão pouco queriam correr o risco de apertar as cordas que carregavam em seus pescoços.

Com poucas semanas após o início das aulas no Seminário, o bispo Dom Luís percebeu que algo no garoto não era correto. Alguns dos padres concordaram. A postura, o olhar e o modo de falar eram o suficiente para atizar a desconfiança de sua índole pelos mais afiados. O seminário reformaria aquela alma para a de um padre completo, o bispo pensou. Até mesmo Honório aspirou pela suposta transformação em seus primeiros dias. O encanto com a beleza do prédio recém-construído o deixou orgulhoso de fazer parte daquele novo mundo e, por um momento, ele desejou tornar-se tudo o que aquilo exigia. Não durou muito.

Honório sabia que a igreja era uma máquina de fazer dinheiro e, apesar das privações em público, sabia que poderia se dar bem naquele tipo de ambiente. A sede, porém, era grande demais para contentar-se com pequenos goles. Objetos roubados foram se acumulando debaixo de sua cama. Contentava-se muitas vezes em apenas ver o brilho do ouro, mas sabia também que ele poderia proporcionar-lhe dinheiro ou mesmo outras aventuras. Na tentativa de livrar-se dos objetos, era comum dar voltas pela Praça do Passeio Público, lugar onde conseguia fazer a troca dos objetos, principalmente no início da noite, quando as damas sérias já haviam

se retirado para os seus casarões e o Senhor da Noite aparecia para fazer-lhe as melhores ofertas.

Os rumores então surgiram de que itens da igreja estavam desaparecendo. Bastou um dos bispos perguntar-lhe o que tanto procurava lá fora em suas caminhadas diárias para deixá-lo uma noite em claro. Sentiu vontade de fazer uma loucura. Quis atear fogo com todos aqueles velhos hipócritas enquanto dormiam e mandar-se dali. Honório sabia, em seus três anos de Seminário, o que se encerrava por entre aquelas grossas paredes. No final da tarde do dia seguinte, tão logo ouvira os boatos de que alguns quartos seriam revistados, aproveitou para sair a pretexto de uma de suas caminhadas diárias. Estava de consciência limpa, dissera. E assim ele fugiu.

No Passeio, conseguira trocar um crucifixo feito de ouro vindo de Minas, mas fundido em Portugal, por um cavalo. Fugiria a cavalo! Enquanto cavalgava, pensava na sorte de ter encontrado justo hoje aquele senhor. O mesmo senhor que lhe trazia vinho ou cachaça, o mesmo senhor cheio de surpresas que sempre aparecia trazendo formosas mulheres que dizia serem filhas ou primas e que, por um motivo que o padre não se importava de perguntar, jamais se repetiam. O estranho Senhor da Noite, alto demais, magro demais, sempre debaixo da mesma árvore, sempre escondido das luzes dos lampiões a gás. Honório sempre o tinha visto a pé, com o andar furtivo de um anjo, porém sempre a deslizar pelas sombras. E que sorte a sua! Hoje, justamente hoje, ele tinha um cavalo! E imaginou que Deus ou o Diabo estavam ao seu lado naquela noite.

O animal parecia forte e resistente o suficiente para por em prática o seu plano. Olhou para os olhos rubros do animal e sentiu o sangue correr dentro dos seus. Não hesitou. Fugiu desembestado sertão adentro. Com medo de ser encontrado, apostou na única solução que lhe veio à cabeça, encontrar alguma cidade no meio do nada onde pudesse apresentar-se como padre enviado pelos bispos de Fortaleza.

E assim aconteceu depois de uma semana, depois de mais de duzentos quilômetros, ao chegar aquela “cidade de merda”, como a chamaria em segredo tantas vezes depois. A cidade era tranquila demais e sem nenhum representante da igreja. A vaidade o ajudou a estabelecer-se; estava encantando com a admiração do povo voltada para si. A ganância cresceu, entretanto, dando-lhe vontade vez por outra de abandonar tudo e procurar outro lugar. Mas o padre ficou. Conseguiu de imediato uma doação de uma antiga casa de frente a pequena pracinha para que montasse sua igreja.

Os anos se passaram e sua ocupação principal era agora imaginar como fazer dinheiro com a igreja na pequena cidade. Padre Honório sentia saudade dos grandes salões da capital, da arquitetura dos

imóveis, de sua casa na adolescência e das empregadas sempre dispostas a um agrado para o filho do seu ilustre patrão. Honório sentia-se nauseado naquela cidade como um bicho preso em um cativeiro. Por mais que sentisse vontade de voltar para Fortaleza, sabia que jamais poderia retornar e desfrutar dos sabores da cidade. Era perigoso demais voltar. Pelo que conhecia dos pais, tão logo descobriram o que fizera no Seminário, deviam ter desejado que já estivesse morto e com os olhos gordos comidos pela terra. Hipócritas!

Eram mais de dez horas quando bateram à porta, tirando-o da avalanche de velhas lembranças. Ou de um sonho, não sabia. As batidas não tinham vindo da porta principal da igreja, mas da porta do seu quarto. Honório acordou assustado. Quem quer que fosse, estava dentro da igreja, e só havia uma pessoa além dele com as chaves. Vestiu a túnica às pressas, mas não colocou nenhum dos acessórios com os quais era sempre visto.

— Oh Honório! Desculpe vir sem avisar, mas estou precisando de dinheiro.

— Alzira! Esqueceu que não pode vir aos domingos? Quase me mata do coração.

— Você e essas suas manias de perseguição. Já te disse mil vezes que nunca ninguém vai te encontrar aqui. E não se preocupe, não esqueci que você não tem humor para nada após as missas dos domingos. Só vim aqui porque estamos precisando de dinheiro.

— De quanto você precisa?

— Minha nossa! Pensei que ia ao menos me deixar entrar.

— Diga um valor! Estou sem paciência hoje. E não pense que isso que temos seja uma família.

— Que família? O menino vai crescer sem nem ao menos conhecer o pai. Você sabe que estou cuidando bem do seu menino, mas preciso de dinheiro para isso.

— Um minuto — disse fechando a porta do quarto na cara de Alzira. Voltou instantes depois com duas cédulas de quinhentos mil réis.

— É tudo que você pode dar?

— Alzira, você sabe que as coisas estão difíceis aqui na igreja, inclusive acho melhor você ser mais discreta. Tem certeza de que ninguém te viu entrar dessa vez? Escândalos desse tipo só afastam ainda mais o povo.

— Preciso de mais dessas para continuar com a boca calada — disse abanando-se com as duas cédulas, guardando-as em seguida no decote do vestido, entre os seios.

— Basta! — disse com um olhar furioso.

— Você não está legal hoje. Sei como posso te ajudar.

Alzira passou as mãos sobre o peito do padre — adorava a textura daquela túnica —, descendo-as delicadamente em direção a uma protuberância crescente na altura do quadril. A mulher empurrou então o padre para dentro do quarto.

O padre caiu com as pernas abertas sobre a cama. Alzira subiu a sua túnica de forma agressiva, expondo as pernas finas e branqueadas do velho. Mal ela se sentara por cima dele, o padre foi novamente surpreendido por batidas do lado de fora, mas desta vez vinham da porta principal da igreja.

— Fica aí quieta. Se alguém tiver visto você entrando aqui, pode ter certeza de que eu te mato.

O padre trancou a porta do quarto e seguiu pelo corredor em direção à porta principal, ajeitando a batina e reposicionando a estola, numa tentativa inútil de retesar os amassados. Ao abrir a porta da igreja, viu um homem que a julgar pela vestimenta não era da pequena cidade. Em frente à igreja, uma carruagem das mais nobres, elementos que Honório não via desde os antigos tempos em Fortaleza.

De repente então o medo. O medo de que fossem pessoas da igreja procurando-o há décadas e que finalmente haviam o encontrado. A sensação de perseguição, tão presente nos primeiros anos na pequena cidade, mas adormecida em meio à sua nobre encenação diária, parecia despertar. O padre charlatão e mercenário que saiu em busca de um povo para ludibriar teria sido finalmente encontrado. A inquietação crescente daqueles mínimos e eternos segundos despontou-lhe um tremor incontrolável nas pernas. E ele olhou com uma expressão que beirava à piedade para o homem à sua frente. Com aqueles olhos, o padre era apenas um pobre velhinho.

— Sei que o horário não é apropriado, mas estamos precisando de ajuda. Você é Bonifácio? — disse o homem com uma voz pequena e tímida ao ver o rosto trêmulo do padre. O visitante interpretou o medo como sono.

— Do que se trata? — O padre, sentindo que não era o alvo da busca, tranquilizou-se. Fingiu um largo bocejo, a parecer que estava de fato dormindo.

— Desculpe-me padre Bonifácio, mas temos um mau pressentimento sobre o que pode estar acontecendo com nossa filha.

— De onde vocês vêm? — disse olhando atentamente para os detalhes nas roupas, para o brilho da carruagem e para os fortes cavalos.

— Viemos de Fortaleza. Fizemos uma longa viagem até aqui. Não sabe como tentamos chegar mais cedo, mas esse foi o mais cedo que conseguimos depois de tantos dias de viagem. Espero que nos entenda, padre.

— Com o que você trabalha, a propósito?

— Não se preocupe, padre. Temos como pagar o quanto for necessário.

— Não me interprete mal, filho. Só curiosidade de um velho homem que há tanto não vê dos encantos da capital.

— Conhece Fortaleza, padre? Minha família é dona da Farmácia Teodorus, Rua da Palma... Não sei se se lembra...

— Não me diga! Não havia uma pessoa das redondezas que não conhecesse seu pai. Nobre homem... Mas vamos aos vivos. O que há com a menina? Traga-a aqui para dentro — disse o padre com um sorriso largo, escancarando a porta de entrada.

— Padre Bonifácio, a menina não pode vir até aqui. Minha esposa está com ela na carruagem. Poderia me acompanhar?

— Como assim a menina não consegue vir até aqui? Está prostrada?

— Está amarrada.

O padre caminhou até a carruagem com o cenho franzido, começando a desconfiar de que algo não estava certo. Ao colocar a cabeça para dentro do veículo, pôde discernir apenas os dois grandes olhos. Padre Honório afastou-se da carruagem subitamente, lembrando-se de casos semelhantes relatados por outros estudantes do Seminário, mas que nunca dera atenção suficiente.

— Preciso levar vocês até Bonifácio.

— Como assim, padre? Pensei que você fosse o Padre Bonifácio.

— Não sei como você ouviu falar dessa cidade nem do homem pelo qual procura, mas posso garantir que não sou eu.

— Mas você...

— Tudo não passou de um grande mal-entendido, meu caro. Deve ter sido o sono.

Capítulo 13

Pelo horário, imaginou que estaria acordando. Depois tomaria um banho quente e desceria para comer a deliciosa tapioca com coco da pousada. Será que tomaria um café como de hábito? Quem sabe hoje iria de suco de laranja. Sentaria provavelmente de frente para Maria e não deixaria de cutucar seus pés por debaixo da mesa, em busca de um sorriso ou quem sabe daquele costumeiro olhar de reprovação.

As pesadas nuvens dissiparam-se com o amanhecer, ao mesmo tempo em que André fazia a longa caminhada até Nova Jaguaruara. Os primeiros raios do dia bateram-lhe na face, despertando-o de suas divagações. Nenhum carro sequer passara por ele, revelando que aquela de fato era uma parte esquecida do mundo.

Durante a caminhada, pensou em muitas coisas, mas nada superou as cogitações do que teria acontecido à Maria. Após esperar por horas na velha igreja, na esperança de ainda conseguir uma carona, infelizmente não havia opção que não fosse voltar para a cidade e procurar ajuda. Pedro! Mas o que teria acontecido exatamente com os outros? Do rádio não obtivera mais respostas e agora, chegando cada vez mais próximo, pensava em qual seria sua reação ao ver alguém. *Não deixe ninguém da cidade te encon...*

Em meio a tantos pensamentos vagos e suposições de um presente alternativo, André chegou à Nova Jaguaruara às seis da manhã. A coloração rosácea do céu dava aos seus olhos uma visão fantasiosa, quase mística, da pequena cidade e, por alguns instantes, em meio à fraqueza de suas pernas e à fome, André sentiu-se leve e tonto. Era como se estivesse em um sonho. Quem o dera.

Pessoas varriam as calçadas de suas casas. Pessoas saíam para o trabalho. Algumas poucas já perambulavam pelas ruas. André queria desesperadamente abordar a primeira que visse e contar tudo pelo que havia passado na noite anterior. Sentiu vontade de gritar em pedido de socorro, mas não o fez. Não sabia o que estava acontecendo e tinha ciência de que isso não o tornava apto a tomar qualquer decisão. Tentou o rádio mais uma vez e, como nas últimas tentativas, ninguém respondeu.

Ainda na entrada da cidade, antes que pudesse ser visto por qualquer um dos transeuntes, escondeu-se por detrás de uma moita, cercada por grandes árvores que ficavam na margem da estrada. Ali André ficaria até conseguir pensar com clareza em como faria para chegar à pousada sem ser visto. De olhos fechados, pensando em um plano, simplesmente dormiu. O cansaço e a fome funcionaram como um elixir àquela hora da manhã. E André dormiu um sono tranquilo

até acordar encharcado de suor ao meio-dia.

Acordou-se assustado, olhando para o mato ao redor e finalmente lembrando-se da sua condição, do acidente e do sumiço de Maria. Ouvia o som de passos, vozes e o ronco de motores passando próximos de seu esconderijo. Era quase cômico estar escondido ali; uma criança escondida que perde o limite da brincadeira. A barriga roncava e a tontura fazia-se presente. O chão parecia inclinar-se para trás; chegou a pensar por mais de uma vez que fosse cair. Mas já estava no chão, e sorriu com isso. O celular estava descarregado e o rádio, agora com a bateria deixada por Vicente, ainda não respondia. O calor insuportável parecia aumentar a cada minuto juntamente com o desânimo. A garganta seca doía como sendo raspada por uma lixa. Quando a pele já não aguentava ser queimada pelo sol e o pensamento de desistir, levantar-se e saber por conta própria o que estava acontecendo mostrou-se com malícia, percebeu que as sombras das árvores próximas cresciam em sua direção. O efeito daquele simples fato, uma sombra formada por uma mínima mudança de ângulo, aterrou a ideia tentadora. Podendo agora sentir novamente o sabor do vento, André adormeceu mais uma vez.

A noite chegou e André despertou ainda mais confuso. O mundo por detrás daquelas moitas parecia agora mais calmo. Mas ainda havia pessoas e carros passando por ali, a apenas alguns metros de sua cabeça. Faminto e sujo, sentiu-se como uma ratazana velha acuada em uma cidade grande e feroz. Os olhos abertos contemplaram a escuridão do céu acima, imaginando que horas seriam e o momento em que finalmente poderia levantar-se de seu refúgio. Pensou então se tudo não teria sido apenas um mal-entendido e que agora os outros estariam o procurando feito loucos. Quem sabe até Maria já não estivesse com eles? Ele agora seria o alvo da busca. A ideia inebriante dançava a sua frente, na tentativa de fazê-lo desistir de sua empreitada, mas André manteve-se firme em seu posto. Faltavam poucas horas para que todos fossem dormir naquele dia sem fim.

O fluxo de pessoas e veículos caiu então à zero. André ergueu a cabeça em meio à moita, mas perdeu toda a confiança ao ver um pequeno bar ainda aberto. Homens bebiam e faziam gestos amplos e obscenos; uma palavra ou outra chegava sem cadência aos seus ouvidos, destacadas pelo silêncio da noite. André pensou em seguir para a pousada o mais discretamente possível. Teria que passar pelo bar para chegar à pousada e isso o deixou incomodado. Após passar um dia inteiro escondido, o que menos queria era ser visto por alguém, mesmo que aquilo não fosse resultar em nada. Agora era questão de honra.

Em meio à dúvida, a inquietação finalmente venceu. Estava exaurido e precisava, acima de qualquer coisa, de água e comida.

Levantou-se e saiu de um salto da moita. Mas, quando seus pés tocaram o chão, numa coincidência assustadora, todas as luzes da cidade se apagaram. Movido por um instinto de fuga, correu com toda a velocidade que pôde, passando próximo aos homens que agora gritavam festivos pela falta de energia. A segurança de não ser visto o dava ânimo para correr cada vez mais rápido apesar do seu estado. Quando colocou o primeiro pé para dentro da pousada, as luzes acenderam-se novamente e ele pôde ver Pedro, por detrás do balcão, assombrado com aquela repentina invasão.

Pedro e André foram à delegacia na manhã seguinte. As pessoas da rua olhavam para eles inquietas; o esforço da dissimulação e da discrição revelava a euforia. Alguns até mudaram seus percursos, caminhando agora no mesmo sentido, só para acompanhá-los um pouco mais. Olhos perfurantes de todo lado fizeram uma gota de suor correr na testa de André. Estava nervoso. Pedro por sua vez, acenava para os contrerrâneos com um sorriso largo e espontâneo, indicando que tudo estava sob controle. Ao mesmo tempo, ele teve medo de não parecer natural.

— Bom dia, *rapazes* — disse Pedro aos policiais de meia-idade adentrando a delegacia.

Os três policiais ficaram perplexos e André não deixou de perceber um leve sorriso de satisfação que escapara de Pedro. Ele estremeceu. Teria sido uma boa ideia ir com Pedro até a delegacia? Toda a estupefação era voltada para si. E os policiais deixaram escapar um aterrorizante semblante que só um rato encurralado conhece tão bem ao estar diante de um gato.

— Você o achou? — disse Jorge, o delegado.

— E a outra mulher, nada? Temos que ter certeza — disse Bernardo, aparecendo de uma das salas com um tom afetado.

— Nada dela. Inclusive a pousada foi vistoriada ontem de tarde, como já devem saber. Por onde mais procuraram?

— Por toda a rodovia, até onde nos é permitido ir. Receio que tenha acontecido de novo — disse Bernardo, deixando morrer as últimas palavras a um gesto seco do delegado.

— Agora que o encontramos, posso dizer que está tudo resolvido — disse Jorge dando a volta pelo balcão, aproximando-se.

— Mas senhor delegado, temos que continuar procurando Maria — disse André com uma expressão confusa, tentando encaixar-se na conversa.

— Desculpe-me, mas até o posicionamento do prefeito acho que não temos outra opção. Prendam-no! — disse aos outros policiais.

— O que está acontecendo? Me larguem! Eu não fiz nada! — esbravejou André, sendo rapidamente cercado. André olhou para

Pedro em pedido de socorro, mas este apenas afastou-se, abrindo caminho para os policiais.

— Como faço para receber a recompensa? — perguntou Pedro.

— Como assim, recompensa? O que está acontecendo nessa merda de cidade? Vocês são malucos? — André contorcia-se convulsivamente ao ser levado dali.

— Essa cidade tem um mal, filho! E não vamos deixar que isso se espalhe a quatro ventos — disse o delegado com um olhar rápido e indiferente para ele. — E quanto à sua recompensa — voltou-se para Pedro —, pode ficar tranquilo que reportaremos isso ao prefeito. Passamos ontem, o dia inteiro, procurando por este homem. Você merece isso.

— Você é um miserável, Pedro. Um filho da puta! Isso que você é. Você me enganou. Disse que eu conseguiria ajuda com esses... — Os gritos de André foram abafados ao cruzar a porta que levava para a sala dos prisioneiros, deixando Pedro e o delegado sozinhos na recepção.

Pedro olhou ao redor, apenas a pequena televisão fixada à parede manifestava-se. Respirou fundo e dirigiu-se ao delegado, agora sozinho por detrás do balcão, diante do computador.

— Delegado Jorge, sei que já me falou da recompensa, que precisa falar com o prefeito e tal... Mas eu queria saber se você não teria como me passar um adiantamento...

— Pedro, Pedro! Voltou a fazer as mesmas merdas, cara? Já foi um de nossos melhores clientes, mas faz tempo que você não tem pedido nada — disse Jorge com um sorriso malicioso, mas sem olhar para ele; os olhos fixos na tela do computador.

— Você sabe como é. Às vezes a gente acha que parou, mas, na verdade, sempre que aparece uma chance...

— Sei como é. Tem um pacote apreendido da semana passada pela polícia rodoviária. Uma parte escapou da incineração e deram para gente de presente. Mas pelo que você fez hoje, meu caro, esse pacote merece ser seu.

— Ainda do mesmo preço?

— Como assim, Pedro? Hoje é de graça para você, filho. Vamos lá! Pode pegar. A chave ainda fica no mesmo lugar de sempre. — Apontou com a cabeça para uma mesa próxima de si.

Pedro passou pela pequena portinhola que dava acesso ao espaço detrás do balcão. Abriu uma das gavetas de uma mesa próxima, posicionando-se de tal maneira que o delegado não pudesse ver o que retirava. Então, com a chave única do almoxarifado exposta em uma das mãos, cruzou novamente a portinhola e dirigiu-se para a porta vizinha à que dava acesso às celas. Nela estava escrito ALMOXARIFADO. Um leve tintilar de chaves em seu último passo.

Olhou apreensivo para o delegado e, vendo que este continuava capturado pelo computador, entrou.

Pedro encontrou em meio à bagunça, que ia de vassouras a material de escritório, algumas bandejas de plástico nas prateleiras inferiores de um armário. Havia muito mais que um pacote. Tinha urgência de pegar o primeiro e ir embora dali; ia acabar mijando nas próprias calças se demorasse mais. Já estava saindo do almoxarifado quando ouviu os policiais voltando da sala ao lado, de volta à recepção. Aproximou-se da porta de forma a não ser visto.

— Pronto! Trabalho feito — disse um dos policiais.

— Quem diria! Logo aquele merdinha vai ganhar a recompensa — disse outro.

— Não fale assim do rapaz — disse o delegado. — Sabe que ele tem o meu respeito. O pai dele foi um grande amigo, até o mal cair sobre ele.

— Isso não faz ele deixar de ser o que é: um merdinha!

— Fale baixo! Ele está no almoxarifado — disse Jorge.

— Fazendo?

— Nada demais. Só pegando um adiantamento.

— Viciado de merda! Sabia que não tinha largado. Esse rapaz é maluco, igual a vadia da mãe. Que Deus a tenha, aquela doida!

— Ou o Diabo, né? Pela forma que ela morreu... Não se lembra? — disse outro policial.

— Pense numa família! Só falta esse merdinha... O único que sobrou.

Pedro deixou o pacote cair no chão, próximo à porta, fazendo os policiais se calarem. Pedro apanhou o pacote desajeitado e saiu do almoxarifado. Com cara de bobo, fingindo não ter ouvido nada da conversa, cruzou novamente a portinhola e depositou o chaveiro de plástico, do qual pendia uma única chave, na gaveta.

Despediu-se, mas não houve resposta.

Reencontrando-se com os outros no interior da cela, André não deixou de perceber a expressão de terror estampada em seus rostos. A única possibilidade que havia de saírem dali havia tombado em meio ao turbilhão de insanidade e incoerência que estavam passando desde o acidente. André, ao perceber o choque nos movimentos embaraçados e confusos dos amigos, não pode deixar de tirar um pouco de diversão daquilo. Animou-se ainda mais ao perceber que Maria não havia sido pegue. Embora Pedro tivesse tentado retirar-lhe as esperanças, ele acreditava que ela havia escapado e que voltaria com ajuda. Era uma segurança a mais, caso seu plano não desse certo.

Contou então para os outros sobre como Pedro o ajudara e o recebera com comida e água, depois de um dia inteiro escondido na

entrada da cidade. Enquanto falava, contando sobre o que conversara com Pedro na noite anterior, sentou-se em um dos beliches e começou a desatar os cadarços de um dos tênis. Desatava o cadarço com um tom estranhamente descontraído. Havia algo de teatral em seus gestos, como se estivesse prestes a retirar dali um coelho branco em um súbito movimento. Ainda grandiloquente e sem dar chance de fala a nenhum dos outros, subiu no vaso sanitário, logo abaixo da única janela que dava para o terreno baldio do lado de fora. Amarrou o cadarço cuidadosamente à estreita grade, jogando o tênis em seguida para o lado de fora.

— Mais o que diabos... — disse Felipe sem entender o tom de voz do amigo, que definitivamente não parecia com o de alguém que acabara de ser preso injustamente, muito menos entender o que estava fazendo.

— O que você está... — disseram Vicente e Rose quase que simultaneamente.

— Agora tudo que temos que fazer é esperar — disse André confiante, sentando-se na privada. Um dos pés descalços exibia orgulhoso uma meia suja e furada.

— Então você está querendo me dizer que Pedro te entregou para a polícia em troca de uma recompensa? — Vicente andava de um lado para outro. — Todos dessa cidade estavam te procurando? Filho da puta! E ainda cheguei a acreditar que ele pudesse nos ajudar. — Estava furioso demais para dar atenção aos detalhes. Rose e Felipe, ao contrário, começavam a entender.

André deu um sorriso em resposta às testas franzidas. Eis então que uma voz tímida do lado de fora se pronunciou, fazendo André erguer os olhos para cima, em direção à pequena janela. Vicente, ao ver o sorriso do amigo e o chamado do lado de fora, não pode acreditar no que André acabara de fazer.

— Cara, você é maluco!

— Oi Pedro! Estamos aqui — disse André pela janela, trepado na privada.

— Graças a Deus! Estava tão nervoso.

— Não pareceu. Por um momento, senti até medo que fosse verdade. Conseguiu as chaves?

André colocou uma das mãos para fora, voltando com um relógio e um pesado molho com pelo menos vinte chaves.

— Agora é com vocês. Esperem o melhor horário.

— Como vamos saber?

— Você sabe. E o mais importante, sejam rápidos.

André soltou do vaso acompanhado por um alegre tintilar de chaves, chamando a atenção do prisioneiro da cela vizinha. Ele estava perplexo com o que acabara de ver. Só podia ter cheirado muito,

pensou.

— Pronto, chefe! Estão aqui as chaves. Quero que você tenha as honras de nos tirar daqui quando for a hora — disse passando as chaves para Vicente.

— Meia-noite — sussurrou Vicente pensativo. — Teremos apenas um minuto.

— E nem um único pio — disse André agora um pouco menos entusiasmado olhando para os outros presos das celas ao redor. Subiu pela última vez no vaso e recolheu de volta seu tênis.

O resto do dia arrastou-se com lentidão. O tempo fechou e a chuva caiu lá fora ao final da tarde. Os quatro trocaram olhares inquietos, mas pouco falaram. Na cabeça de André, pensamentos passavam cortantes como lâmina, ainda mais afiados a cada vez que um policial entrava para entregar uma refeição, ou apenas olhava para as celas pelo vidro da porta que dava para a recepção. Toda a confiança que sentira ao projetar o plano com Pedro esvaíra-se completamente. Planejar era fácil, estar ali imerso na situação era diferente. Sufocante. Uma coisa era roubar uma chave de uma gaveta que se tinha acesso, outra era passar por um caminho completamente escuro e desconhecido sem ser percebido. Precisariam abrir o portão da cela, abrir a porta que dava para a recepção e finalmente a porta que dava para a rua. Precisariam rastejar em silêncio em meio a vários prisioneiros e dois ou sabe lá quantos policiais. Não seria permitido o mínimo som, nem um esbarrão, nem sequer um imprevisível estalar de ossos. Tudo isso teria que ser executado em apenas um minuto. E, como num passe de mágica, quando as luzes retornassem, não haveria mais ninguém na última cela da pequena delegacia de Nova Jaguaruara.

— Vinte minutos! — disse André verificando o relógio que havia escondido debaixo do travesseiro. Àquela hora, apenas uma única lâmpada amarela no meio do corredor iluminava debilmente as celas. Todos os prisioneiros dormiam.

Vicente pegou o molho de chaves e pôs-se a tentar abrir o portão da cela. O portão abriu as onze e quarenta e três, na sétima tentativa, emitindo um rangido áspero e agonizante. Olhou para o lado, por reflexo do rangido, e assustou-se ao ver que o prisioneiro da cela vizinha havia acordado. O homem levantou-se e aproximou-se do grupo o máximo que as barras o permitiu, curioso demais pelo que estava acontecendo. Vicente fez sinal de silêncio. O preso balançou a cabeça em afirmação.

Caminhou pelo corredor entre as celas até a porta que dava para o saguão de entrada. Seus passos eram os de quem passava por um terreno minado; o molho de chaves balançava minimamente em suas

mãos. Espiou pela janela de vidro da porta, podendo ver os dois policiais de plantão. Assistiam a um filme erótico barato. Contaria com a ajuda daquela *distração*, pensou.

E eis que aquela palavra bateu-lhe de frente, ribombando em seus ouvidos mais alto que o silêncio. Como pôde não ter pensado nisso antes? Como pudera ser ingênuo a ponto de acreditar, juntamente com os outros, que passariam como fantasmas por tantas pessoas sem emitir o menor ruído? Precisariam de uma distração. *Era óbvio!* As pernas tremeram ainda mais a essa conclusão e o sabor amargo da adrenalina invadiu-lhe a boca. Encaminhou-se então para a cela mais próxima e começou a tentar as chaves.

— O que tá fazendo, Vicente? — sussurrou André saindo da cela. Por mais discreta, sua voz acordou outros dois presos.

— Improvisando — disse Vicente abrindo a segunda cela.

— Olha que safada!

— Foi exatamente assim que eu peguei a irmã do delegado. Desse mesmo jeitinho. Você não tem ideia de como foi fácil levá-la para a cama.

— Você fez isso aí com ela, Geraldo? Com essa pança? — disse Bernardo, deitado na cadeira como os braços para trás e os pés cruzados sobre a mesa.

— Isso lá é nada. Dei conta do recado. Mas o delegado não pode nem sonhar que isso aconteceu, senão já era — disse passando o indicador pelo pescoço.

— Por mim, nem se preocupe. Está seguro. Não sou de espalhar mentiras por aí.

— Você é um imbecil, Bernardo. Olha essa agora! Olha que belezinha! — disse apontando para a televisão.

— Nem vá se animando muito — disse indicando o relógio de parede. — Vamos perder essa parte.

Meia-noite.

As luzes da sala desligaram-se juntamente com o estalo abafado do antigo aparelho de televisão. Uma pausa de silêncio, tão importante quanto o intervalo entre uma nota e outra, abrindo espaço para o inesperado clímax em uma sinfonia. Como se fosse música, um grande estrondo preencheu a recepção.

A porta foi arrombada com tamanha violência, fazendo a maçaneta ser lançada do outro lado da sala. Passos velozes e pesados invadiram a recepção, como uma cavalaria, um assalto de bestas do inferno. Os policiais não tiveram sequer tempo para entender, muito menos para pegar a arma mais próxima. Foram devorados por um mar de socos, tapas e pontapés. Mesas e cadeiras tombavam ao sabor da violenta maré, quadros caíam das paredes e jarros eram arremessados

de toda parte. Os policiais deitaram-se encolhidos em tentativa de defesa e era somente isso que lhes restava diante do ataque inesperado, agir feito sacos de batatas.

As luzes então se acenderam e os dois policiais estavam mais uma vez sozinhos na recepção.

Bernardo levantou-se com dificuldade, podendo sentir que tinha pelo menos duas ou três costelas quebradas. Seu rosto ardia quente; sua sobrelanceira direita sangrava, derramando sangue por sobre o olho e a bochecha e tingindo de vermelho sua camisa branca. Geraldo estava desacordado.

Foi até uma mesa próxima, agora quebrada ao meio, com as pernas tombadas em ângulos descombinados. Conferiu a gaveta onde ficavam as chaves das celas e quão grande não foi sua surpresa ao ver, junto a todos os outros objetos, o grande molho de chaves brilhando inocentemente a um canto. Mancando, dirigiu-se até a porta que fora arrombada e adentrou pelo corredor entre as celas. Todas as grades estavam abertas, porém não havia qualquer sinal de arrombamento. Bernardo coçou a cabeça e voltou para a recepção. Ninguém, nem mesmo depois de muita discussão, jamais entendeu como se dera aquela fuga.

— Não acredito que deu certo! Agora sim somos criminosos — disse Felipe ofegante, entre risos, com o corpo inclinado e as mãos sobre os joelhos.

Estavam próximos à saída da cidade.

— Para onde devemos ir? — perguntou Rose.

— Acho que devemos procurar por Pedro — disse Felipe.

— Não! — disse Vicente. — A pousada será o primeiro lugar aonde irão nos procurar.

— Não sei vocês, mas eu vou voltar para a velha igreja.

— Não diga bobagens, André. Não vamos conseguir ajuda aqui. Temos que voltar para Fortaleza — retrucou Felipe.

— E quer fazer isso a pé, grande gênio? Temos que achar Maria, ela deve estar presa em algum lugar por esses malucos. — André deu as costas e começou a caminhar pela estrada no sentido que levava à velha igreja.

— E se ela tiver descoberto algo antes da gente e já tiver ido para Fortaleza? — disse Vicente, enquanto André se afastava.

— Ela já teria mandado ajuda.

Um carro aproximou-se com os faróis apagados, parando ao lado do grupo. Vicente estremeceu ao percebê-lo e, por um minuto, teve certeza de que seriam novamente presos.

Capítulo 14

Pôsteres e desenhos de alunos pregados às paredes criavam uma atmosfera bobamente alegre, não combinando de maneira alguma com o que Bruno estava passando naquela manhã. A sensação de infração recém-cometida e o medo de estar prestes a ser confrontado por um adulto fazia sua barriga sentir-se leve e desconfortável como um balão.

Embora Raquel parecesse profissional demais, segura demais, enquanto dava a aula, algo sutil em seus gestos ou em como terminava uma frase ou outra fizeram Bruno suspeitar de que ela estava nervosa, talvez tanto quanto ele, pelo que viria a seguir. Os raros olhares trocados de denúncia e culpa eram acompanhados por faces ruborizadas, pequenos tremores nos braços e um balançar irregular e alucinante de calcanhares. Aflito por saber que era uma mera questão de tempo que separava aquele momento de segurança para o final da aula e para a inescapável prestação de contas, Bruno pensava com esforço em como sair dali sem ser percebido, em como não ser confrontado jamais. Aquele momento, onde cada um estava preso em seus papéis, limitados a qualquer comunicação mais pessoal ou profunda, foi reconfortante apenas a princípio, transformando-se nos últimos minutos em uma bomba relógio prestes a explodir.

A aula por fim terminou.

— Li sua carta... Digo... Sua redação, Bruno — disse Raquel tentando ser o mais natural, mal percebendo que o menino já escapava com passos firmes em direção à saída. Àquela altura, apenas um ou outro aluno ainda arrumava a mochila para sair.

— Professora, eu quero lhe pedir um favor. Estou arrependido por ter escrito aquelas coisas.

— O que você está querendo dizer?

— Quero que você esqueça tudo isso.

— Isso se chama maus tratos — disse Raquel erguendo sua voz sobre a dele, ao observar que não havia mais ninguém na sala.

— Não entendo o que acontece com a minha mãe.

— Então você assume para mim que algo não está certo?

— Não entendo o que passa na cabeça de vocês adultos. Nenhum de vocês tem o controle da própria vida. E eu já cheguei a pensar que sim... Vocês agem como crianças e simplesmente improvisam o tempo inteiro.

— Querido, isso que você disse faz muito sentido. Mas com o passar dos anos criamos sabedoria o suficiente para sabermos que direção tomar. Improvisamos diante das circunstâncias, erramos muitas vezes, sem dúvida, mas isso nos torna maduros. Só não

podemos permitir que alguém, muito menos uma criança, pague por certos desvios.

— Eu realmente não quero falar sobre isso, professora.

— Lendo sua carta eu pude perceber que sua casa não é um lugar adequado para uma criança. Eu te confesso que também não sei a melhor forma para começar, mas temos que dar um basta nisso.

— Ela não faz isso por mal — disse olhando para a porta, desejando ansiosamente estar do outro lado.

— Temos que pensar em como resolver essa situação.

— Ela não faz isso por mal, Raquel — disse com os olhos ainda fixos na mesma direção, mas com um tom áspero e ofensivo em sua voz.

— Me chame de professora.

Bruno voltou-se para ela com espanto; os olhos estavam cheios de lágrimas. A voz fora firme e educada, mas cortante como uma navalha.

— Peço desculpas, querido — disse enquanto se abaixava diante dele, numa tentativa de recuperá-lo do choque —, mas sua história já me tocou demais. A gente precisa pensar com clareza quais serão os passos que teremos que tomar. Tudo bem?

— Não, *professora!* — A última palavra foi pronunciada de forma forçada e expressiva, quase como se a palavra tivesse um sabor ácido. — Tenho medo do que possa acontecer à minha mãe. Apesar de tudo, eu a amo.

— O que foi aquilo que você escreveu, então? Para que escreveu aquilo? Eu não paro de pensar nisso, Bruno. Estou me esforçando para saber o melhor a se fazer e você quer que eu simplesmente esqueça tudo que uma criança de dez anos escreve numa redação que mais se parece com um pedido de socorro?

— Não precisamos de sua ajuda! Vai ficar tudo bem.

Bruno saiu da sala correndo o mais rápido que pôde. A conversa sendo encerrada da forma que Raquel jamais imaginara em suas conjecturas na noite anterior. Ela trancou a porta da sala e chorou, sentindo-se imensamente fraca diante da situação. Impotente. Raquel desejou ser outra pessoa.

Ao terminar de organizar suas coisas, saiu da sala e caminhou apressada pelos corredores até o estacionamento, de cabeça baixa, com medo de que alguém a abordasse. Um medo infundado, pensou consigo mesma; raramente era procurada por alguém. Entrou no carro e dirigiu em direção à casa da mãe.

— Peço desculpas por eu estar estranha esses dias. As coisas no trabalho não estão indo muito bem — disse entre uma garfada e outra.

— Você já trabalha nesta escola há dez anos, filha. Sempre foi

tudo tão tranquilo, parado demais até, como você mesmo dizia. O que está havendo?

— Aquele garotinho que mencionei da outra vez. Ele está passando por problemas em casa.

— Problemas? Que tipo de problemas?

— Acho que a mãe é alcoólatra, não sei ao certo. Acho que ela pode estar machucando ele.

— Filha, você tem certeza do que está dizendo? — Derrubou o garfo no prato, emitindo um som metálico que doeu nos tímpanos. — Você tem que tomar uma providência, pelo amor de Deus.

— Então agora está do meu lado? Agora acha que devo fazer alguma coisa?

— Filha, por favor. Estou me esforçando — disse tocando em uma de suas mãos.

— Eu sou tão fraca. Não sei o que fazer.

— Raquel, deixe de bobagem. Talvez você deva procurar a solução diretamente em um conselho tutelar ou algo do tipo. Nem sei ao certo, mas você vai saber resolver isso. Procure pesquisar a respeito. Mas evite tratar disso com pessoas do colégio. Acho que conversar com outras pessoas só vai gerar fofoca e isso não é bom para o menino. Mas você tem provas, filha? Isso é muito sério o que você está dizendo.

— Bem, acho que sim. Um minuto — disse levantando-se para pegar a redação em uma das pastas que estavam no sofá da sala. Enquanto caminhava, animou-se ao perceber que estava conseguindo ter uma conversa razoável com mãe, sobre um assunto real e diferente da morte do pai depois de tanto tempo.

— Tenho isso. — Sentou-se novamente à mesa, com uma folha amassada apontada na direção da mãe. Daquele ponto em diante, nenhuma das duas tocou mais na comida.

Tereza baixou os óculos quase à ponta do nariz e leu a redação. A sobranceira direita erguendo-se gradativamente.

— Bem, isso é um começo, filha. Acho que podem ser necessárias mais provas, testemunhas, não sei. Algum dos coleguinhos da classe já percebeu?

— Acho que não. São apenas crianças... E Bruno é tão solitário. Dificilmente o vejo conversando com os outros alunos.

— Pobre criança, como deve ser reprimida em casa... — A frase foi dita com as últimas palavras perdendo a vivacidade, algo típico da lamentação. Tereza baixou a cabeça e encarou a comida fria e remexida enquanto sentia a folha escapando de suas mãos.

Raquel dobrou o papel sem se importar se estava seguindo os sulcos já existentes. Fez menção de se levantar, mas vacilou e manteve-se sentada ao lado da mãe. O ar saiu sibilado de seus

pulmões.

— Filha, não sei se esse é o momento adequado para tratar disso, mas... Você já pensou em voltar a morar aqui comigo?

— Você sabe o porquê de eu ter saído de casa, mamãe. Sei que vocês tinham dificuldades de aceitar isso e confesso para a senhora que estou bem melhor agora que moro sozinha.

— Seu pai que sempre teve problemas de lidar com isso, Raquel. Ainda mais quando começou a beber daquele jeito.

— Então não tinha pulso para ir contra as ideias dele? Era só isso? Não era o que me parecia.

— Não fale assim, filha.

— Por favor, podemos terminar essa conversa aqui? — disse Raquel tocando em seu ombro da forma mais carinhosa que conseguiu, mas a sensação era indescritivelmente fria para Tereza. — Estou conhecendo alguém... Não tivemos nada ainda, mas sinto que essa não é a hora de voltar para esta casa. Já tenho quase quarenta anos. Devo começar a pensar na minha própria família.

Diferente das outras vezes que haviam tocado no assunto, Tereza limitou-se a ficar calada, não fazendo acusações nem perguntas infelizes e impensadas como: de que forma você planeja ter um filho? Ou: o que vai passar pela cabeça da criança quando perceber os olhares dos outros ao ver os três caminhando pela rua? Ou a mais clássica: você tá doida, sua maluca?

— Preciso mesmo ir. Já entro para o turno da tarde — disse Raquel, quebrando a linha de raciocínio que a mãe tentava inutilmente estabelecer.

— Tudo bem.

Tereza levantou-se e seguiu Raquel em direção ao portão. Antes que a filha lhe pudesse escapar, ela a tomou pelos braços e a envolveu em um abraço apertado. Raquel retribuiu, mas a sensação de proteção e reconforto não lhe foi bem-vinda. Sentiu-se ridícula e impotente, como uma menininha de dez anos despedindo-se da mãe para ir à escola.

— Desculpa, mas você não queria me mostrar algo? — perguntou desinteressada, com o único objetivo de espantar o longo abraço.

— Eu perdi. Apareceu na minha mesa de cabeceira, mas não está mais lá. Eu também tinha uma cartinha para te mostrar.

— Como assim “apareceu”? Por favor, não vá me dizer que era do papai.

— Deixa pra lá. Boa tarde, filha. — Tereza sorriu constrangida, e fechou o portão.

Após a última aula da tarde, Raquel deparou-se com um menino

magro e despenhado sentado a um canto do estacionamento, próximo ao seu carro.

— Bruno? — Deu dois passos acelerados em sua direção. — O que você faz aqui a essa hora? Já é quase noite! — Suas palavras saíram atropeladas. O uniforme e a mochila, além da expressão cansada, fizeram Raquel entender que ele estava ali desde o final da aula de manhã.

— Não sei o que houve — disse olhando as horas. — Estou esperando minha mãe.

Raquel levantou o menino pelo braço com expressão de raiva. Embora ele tenha percebido a expressão de relance, sabia que aquele sentimento não era voltado para ele. A raiva dela trouxera-lhe reconforto e apoio. Bruno sentiu-se melhor no mesmo instante. Na verdade, ele sentiu-se bem tão logo ela tinha chegado.

— Como sua mãe pôde ter esquecido você? Como pôde? — gritou para o menino como se ele, e não sua mãe, tivesse acabado de esquecer alguém por mais de seis horas.

— Eu liguei várias vezes, mas ninguém atendeu. Minha última esperança foi esperar aqui ao lado do seu carro. Não sabia o que fazer.

— Não diga isso, *filho*. — Um sabor agri-doce despontou em sua boca ao pronunciar a última palavra e, por um instante, ficou pensando se já havia usado essa palavra para se referir a outro garotinho. Era o apelo da situação, só isso. — Vou deixar você em casa.

— Muito obrigado, professora Raquel.

— Podemos combinar uma coisa? Quando não estivermos dentro do colégio, pode me chamar apenas de Raquel.

O menino sorriu e entraram no carro.

— Não prefere que te deixe na casa de seu pai?

— Não vai dá. Ele tá viajando de novo — disse colocando metade da cabeça para fora da janela para observar melhor o céu.

Ao seu lado, Raquel olhava para o seu tamanho, ficando na dúvida se o mandava ir para o banco de trás ou não. Desistiu da dúvida e deu partida.

O céu apresentava uma mistura de cores confusa, uma imensa variação de azuis salpicadas por tonalidades rosa, laranja, verde e tantas outras cores sem nome. As primeiras estrelas apareciam timidamente na imensidão. Bruno pensou em mostrar o céu para Raquel, mas desistiu ao achar que poderia parecer bobo demais. O carro começou a andar, ou a parede e o poste ao lado? Confundiu-se Bruno e sorriu consigo mesmo, sentindo-se mais bobo ainda. Faróis e sinaleiras começaram a ganhar vida, piscando por toda parte, com o cair da noite.

O trânsito terrível deixava claro para Raquel que levaria pelo

menos duas horas para deixar o menino e voltar para casa. Com sorte! Pegar a Avenida 13 de Maio àquela hora era complicado. Depois teria que voltar tudo, seguir pela Aguanambi e cair na BR-116. Não se importou a princípio, era sexta feira e ela nunca tinha nada marcado no que se refere à dita vida social depois do trabalho.

O carro não experimentou a segunda marcha nem seus cabelos o sabor do vento. O trânsito estava incrivelmente congestionado. Raquel, agora à beira da impaciência, tentou as mesmas rádios pelo menos cinco vezes. Nada. Olhou para Bruno de esguelha, como tanto fizera ultimamente, vendo que o menino parecia não se incomodar com o tráfego. Estava distraído, olhando para o mundo, agora com apenas um terço da cabeça para fora da janela, temeroso pelas motos que passavam livres. Raquel, passando ao lado de uma lanchonete de que gostava muito, e que mais vezes ainda dizia que jamais voltaria, disse:

— Ah, meu Deus! Você não almoçou.

— Eu tinha um pacote de biscoito na mochila. Dá pra aguentar até chegar em casa.

— Imagino que esteja faminto. Está em crescimento. Além disso, confesso que também estou com uma fome — disse sorrindo, tocando na barriga enquanto fazia uma larga careta. *Fome!* Repetiu a palavra com uma voz diferente, engraçada até, imaginou.

Adentrou no estacionamento da lanchonete, sabendo de antemão que a comida não lhe traria tanto reconforto quanto o de sair daquele congestionamento. Seria só mais essa vez.

Ele não entendeu a súbita manobra.

— O trânsito está terrível! Que tal comermos algo e depois eu deixo você em casa?

Bruno sorriu timidamente em aceitação. Era a primeira vez que um adulto que não seu pai pagaria algo para ele. Saiu do carro com passos lentos e envergonhados, mas que ganharam vida ao segurar a mão oferecida por Raquel. Algo nela era energizante, ele percebeu.

Sentados e com os pedidos já feitos, Raquel não soube por que caminhos conduzir a conversa naqueles minutos ociosos de espera. Enquanto tentava tirar dele informações sobre a família, sentia cada vez mais estar cavando em meio a pedregulhos. Ela precisava conquistar sua confiança. A comida finalmente chegou e junto com esta, a sensação de que devia mudar o rumo da conversa. Falaram sobre filmes de animação, desenhos e jogos enquanto comiam sanduíche e batatas fritas, cada qual com um enorme copo de setecentos e cinquenta mililitros de refrigerante. Raquel, muito embora trabalhasse com crianças, jamais precisara ter vínculo maior com nenhuma, mas, de alguma forma, sabia que estava se saindo bem. Ela passou para Bruno algo que ele experimentava apenas de forma

ocasional, a sensação de segurança que só um adulto poderia passar para uma criança. Raquel imitava personagens e gesticulava engraçado não dando atenção para as pessoas das mesas do lado, certamente parecendo ridícula, mas alegre demais com o sorriso de Bruno para importar-se.

Uma hora depois, Raquel pediu a conta e, vendo que o trânsito estava melhor, seguiram o caminho. No carro, o silêncio mais uma vez mostrou-se reinante, sendo quebrado por Bruno apenas pouco antes de chegar ao endereço indicado.

— A senhora tem filhos?

— Não — respondeu secamente, mas não se incomodando como quando era abordada por adultos sobre o mesmo assunto.

— Por que não?

— Não sei, querido. — Sorriu. — Quem sabe um dia.

— Eu sei. Sei também outra coisa.

— O quê?

— Você seria uma ótima mãe.

Raquel sentiu os lábios tremerem e a visão turvar. Como aquele pirralho pudera desconcerta-lhe dessa forma? Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Bruno continuou:

— Chegamos! Moro nessa casa próximo ao pé de castanhola. A casa azul.

Raquel estacionou.

— Tudo bem, Bruno. Trouxe você, mas preciso falar com sua mãe. Ela deve ter uma boa explicação para isso — disse Raquel, saboreando-se com a expressão de susto do menino ao vê-la saindo do carro. Era a sua vingança.

Da calçada, puderam ver que nenhuma luz da casa estava ligada, dando a uma primeira vista a impressão de não haver ninguém. Ao aproximar-se da porta, entretanto, Raquel pôde ouvir o som baixo da televisão. O jornal da noite estava terminando. Bruno pegou a chave reserva atrás de um pequeno jarro na janela que dava para a varanda e abriu a porta, que respondeu com um rangido lamentoso e demorado. Raquel bateu os pés no tapete e adentrou a casa ao seu lado.

O que pôde ver com a fraca e multicolorida luz da televisão foi lixo espalhado e muita bagunça pelo chão da sala, até Bruno ligar a luz e ela perceber que o que tinha captado era apenas uma pequena parcela da composição final. As respostas para o comportamento de Bruno estavam todas ali, defronte aos seus olhos. Um homem sem camisa de bruços no sofá com um dos braços pendendo; uma mulher deitada no chão com um antebraço repousando por sobre os olhos. Na mesa de centro, duas fileiras de um pó branco cuidadosamente arranjadas, uma garrafa de vodca pela metade de pé e outra vazia

tombada ao lado. A atmosfera era tomada pelos cheiros de suor, vômito e sexo.

— Deus do céu! Não posso deixar você aqui. — O olhar perdido pela sala, sempre a achar mais detalhes. Próximo à televisão, um porta-retratos de Bruno, um pouco menor, usando uma camisa verde listrada. O menino da foto tinha um sorriso que Raquel conhecera apenas àquela noite.

— Aqui, olhe para mim — chamou o menino, tentando desviar a atenção de Raquel. — Está tudo bem! Tive uma noite ótima. Já jantei e vou agora para o meu quarto. Prometo só dormir depois que eu fizer a lição de casa e escovar os dentes.

Raquel sentiu-se uma criança em frente à segurança passada pelo moleque.

— Tudo bem. Só peço uma coisa. Se algo sair do normal, pode me ligar?

Raquel tateou os bolsos, encontrando uma caneta e o cupom fiscal da refeição que haviam acabado de fazer. Anotou seu número no verso e passou o papel para ele, despedindo-se.

Ela voltou para casa com uma sensação diferente, crescendo e arranhando violentamente sua pele por dentro. Uma sensação de força e protagonismo jamais experimentados. A vontade de sair da concha, agora apertada demais, era sufocante, quase claustrofóbica.

Raquel dormiu cedo àquela noite, um sono profundo, que certamente teria se estendido até às onze horas da manhã do sábado, se não fosse por uma visita inesperada cedo de manhã.

Enquanto o céu lá fora clareava, dando entrada a luz e calor crescentes, o quarto de Raquel, pelo contrário, era tomado por um frio mórbido e inexplicável. Ela puxou o lençol de forma a cobrir os ombros, mas não adiantou. O incômodo afastou-lhe o sono. Raquel levantou-se, pôs os óculos e caminhou até a cozinha para tomar um copo de água. A garganta estava seca. Cambaleando sonolenta de volta ao quarto, pôde perceber que somente lá estava frio. O chão estava gelado. E não fora apenas a percepção do frio que primeiro açoitou-lhe os sentidos, um cheiro outrora íntimo, agora quase esquecido, a fez lembrar-se de alguém. Enquanto a mente engatava veloz em busca de uma resposta, os braços cruzados diante do corpo tremiam levemente.

Ao aproximar-se da cama, Raquel assustou-se ao perceber um envelope amarelo em cima da penteadeira. Enquanto tentava com esforço decifrar que envelope era aquele e como teria aparecido dentro de seu quarto, próximo de suas coisas, Raquel embarcou numa onda súbita de medo, imaginando haver alguém a mais dentro da casa. A sensação de pânico, porém, foi rápida e insignificante quanto o

furo de uma agulha. Não demorou um segundo. As bordas amassadas e vigorosamente retesadas, acrescidas de ausências de material em vários pontos pelo trabalho de traças, ajudaram-lhe a recordar daquele papel. Uma lembrança solta, praticamente apagada de sua memória, levantara voo livre e solto como um passarinho encarcerado ao perceber a menor chance de escape. E a lembrança pairou, diante dos seus olhos, enevoadada por aquele cheiro que agora preenchia o quarto.

Era uma carta escrita aos dez anos de idade, em uma atividade do colégio para o dia dos pais. No dia, a professora havia levado papéis dos mais diversos tipos, junto com uma variedade de lápis de cor, canetinhas e giz de cera. Raquel entregou aquela cartinha para o pai tão logo chegara em casa. Luís guardava todas as cartinhas da filha em uma gaveta do guarda-roupa. Dia dos pais. Aniversário. Natal. Mesmo na adolescência, Raquel ainda animava-se ao ver as velhas cartas guardadas, mesmo não havendo mais novas, nem a mesma relação de amizade e proximidade com o pai. Um dia, após uma discussão, Luís pegou as dezenas de cartas com as duas mãos, rasgando-as e jogando os pedaços aos seus pés. *Não sei onde errei para ter uma filha assim!* As palavras bateram-lhe de frente como um caminhão. Raquel correu para o quarto e escondeu-se, lutando contra o desespero e a vergonha. Horas depois, quando a casa estava tomada por um silêncio inebriante, Tereza foi limpar o quarto e encontrou uma única carta ainda intacta. Guardou-a em suas coisas, escondida durante anos. Para quando os ânimos se acalmassem, quem sabe.

Raquel pegou a carta com as mãos vacilantes e abriu o envelope. Uma única frase cercada por borboletas, estrelas e caracóis nas bordas do papel. Leu então suas próprias letras em uma caligrafia torta e infantil que diziam:

FELIZ DIA DOS PAIS PARA O MELHOR PAI DO MUNDO.

Pegou o celular e, não se importando com o horário, ligou para a mãe.

— Raquel?

— Acho que encontrei o que você estava tentando me mostrar esses dias.

Pelo espelho da penteadeira, Raquel viu um homem de cabelos brancos olhando para ela; estava à entrada do quarto. Um vislumbre apenas, uma imagem fugaz, fazendo-a conferir com o toque suave de seus dedos se realmente havia colocado os óculos. Compreendeu por fim a quem pertencia aquele cheiro. Estremeceu. Sentiu o frio perverso do medo a envolvê-la, abraçando sua pele, mas apenas até olhar diretamente para a porta e não encontrar ninguém ali.

O cheiro e o frio sumiram em segundos e logo o quarto começou a aquecer-se com os primeiros raios de sol da manhã, adquirindo sua típica atmosfera de poeira e mofo.

— Raquel? Raquel? Está tudo bem? — insistiu Tereza após um longo tempo sem resposta, até finalmente ouvir a voz rouca da filha do outro lado da linha dizendo que Luís estivera ali.

Capítulo 15

Bonifácio acordou num sobressalto, com uma dor de cabeça lancinante que parecia rachar-lhe o crânio. Procurou pelo quarto os contornos da esposa e do berço ao lado da cama e lá estavam eles, levemente recortados da escuridão pela fraca claridade da lua que adentrava pela janela. A casa estava em total silêncio, afastando assim a ideia de que algo o despertara.

Ao fechar os olhos, foi então surpreendido por uma batida tímida na porta. Parecia vir lá de fora. Fraca e distante, fazendo-o imaginar se não seria apenas um sonho. Uma batida então vigorosa fez Cândida acordar ao seu lado.

— Quem será a essa hora, Bonifácio? Tomara que não acordem o bebê — sussurrou Cândida tocando um dos braços do marido.

— Fique na cama, vou ver quem é. — Bonifácio levantou-se, sustentando o peso da cabeça em uma das mãos.

Do lado de fora do quarto, esbarrou-se com Sebastião, também curioso para saber quem seria àquele horário. Caminharam juntos até a sala, parando diante da porta de entrada. A única luz que adentrava o cômodo era da pequena brecha entre a porta e o chão, a qual acusava quatro pernas inquietas. Mais uma série de batidas na porta, cada vez mais forte.

Bonifácio sentiu uma estranha fisgada na espinha, como se uma pinça o cutucasse lá dentro, na altura do pescoço. A sensação de desconforto aumentou. Ele passou a mão pela lateral do pescoço, massageando a nuca.

— Você acha que é pra você, Bonifácio? — disse Sebastião repousando uma das mãos em seu ombro.

— O que pensar? Alguém mais dessa casa receberia uma visita a essa hora? Pode deixar que eu abro. Só peço para que fique aqui, no caso de ser algum arruaceiro.

— Você sabe que ninguém da cidade aprontaria justo nessa casa.

Bonifácio não respondeu. Abriu a porta e impediu a última batida de mais um ciclo ser concluída. O punho fechado ficou suspenso no ar, próximo ao seu rosto.

Um homem muito bem vestido, com roupas de tecido e corte que Bonifácio jamais vira, olhou assustado para ele, parecendo surpreendido, mas de forma alguma envergonhado ao ouvir o choro de uma criança iniciando do interior da casa. Ao seu lado, uma mulher com um belo vestido e uma expressão indecifrável varria com os olhos o alpendre; os braços cruzados protegiam os cotovelos com as mãos.

— Você seria Bonifácio? — gritou o homem, observando-o como

quem olha para uma obra malfeita ou inacabada. Apreciou curioso algo que esperava ser diferente.

— Sim, sou eu. — Bonifácio estendeu a mão, sendo apertada leve demais pelo homem. Bonifácio olhou por sobre o ombro do visitante, percebendo dois grandes cavalos e uma bela carruagem parados à rua.

— Trouxemos nossa filha. Gostaríamos de saber qual o seu preço para vê-la. Ouvimos rumores de que você é um respeitado... Curandeiro? Desculpe-me não sei ao certo como dizer.

— E assim eu prefiro. Como você se chama, a propósito?

— Meu nome é José Augusto Eloá.

— Espanto-me com a urgência de sua visita — disse Bonifácio, indicando com os olhos o choro vindo de dentro.

— Peço desculpas, mas gostaria de saber o quanto você cobra para ver uma jovem enferma.

— Não ganho dinheiro dessa forma, senhor. Não faço disso uma profissão.

— E do que o senhor vive? — disse o homem, olhando para a pintura descascada das paredes do alpendre.

— O que sua filha tem? — retorquiu Bonifácio.

— A verdade é que já levamos nossa filha para os melhores médicos da capital, mas ninguém sabe identificar o problema. O último que visitamos disse que o que ela tem não pode ser tratado pela ciência. A negra que trabalha lá em casa desde então nos perturba com o seu nome. Ela morou nessa parte do estado quando jovem e disse que foi curada por você. Não acreditamos muito nas conversas dela, mas olhe agora onde estamos. — Ele abriu um sorriso sincero, amargo.

— Vocês acreditam que eu posso ajudá-la?

— Ora homem, que diferença isso faz?

— Tragam a menina — disse Bonifácio; a ordem indo de encontro à vontade das mãos, que se apoiavam na porta a querer fechá-la.

— Padre Honório não consegue trazê-la sozinha. Deixe-me ajudá-lo — disse caminhando para a saída do alpendre, descendo então os três degraus que dava para a rua.

— Padre Honório? Vocês trouxeram o padre? — disse confuso, imaginando qual seria o interesse do padre em acompanhar aquele casal em plena madrugada até a sua casa. Ele não ouviu a pergunta e a esposa, ainda à porta, mantinha-se impassível. — A moça não consegue caminhar? — insistiu à recurvada senhora, que sustentava um olhar atento ao redor, como se a casa estivesse repleta de bichos prestes a atacá-la. Incomodado com o seu comportamento, torceu para que ela deliberadamente não o respondesse.

— Está amarrada — disse finalmente em uma voz baixa e

anasalada.

— Como? — Ele teria pagado com o mesmo troco, não fosse o susto gerado por aquela resposta.

E logo viu Augusto e o padre trazendo a menina nos braços, enrolada em um lençol imundo. Bonifácio virou-se para a escuridão da sala e pediu para o primo acender uma vela. Fez então sinal para que entrassem.

A mulher foi a primeira, de braços ainda cruzados. O nariz contorceu-se aos novos odores do interior da casa e aos olhos não escaparam quaisquer detalhes; certamente a primeira casa que adentrava que não os casarões da capital. Que barulheira! Sua expressão proclamava. O bebê ainda berrava lá dentro.

Bonifácio indicou onde deitar a enferma. E foi atingido mais uma vez por uma nova fígada, tão logo adentraram a residência, pai e padre, com a garota.

A menina foi colocada numa cadeira de balanço, deitada o suficiente para que não caísse. Os braços e as pernas formavam ângulos desconfortáveis mesmo para o olhar, a lembrança de um boneco de pano que houvesse sido arremessado ali.

Sebastião olhou para Bonifácio com expressão de dúvida, como que querendo uma explicação para aquilo que estava diante deles, mas não conseguiu fazer o mínimo contato visual. Bonifácio estava com os olhos pregados à moça. Parecia perdido, caindo em um abismo.

A jovem usava um vestido rasgado que por um dos buracos escapava-lhe um mamilo. O vestido estava sujo de sangue e vômito. Punhos e tornozelos estavam presos com tiras de pano de aspecto improvisado, apertados a ponto de tornar-lhe mãos e pés arroxeados. Os cabelos desciam colados pela face suada, parte adentrando a boca, que se mantinha escancarada na iminência de estourar a articulação. Com o pescoço virado, os olhos avermelhados apontavam para o telhado. E então, em um movimento agonizante, os olhos giraram em suas órbitas paralisadas, estacionando fixos aos de Bonifácio; a boca ofídica mantinha-se escancarada como se prestes a dar o bote. Bonifácio viu o próprio reflexo nos grandes olhos.

Apesar dos tornozelos presos, ela abriu as coxas o máximo que pôde, permitindo-lhe ver a vagina. Ela riu alto. Aquela risada, mais precisamente um grito maléfico, sacudiu Bonifácio e ele sentiu que algo estava errado. Algo que o fez pela primeira vez duvidar. Não era como das outras vezes que recebia algum doente. Desta vez, ele sentia que não estava no controle. Ao invés de sentir que poderia curar, sentiu-se prestes a ser contaminado.

Ainda que temeroso, deu um passo em direção à jovem, fazendo-a debater-se em agonia com a sua aproximação. Ela não era a única a sofrer; a cabeça de Bonifácio estava a um nada para explodir. Pensou

em desistir e dizer para o casal que tudo eram apenas histórias, mas, sem pensar, agarrou um dos braços da menina de supetão, como quem agarra uma serpente peçonhenta antes de ela atacar.

Bonifácio entrou.

Caminhar por aquele corpo era como explorar uma caverna sombria. Bonifácio tateava no escuro, tentando entender aquela estranha superfície. Sentiu então algo além dele e da menina confinados naquele pequeno espaço. As paredes começaram a arder e tudo pareceu queimar. Ódio e dor fluíram pelo sangue borbulhante, contaminando cada célula do corpo, que se contorcia em fúria ao tentar ser reparado. Bonifácio sentiu-se impotente e dominado. Uma sensação crescente e perigosa de enclausuramento então o abateu. Não conseguia respirar, era como se estivesse sendo enterrado vivo. Afogado num maldito e denso breu. Falta de ar e distonia de sentidos. Braços e pernas em contrações violentas, tomados pelo desejo agonizante de se esticar. O corpo da menina seria o seu caixão, ele pensou. Tentou uma, duas, mas somente na terceira tentativa Bonifácio conseguiu soltar-se, caindo com violência no chão da sala ao lado da cadeira.

Mas ele não fora o único a sair.

Bonifácio olhou ao redor. Sua visão estava borrada. Vomitou e desmaiou, caindo ao lado da poça de vômito e sangue. Sua última visão antes de apagar foi a de Sebastião e o padre se aproximando.

— Não posso aceitar, Augusto. Você acabou de...

— Fala do que doeie à igreja por ter nos trazido aqui? Eu insisto. Veja o melhor que pode fazer para a igreja e para as pessoas dessa cidade, padre. E não se esqueça de doar uma parte para esse pobre coitado. Espero que se recupere logo.

— Já que insiste, pode ficar de coração tranquilo — disse precipitando-se sobre a pequena caixa e tomando-lhe nas mãos com o cuidado de quem segura um ovo. — Deus sempre me orienta na melhor forma de ajudar esse povo.

— Não sabe o quanto estamos agradecidos por terem livrado nossa filha desse mal, padre. Mal posso acreditar que nosso tormento acabou. Não aguentaríamos uma noite mais naquela casa com tudo o que acontecia.

— É uma grande sorte para essa cidade ter um padre como você. Obrigada. — Uma voz feminina e juvenil estranhamente desagradável despertou Bonifácio. E ele ouviu os passos das visitas inesperadas daquela noite deixando finalmente a casa.

Bonifácio manteve-se quieto como morto até ter certeza de que estava a sós com Sebastião. Quando sentiu o primo sentar-se ao seu lado, abriu os olhos, surpreendendo-se com o contentamento em seu

rosto ao vê-lo despertar.

Sebastião conduziu Bonifácio ao quarto. Estava em silêncio. Cândida e o bebê dormiam. A pedido de Bonifácio, Sebastião acendeu uma vela. Sabia que naquela noite já não conseguiria mais dormir e que a luz emanada pela pequena chama de alguma forma seria a única coisa que espantaria de sua cabeça aqueles grandes olhos.

Capítulo 16

— Rápido, entrem no carro! — Uma voz estranhamente familiar saiu de dentro do veículo, que se aproximou com os faróis apagados.

— Pedro? Não acredito que é você — disse André sentando-se no banco da frente. Os outros pularam para o banco traseiro.

— Percebi depois que não adiantaria tudo que planejamos se eu não estivesse de prontidão, esperando por vocês. A cidade inteira acordou com a confusão! Vocês não iriam durar muito tempo por aí a pé.

— Péra! Pra onde você tá indo? — perguntou André ao perceber que ele estava prestes a fazer o retorno. — Queremos ir para a antiga igreja.

— O mais prudente é deixá-los na cidade vizinha. Sai um ônibus para Fortaleza em meia-hora, o tempo exato que levaremos até lá. A polícia já vai começar a varrer isso tudo.

— E não vão chegar na igreja antes da gente.

— Acho que a polícia vai estar bem ocupada hoje à noite — disse Felipe em tom zombeteiro.

— Podem apostar que serão os primeiros a ser procurados — Pedro voltou a girar o volante.

André segurou seu punho.

— Não vamos embora sem Maria — disse Vicente do banco de trás, em apoio ao gesto do amigo.

André segurou a mão de Pedro mais forte, desfazendo o giro. Ouvir aquilo da voz de Vicente o encorajou ainda mais, principalmente por saber que não era o único a sentir que ficar e procurar por Maria era o certo a se fazer.

— Vocês não entendem... — Pedro abanou a cabeça, permitindo, porém, que o carro ganhasse velocidade em direção à antiga igreja.

— O que está acontecendo aqui, Pedro? — perguntou Vicente, colocando a cabeça entre os dois bancos da frente. Os faróis denunciavam gotículas que caíam até então imperceptíveis do céu.

— Sua amiga foi devorada pelo mal que mora aqui.

— Isso não quer dizer nada para mim.

— Fala de maus espíritos? — Inquietou-se Rose, pondo a mão no ombro de Vicente em pedido de silêncio.

— Antes fossem. Falo de demônios. — Entreolharam-se pelo retrovisor e Rose arrepiou-se ao ouvir aquilo. Olhou pela janela numa tentativa de fugir do peso daquela palavra, mas a escuridão lá fora era ainda mais opressora.

— Existem pessoas malucas soltas por toda parte cara, isso sim. Não acredito nessa baboseira — disse André.

— Eles sentem fome. Quando estão do lado de cá, quando residem em terras desse mundo, eles precisam se alimentar.

— Ah, fala sério! — disse Vicente recostando-se no assento, sem ânimo para aquele tipo de conversa.

— Não peço para que acreditem em mim. Só quero que entendam que não há mais o que se possa fazer para salvar sua amiga.

— Você está nos escondendo algo, Pedro? — perguntou Felipe.
— Algo sobre essa cidade?

— De forma alguma. E já que estamos indo nessa direção, acredito que o melhor que eu possa fazer é mostrar-lhes a verdade.

— E não corremos perigo? — perguntou Rose, apreensiva.

— Já passou da meia-noite... E são vocês que estão pedindo.

Os cinco permaneceram em silêncio enquanto o carro seguia pela estrada. Em meio à escuridão e à quietude da noite, o carro parecia a única coisa com luz e vida a quilômetros. A sensação de que seguir naquela direção talvez não fosse a melhor ideia, martelava na cabeça de Rose.

Passados alguns minutos, Pedro estacionou o carro próximo à igreja. Uma névoa fina, gerada pela grande umidade do ar, dançava sobre a estrada.

— O acidente foi por aqui — disse Felipe. Passou a mão na cabeça, sentindo que o galo estava agora com a metade do tamanho.

— Quero voltar ao local do acidente. Ver se tem alguma pista — disse André saltando do carro, sendo acompanhado por Vicente e Felipe. Logo estavam na outra margem da estrada, seguindo em direção à curva. Rose foi a última a sair do carro.

— Vou ficar aqui esperando por vocês.

— Tudo bem, Pedro. A gente se vira daqui. Eles podem dar por sua falta — disse Rose, e correu na direção dos outros.

Ao chegarem à borda da encosta, não encontraram vestígio algum de acidente. O carro capotado não estava mais lá, como já era esperado, mas o mais bizarro foi perceber que o terreno fora garimpado. Vicente desceu até o local exato, tomando um punhado de areia entre as mãos. Não havia cacos de vidro ou dos espelhos dos retrovisores, nem pedaços dos para-choques. Como poderia um carro ter desaparecido, juntamente com todos os estilhaços e destroços assim, em tão pouco tempo? Era como se um acidente terrível não tivesse acontecido ali há apenas dois dias. Tateou a areia na escuridão em busca de algum sinal mínimo que fosse, mas não havia o que ser encontrado ali.

Desanimados, caminharam de volta à igreja, onde um pequeno ponto alaranjado movia-se no meio da escuridão. Pedro estava sentado diante da grande porta central fumando um cigarro. Não havia sinal de seu carro.

— Pedro? Você não foi?

— Logo os policiais passarão por aqui. Escondi o carro em uma vereda próxima. Não podemos deixar pistas de que estivemos por aqui — disse, apagando a ponta do cigarro na calçada da igreja. As portas rangeram no mesmo instante, fazendo Rose dar um pequeno pulo para trás.

— Não precisa ter medo disso. — Guardou a bituca no bolso da camisa. — É uma igreja velha, range o tempo inteiro — disse ele, brincando com um elegante isqueiro cromado.

— Todos os vestígios foram apagados — disse Felipe.

— Eu já podia imaginar — disse Pedro, acendendo outro cigarro.

— E por que nos deixou ir até lá feito bobos?

— Existe uma maldição nessa cidade, André. Os moradores tentam esconder isso há mais de um século, acreditando que essa seja a opção mais razoável para garantir a nossa segurança e a dos outros.

— Deu para perceber o quanto estavam preocupados com nossa segurança — retorquiu André.

— Para onde os destroços foram levados, Pedro? — perguntou Vicente.

— O prefeito da cidade iria conversar com vocês amanhã pela manhã, para saber se poderia contar com a palavra de vocês. Ouvi dizer que eles esconderam o carro para simular um acidente em algum outro ponto na direção de Fortaleza. Corresponder com a data da volta de vocês. Vocês iam inventar os dados do trabalho de campo e dar o parecer de que a área não era adequada para a instalação das torres. — Pedro fez uma pausa. — Ele também precisava saber quantas mortes teriam que simular nesse acidente.

— O que você está querendo dizer, seu maluco? — perguntou André, dando um passo a frente com os punhos cerrados. Vicente bloqueou-o.

— Eles apenas precisam saber quantos corpos iriam utilizar.

— Cara, agora você tá começando a me assustar — disse Felipe.

— Eles queimariam o carro e deixariam os corpos carbonizados. A identificação seria impossível.

— Você está querendo dizer que nos matariam? — disse Rose.

— Vocês seriam mantidos na prisão até eles poderem contar com a palavra de vocês. Um dia seriam soltos, quem sabe. E o acidente seria interpretado como um grande mal entendido. Mas a quantidade de álibis necessários só tornaria as chances disso acontecer cada vez menores com o tempo. Afinal, ninguém aparece anos depois de um acidente do nada, dizendo para a família que não era você dentro do carro. Não importa, a situação é delicada. Tudo teria que ser combinado.

— Um momento. E de onde tirariam esses corpos para simular o

acidente? — disse Felipe.

— As famílias que os cedem do necrotério recebem uma boa quantia em dinheiro. Nada que eles já não tenham pensando.

— Nunca ouvi tanta loucura — disse Vicente com as mãos na cabeça, começando a andar em círculos.

— Não é seguro continuarmos aqui. Eles podem chegar a qualquer momento.

— Pedro, de que lado você está? Por que nos trouxe pra cá se sabia que não era seguro? — Rose perguntou.

— Vocês praticamente me obrigaram a trazê-los aqui. Não joguem essa culpa ou dos eventos decorrentes dessa escolha sobre mim. Eu decidi ajudá-los pelo fato de estar farto disso tudo. Estou farto dessa cidade. Sei que não acreditam em nada que estou dizendo, mas decidi ajudá-los mesmo assim. Só não pensei que seriam burros a ponto de voltarem para o local do acidente.

— Pedro, me passa seu celular agora. Vou pedir ajuda a um amigo. Ele trabalha na polícia de Fortaleza. Vamos pedir ajuda à polícia de lá e acabar com isso, seja lá o que for que esteja acontecendo nessa cidade.

— Já conversamos sobre isso na noite que você apareceu na pousada, André. A decisão é sua. — Pedro atirou o celular para André, que o agarrou na altura do peito. — Toda a polícia estadual já deve estar sabendo. Fazer essa ligação ou voltar para Nova Jaguaruara dá na mesma. Existem outros lugares igualmente assombrados em outros interiores do Ceará. Quem sabe quantos outros pelo país ou mesmo pelo mundo? A polícia sabe e toma providências para evitar que os boatos se espalhem. Esses lugares são cercados, isolados, esquecidos. São apagados dos mapas! Podem procurar, nem nos mapas ou em imagens de satélite eles são encontrados. Ninguém entende como ou por que, mas é como se essas entidades tomassem posse de um local, um terreno ou uma propriedade. Talvez estejam ligadas a esses lugares por meio de objetos materiais, talvez por meio de lembranças de eventos passados... Por sorte, as pessoas acreditam menos nessas coisas a cada dia e essa é a única forma de estar verdadeiramente a salvo.

— Você quer que eu acredite então que demônios estão se alimentando de gente por aí? — disse Vicente desdenhoso, com uma das mãos ainda sobre a cabeça.

— Essa é toda explicação que eu posso dar para o que está acontecendo. — Pedro estava pálido. Tudo que havia acabado de falar ainda ressoava dentro de si. Exibia uma expressão lunática, quase fantasmagórica, em meio à escuridão.

— Gente, pra mim já deu. O cara é maluco! Falou um monte de merda pra tentar nos convencer de algo completamente absurdo —

disse Felipe.

— Vamos ter que nos virar sozinhos então — disse André jogando o celular de volta. — Me passa a chave do carro. — Deu dois passos em direção a Pedro com uma das mãos estendidas. — Quero a porra da chave do carro. Agora!

— O que você tá fazendo? Vai roubar o carro de quem só está tentando nos ajudar desde o começo?

— Rose, abra os olhos! As coisas saíram do controle. Temos que encontrar Maria. Só isso importa agora.

— A essa altura, a estrada já está sendo vigiada, podem apostar. Vocês não conseguirão passar por Nova Jaguaruara — disse Pedro em desafio, com um sorriso debochado. André saltou em sua direção.

— Calem-se todos! Temos que resolver isso da melhor forma — disse Rose interpondo-se entre os dois.

— O que você nos recomenda, Pedro? — perguntou Vicente.

— Tentar sobreviver até a poeira baixar e então fugir da cidade.

— E como fazemos isso? Você mesmo disse que não é seguro estar aqui — disse Felipe.

Vicente estendeu a mão em pedido de silêncio.

— Não temos outra opção. — Respirou fundo, voltando-se para Pedro. — Pedro, eu confio em você.

Vicente emanava uma tranquilidade disfarçada, sabia que como líder do grupo não podia deixar as coisas saírem do controle. Pessoas faziam atrocidades quando escapuliam da borda fina e frágil do equilíbrio. Ele sabia do seu papel de âncora. Não podia deixar nenhum perder as estribeiras ou entrar em pânico. Mas como conseguir realizar tamanho feito, quando ele mesmo já estava quase transbordando? Como poderia prever que uma simples viagem a trabalho terminaria em um pandemônio daquele? Nos últimos dois dias, haviam sofrido um acidente de carro, sido presos e agora tinham que engolir que demônios assombravam uma cidadezinha no fim do mundo.

— Eu perdi meu irmão — disse Pedro. — Exatamente aqui, onde estamos. Ele mais dois amigos não acreditavam nas velhas histórias e decidiram vir aqui para conferir. Era uma espécie de aposta. Eles se encontraram à meia-noite na praça da cidade e pedalararam até esta igreja. Eu os persegui de curioso. Era criança e não sabia onde estava me metendo. Fui descoberto não muito depois da saída da cidade, mas acompanhei-os mesmo assim. Num jogo de azar, eu perdi. O desafio era entrar na velha igreja e trazer algum objeto de dentro, qualquer coisa. Uma prova. Eu não consegui sequer entrar e todos riram de mim. — Pedro enxugou um dos olhos. — João então entrou no meu lugar. Nunca deixaria os outros falarem de nossa família ou nos intitularem como medrosos. E ele voltou com uma antiga taça. Todos comemoram o seu retorno; a prova fora concluída com êxito. Menos

eu. Senti inveja. Já tínhamos começado a pedalar de volta, eu e os outros, e, quando nos demos por conta, ele simplesmente havia desaparecido.

— Sinto muito — disse Rose, instantes depois, quebrando o silêncio gerado. Sentiu um leve arrepio nos pelos dos braços e soube que não era apenas pelo frio da madrugada.

— Esse foi o último caso de desaparecimento? — perguntou André, envergonhado por quase ter iniciado uma briga.

— Sim, foi o último. Todas as pessoas da cidade evitam andar por aqui.

— Desculpe-me Pedro, mas pelo que ouvi, o último caso de desaparecimento não foi o de um garoto, mas o de um homem. Pela foto que vi no mural da igreja, parecia ter algo em torno de uns quarenta anos.

— O que está dizendo? — disse André assustado, voltando-se para ela. — Você sabia o tempo todo dessas histórias e não se importou em contar para a gente?

— Muita calma, André! No primeiro dia quando sai para dar uma volta com Maria, encontrei uma mulher na igreja da cidade. Ela me mostrou um mural com a foto de todos os desaparecidos. Ela pediu para termos cuidado e então...

— Você poderia ter evitado isso, Rose! Escute bem isso! Você poderia ter evitado tudo isso — disse André furioso, com o dedo rijo quase a furar seu peito.

Rose deu dois passos para trás, esforçando-se para não chorar. Seus músculos da face tremeram levemente, mas ela se conteve.

— Não fale assim com ela. Eu teria agido da mesma forma. Nunca daria ouvidos a uma história como essas. Não teria contado nada disso pra vocês e provavelmente terminaríamos no mesmo ponto que estamos agora — disse Vicente.

— Eu digo o mesmo. Não jogue a responsabilidade de toda essa merda em cima de Rose — reforçou Felipe.

André chutou uma pedra solta próxima ao acostamento, fazendo-a chocar-se ao pé de uma árvore. Uma coruja voou assustada. Um vulto branco no meio da noite a saltar um grito estridente.

— Bem, qual o plano? — disse Felipe.

— Procuramos Maria por mais um dia e então damos um jeito de atravessar a cidade sem sermos vistos. Podemos tentar uma carona com algum carro que passe por esta parte da estrada — disse Vicente.

— Isso não vai funcionar — disse Pedro.

— Por que não?

— Primeiro porque não há ninguém a ser salvo. Desculpem-me — disse espremendo os lábios.

— Eu não acredito nisso — disse Vicente.

— Segundo — continuou Pedro —, eles não vão deixar que passem pela cidade. Agora que não vão mesmo confiar em vocês para fazer um acordo.

— Onde estaremos seguros, então? — retrucou Felipe.

— Num lugar que ninguém tem coragem de entrar há mais de cem anos.

Rose olhou com aversão para o lado, batendo seu olhar na parede rachada da antiga igreja. Próximo a ela, uma janela quebrada simulava uma garganta sem fim. Pedacos de madeiras despontavam da abertura como se fossem dentes.

— Um lugar do qual poucos habitantes de Nova Jaguaruara têm conhecimento. E os mais velhos, que sabem da sua existência, já escolheram ser comidos pela terra antes que algo lhe escape pela boca.

— Onde? — disse Rose mais aliviada ao constatar que não teria que passar por aquelas mandíbulas.

Pedro pediu para que o acompanhassem.

Ele retirou uma lanterna do bolso e caminhou até a parte de trás da velha igreja. Procurou duas ou três vezes por uma entrada na mata, provavelmente procurando por traços de uma antiga trilha. Os outros, curiosos com o que diabos aquele maluco estava procurando, aproximaram-se o suficiente para conseguir ver um caminho estreito surgir pelo halo de luz.

Pedro saltou para dentro da mata, sendo acompanhado em seguida pelos outros. Após uns dez minutos embrenhando-se de quatro, arranhando braços e pescoço, o caminho foi tornando-se gradativamente mais fácil. Depois de mais alguns minutos, já podiam caminhar de pé e em fila.

Ao longo da trilha começaram a brotar tijolos soltos ou mesmo pedaços inteiros de paredes, alternando-se e escondendo-se por entre as árvores. Mais alguns passos e o chão abriu espaço para pedras de calçamento justapostas, dando à secreta trilha a estranha aparência de uma rua, que foi tornando-se mais e mais larga. Havia por fim ultrapassando o limite da mata.

Pedro parou de caminhar e olhou para o céu, que começava a emitir uma tonalidade mais clara e azulada entre as pesadas nuvens. O céu bonito acima, entretanto, só fora contemplado por Pedro; os outros estavam surpresos demais com o que estava diante deles.

— Meu Deus! — Rose estava pasma.

Capítulo 17

A cobra deslizou dos caibros para os punhos da rede, na qual a mulher dormia e amamentava o bebê. As escamas brilhavam em um jogo hipnótico e iridescente à chama da vela tremulante, a projetar confusas sombras nas paredes. A sombra do animal era como a de um grande dedo, vindo de cima, a amaldiçoar, a rogar praga, a fazer o mal.

Pendurada pela cauda, a cobra tocou a rede e então escorregou sobre a mesma. Escorreu como um melaço, em um movimento fluido e contínuo como se derretesse; a língua dardejava a frente a antecipar-lhe os sentidos. Subiu finalmente nos ombros da mulher, descrevendo voltas cada vez maiores. E o longo animal enrolou-se aos dois. Os olhos do bebê abriram-se ao sentir o corpo frio, mas manteve-se ocupado em seu trabalho mandibular. A língua raspou-lhe o nariz e o bebê foi empurrado pelo liso focinho. Ao mamilo exposto, a cobra se instalou, mordendo o seio, envenenando-o.

O bebê, assustado, abriu a boca para iniciar o choro, mas teve a boca ocupada pela cauda fria e áspera da serpente. Por instinto, o bebê ocupou-se com a ponta do rabo em sua boca, mas passados alguns instantes, frustrado com o trabalho inútil, rebelou-se. Segurou o fino corpo com a mão e, ao tentar puxá-la do mamilo, levou três botes na face. Violentos como socos no rosto.

Bonifácio sentiu a imensa dor. O veneno, corrosivo como um ácido, correu por debaixo da pele. Além da estranha queimação em sua face, Bonifácio assustou-se ao constatar sua nova condição; suas mãozinhas pequenas iam de encontro aos seios de uma mulher desconhecida. Bonifácio estava nos braços de sua mãe. A mulher descrita por belas palavras por Firmina. A mulher cuja morte sentira-se culpado por tanto tempo finalmente estava diante de seus olhos. Morta.

Num átimo, o corpo da mulher secou, tornando-se frio e impregnado por um odor fétido e pungente. A pele ressecada delimitava não mais que um pacote de ossos e vísceras podres. Bonifácio sentiu os ossos dos finos braços a susterem-lhe, enquanto a cobra enrolava-se ainda mais em seu corpo. Ele gritou de repugnância e dor; o veneno comia-lhe o osso.

Bonifácio acordou com o lençol colado ao corpo. Tocou-se ofegante, conferindo-lhe a integridade. A dor de cabeça era a melhor lembrança.

— Mais um pesadelo? — A voz de Cândida era o melhor remédio nestas situações.

Ele confirmou com a cabeça, sentando-se. Ainda era noite.

— Com o que sonhou? — Cândida passou um de seus braços pela cintura do marido.

— O mesmo de sempre. Está cada vez pior. Sinto como se eles tivessem me desafiando. Desafiando essa droga de... — Olhou para as suas mãos ainda trêmulas.

— Não diga isso! Você tem um dom. Um dom precioso, Bonifácio. Você mudou essa cidade e todos que vivem aqui.

— Não me venha dizer que para melhor...

— Cada um sabe o que faz com sua longevidade.

— Não estou falando disso. Me sinto fraco a cada novo caso. Não falo das doenças que apareciam no início e que ainda aparecem. Falo dessas outras coisas que têm aparecido nos últimos anos. Me sinto fraco a cada novo caso e a cada novo sonho, Cândida. Estou exausto. Sinto que algo está prestes a mudar. Estão ganhando força. Estão à espreita, esperando o momento certo.

— Eu não acredito nisso! Deus está com a gente, homem. Coloque isso na sua cabeça de uma vez por todas.

— Você sabe o que eu penso sobre isso. — Bonifácio olhou para um canto do quarto, pensativo. — Nunca senti a presença dele.

Cândida, não sabendo o que dizer, puxou-o de volta para o seu lado na cama. Ela pegou no sono. Ele não.

— Bonifácio, não se esqueça de dar os parabéns de Firmina. Você sempre esquece. Hoje não é um aniversário qualquer! — disse Clemência ao vê-lo adentrando a cozinha junto de Cândida.

— Como esquecer? Hoje é o aniversário de cem anos de nossa mãe.

— E você sabe que é exatamente assim que a considero — disse Clemência empolgada. — Agora não venham puxar assunto comigo, ainda tenho muito o que fazer. Já dá meio-dia e essa comida não sai. Não sei o que seria se não fosse pela ajuda das meninas — disse apontando para a inquietação de panelas indo e vindo, carregadas pela sua caçula e pelas filhas de Bonifácio.

Enquanto se servia de café, Bonifácio não deixou de reparar em Clemência. Era já uma senhora, mas ainda esbanjava as belas curvas de uma mulher de quarenta. A empolgação dela àquela manhã, diante do evento próximo, tinha ares joviais, de outro tempo, sendo impossível a ele não usar aquilo como passaporte e transportar-se dali. Um pensamento fugaz, há muito não revisitado, veio-lhe cutucar. E ele sorriu. Não seria tudo diferente se ele fosse mais velho quando a tivesse encontrado? Quão sortudo era seu primo, ele pensou.

— Rindo para o vento, homem? — disse Cândida.

— Nada demais. Só pensando em como o tempo passou rápido.

— Que bobagem! Só quando fizer minha idade vai entender

disso — Firmina chegou à cozinha e recebeu os parabéns calorosos do filho e da nora.

Enquanto isso, Sebastião capinava o quintal e organizava as mesas lá fora. Havia dez mesas grandes e cerca de oitenta cadeiras e bancos. Seus dois filhos, muito embora não fosse junho, insistiram em enfeitar o quintal com bandeirolas coloridas. Benvinda seguia as duas pestes, ajudando-os a amarrarem os barbantes. Nos fundos do quintal, as galinhas e os porcos estavam desde cedo trancados em seus cercados.

Os primeiros convidados chegaram ao meio-dia. Firmina ganhou pelo menos uns vinte vestidos e sorriu para aquelas estampas, pensando se ainda teria tempo para tantas. Mas seu presente preferido foi o de Clemência, um pequenino jarro de barro, que foi colocado na estante da sala.

A festa de aniversário transcorreu tranquilamente; a música foi tocada por um grupo de amigos da família e a comida foi servida em abundância. Firmina parecia uma criança. Ela cantava, batia palmas e circulava por entre os convidados com um ânimo inabalável. Somente ao final da tarde, quando o céu mudou de tons e a escuridão desceu, que as pessoas iniciaram o trabalho de se recolher.

Em uma das mesas, agora sozinhos, Cândida perguntou ao marido:

— O que há com você, Bonifácio? Quase não tocou na comida.

— Ainda não estou bem desde que acordei. Algo não está certo.
— Gotas pesadas de suor escorriam pelo seu rosto.

— Ainda o sonho?

Clemência, que passava próximo, aproximou-se brincalhona, não percebendo a reserva do casal.

— Olha só o que ainda nos resta! Quero ver quem dorme nessa casa hoje antes das dez — disse Clemência varrendo com os olhos toda a bagunça diante deles. Com uma das mãos, acenou para alguém que se despedia de longe.

— Tirem as crianças daqui! — disse Bonifácio com violência; seus olhos estavam perdidos no fundo do quintal.

Clemência olhou na mesma direção.

— O que está acontecendo, Bonifácio? — ela disse.

— Você está me assustando — disse Cândida, também se voltando para o fundo do quintal.

Mas não havia nada lá.

O farfalhar intenso e repentino das bandeirolas retirou-as então daquele estado de transe. A Bonifácio não. Ele continuava lá, de olhos cravados.

— Ele está aqui! — De repente, uma pontada em sua cabeça na região posterior. A dor desceu pela nuca e ele segurou o pescoço com

uma das mãos. Seus olhos cegaram e ele tombou desmaiado ao chão.

A queda foi imperceptível, como o caminhar de uma formiga no meio de uma multidão. As poucas pessoas que ainda restavam tiveram toda a atenção agora voltada para o fundo do quintal, para o espetáculo a se iniciar.

Os porcos destruíram a cerca e saltaram por cima dos destroços, um a um, correndo e ganhando velocidade. Endiabrados.

Os grunhidos eram assustadores, quase humanos. Em uníssono, os seis grunhidos fortes e sonoros, emitidos pelos seis porcos, ressoaram naquele início de noite. Eram seis horas.

Firmina puxou dois dos netos pelos braços para dentro, enquanto Sebastião e Benvinda ajudavam as outras crianças a entrarem. As poucas mais de vinte pessoas que ainda estavam ali também correram alvoroçadas para o interior da casa, pela porta que dava acesso à cozinha. Firmina fechou a metade inferior da porta, de onde as várias cabeças ficaram a espiar para as bestas a rugir e a ganhar espaço pelo quintal. Firmina, vendo que Cândida e Clemência ainda estavam lá, diante do corpo caído de Bonifácio, desesperou-se e correu para o seu quarto. Ela sabia o que fazer.

Os porcos corriam confusos e errantes, tombando-se contra as mesas e cadeiras, destruindo quaisquer objetos aos quais se esbarrassem. Cortes na pele e no focinho respingavam sangue pelo areal.

Clemência e Cândida tentaram levantar Bonifácio sem sucesso. Os porcos estavam agora cada vez mais próximos. Clemência gritou por socorro ao ver que um dos bichos, o maior, corria na direção deles. As terríveis patas de cascos fendidos aproximavam-se a galope. Sebastião, vendo a cena à distância, abriu mão da segurança e saltou pela porta.

Sebastião correu em direção ao grupo, levantando uma densa nuvem de poeira ao desviar-se de dois porcos de forma quase acrobática. Pela porta e pela janela da cozinha, as cabeças competiam por espaço, apreensivas diante do ato heroico. Os dois porcos driblados deram meia volta e correram em seu encalço. Sebastião correu o mais rápido que pôde, mas sentiu o gosto do desapontamento ao perceber que não chegaria rápido o suficiente. Clemência e Cândida seriam derrubadas.

— Vamos! Acorde! — disse Cândida, com a cabeça do marido deitada em suas pernas. Reparou então uma marca que nunca tinha observado em Bonifácio. Um sinal do lado direito do pescoço, pouco abaixo da orelha. Ele tinha a cor de sangue.

No último segundo, Clemência virou a mesa mais próxima em um movimento imprevisível, amortecendo o impacto como faria com um escudo. As pessoas vibraram da janela como se assistissem a um

jogo. Elas agora já não esperavam pelo pior. Elas torciam.

Sebastião, contagiado pelos gritos e tomado de alívio, acelerou mais um pouco e saltou na direção do grande porco. Naquele instante, seu corpo esquecera-se completamente de que tinha mais da metade da idade da aniversariante. Pousou ao lado do animal com uma das mãos, em punho cerrado, enterrada no meio de sua cabeça. E ele sentiu os ossos do crânio se quebrando. O bicho caiu diante do tampo da mesa, a qual Clemência e os outros estavam escondidos, soltando um último e distante grunhido.

Mais gritos e aplausos vieram da casa, lembrando-o que outros porcos se juntavam e corriam em sua direção. Sebastião saltou por cima do cadáver corpulento à sua frente e correu para longe da mesa. Animou-se ao ver que atraía a atenção dos animais e deixara os outros escondidos e em segurança.

A cada passo, podia sentir que as cinco bestas estavam cada vez mais próximas. Precisava pensar em algo. Precisava ter uma ideia urgente.

Eis que um grande estampido cortou a noite. Olhou rápido por sobre o ombro enquanto corria; só havia quatro porcos. Foi então tomado por uma sensação de alívio ao saber que tudo que precisava fazer era continuar a correr.

Se um aniversário de cem anos era algo inédito naquela pequena cidade, o que dizer de a própria aniversariante, armada com uma espingarda, mirando atrepada em um peitoril? Firmina aprendera a caçar com o pai ainda menina e, para a chateação de outros garotos e mesmo de outros homens da época, ela sempre fora a mais certa. E ainda dava para o gasto, pensou a velha, após o primeiro tiro.

Mais três novos tiros, mais três porcos abatidos. A cada animal caído, uma nova onda de gritos, vaias e aplausos.

Faltava apenas um. Sebastião estava cansado; agora mais ziguezagueava do que de fato corria. O porco, pelo contrário, mantinha o mesmo ritmo lunático. Firmina errou duas vezes seguidas. Sebastião percebeu então que estava longe demais. Precisava correr na direção da casa e torcer para que ela acertasse, caso contrário, ele apenas estaria levando o perigoso bicho para próximo dos outros. A besta quebraria aquela porta como palha. Não pestanejou, correu mesmo assim na direção da tia, no seu último fôlego.

— Atira! — gritou Sebastião agora mais próximo. O som das quatro patas era desproporcionalmente alto. Era como estar sendo perseguido por um touro.

Os três estavam alinhados. Firmina, Sebastião e o porco. O bicho corria por trás das pernas ligeiras do sobrinho, fazendo a velha enrugar ainda mais um olho. Ela apertou o gatilho.

Os ossos do pé de Sebastião estilhaçaram-se como um copo de

vidro, jorrando sangue de forma dramática para todas as direções. Sebastião rolou pelo chão, provando da imensa dor e do sabor de areia que lhe encheu a boca. Seu corpo foi então pisoteado, mas só até ouvir o som do último tiro e sentir o corpo quente e maléfico tombar em cima de si.

— O que aconteceu? — perguntou Bonifácio ao se acordar pouco depois das dez da noite.

— Você desmaiou, querido — respondeu Cândida, e passou a mão em sua cabeça, chamando Firmina com os olhos. A velha se aproximou com uma expressão tranquila, mas que denunciava uma preocupação somente agora dissipada.

— Graças a Deus você acordou.

— O que aconteceu depois que eu desmaiei? — disse olhando ao redor. Estava em seu quarto.

— Está acontecendo aquilo que você mais temia — disse Firmina dando-lhe as mãos. — Está sendo desafiado. Você está alterando um ciclo natural, filho.

— Eu nunca escolhi fazer isso.

— Nem tudo escolhemos, Bonifácio.

Alguém bateu a porta do quarto.

— Pode entrar! Bonifácio acordou — disse Cândida.

— Que boa notícia! Mas peço licença, acho que tem alguém lá fora procurando por ele — disse Benvinda.

— Como assim alguém lá fora? Isso tem que parar! Ele já não aguenta mais.

Cândida tocou no ombro do marido, pedindo para que não se levantasse, e saiu do quarto. Foi até a porta e, do alpendre, viu uma grande e lustrosa carruagem estacionada à frente da casa. Seus ombros caíram de desânimo ao ver o casal de roupas exageradas a descer do veículo. Sentiu vontade de gritar como uma doida e mandá-los para o inferno.

Uma terceira pessoa então desceu da carruagem. Esse era conhecido. Uma visita recorrente e incômoda. Vê-lo ali pela segunda vez no mesmo dia, mais cedo em sua breve passagem pela festa e agora àquele horário da noite, foi de tirar-lhe o ar. Aquele homem era para ela como um engasgo. Os três caminharam em sua direção. E ela os recebeu com um olhar arredio, preso nos olhos frios e ambiciosos do conhecido.

— Boa noite, Cândida — disse Padre Honório, repousando o pé esquerdo no primeiro degrau de acesso ao alpendre. — Poderia nos fazer a honra de chamar Bonifácio?

Capítulo 18

— Sejam bem-vindos à cidade de Jaguaruara — disse Pedro.

Haviam acabado de sair da mata e as pedras de calçamento espalhavam-se agora ao longe sob seus pés, perfazendo ruas e caminhos há tanto não explorados. Os primeiros raios de sol refletiam nas antigas paredes, exibindo suas rachaduras e pinturas decadentes, os tijolos brotando aqui e ali como ossos após fratura. A luz da manhã dava às antigas construções um tom melancólico, associado às sombras tímidas que se formavam. Cerca de quatrocentas casas perfaziam-se lado a lado, exibindo a típica fachada das antigas casas do interior, com traçados em alto relevo contornando portas e janelas. Passaram pelos cruzamentos da rua principal com duas outras ruas, mas ao olhar para os lados, apenas o vazio em meio às construções. As casas, conforme fossem mais distantes da rua principal, eram mais e mais espaçadas. Uma casa ou outra isolada ao longe, quase a se perder de vista. Pararam em uma praça, o que parecia ser a parte central daquela cidade fantasma, e ficaram a contemplar o cenário ao redor. Janelas e portas abertas exibiam os cômodos das antigas residências. Cadeiras largadas na calçada, jamais guardadas por seus antigos donos, pareciam balançar quando longe do olhar humano.

A escuridão vazada de dentro das casas era como olhos negros famintos. As casas sedentas, há tempos não adentradas, abriam suas portas e janelas em velocidade baixa o suficiente para que os rangidos das dobradiças enferrujadas passassem despercebidos como mero resultado da dilatação.

A natureza, entretanto, parecia ajustar-se facilmente em meio àquele panorama. A vida aflorava, reciclava; travava uma luta lenta contra o concreto. Gramíneas afloravam por todo o chão e entre os paralelepípedos, conferindo-lhes novos ângulos. Nos muros, o lodo e as grandes marcas do tempo mesclavam-se em um mosaico harmonioso, enquanto troncos apoiavam-se e cresciam em tortuosas ondulações. Animais voavam e corriam assustados com a repentina invasão. Mas não eram os únicos assustados ali. Em meio à caminhada, qualquer mínimo movimento era capturado pelos olhos rápidos dos andarilhos, desde o pouso de uma ave ao balançar assertivo de um lagarto.

Pedro voltou a caminhar, tomando uma das ruas que partia da praça central, sendo acompanhado em fila por Rose, André, Felipe e Vicente.

— Desculpe-me, Pedro. Você disse Jaguaruara? — Alguém finalmente quebrara o silêncio.

— Trouxe-os aqui como minha última tentativa de explicar-lhes

o que aconteceu.

— Não estou entendendo — disse Rose.

— Quero que vocês conheçam o berço da história. Mas prefiro que nos mantenhamos em silêncio, pelo menos até chegarmos ao nosso destino. Essas ruas estão desacostumadas às vozes humanas.

Os cinco continuaram então a caminhada por ruas sem personagens nem dramas, sem crianças indo e vindo do colégio, sem cachorros balançando suas caudas alegremente para seus donos. Um mundo paralelo, estranhamente parecido, mas contaminado com algo difícil de identificar. Tudo era preenchido de forma mórbida por um pesado silêncio.

Pedro parou diante de uma casa. As paredes brancas de outrora eram agora marcadas sem piedade pelo tempo. Uma casa grande e velha, mas com um grande e convidativo alpendre. Pedro subiu os três degraus de acesso, sendo seguido pelos demais. Havia duas cadeiras preguiçosas e outras tantas redes tucuns há tanto armadas.

Pedro sentou-se em uma das redes sem hesitar. Vicente checou com cuidado a rede mais próxima, temeroso de que não o aguentasse; a rede estalou um pouco. Os outros se acomodaram formando um círculo. Rose olhou para a escuridão que vinha de dentro da casa por um breve instante. Assustada, desviou os olhos para a claridade crescente da rua.

— Foi aqui onde tudo começou — Pedro falou baixo, seus olhos contraindo-se pela claridade. — Tenho, porém, dois únicos pedidos antes de começar. O primeiro é que desistam de procurar por Maria tão logo eu termine de contar o que vocês precisam saber... — André, próximo a ele, olhou irritado para um dos lados, bufando. — O segundo é que vocês guardem o segredo. Só isso que lhes peço. Esqueçam o que houve nesses dias e esqueçam também o lugar onde estamos. Entendam o que precisam entender, vão embora e continuem a vida de vocês.

— Não desistirei tão fácil assim de Maria — disse André.

Ele fez menção de se levantar. Pedro não entendeu se para partir para cima dele ou simplesmente dar as costas e ir embora dali. De toda forma, olhou agradecido para Rose ao vê-lo contido, sentado e em silêncio, por um breve gesto dela.

— Aqui nasceu José Bonifácio e, desde o seu nascimento, essa região nunca mais foi a mesma — continuou Pedro, confiante ao recuperar a atenção do grupo. — Jaguaruara era até então um pequeno vilarejo com não mais de duzentas famílias. Os primeiros habitantes vieram pelas promessas de que uma linha ferroviária vinda de Sobral passaria por aqui. A linha de trem nunca chegou a ser construída, mas a proximidade com o Rio Acaraú, entretanto, trouxe as condições iniciais para o estabelecimento desse povo. A cidade foi

aos poucos crescendo, já conseguia inclusive se manter com o que era produzido. Até mesmo um padre foi mandado da capital para ajudar na consolidação do vilarejo. Ele montou uma igreja...

— A igreja! — disse Felipe.

— Não aquela. A igreja da estrada só foi construída anos depois com o dinheiro dos trabalhos.

— Trabalhos? — disse Vicente.

— Vocês vão entender... Quando Bonifácio nasceu, aconteceu algo inexplicável. As antigas histórias vêm sendo contadas por mais de um século, logo não lhes garanto que tenha acontecido exatamente como lhes digo. Não duvido que pequenos acréscimos tenham sido feitos ao longo dos anos. De toda forma, dizem que algo maravilhoso aconteceu nesta casa no dia em que o menino nasceu. Bonifácio ainda nos dias de hoje nos serve de inspiração, até mesmo devoção para alguns, muito embora evitemos falar dele para pessoas de fora. Todo o passado dessa região é mantido em segredo. Estamos agora na casa de Auxiliadora, avó de Bonifácio, casa onde o menino nasceu e cresceu criado por uma das tias.

— O que houve com sua mãe? — perguntou Vicente.

— Bem, vamos aos fatos. Dizem que a mãe faleceu durante o parto, mas diferente da má sorte desta, afortunados foram os que esperavam pelo nascimento neste alpendre. O que dizem é as pessoas foram tomadas por uma espécie de energia, que saíram daqui curadas. Não entendo o que possa realmente ter acontecido, ou mesmo como essa história possa ser interpretada. Bem, eu não sei. Mas sei que Bonifácio mudou a vida dos habitantes dessa cidade.

Enquanto ouvia as histórias de Pedro, era impossível a Vicente não olhar para os quatro cantos do alpendre, para o interior da casa e para a rua em ruínas que ia ao longe, imaginando como teria sido a vida daquelas pessoas. Ao mesmo tempo, porém, um filtro de racionalidade filtrava a narrativa de uma forma que lhe restavam apenas nomes e datas, nada mais.

— Ele era um profeta? — perguntou Felipe, retirando Vicente de seus pensamentos.

— Bem, acredito que não um profeta. Acredito que Bonifácio não conseguia entender o que estava por vir. O seu mal foi nascer com um dom. Ele tinha a capacidade, como posso dizer... Ele curava.

— Como assim? — Vicente deu um sorriso curioso, tentando ao máximo não parecer debochado.

— Não espero que acreditem em tudo que falo, Vicente. Também não sei até onde eu mesmo posso acreditar. Mas acredito de certa forma.

— Desculpe-me Pedro, não quis ofender. Eu sinceramente não estou entendendo aonde você quer chegar. Qual era o problema dessa

cidade então?

— Deixe-o continuar — disse Felipe. — Como era esse poder de Bonifácio?

— Poder? Nunca ninguém falou dessa forma antes, mas se fica mais fácil para você...

Pedro contou então das antigas histórias. Falou da época da fartura, da agricultura florescente e do gado gordo. Falou da fome que era inimiga desconhecida e das doenças que raramente acometiam os moradores, desaparecendo tão logo Bonifácio se fizesse presente. Vicente mostrava-se incrédulo ao ouvir todas aquelas histórias, principalmente quanto tomou ciência da longevidade dos habitantes. Um estado permanente de deslumbramento e paz para aquele povo, pensou. Como isso lhe soava irreal e absurdo.

— Nem tudo foi tão maravilhoso quanto podem estar pensando, entretanto. O mal se fez presente. A luxúria e o vício surgiram mascarados por essas esquinas. Não tardou para a morte sentir-se desafiada e faminta. Solitária. Aquele povo foi então atormentado pelo mal — disse Pedro num tom de voz praticamente inaudível, olhando para a escuridão que vinha de dentro da casa.

— Do que Bonifácio morreu? — precipitou-se Rose.

— Como assim atormentados pelo mal? Seja mais específico? — disse André num tom arrogante, transparecendo, entretanto, interesse pela história.

— Isso ninguém sabe — começou Pedro, voltando-se em seguida para André. — Há quem acredite que ele ainda caminhe por essas terras, com alguma outra aparência ou forma. Há até quem diga já ter visto um homem caminhando perto da igreja, cruzando a estrada. Um homem perdido pelo meio da noite, passando de um lado para outro por essas terras. Rumores que se espalham com facilidade por Nova Jaguaruara. — Pedro fez uma pausa, percebendo que Rose sentira um rápido calafrio. — Eu mesmo não acredito. Nisso não.

— E o que aconteceu a seguir? — perguntou Vicente.

— A situação tornou-se insustentável. Há mesmo quem diga que Bonifácio possa simplesmente ter fugido. As pessoas então partiram para a pequena vila mais próxima, fundando a atual cidade. A cidade de Nova Jaguaruara. O êxodo foi então mantido em segredo. Somente alguns poucos sabem sobre essa cidade fantasma escondida por trás da velha igreja. Eu mesmo só descobri por conta própria depois do último desaparecimento. — Pedro levantou-se, e mais uma vez olhou para a escuridão que vinha de dentro da casa. — Bem, acho que isso basta!

Pedro, para a surpresa de todos, adentrou a casa. A reação de espanto dos outros teria sido a mesma se ele tivesse entrado em uma construção em chamas.

Vicente acompanhou-o. Caminhou devagar, permitindo que os

olhos se acostumassem. Das telhas faltando, cones de luz desciam, exibindo redemoinhos frenéticos de poeira levantada a cada novo passo. O medo basal e instintivo de fuga foi então esmagado pelo raciocínio e pela lógica. Estava seguro consigo mesmo de que ali havia apenas uma casa antiga e muita poeira. Nada mais. Seus olhos ajustaram-se e ele percebeu que estava em uma sala. Havia duas cadeiras e uma velha e grande estante. Em uma das prateleiras, um pequeno jarro de barro chamou sua atenção. Um jarro lindo e bem trabalhado, rico em detalhes. Passou então por um longo corredor, olhando para o interior dos cômodos que iam surgindo; todas as portas estavam abertas. Caminhou até o final do corredor, chegando à cozinha; Pedro estava escorado a uma porta divisando o quintal tomado pelo mato. Vicente olhou uma última vez na direção do alpendre e viu um a um entrando com passos igualmente lentos.

A cozinha era ampla, denunciando que ali haviam morado pelo menos três gerações simultaneamente. Os objetos da cozinha estavam organizados em prateleiras, que contornavam parte considerável do cômodo e iam de encontro a um grande fogão a lenha a um canto. Pratos e panelas de mais de um século, cobertos por um espesso filme de poeira. Em cima do fogão, uma tampa estranhamente equilibrada sobre uma panela, tampando-a pela metade. Sobre a mesa, duas xícaras e dois pratos pareciam ser os outros únicos objetos fora da ordem, repousando em silêncio desde a última refeição.

— Não entendo por que as portas das casas estão abertas. — disse André chegando à cozinha e sentando-se à mesa. Moveu uma das xícaras de posição, expondo um halo com a cor original do móvel. Soltou a xícara ao lado e riscou a mesa com o indicador, antes de bater a mão na calça. Ao olhar para baixo, encontrou uma mala escorada a um dos pés da mesa. — Quem quer que tenha feito a última refeição aqui, esqueceu de algo. — Abriu a mala, deixando expostas algumas peças de roupas masculinas. Um cheiro escapou dali. Um cheiro que certamente seria reconhecido por alguém que fosse íntimo do antigo dono. Para eles, entretanto, aquele cheiro guardado há mais de um século trouxe uma sensação de agouro. Pareceu-lhes cheiro de defunto, cheiro de velório. André soltou a mala no mesmo lugar, não se importando de fechá-la.

— Houve pressa para fugir? — disse Felipe, voltando-se para Pedro.

— Já pensei sobre isso. Realmente não sei se houve alguma urgência. De fato parece que tudo foi largado, como se simplesmente todos tivessem desaparecido. Às vezes acho que apenas não havia mais importância, sabe? Você trancaria sua casa se soubesse que você nem mais ninguém jamais voltaria?

Felipe olhou ao redor, pensativo.

— Bem, nunca trouxe ninguém desde que descobri esse lugar — continuou Pedro. — Não sei se acreditaram no que eu disse, mas espero que tenha sido o suficiente para que entendam que não há o que se possa fazer.

— Se existem demônios famintos por carne humana, porque ainda estamos aqui? Vivos! Isso é bobagem — disse André.

— Ainda é dia — disse Pedro, olhando fixamente para ele. — O perigo só aparece quando as luzes se vão.

— Pedro, estamos seguros aqui dentro?

— Não me diga que acreditou nessas histórias, Felipe — disse André empurrando seu ombro.

— Não posso negar que fiquei impressionado. E sinceramente, acho que você deveria mostrar mais respeito — Voltou-se para Pedro e continuou — Então, é seguro ficarmos nesta casa? Digo, é a casa onde morava Bonifácio.

— Como assim ficar nessa casa? — disse Pedro.

— Não sei se Felipe está pensando o mesmo que eu — começou Vicente —, mas acredito que devemos continuar procurando por Maria. E aqui parece o único lugar onde não seremos encontrados pela polícia.

— Em compensação, seremos devorados — disse André com sarcasmo, mas ninguém deu atenção.

— Pedro, vamos ficar mais um dia. Ficaremos nessa casa. Vamos procurar um pouco mais! Mais um dia e então partimos. Todos de acordo?

André e Felipe confirmaram em voz alta; Rose balançou a cabeça minimamente ao ver que não teria saída.

— Bem, já percebi que não adianta o que eu digo. A decisão é de vocês. Mas acredito que eu não consiga voltar para pegá-los antes do pôr-do-sol. Talvez, só volte amanhã. Não posso levantar mais suspeitas me ausentando da pousada. Cidade pequena, todos sabem que só saio pela manhã para fazer as compras para o restaurante. Espero sinceramente que não relacionem minha ida à cadeia com essa fuga.

— Acredito que eles estejam mais que ocupados agora — disse Felipe com um sorriso largo.

— Tenho alguma comida no carro e duas lanternas, vou deixar tudo com vocês. Amanhã cedo volto para levá-los embora, com ou sem Maria, combinado?

André foi o primeiro a estender a mão para despedir-se de Pedro. Apesar do aborrecimento, sabia o quanto ele tinha ajudado.

— Muito obrigado pelo que está fazendo, cara. Maria é muito importante para mim... Digo, para nós. É uma grande amiga.

Vicente acompanhou Pedro até o carro.

— Até amanhã então?

— Sei que não acredita em metade do que falei, mas peço para que não saíam da casa depois que escurecer. Aproveitem enquanto tem luz para procurar por sua amiga. Falo sério, Vicente.

— Fique tranquilo, Pedro. Estaremos aqui esperando por você.

Pedro deu partida.

— Olha o que encontrei! — disse Felipe minutos depois, ao ver Vicente retornando com uma sacola e uma lanterna em cada um dos bolsos laterais da calça.

Vicente foi até ele, que com o braço ainda esticado, apontava para uma espingarda presa a um suporte na parede oposta de um dos quartos. Abaixo, uma bengala jogada ao chão, não lhes chamou atenção, sendo apenas chutada para o lado quando pegaram a arma.

Capítulo 19

— Você vai hoje pra premiação? — perguntou Bruno momentos antes de descer do carro.

Era uma sexta-feira. Raquel dirigia para a casa da mãe e aproveitara para deixar Bruno em uma parada de ônibus. Ele havia começado a ir de ônibus para o colégio desde o último mês.

— Você já entregou o convite à sua mãe? — rebateu Raquel.

— Entreguei, mas não sei se ela leu.

— Você explicou o motivo de ela vir?

— Sim, Raquel. Disse que tirei as maiores notas dessa etapa e que hoje à noite, depois da entrega dos boletins, irá ocorrer a entrega das medalhas para os alunos.

— Mas você disse o mais importante?

— Que eu fiquei em primeiro lugar da turma? — disse Bruno impassível. — Sim, falei. Ela disse um “parabéns” do banheiro.

— Cretina. — A palavra saltou.

Raquel levou uma das mãos à boca.

— Desculpe, querido. Que modos os meus — disse ao notar o susto inicial do garoto, mas espantando-se por perceber que ele, no fim das contas, pareceu não se importar. Ele mantinha o olhar perdido pela janela.

— Gostaria que meu pai pudesse vir.

— Pena ele nem sempre está em Fortaleza, não é?

— Ele me ligou anteontem. Cedo da manhã, antes mesmo de eu vir pro colégio. Estava em... Nova Jaguaruara, acho. Ficou muito orgulhoso ao saber do primeiro lug...

— Nova Jaguaruara? Não acredito! — Soltou as mãos do volante e bateu palmas. — Meu pai era de lá, acredita? A gente sempre ia nas férias escolares. Nossa! Isso foi há muito tempo. Não imagino como possa estar aquela cidade. O que seu pai faz mesmo?

— Trabalha instalando de torres de energia. Algo assim. Tá fazendo isso por lá. Pena que boa parte da energia produzida seja para outros municípios vizinhos, foi o que ele me disse.

— Ah, imagino! A região em torno vem crescendo, principalmente pelo turismo para Jeri. E ainda ouvi falar esses dias que o aeroporto de uma cidade lá próximo também vai começar a funcionar... Como fazia tempo que não ouvia falar desse lugar. Tenho boas lembranças das viagens que fazíamos.

— Ele me disse que todo dia, quando dá meia-noite, falta energia na cidade. Bem, foi o que ele ouviu falar. Não deu tempo de me explicar direito.

— Mentira que isso ainda acontece! Ele realmente falou isso? —

Risos. — Era muito comum eu e meus primos ficarmos acordados até tarde, só para vermos isso. A gente ia nas pontas dos pés para um dos quartos, quando nossos pais começavam a roncar. Todo santo dia funcionava. Quer dizer, deixava de funcionar. Era incrível! Nossos pais que não gostavam nada. Acordavam no meio da noite com nossas risadas e gritos de terror. Sempre tinha um engraçadinho querendo pregar uma — disse fazendo menção de que ia beliscar a barriga de Bruno.

— Ele disse que ninguém entende isso e que inclusive a companhia de energia já foi lá várias vezes. Sempre a mesma coisa. A fiação e os circuitos em perfeito estado.

— Ah, isso é verdade! Ninguém sabe o porquê, mas é fato que todos têm medo desse horário. Na época que eu ia para lá, ninguém queria estar fora de casa à meia-noite. Sabe como é, cidades pequenas são cheias de histórias.

— Você acha que a cidade pode ser mal-assombrada? — perguntou Bruno com um sorriso frouxo, tentando disfarçar que já não fora fisgado pelo medo.

— Na dúvida, prefiro nem ir mais lá. Na verdade, não tenho mais motivos para voltar. — Raquel levou uma das mãos à boca, puxando um pedacinho de carne num canto da unha. Cuspiu-a pela janela do carro. Olhou para as unhas descuidadas e aquilo lhe trouxe uma lembrança. Ela continuou, sorrindo. — Ficar acordado até meia-noite era só uma de nossas brincadeiras. Dizem que existem botijas cheias de dinheiro enterradas pela cidade. Ninguém sabe onde e eu, particularmente, nem acredito mais nisso hoje em dia. O que eu sei decerto é que nunca nenhuma foi encontrada. Mas me diga, Bruno, como tirar uma história dessas da cabeça de terríveis crianças sem internet e todos os aparelhos de distração de hoje? Passávamos a manhã cavando, feito tatus, até voltamos com as unhas pretas na hora do almoço e levamos uma senhora bronca. Minha mãe ficava louca!

— Nunca encontraram nada?

— Nem um tostão, só muita minhoca e as temidas cobras-de-duas-cabeças. Só depois de grande que vim saber que não eram perigosas, acredita? Eram o nosso maior temor.

— E que dinheiro é esse, Raquel? Quem abandonaria seu dinheiro assim?

— Bem, essa história vai ficar para depois — Raquel estacionou próximo ao ponto.

— Não Raquel, conta rapidinho. Quero falar para ele da próxima vez que me ligar. Por favor. Por favor.

Ela viu pelo retrovisor a expressão impaciente do motorista.

— Fica para outro dia, querido. — A buzina do carro de trás ressoou. — Até de noite. Venha bem bonito para a cerimônia, tá bem?

Bruno saltou do carro, sem responder. Raquel acelerou e, ao lembrar que havia um shopping no quarteirão seguinte, pegou o celular e ligou para a mãe avisando que chegaria atrasada para o almoço.

Raquel chegou ao colégio pouco depois das sete horas da noite, horário previsto para o início da reunião de pais e mestres. Lembrando-se de que ainda teria que passar na direção para rever alguns documentos e pegar os boletins, amaldiçoou os terríveis saltos. Que ideia a sua de começar a usar saltos justo hoje, ela pensou.

— Boa noite, Ivone — disse ao entrar na sala. A direção era uma sala escura, sem nenhuma janela ou saída de ar. Aquela familiar atmosfera estagnada, cheirando a papel carbono e verniz, invadiu suas narinas. Um velho aparelho de ar condicionado era responsável pela mínima renovação do ar, mas a sua principal função parecia ser a de produzir um longo zumbindo de fundo que, aos ouvidos mais desleixados, fazia o ambiente parecer mais profissional. Duas mesas ao centro com pilhas de papel de meio metro de altura e armários abarrotados de livros com capas e orelhas amassadas ocupavam quase todo o espaço, fazendo a sala parecer ainda mais apertada. A lixeira, como de costume, transbordava bolas de papel pelo chão.

— Nossa Raquel! Eu realmente devo parar o que estou fazendo para cumprimentá-la — disse Ivone largando uma folha que estava à mão. A folha pairou, rodopiando até cair no chão. Outras tantas foram pisadas com sua aproximação. — Fico feliz que tenha devolvido as roupas de sua avó. Finalmente! Hoje os pais vão sentir confiança ao saber que suas crianças estão em suas mãos.

Ivone tomou-lhe as duas mãos, simulando um beijo estalado em cada uma de suas bochechas com movimentos amplos e extravagantes. Raquel sentiu o perfume enjoativo e denso que ela exalava. Aquele abraço era o mesmo que ser mergulhada de cabeça num tanque com álcool açucarado.

Uma gargalhada debochada então ecoou pela sala. Uma mulher minúscula, com uma risada aguda demais, apareceu entre as portas abertas de um armário. Raquel podia jurar sentir a risada da secretária da diretora atingir a sua espinha, toda vez que a ouvia nas reuniões e pelos corredores da escola. Era terrível. Aquela bajuladora cretina!

— Boa noite para você também, Simone. Bem, fico feliz que tenham gostado, mas não vou me demorar aqui. Gostaria apenas de pegar os boletins da quinta série.

— Não fique irritadinha, sua boba — disse Simone levantando os óculos com o indicador; a mandíbula pendia frouxa e exibia os inúmeros e salientes dentes. Raquel não conseguiu esquivar-se da terrível associação. Como aquela mulher lhe lembrava uma grande

ratazona, ainda mais ali, no meio de toda aquela bagunça.

— Os outros professores já foram para as suas salas, Raquel. Estão aqui. — Entregou-lhe os boletins. — Pena que sua elegância ainda não seja o suficiente para o seu atraso passar despercebido — disse Ivone em sua voz insossa habitual.

Raquel saiu da sala ao som cortante da terrível risada que explodia novamente ao último comentário. Ela seguiu pelo corredor com a metade da sua velocidade de caminhada; não se lembrava da última vez que usara saltos. Mas tudo bem, já estaria na sala da quinta série, sentada diante dos pais. As risadas de Simone ainda podiam ser ouvidas ecoando pelo corredor, quando a atenção de Raquel foi desviada por um nocaute. Alice surgiu de uma das salas. Ela era a mais nova professora contratada. Na verdade, até já fazia alguns meses, mas elas haviam trocado não mais que poucas palavras. O golpe não foi simplesmente a sua aparição inesperada, mas a forma como ela olhava. Não era coisa da sua cabeça, não era só a sua imaginação como pensara das outras vezes. Raquel tinha certeza. Ela sentiu um frio na barriga inexplicável, mas continuou firme, com um sorriso tímido em cumprimento e torcendo desesperadamente para não tropeçar. Entrou na sala da quinta série.

Ao entrar na sala, precisou sentar-se diante da mesa para só então perceber que metade dos pais já estava à sua espera. Raquel tentou disfarçar a expressão apavorada, não conseguindo, entretanto, deixar de olhar uma última vez para o corredor. Chamou pelo nome do primeiro boletim da pilha.

Uma hora depois, exausta de conversar individualmente com os pais sobre os mesmos assuntos, ficou sozinha na sala com apenas um boletim na mão.

Alguns professores começaram a passar pelo corredor; já haviam terminado de entregar os seus e encaminhavam-se para o ginásio, onde ocorreria o evento de premiação. Raquel esperou, amassando a pontinha do boletim entre os dedos. Mais dez minutos e desistiu.

Dirigiu-se para o ginásio e localizou uma única cadeira vazia ao longe, em meio a grande multidão que enxameava barulhenta. Ela percebeu alguns pais e alunos encaminhando-se para a saída de fininho. Não tinham o porquê de ficarem ali diante dos resultados negativos dos filhos, pensou enquanto caminhava em direção à única cadeira livre.

Raquel levou um susto ao ver quem estava sentada na cadeira vizinha. Em outro dia daria meia volta e procuraria outro lugar para se sentar, até mesmo ficaria em pé se fosse o caso. Hoje não.

— Olá Alice. Está guardando para alguém?

Alice olhou de sobressalto, igualmente assombrada, pedindo-lhe para que, por favor, ficasse à vontade. Uma conversa rápida e boba

estabeleceu-se rondando os assuntos típicos da esfera educacional, até o ruído de microfonia espalhar-se indicando que a cerimônia iria começar.

Ivone foi à frente do pequeno palco improvisado, deu boa noite aos presentes e falou um bocado ao início da cerimônia, as mesmas coisas de sempre em seu tom pomposo usado na frente dos pais. O hino nacional brasileiro foi então entoado e, ao final, os primeiros nomes foram chamados.

Embora a conversa fosse rasa, Raquel estava tão absorvida, que se esquecera completamente de Bruno até o nome do terceiro lugar de sua turma ser chamado. Seguiram-se aplausos. Da mesma forma para o segundo lugar. O nome de Bruno Bastos foi por fim chamado. Pairou o silêncio, acompanhado de centenas de viradas de pescoço por toda parte. Ninguém se pronunciou.

Outros nomes foram chamados e a cerimônia não tardou mais que meia hora para chegar ao final, quando uma onda de pais e alunos deixou o ginásio esportivo em meio a inúmeras cadeiras desordenadas e outras tantas tombadas ao chão.

Raquel despediu-se de Alice aliviada; estava começando a envergonhar-se com a repetição dos mesmos assuntos e sua estúpida falta de criatividade. Caminhou para o palco, na direção de Ivone. Ao chegar mais próximo, deparou-se com a ratazana diante de uma caixa, organizando algumas coisas para serem guardadas na sala da direção.

— Oi Ivone. Gostaria de saber se posso ficar com a medalha de Bruno, do sétimo ano. Tenho a primeira aula da segunda de manhã na turma dele. Posso entregá-la pessoalmente se preferir.

— Claro que não, Raquel! — disse assustada com a intromissão. — Além do mais, você sabe que as medalhas dos alunos que faltam à cerimônia são guardadas para as das próximas etapas.

— Mas Ivone, os alunos colocados merecem suas medalhas estando aqui ou não. Bruno é um ótimo aluno e merece essa medalha. Serve de estímulo. Conselho meu.

— Raquel, quer um *conselho* melhor? Vá pra sua casa cuidar da sua vida. Você sabe que essas medalhas não tem valor algum.

A maldita risada surgiu, furando-lhe os tímpanos como agulhas.

— Na verdade, antes de ir embora, ajude-nos a levar isso tudo para a sala da Direção — disse Simone, enquanto fechava a caixa com uma das mãos e limpava o nariz melecado com o dorso da outra.

Raquel nem mesmo olhou para baixo. Com os olhos ainda firmes nos de Ivone, deu às costas e seguiu para a saída, próximo às arquibancadas.

Dentro do carro, ainda no estacionamento do colégio, Raquel apertava o volante com força suficiente para matar um pequeno animal estrangulado. O carro estava ligado, faróis acesos, bastando-lhe

acelerar e terminar mais um dia. Ir para casa feito uma derrotada. Mas o dia não terminaria assim. Aquele era um dia diferente e de alguma forma ela podia sentir.

Raquel desfez o giro da chave, desligando o carro e os faróis.

Capítulo 20

— Não sabia dessa sua destreza para as artes.

— Imagina se fui eu quem fez isso, Bonifácio. Um senhor acabou de passar por aqui e me deu esse presente de bom grado — disse Padre Honório, segurando o objeto pesado em meio à escuridão que se adensava. Estava sentado à calçada, diante da construção da nova igreja, quando foi surpreendido pela passagem de Bonifácio vindo de jumento de suas andanças. A chama de um lampião subia alta na vertical, não incomodada pelo vento. O halo de luz produzido englobava-os em um grande raio, produzindo sombras disformes e destoantes.

— E um desconhecido te deu isso de presente? Nunca vi um tão bonito.

— Não se trata de um completo desconhecido, se isso sacia sua curiosidade. Um antigo conhecido, do tempo de Seminário. Alguém que sempre aparecia na hora certa, quando eu mais precisava. — Fez uma pausa, mirando o objeto em mãos. — Por acaso, está se mudando para lados de cá do estado e ficou animado ao saber da construção da igreja. Disse que, desde então, sempre passa por aqui. Bom sujeito, boas maneiras.

— Interessante, não cruzei com ninguém no caminho.

— Fico feliz por esse presente ter chegado na hora certa. Ainda não havia decidido o que colocar no topo da igreja.

— Como se tivesse muita opção. — Sorriu, ignorando o olhar ríspido e de punição do padre ao comentário. — Tem certeza de que ele seguiu pro lado de lá? Estranho, não lembro de ter cruzado com ninguém — disse olhando em vão de um lado para o outro da larga vereda, mas já estava escuro demais. — Ninguém aqui da cidade conhece mais gente das cercanias do que eu e você. E se já está por aqui há algum tempo, talvez eu até já o conheça. Como ele é?

— Ele é diferente de qualquer homem, Bonifácio. Pena nem todos nascermos perfeitos, mas certamente é um bom homem.

— O que você quer dizer?

— Fazia anos que eu não o via, mas hoje pude ter o melhor vislumbre que já tive dele, muito embora a chama tenha se apagado à sua chegada. Tentei acender o lampião, mas ele pediu para que eu não me incomodasse. Seria rápido, estava de passagem. Seu rosto era magro e repuxado, como se a pele fosse pregada diretamente aos ossos. Os olhos fundos não me permitiram ver além da escuridão das fossas. Um homem muito alto, muito magro, com as mesmas roupas velhas e folgadas pela falta de carne. — O padre fez uma pausa, lembrando-se do mau cheiro e das moscas que o acompanhavam. —

Já era tarde, seis da noite, quando ele apareceu. Parou, perguntou curioso sobre a construção e, sem cerimônia, disse que tinha um presente para quando a igreja estivesse pronta.

— É... Não imagino quem possa ser. De todo jeito, temos pelas redondezas um grande artista. Até mais. Já está tarde e não quero preocupar Cândida.

Sob um leve comando das rédeas, o jumento galopou deixando igreja e padre para trás.

A grande e imponente igreja estava finalmente erguida. Ainda não fora inaugurada, mas seria questão de dias. O padre, orgulhoso, passava a maior parte do dia a fiscalizar os pormenores da construção. Não aguentava mais o pequeno local onde ocorriam as missas e fazia todo o possível para agilizar o que lhe cabia. Sabia que uma igreja daquele porte atrairia fieis de toda parte e que maior seria a arrecadação.

O que havia de mais estranho naquela igreja, entretanto, era a sua localização. De frente para o principal caminho de piçarra que levava a outras cidades e de costas para a cidade sede. Os mais desatentos nem sequer percebiam; era inegável a beleza do cenário que se formara aos que passavam: a imponente igreja à frente e a cidade em crescimento de fundo. Jaguaruara era uma cidade próspera. Não havia quem negasse. Bonifácio considerou a princípio que o objetivo do padre era o de ser convidativo e compartilhar a casa com o maior número de pessoas simplesmente para fazer o bem. Mas esse pensamento ingênuo lhe ocupou apenas por poucos dias. A construção da nova igreja, com o dinheiro tão bem gerido pelo padre, gerou um rebuliço em Jaguaruara. No fundo, Bonifácio sabia que toda a transformação que estava ocorrendo, sendo a construção da igreja um mero detalhe, se dava por sua conta. Mais e mais pessoas chegavam. E, ao contrário do que poderiam imaginar, a sua fama era algo que ele odiava.

Os trabalhos realizados mudaram o ritmo da cidade de uma forma jamais imaginada. A fama do homem curador, inicialmente mantida em segredo pelo povo, logo ganhou repercussão pelo estado e além. Não é de se estranhar, entretanto, que a grande maioria das pessoas ouviam os assuntos e não davam a mínima atenção. Quem em sã consciência acreditaria num homem que cura tudo com um simples toque? Quanta bobagem! Os principais visitantes de Jaguaruara eram pessoas sem esperanças, pessoas sem saída. Desesperados, no melhor dizer. E dentre esses desesperados, muitas pessoas de posse também apareceram. E quando apareciam, ninguém melhor que um padre com a lábia de um demônio para fazer a recepção. O padre sempre conseguia convencer os fiéis a deixarem uma bela quantia em dinheiro e quem mais seria tão bom nessa arte de persuasão que um homem de

Deus?

O padre conseguira convencer Bonifácio de que deveriam trabalhar juntos, em nome de Deus e da igreja. Bonifácio não demorou a entender seus objetivos, mas antes mesmo que pudesse se desvencilhar, sentia-se preso e emaranhado nos fios pegajosos daquela teia. O padre confessara-lhe de que nunca aprendera a esconjurar durante o seminário, de que nunca tivera coragem de participar das sessões. Isso ficaria a cargo de Bonifácio, que embora não soubesse como acontecia, o processo de cura parecia igualmente funcionar. Com o passar do tempo, os casos de possessão tornaram-se cada vez mais corriqueiros e manter-se próximo à igreja parecia-lhe o mais prudente.

Com o dinheiro arrecadado, a igreja foi então construída e a antiga casa do padre abandonada. A nova construção saltava aos olhos dentre as outras da pequena cidade. Padre Honório pensara em tudo. Parte do material viera de Fortaleza. Cogitou até mesmo conseguir escravos de forma ilegal para acelerar o andamento da obra. Notícias vindas da capital haviam chegado anos antes sobre a consolidação do Movimento Abolicionista no estado, liderado por um tal de Chico da Matilde, mais conhecido por Dragão do Mar. Ele se lembrava vagamente desse nome. Alguém de quem seus pais já haviam comentado de forma desagradável com outros amigos num jantar. Mas isso fazia tempo. As coisas deviam ter esquentado. Diante da atual conjuntura, o padre não gostou das novidades. Ainda pensou em contornar esse detalhe, pensar numa outra possibilidade, quando descobriu então que agora se tratava de algo maior, a nível nacional. A Lei Áurea havia sido assinada. Há um tempo já, na verdade. Descobriu ao tentar articular os primeiros passos para a ilegalidade e sentiu-se ainda mais ilhado e desinformado naquele fim de mundo de cidade. Depois de muito pensar, decidiu que não valia a pena o risco. Não ele, melhor não chamar ainda mais atenção para aquela região. Isso sim traria atenção, muito mais que a história de um homem que fazia milagres. Sua condição era uma balança de equilíbrio difícil, querer atrair mais e mais atenção para a igreja por conta dos fiéis, mas não despertar os antigos medos de visitantes indesejados vindos da capital. Seria o jeito pagar não só pelo material, mas também pela construção da igreja. Tudo bem. Pagaria uma merreca! Quem se negaria de aceitar um pagamento baixo para a construção de uma grande obra para o Senhor?

Bonifácio, por sua vez, não se sentia confortável com o uso do dinheiro. Dinheiro sujo de trabalho demoníaco, ele pensava. O padre dava-lhe um montante do dinheiro arrecadado dos trabalhos, mas que ele guardava em uma velha caixa escondida dentro do guarda-roupa. Cândida não entendia a conduta do marido e por vezes pegava-se em

coibiça, imaginando os usos que poderia fazer daquele dinheiro. Compreensível, ela não sabia o que ele sentia ao tocar naquelas pessoas.

— Com licença — disse Bonifácio ao adentrar na igreja completamente concluída, duas semanas depois daquele encontro na calçada ao cair da noite —, não acho que seja uma boa ideia continuarmos.

— Do que fala, homem? — disse o padre fingindo não saber do que se tratava. Não havia, porém, gesto mais claro do que o olhar de Bonifácio de um canto a outro da construção.

— Não foi uma boa ideia. Digo, não devíamos ter construído essa igreja.

— Que absurdo Bonifácio, a igreja está linda. Estou ansioso por nossa primeira missa amanhã. É de um templo deste que precisávamos.

— O senhor acredita no trabalho que realizo com aquelas pessoas?

— Que você as cura de doenças? Claro que acredito em você, Bonifácio. Tenho feito questão de acompanhar todos os seus trabalhos ultimamente.

— Não falo das doenças. Você sabe que os outros casos estão ficando cada vez mais frequentes. — Bonifácio fez uma pausa, olhando para o altar exageradamente enfeitado por trás do padre. — Temo que a construção da igreja vá atrair cada vez mais esse tipo de caso.

— Você não sabe de nada.

— O senhor não entende? Eu não consigo me livrar dos demônios. — O peso da palavra parecia ter vindo direto do inferno e chacoalhado o padre por dentro. O padre se incomodava com a naturalidade que Bonifácio usava esses termos. — O que eu faço não é exorcismo. Coisas estranhas estão acontecendo em Jaguaruara.

— E como explicar a cura? O que dizer do retorno do olhar fixo e centrado daquelas pessoas?

— Eu retiro os demônios das pessoas que aqui aparecem. E só consigo isso por causa desse dom... — O semblante de qualquer orgulho que um dia já tivera passava longe. — Você sabe que posso curar as pessoas, mas isso é diferente.

— Não entendo onde quer chegar. Qual o problema?

— Com todo o respeito, mas o senhor me acompanha somente na parte que lhe convém.

— Fala do dinheiro? Agora que temos essa chance, temos que saber administrar isso da melhor forma. Não podemos deixar de mencionar, e isso é o mais importante, que agora poderemos ajudar cada vez mais pessoas.

— Algo de errado está acontecendo aqui. Algo que nem você nem eu somos capazes de entender exatamente. Algo que não saberemos como contornar futuramente. O que eu faço não é exorcismo, *padre*. — Bonifácio não se lembrava da última vez que usara o termo para se referir ao sacristão e não pode deixar de saborear a ironia escapando-lhe pela boca. — Estou sendo usado como instrumento para plantar uma semente do mal nessas terras.

— Não tenha medo, filho. Deus não nos deixará. — O comentário soou tão vago e inespecífico quanto um “vai dar tudo certo”.

— Não sinto a presença dele.

— Não repita isso, Bonifácio! Deus te deu esse dom.

— Algo muito errado está acontecendo.

— E o que te dá tanta certeza?

— Eu sinto.

— Chega! Continue fazendo o seu trabalho. Isso basta.

Bonifácio retirou-se da igreja desejando ter o poder de destruir tudo aquilo que tocasse. Derramada à calçada, a sombra da cruz recém-instalada chamou sua atenção. Lá estava ela finalmente. Deu alguns passos de costas, afastando-se da igreja de forma a melhor ver o crucifixo. Pregada nele havia de fato a mais bela estátua de Jesus Cristo. Isso era inquestionável.

O farfalhar agitado numa moita próxima capturou sua atenção. Silêncio. A moita sacodiou com mais violência e um chifre emergiu no meio do mato. O ângulo do chifre então se modificou, voltando-se para ele e exibindo o seu par. Dois grandes chifres em uma curvatura descendente para trás. As pernas de Bonifácio falharam. Uma gota de suor escapou-lhe pela testa, riscando e queimando o canto do olho. Ele resistiu e não piscou, absorto que estava com aquela visão infernal.

Um bode surgiu saltando da mata. Com suas pernas finas e cascos fendidos, seguiu impassível em direção à igreja, passando ao seu lado. Os olhos do animal possuíam uma palidez doentia. Ao centro, uma pupila de escuridão profunda e intimidadora demais para atrair outro olhar. O bode entrou na igreja.

Bonifácio, recuperando-se da inércia, correu para a igreja, mas não encontrou nada lá além de cadeiras e santos.

A igreja chamou a atenção de todos no dia da inauguração. A arquitetura e a presença de objetos diversos jamais vistos pela maioria do povo transformavam-na num oásis em meio àquela paisagem. Não havia outras construções vizinhas. Eram só a igreja, a estrada e o caminho que levava à Jaguaruara.

O sermão do padre não conseguia competir com os belos arcos e as estátuas enfileiradas ao longo das colunas. O povo, apesar do

silêncio, estava disperso, procurando qualquer pretexto para olhar de um canto a outro, menos para o padre. Bonifácio, nem uma coisa nem outra, cochilava àquela voz monótona, sendo repetidas vezes repreendido pela esposa. Firmina assistia à missa da frente, com a Bíblia aberta e o terço que sempre usava em suas mãos.

Findada a primeira missa, todos voltaram para suas casas, dando a partir dali início a um ciclo de idas e vindas. A novidade entrou no hábito, trazendo um compromisso certo para aquele povo aos domingos. E assim o tempo pôs alguns anos a correr, numa calmaria dissimulada, escondendo em suas entranhas o cheiro molhado que precede o temporal. Bonifácio era o único que podia farejá-lo, mas sentia-se como uma formiga apátrida, a correr a esmo e desgovernada. Novos doentes e novos casos de possessão ocuparam-lhe o tempo até um inesperado flagrante ao final da missa de mais um domingo.

Um batismo ocorreu ao final da celebração. O padre, acompanhado pelos pais e padrinhos, tampavam a visão do público posicionando-se em torno da pia batismal. O povo estava comovido com a cerimônia, não lhes cabendo aos olhos, entretanto, o que acontecia em detalhe lá longe. A água tornou-se gradativamente vermelha, adquirindo em segundos cor e densidade de sangue. Os pais se assustaram a princípio, mas a manobra habilidosa do padre salvou o dia, mais uma vez, fazendo o ocorrido passar despercebido aos presentes.

O padre passou a mão na borda interna da pia, cortando-se. Pediu desculpas aos pais por isso. Nada mais santo do que o sangue de um puro filho de Deus, pensaram. Envolveu a criança em um pano branco, tendo o cuidado de não manchar sua face externa. Tampou a pia e tomou de posse uma pequena toalha, mantendo-a firme entre as mãos.

Às dez horas da manhã, a missa terminou.

Bonifácio despediu-se da mulher e dos filhos, justificando ter que tratar de alguns assuntos com o padre. Quando não havia mais ninguém na igreja, Bonifácio levantou-se e seguiu pelo corredor central em direção ao altar.

— O que achou da missa, meu caro? — Perguntou à sua chegada.

— Um tanto quanto longa. E daqui do altar, o que achou? — Bonifácio falava enquanto subia os degraus de acesso ao altar numa intimidade constrangedora, a qual era nomeada como petulância pelo padre.

— Não seja insolente na casa do Senhor.

— O que foi isso? — disse Bonifácio ao perceber uma pequena mancha vermelha na toalha que o padre segurava com estranho apreço.

— Uma bobagem, me cortei na pia batismal.

Bonifácio dirigiu-se à pia, aproveitando-se da desatenção do padre. Destampou-a, deparando-se com o seu reflexo avermelhado, quase negro. Saltou para trás, largando a pesada tampa ao chão.

— Quem lhe autorizou a curiar o meu altar. Afastede-se daí, vamos — disse o padre em meio ao som aterrador da tampa, que girava como uma enorme moeda no liso chão de mármore.

— Não preciso de autorização para entrar ou olhar o que eu quiser nessa igreja. — Bonifácio então perdeu o fôlego, fazendo uma careta, numa expressão de quem acabara de respirar fumaça. Seus pulmões pareciam ter perdido a elasticidade e a capacidade de respirar. — O que está acontecendo aqui?

— Não sei, filho. — As palavras arranharam os ouvidos de Bonifácio, gerando ainda mais desconforto. O padre falava quase que em tom de confissão, não havia mais o que ser escondido. — Coisas estranhas têm acontecido desde a inauguração há alguns anos. Eu tenho conseguido disfarçar e apagar os vestígios, mas coisas dessa natureza insistem em acontecer entre essas paredes.

Bonifácio estava nauseado. Sentindo a já conhecida fisgada, segurou o pescoço. Abandonou o interlocutor e dirigiu-se trôpego para a saída. Precisava sair dali o quanto antes. Seus sentidos aguçaram-se e suas narinas sentiram o ar pútrido que o cercava. Bastou-lhe a confirmação para entender o porquê de sempre ter achado aquele lugar tão opressor.

Na calçada, havia uma pequena poça de sangue.

Olhou para trás, mas a diferença de luminosidade não o permitiu perceber se ainda estava sendo observado pelo padre. Examinou o sangue por um instante e bastou outro para que uma gota caísse do céu somando-se ao montante. Olhou para cima e viu sangue escorrendo em duas linhas retas e contínuas pela parede frontal da igreja. Acompanhou as duas linhas, chegando à fonte. Os olhos de Cristo.

Bonifácio correu açoitado pra casa. Subiu os degraus para o alpendre num salto, esbarrando-se em Sebastião. O primo descia com a ajuda de sua bengala, trazendo a caixa de ferramentas em uma das mãos. Saía para fazer um reparo na casa de um vizinho. A caixa balançou, mas Sebastião equilibrou-se rapidamente, derrubando apenas a pua no chão. Bonifácio apanhou-a, pedindo desculpas e voltando ao seu passo frenético.

— Preciso de um favor seu — disse assim que achou Clemência, brincando com as crianças no alpendre.

— Nossa Bonifácio, o que houve? — Afastou-se a um canto, indicando com o olhar que a seguisse.

— Preciso esconder aquele dinheiro que tenho guardado.

— Você nunca usou mesmo um centavo, né Bonifácio? Agora entendo a diferença entre a nossa casa e aquela igreja. — A mulher assustou-se com as próprias palavras e benzeu-se.

— Estou falando sério! Não sei se é seguro fazer uso desse dinheiro.

— Bonifácio, ele é fruto de um ótimo trabalho que você está fazendo.

— Não é assim que funciona. Só agora me dei conta de que eles estão todos aqui.

— Quem?

— Não salvei ninguém de demônio algum. Estão à espreita, Clemência. Estão à espera de um sinal.

— Você está me assustando. Me explique melhor. Em que esconder o dinheiro poderia ajudar? Não acha que poderíamos fazer bom uso dele? — disse olhando para a casa e para as crianças.

— Acho que o que vier daquele dinheiro não será coisa boa. É só uma suspeita, mas prefiro não usarmos até eu ter certeza. Qualquer coisa, depois eu saberei onde está e cedo ou *tarde* poderei avisar a alguém. Esse dinheiro poderá ajudar sabe lá quantas pessoas, Clemência. Prefiro que seja assim. — Bonifácio tocou-lhe no ombro fazendo-a sentir-se confortável com a sua segurança. — Entendeu agora o porquê de eu vim pedir justo a sua ajuda? — disse ao ver o rosto de Clemência esboçar entendimento.

— Porque não conhece ninguém que trabalhe com argila melhor que eu.

— Exatamente, preciso que você me ajude a esconder tudo. Todo o dinheiro e todo o ou...

Gritos vieram da rua. Uma multidão correu alvoroçada no sentido que levava à saída da cidade, em direção à igreja. Sebastião retornou para o alpendre, subindo as escadas o melhor que pode. Mandou as crianças entrarem e juntou-se aos dois. Num átimo, percebeu que atrapalhava planos mirabolantes, conhecia o olhar daqueles dois quando estavam tramando.

— O padre morreu — disse, sendo então quase derrubado por Bonifácio pela segunda vez.

Bonifácio correu. Suas pernas finas contraíam-se num desejo de passadas cada vez mais largas. Não adiantou. Chegou à igreja quase quinze minutos depois, deparando-se com uma multidão à calçada.

Passou com dificuldade pelas pessoas, encontrando o corpo caído em cima de uma poça de sangue.

Uma escada, um balde com água, uma flanela e um pescoço quebrado. Nas paredes da igreja e na cruz lá no alto, marca alguma de sangue.

Bonifácio segurou-o entre as mãos, mas não sentiu nada.

No dia seguinte, o corpo foi mandado para Fortaleza; Bonifácio fez questão de que não fosse enterrado no cemitério da cidade há tanto desativado. Bastou dizer que poderia representar um mau presságio para que todos concordassem.

Três dias depois de sair de Jaguaruara, o senhor responsável pelo transporte do finado, enojado pelo mau cheiro e perturbado pelo bater de asas das centenas de moscas que acompanhavam a carroça, desistira do transporte no meio do caminho, soltando o corpo na beira da estrada. Retornou à cidade dois dias antes do esperado, dizendo que o corpo fora recebido com comoção pela família e pelos antigos amigos do Seminário.

Capítulo 21

— Você sabe mesmo usar isso, Vicente?

— Se vamos passar a noite aqui, espero poder contar com ela — disse para Felipe, enquanto limpava a velha espingarda. Ao lado das partes desmontadas, havia uma caixa com munição encontrada por Felipe em cima do guarda-roupa. — Quero testar se essa belezura ainda faz seu trabalho.

Vicente pegou uma das balas e armou a espingarda. Ao fechar o dispositivo, ela emitiu um agradável clique sonoro, confirmando suas expectativas. Caminhou para o lado de fora da casa, sendo seguido pelos outros.

Um grande estrondo cortou o ar. Fora certo em uma garrafa do outro lado da calçada. Os cacos de vidros explodiram reluzentes aos últimos raios de sol do final da tarde.

A ideia de passar uma noite em uma velha cidade abandonada não soava agradável. Para piorar, estavam exaustos, já haviam rondado todas aquelas antigas ruas e vasculhado por toda parte desde que haviam chegado. Voltar para Nova Jaguaruara, porém, não era uma opção. Naquela casa sentiam-se seguros. Pedro assegurou-os de que os poucos habitantes de Nova Jaguaruara que tinham ciência da cidade fantasma não ousariam invadir aquelas terras para procurá-los. Nem mesmo os policiais mais corajosos.

Mais alguns tiros e voltaram ao alpendre. André estava inquieto, as pernas chacoalhando-se e as mãos ocupadas em uma atividade torturante de apertar-se uma contra a outra.

— André, desculpe-me a sinceridade, mas não alimento mais esperança de encontrarmos Maria. Não aqui! Já faz três dias desde o acidente — disse Rose.

— Não diga isso, vamos encontrá-la sim! Não sei o que estamos fazendo aqui nessa casa, por mim devíamos continuar procurando.

— Calma, André! Entendo a colocação de Rose. Passamos por maus bocados esses dias. A melhor coisa a fazer agora é deixar a poeira baixar e depois tentar cruzar Nova Jaguaruara. Temos que voltar para Fortaleza — disse Vicente.

— Amanhã, quando Pedro voltar, perguntamos se já é possível passar pela entrada da cidade. Lamento dizer, André, mas independente da resposta que ele trouxer, temos que seguir em frente — disse Felipe.

André chutou uma das cadeiras, afastando-se para um canto do alpendre.

— Quero compartilhar uma coisa com vocês — disse Rose quase sussurrando, olhando de canto de olho para André.

— Claro — disse Vicente.

— André não pode saber disso, rapazes — disse ainda olhando de esguelha, certificando-se de que ele não conseguiria ouvir. — Maria estava grávida.

— O quê? Por isso ele tá tão transtornado. Está preocupado com o sobrinho — disse Felipe, atraindo momentaneamente o olhar de André. Este, entretanto, continuou a sua atividade de ignorá-los. Não havia compreendido uma só palavra na realidade.

— Silêncio. Não terminei — disse Rose voltando-se para Felipe. — Maria estava grávida de André.

— Caramba! Ela estava grávida do próprio cunhado? — disse Vicente baixinho, temeroso de despertar-lhe a atenção. André, se não estivesse tão alheio, certamente teria se deparado com aqueles três grandes pares de olhos a fitar-lhe.

— Exatamente. Fez um teste de farmácia quando chegamos à Nova Jaguaruara. Gustavo estava viajando por conta do pós-doutorado há três meses já. Ela não fazia ideia de como explicaria quando ele voltasse. Disse também que André estava obcecado por ela, quase paranoico. Bem, ela não sabia o que fazer a respeito. Desculpem-me, mas precisava compartilhar isso.

— Você não acha que ele merece saber? — disse Felipe.

— Claro que não — retorquiu Rose. — Para quê? Eles nem sequer tinham uma relação de verdade. E no final das contas, não importa mais.

— Não sei se faz sentido para vocês, mas teria ela usado a situação para desaparecer? Teria o acidente como ótimo álibi — disse Felipe.

— Ou quem sabe o mais provável. Talvez tenha conseguido escapar dos limites da cidade, pegado uma carona e já esteja longe... — disse Vicente.

— E não teria voltado para nos ajudar? — disse Rose.

— Como poderíamos saber? Estamos há dias fugindo feito loucos — disse Vicente.

— Ela deve estar por aí. Cedo ou tarde vai aparecer — disse Felipe.

— Você quer dizer então que também não acredita nessa baboseira toda de pessoas desaparecidas, Felipe? — disse Vicente com a satisfação de quem conquista um voto.

— Apenas sei que algo não está certo aqui e vocês sabem igualmente disso.

— E se ela ainda estiver perdida por aí? Tenha sido raptada por um maluco. Já pensaram em quantos lugares ainda não vasculhamos? Ela poderia estar em qualquer uma dessas casas. Quem sabe?

— O que você está propondo, Rose? — disse Vicente.

— Proponho que entremos e vejamos o que conseguimos preparar com o que Pedro nos deixou. Estou com fome — disse ao perceber a aproximação de André.

Ninguém respondeu.

A noite caiu ligeiro, exibindo um céu estrelado dos que são vistos apenas em cidades pequenas ou, no caso, abandonadas. Um céu sem lua, escuro, mas chamuscado por uma miríade de pontos.

Rose retirou da sacola o que tinha sobrado da refeição que haviam feito de tarde. Felipe, pegando um palito de fósforos de uma caixa junto à sacola, acendeu um lampião velho; ainda havia um pouco de óleo. Funcionou. Era incrível como Pedro trouxera-lhes tudo que precisavam: lanternas, comidas e fósforos. Era um kit curioso para se ter no carro, pensou ele.

— Estou sem fome, Rose. Vou dar uma volta — disse André saindo da cozinha.

— Como assim? Vai sair sozinho no meio da noite?

— Eu vou com ele, Rose — disse Vicente. — Não percebe que ele está inquieto demais para continuar aqui?

— Você acha que vai fazer alguma diferença sair agora? Não tá lembrado do que Pedro te pediu?

— Acredito em coisas de carne e osso, Rose. Se ela sumiu aqui próximo, melhor continuar procurando por aqui.

— Pedro disse para não sairmos da casa, Vicente — ela disse para as paredes. Ele já tinha se afastado e entrado em um dos quartos.

Vicente surgiu então no corredor, onde entregou a André uma das lanternas. Testou a sua própria e, pelo cone de luz formado, Rose distinguiu o longo e enferrujado cano da espingarda. Voltamos já, ele disse.

Enquanto caminhavam por aquelas ruas, nada chamava mais a atenção do que paredes caídas, rachaduras, telhados desabados e um número sem fim de portas e janelas abertas exibindo o interior perturbadoramente escuro. Caminhar por aquelas ruas era caminhar por um mundo perdido, um mundo que era devorado pelo tempo em grandes bocados. Não havia ninguém travando a eterna batalha contrária. Vicente sentia-se como um verme a desbravar as mais escondidas partes de um corpo defunto. Sentia-se pequeno em meio ao pesado céu e às ruínas de Jaguaruara. André pensava em Maria.

Chegando a um dos extremos da cidade, onde o mato corria livre, algo lhes chamou a atenção.

— Você também está vendo, Vicente? — disse André desligando sua lanterna e pedindo com um gesto que ele fizesse o mesmo.

Vicente apertou os olhos num esforço inútil de entender do que aquilo se tratava.

— Que diabos? O que essa pessoa está fazendo? — disse

caminhando em direção às primeiras moitas, abaixado.

— Tomara que seja mesmo uma pessoa.

— Deixa de besteira! — disse Vicente com os olhos fixos na estranha criatura. — O que me pergunto é o que uma pessoa estaria fazendo ali. No meio do nada.

O mato alto balançava batendo naquelas pernas finas e compridas, compridas demais. A criatura alcançava altura imponente em meio à vegetação numa composição intrigante, fantasmagórica. Os braços caídos ao lado, os ombros curvados e as roupas em fiapos dançavam ao ritmo do vento.

Vicente e André rastejaram, abandonando o conforto do limite da cidade e de suas ruas de pedra e embreando-se na mata em direção ao estranho homem. André pisou num graveto, produzindo um estalido que se propagou ao longe. Os dois deitaram-se no chão. Vicente levantou a cabeça depois de alguns instantes e teve a impressão de que a criatura havia dado um pequeno giro em seu próprio eixo, à procura da origem do som. Segurou a espingarda com força e desejou que não precisasse usá-la.

Uma inquietação parecia dominar o homem. Os braços pendulavam num ritmo crescente, assim como as folhas da mata ao redor. Entretanto, era tempo demais para se manter de costas, na mesma posição e sem caminhar. Qualquer um teria percebido a aproximação de dois estranhos, ainda mais agora que estavam tão perto. Esses pensamentos fervilhavam na cabeça de Vicente.

— Olá! — ele gritou, sentindo um frio na barriga com a perspectiva assombrosa de uma resposta.

Ela não veio e os dois ficaram em silêncio, enquanto o estranho homem mantinha-se tremulante em seu posto.

— Quem está aí? Estamos procurando por uma pessoa. — Vicente fez a segunda tentativa.

— Me passa isso. — André puxou a arma para si. Ainda agachado, atirou para cima. O cheiro de pólvora contaminou o ar. O homem continuou impassível e não fez nada além de balançar os braços caídos.

Vicente sorriu, levantando-se. André, com cara de bobo, olhava para o amigo sem entender.

— Somos dois idiotas mesmo — disse caminhando em direção ao homem. André, ainda temeroso, apontava a espingarda para a criatura, mantendo-a no alvo enquanto Vicente se aproximava.

— Um espantalho! Um maldito espantalho! — disse Vicente orgulhoso ao lado da assombrosa figura.

Ainda havia um pouco de pão e salame. Rose dividiu para si e Felipe e manteve na sacola a outra metade para os outros dois. Por um

instante, pensou em guardar igual quantidade para Maria. Não o fez.

Comeram em silêncio, mergulhados na luminosidade cambaleante da lamparina. Rose, encostada em uma das janelas, sentia a brisa suave da noite. A escuridão lá fora era enorme. Além das estrelas, apenas as luzes de duas lanternas cada vez mais distantes quebravam a escura monotonia.

— Que semana, hein? — disse Felipe.

— Não conte vantagem ainda.

— Ainda acha que estamos em perigo? O fato de não termos achado o corpo de Maria após o acidente não quer dizer que tudo que esse povo acredita seja verdade, Rose.

— Olhe onde estamos! Não seja bobo! Tenho medo pelo que possa ter acontecido com ela.

— Tenho esperanças de que ela esteja bem. Quero dizer, as coisas poderiam estar muito piores diante do acidente que tivemos.

— Por favor, Felipe. Guarde esses comentários para você! — disse voltando-se para a escuridão lá fora.

Uma lanterna se apagou, depois a outra.

Rose franziu o cenho. Quando se virou para Felipe, viu que ele exibia uma expressão de horror ainda maior; seus lábios tremiam e seu pescoço se contraía, engolindo em seco. Estava de pé, de costas para a janela que dava para o quintal.

— Tem um homem nos observando — Felipe apontou para o peito, indicando a janela atrás de si. Felipe falou tão baixo, que metade da mensagem foi captada por leitura labial.

Rose piscou os olhos lentamente, com uma inspiração profunda; uma mensagem oculta para que ele se mantivesse calmo. Ele entendeu e sentou-se novamente. Ela olhou para a direção de onde vira agora há pouco as lanternas de Vicente e André se apagarem e disse:

— Estou preocupada com os meninos, Felipe. — Ela de fato estava. Não conseguir mais acompanhar as lanternas, mesmo à distância, era perturbador. — Perdi eles de vista. Vá procurá-los.

— E você?

— Estarei aqui. Tudo bem, mesmo. — Com o braço retesado, fez um gesto discreto. Uma mímica clara e precisa de um objeto que haviam encontrado na casa.

Claro, a bengala! A bengala, pensou Felipe.

Ele saiu da cozinha e desapareceu no corredor escuro. Entrou no quarto e ao apalpar o chão, encontrou-a na primeira tentativa. Tomou o corredor em direção à saída já com a bengala posicionada como arma. Deu a volta na casa pelo lado de fora, mas ao chegar à parede correspondente à janela, viu apenas o último pé do observador saltando para dentro da cozinha. Chegara tarde demais para pegá-lo em flagrante.

Rose estava frente a frente com o estranho. A loucura era evidente naquele rosto pálido e assombrado. Um senhor de mais de sessenta anos de idade, com maçãs do rosto elevadas, cobertas por uma fina camada de pele enrugada que poderia facilmente rasgar-se a qualquer expressão. O nariz projetava-se fino, comprido e úmido em uma cabeça rodeada por fios brancos esparsos, incrementando ainda mais os traços de loucura já denunciados pelo seu olhar. Apenas uma velha mesa entre os dois. A faca de pão à meia distância.

— Quem é você?

— Eu... Eu... Vo-você vai... mo-morrer... Sa-saia d-d-daqui...

O homem precipitou-se na direção de Rose, mas teve a trajetória interrompida. Tombou sobre a mesa e rolou para o chão. O sangue escorreu em um filete vermelho escuro de sua nuca.

— Você o matou, Felipe? Ele estava tentando dizer alguma coisa.

— Está respirando, Rose. Não deve ter...

Um tiro. O homem teve um breve espasmo em resposta ao estrondo.

— Eles estão em perigo — disse Rose.

— Você cuida dele? Eles podem estar precisando de ajuda.

Felipe largou a bengala e correu. Pela janela, Rose observou seu contorno minguar-se até perdê-lo de vista.

As duas lanternas foram então ligadas ao longe.

O corpo do homem não era tão pesado quanto pensou a princípio. Ergueu-o e sentou-o em uma das cadeiras. O homem balbuciava algo, tocando na cabeça ensanguentada, quando teve suas mãos e pernas atadas à cadeira pela raptora.

— O q-q-que... que vo-você... qu-quer?

— Precisamos de respostas.

— Vo-você... vai m-mo-morrer.

Rose deu as costas para o homem e saiu da casa. Ao chegar ao alpendre, viu as silhuetas de Vicente e André aproximando-se. Sorriam narrando alguma aventura recém-vivida. Dois amigos voltando de um passeio pelo campo. O humor foi então dissipado com a expressão de terror de Rose.

— O que houve? — disse Vicente.

— Cadê o Felipe?

Capítulo 22

O diabo sorriu desdenhoso em direção às crianças, aos homens e às mulheres espalhados a se perder de vista. Estavam aos seus pés, fincados por enormes estacas. Sangue derramava de seus corpos, encharcando o chão e cobrindo toda a paisagem de vermelho. Gritos de terror formavam sua melodia favorita. Os mais fortes escapavam das estacas para exibirem enormes perfurações em seus abdomes. Labaredas de fogo brotavam do solo de intervalos irregulares e iam de encontro ao céu cinzento. O cheiro de carne queimada empestava.

Como um rei absoluto e soberano, assistia ao espetáculo particular orgulhoso. Do alto de uma colina, sentado em um trono com as pernas caprinas dobradas, esforçava-se para não perder um só detalhe: um gemido de dor, um osso quebrando ou mais uma víscera se juntando ao víscido caldo. Em uma das patas dianteiras, segurava com o casco fendido um cálice com elegância. Um cálice com sangue fresco e quente, do qual saboreava o conteúdo em grandes goles.

Outros chifrudos caminhavam entre os corpos, nutrindo-se sedentos do sangue derramado. Eram como animais bebendo água num deserto. Os já satisfeitos com a entrada, agora arrancavam e devoravam pernas, braços e costelas. Ossos roídos e mastigados. Vísceras devoradas repletas de fezes.

Firmina gritou à aproximação de um deles. Tentou escapar, mas uma estaca transpassada pela sua barriga não lhe permitiu fuga. O demônio segurou sua cabeça e, quando estava prestes a arrancá-la, um forte balido ecoou ao longe, chamando a atenção de todos.

Satanás ergueu o cálice em sinal de cumprimento. Levantou-se e proferiu o discurso com sua voz encantadora.

— Anuncio o meu domínio e poder sobre estas terras e sobre tudo que anda, rasteja ou voa sobre elas. Eu e minha legião fomos desafiados, mas o tiro saiu pela culatra. Fomos libertos e reunidos em um só lugar! — Balidos e berros de apoio ecoaram. — Eis que é chegada nossa era. É chegada minha vez de alimentar-lhes de esperança e alegria plenas, que *somente eu* sou capaz de dar. Façam a escolha de vocês: viver com fartura diante de mim ou continuar sendo enganados por um mortal. Tolo é o homem que se inclina diante de outro homem. Posso lhes oferecer muito mais do que já imaginaram. Tenho meu preço, entretanto. Um preço justo. Quero o filho primogênito de toda família que passe por estas terras. Até o fim dos dias. O sacrifício deve ser feito por vocês. Caso não o façam, o silêncio dos covardes será para mim a melhor resposta. A cada noite, um primogênito será então tragado. Não há o que temer, meus súditos. Dou-lhes minha palavra de que tempos melhores estão por vir.

Berros, relinchos e batidas de cascos produziram um som nauseante.

Firmina acordou-se em pânico. E lá estava ele diante da cama, com aqueles olhos esbugalhados. Ela desviou o olhar, tombando de joelhos ao lado e vomitando meio litro de sangue.

Clemência, que também se acordara, entrou no quarto ao ouvir o barulho e ficou sem ar por um instante. Pôde jurar ter visto uma figura alta de asas dobradas e com uma cabeça careca e vermelha, como um enorme urubu. O mesmo rosto que acabara de ver no terrível sonho estava ali. Acendeu a lamparina e olhou uma segunda vez. Nada.

— O que houve, Firmina?

— Tive um sonho. Só um sonho. Estou velha demais para esses truques.

— Eu sei o que você viu — Clemência ajoelhou-se ao seu lado; o cheiro do vômito a fez lembrar-se do próprio sonho. — Nossa vida em Jaguaruara tornou-se um inferno — disse, atraindo o olhar de Firmina. Clemência reparou quão velha e debilitada ela estava e não deixou de perceber quão cínica era a sua surpresa. É claro, era uma velha de mais de cem anos.

— Ele quer os filhos da nossa terra.

— O que podemos fazer para acabar com isso?

— Essa agora é uma luta de vocês, filha — disse apoiando-se em Clemência e subindo de volta para a cama. — Eu não aguento mais.

Firmina fechou os olhos.

Clemência correu até o quarto de Bonifácio, precipitando-se pela porta com estardalhaço. A lamparina liberava um fino fio de fumaça cambaleante pelo pavio. Ele e a mulher também haviam sido acordados pelo anúncio. Os filhos dormiam.

— Calma, sou eu! Preciso que me acompanhe, Bonifácio. Alguma coisa acabou de acontecer. Foi demais para Firmina.

Ela estava imóvel quando Bonifácio chegou à cama. O rosto enrugado e os olhos cerrados combinariam naquele momento apenas com uma coroa de flores.

— Apenas você pode salvá-la — disse Clemência.

E Bonifácio entrou.

O corpo estava à beira de um colapso. Estruturas velhas demais, remendadas demais. Sangue, por toda parte, fluía muito além dos vasos, inundando os órgãos e os espaços internos. Desesperado e não sabendo por onde começar, deixou-se levar pela corrente, chegando pela primeira vez em um lugar onde nunca estivera, onde nunca se permitira entrar. Era a única chance de ao menos se despedir. Faíscas elétricas, formigamentos. Bonifácio acostumou-se à sensação, pareciam cócegas, e finalmente chegou numa região central. Uma

claridade absurda. Pensou que fosse cegar, mas se lembrou de que seus olhos estavam protegidos por ossos e camadas de pele a alguns centímetros dali.

Lembranças e sensações diversas inebriaram o nobre navegante. Das mais absurdas, ele concluiu. Sentiu a agradável sensação de comer milho na espiga, de alimentar os animais no roçado, de beijar a testa de um filho. Bonifácio pôde ver a si próprio, nas mais variadas épocas de sua vida. Que peste terrível! Presenciou o seu nascimento e então se deparou frente a frente com a sua mãe. Assistiu a ela morrer. Assistiu a ela crescer também. Tristezas e alegrias mesclaram-se em uma torrente vertiginosa. Ele vivia cento e dez anos em um segundo. Em meio ao turbilhão, Bonifácio de repente encontrou-se em um grande átrio.

— Da glória ao fracasso — disse Firmina aproximando-se.

Bonifácio sorriu e observou que ela estava sem o terço preso ao punho.

— Estou com medo.

— Já me disse isso tantas vezes, querido.

— Agora é diferente.

— Você não sabe o quanto é forte, Bonifácio. Não deixe o medo te enfraquecer. É só o que ele faz.

— Você acha mesmo que sou capaz de derrotá-lo?

— Essa dualidade, o bem e o mal, parecem ser intermináveis. Nenhum põe um ponto final no outro. É a essência do mundo e de cada um de nós. Confesso que não acredito que seja capaz de destruí-lo, mas você pode afastá-lo de nossa cidade. Esse é o seu desafio. A nossa cidade foi feita de muito trabalho de homens e mulheres fortes, que resistiram à seca e à fome até consolidarem uma cidade próspera. Não podemos perder isso, é a nossa história. É o que somos, Bonifácio. E eu acredito na missão que Deus lhe deu.

Bonifácio abanou a cabeça.

— Eu sei que você sempre se sentiu sozinho, filho — ela continuou. — Acredito que Deus nos deu um presente quando nos trouxe você. E ainda acredito que estamos trilhando um caminho escolhido por ele. As coisas parecem ter se perdido do controle, mas sei que você será capaz de expulsá-los daqui.

— Por que Deus deixou essas coisas acontecerem?

— Não cabe aos filhos questionar as decisões dos pais. As crianças não veem o que nós vemos. Da mesma forma, não podemos entender os planos de Deus. Fomos vaidosos demais com o presente que Ele nos deu.

— Tudo isso começou por minha culpa.

— Não diga isso! O diabo que não aguenta ver algo dando certo que logo ele aparece.

- Durante o sonho, eu olhei nos olhos dele.
- E o que viu?
- Que não vou conseguir. Não tenho como competir com um...
- Um anjo? Você saberá o que fazer, filho. Na hora certa, você

vai saber.

- Pensei que poderia me ajudar de uma forma mais objetiva.
- Como eu saberia? — disse com um sorriso sábio.
- Foi o que a senhora fez a vida toda.
- Essa é a sua missão, Bonifácio.
- Não sei onde encontrá-lo.
- Ele me fez uma visita. Acordei do terrível sonho e lá estava ele, a terrível besta me observando. — Ela fez uma breve pausa. — Esteja na igreja à meia-noite. O mal está na igreja.

— O que quer dizer?

- Não há Deus entre aquelas paredes.
- Lembra do que já lhe falei sobre o que fazer com a igreja?
- Não temos como saber se daria certo. Seria muito arriscado. Aos olhos de Deus, uma afronta talvez. Um sinal de heresia. Você deve expulsá-lo.

— E se eu não conseguir?

— Você tem um dia para pensar, querido. Você sabe do que é preciso.

— Sei?

— Você *precisa* acreditar.

Bonifácio ficou pensativo, detendo-se apenas a dizer:

— Vamos então?

Firmina sorriu ao convite.

— O que foi?

— Muito obrigado por ter me aceitado como mãe. Você foi o filho que nunca tive. Foi o maior presente de Deus na minha vida. Amparo estaria orgulhosa de você.

— Por que está dizendo isso?

— Tudo tem um fim.

— Não faça isso comigo.

— Foram mais de cem anos, Bonifácio. Meu corpo simplesmente não aguenta mais lutar para se manter vivo. Estou feliz, filho. Eu prometo que sim. Eis que para mim, tudo termina aqui.

Bonifácio chorou como criança. Soluçou como criança. O grande átrio, ainda há pouco iluminado, agora mostrava tons pálidos e sombrios como se uma forte chuva estivesse a caminho. Firmina aproximou-se e deu-lhe o último abraço.

— Não estou mais respirando. Você deve ir.

Bonifácio sentiu vontade de dar meia-volta e consertar tudo, desobedecer. Mas não os fez. Deixou acontecer. Para Bonifácio, um

homem já a despontar os primeiros fios de cabelo branco, a perda era ainda uma inimiga desconhecida. Perder alguém querido sempre fora algo contornável, mas, naquele dia, Bonifácio aceitou os limites da vida e deixou-a fluir. Ela estava livre.

Ao abrir os olhos, estava sentado a um canto da cama, abraçando o corpo inerte de Firmina.

Clemência compreendera tudo quando viu no rosto da velha um sorriso, daqueles de alívio que vivo algum é capaz de dar. Saiu do quarto para dar a notícia aos outros, mas não os encontrou no interior da casa. Estavam todos no alpendre, seu marido Sebastião e Cândida, acompanhados dos filhos dos dois casais. A notícia não precisou ser dita. Sebastião e Cândida deram-lhe as mãos em afirmação.

Do alpendre, Clemência percebeu que algo diferente pairava pela cidade. Apesar do horário, uma ou outra pessoa passava pelas ruas e a maioria das casas exibia traços de inquietação, com suas janelas e portas deixando escapar a luz das lamparinas. Lembrou-se então do sonho. Todos deviam ter recebido a maldita visita.

Bastou contarem a duas ou três pessoas e não demorou até que a notícia da morte de Firmina chegasse mesmo à última casa da cidade. Meia hora depois, à uma hora da manhã, centenas de pessoas tornaram aquela madrugada a mais iluminada que Jaguaruara já tinha visto. A multidão posicionou-se de frente ao alpendre da casa segurando velas e imagens de santos. Pais-nossos e Ave-Marias foram anunciados e todos os cantos de louvor, até que as luzes das velas se perdessem, horas depois, em meio ao nascer da nova manhã.

Bonifácio permaneceu em seu quarto, ouvindo os cânticos vindos de fora durante toda a madrugada. Passou o resto do dia recluso, praticamente não viu ninguém e pouco comeu, apenas beliscando o que Cândida insistia. Sentia que uma parte de si morrera àquela noite. Estava temeroso também, pensando no duelo que se aproximava.

Ao final da tarde, todos da casa saíram para o enterro, ele não. Apenas ele realmente tivera a chance de se despedir, pensou.

Sozinho em casa, decidiu fazer algo que não fazia desde menino. Pegou a Bíblia das coisas de Firmina. Folheou-a. Uma parte marcada a lápis chamou a sua atenção. Então ela, mesmo temerosa, também acreditava que aquilo seria outra possibilidade? Aquela seria sua segunda chance. Se não ele, alguém faria aquilo um dia. Ele daria um jeito de voltar para avisar.

Um arrepio na nuca. Um vento frio entrou pela janela como o bater de asas de um enorme pássaro. Lembrou-se então do enterro e imaginou que o corpo de Firmina estava naquele momento a ser enterrado.

Naquele dia, depois de quase cinquenta anos de jejum, o chão do cemitério de Jaguaruara comeu carne mais uma vez.

Capítulo 23

Um homem, um bode. Do banco de trás, Maria não compreendeu do que se tratava. O carro puxou para a lateral e capotou para fora da estrada.

Maria despertou da queda em um mundo novo e revirado. As mãos caídas para baixo, em direção ao teto do carro. A escuridão e o desentendimento eram absurdos, só conseguindo divisar o que estava à frente pela iluminação dos faróis, mas sob um efeito escortinante de um para-brisa espatifado. Ela ainda podia sentir o movimento dos pneus a girar acima de si. A chuva forte produzia estalidos metálicos agudos numa melodia agonizante.

Para a sua sorte, nenhuma dor, nenhum ferimento. Olhou ao redor e chamou pelos outros. Ninguém respondeu. Que merda! Ela gritou, soltando-se do cinto. Tentou abrir a porta, mas a parte superior da mesma estava atolada na lama. Apertou o botão da janela, temerosa, e o mecanismo elétrico respondeu, amplificando o ruído da chuva do lado de fora. Maria escapou pela janela. Precisava buscar ajuda.

No alto do barranco, à borda da estrada, havia alguém. Mas tão logo foi visto, o homem afastou-se da borda, sumindo do seu campo de visão. Maria retirou o celular do bolso, mas ele estava quebrado. Ela atirou-o no chão e correu vacilante em direção ao barranco.

Subiu, fisgada pela curiosidade e pela necessidade de ajuda de quem quer que fosse. Na estrada, o cheiro de borracha queimada era insuportável. E lá na frente, o homem seguia o caminho indiferente ao peso daquela chuva e, principalmente, ao terrível acidente. Seguia em direção à cidade.

A buzina do carro então disparou lá de baixo, engasgada. Não era a única sobrevivente! Pensou em descer, mas optou por tentar ajuda.

Maria gritou para o homem com as mãos em concha. Não havendo retorno, correu em seu encalço.

— Socorro! — Nada. — Peço desculpas, quase atropelamos você — disse ao chegar mais perto.

Estava perto demais. Maria parou subitamente ao perceber o que estava diante de si. Uma criatura nua. Nem homem nem animal. Uma besta com uma pelagem densa e escura cobrindo todo o corpo. Caminhava em suas duas patas posteriores, calcanhares elevados, andando na ponta de dedos recobertos por cascos. Uma pequena cauda apontava para o alto.

A criatura então parou. Virou-se.

Os olhos alucinados cravaram-se aos seus. Ardiam em brasa.

Além dos olhos, nada mais que um recorte da cabeça em meio à escuridão, remetendo a uma figura geométrica diabólica; uma estrela de cinco pontas de cabeça para baixo, formada pelos contornos dos longos chifres, a barba comprida e o par de orelhas pontiagudas. A besta deu um passo em sua direção e Maria cambaleou.

Do outro lado da pista, pôde perceber então a grande e imponente igreja. Antes mesmo que pudesse pensar em gritar ou correr, um dos cascos da pata dianteira tocou em seu ombro.

Uma dor alucinante cravou em seu ventre. Maria caiu de joelhos diante da besta e, numa tentativa de fugir da reverência, esquivou-se para trás, caindo de costas no meio da estrada. Um grande volume de sangue escapou de suas calças e misturou-se com a água que era derramada pela forte chuva no asfalto.

Diante da dor e daqueles grandes olhos, Maria rendeu-se.

A princípio, preocupou-se por ter deixado ela sozinha com o desconhecido. Não, não havia com o que se preocupar, afirmava para si mesmo enquanto corria. Havia dado um belo golpe. Além do mais, Rose era o tipo de pessoa que sabia se virar.

Felipe correu em direção ao som do tiro. Torcia para que estivesse seguindo o caminho certo. Caso contrário, apenas teria se distanciado e desperdiçado qualquer chance de oferecer ajuda aos outros dois. Felipe desejou que alguma lanterna se acendesse ao longe. Qualquer sinal, até mesmo outro tiro. Não, outro tiro não!

Nenhuma lanterna acendeu-se. Nenhum outro tiro ribombou na noite.

Chegou ao limite da cidade; a borda de uma rua de pedras dava para um matagal sem fim. Ao longe, Felipe pode distinguir com dificuldade uma figura no meio do mato. Um homem alto e de braços estendidos. Ao dar o primeiro passo em direção ao mato alto, pôde jurar ter ouvido as vozes de Vicente e André, próximas como as de quem se acaba de cruzar. Ouviu risadas.

— Vicente! André! Vocês estão aqui?

Nenhuma resposta.

Seguiu em direção ao homem em meio à escuridão. Cauteloso. Seria um deles? O que um dos amigos estaria fazendo ali, com os braços levantados? Teriam sido rendidos? A polícia teria os encontrado? Mas onde estariam os policiais? Torcia para que fosse um dos dois e, mais ainda, torcia para que o tiro ouvido não tivesse derrubado o outro. Procurou por uma segunda pessoa enquanto aproximava-se de seu alvo. A paisagem estava assustadoramente quieta.

Mais alguns passos e tranquilizou-se ao perceber que se tratava apenas das costas de um espantalho. Um espantalho alto e erguido em

meio ao matagal, denunciado o local de plantação de outras épocas. Não ter encontrado apenas um deles foi de certa forma reconfortante, espantando as inquietações quanto ao paradeiro do outro de sua cabeça. Voltara ao zero, entretanto. Precisava continuar.

Fez uma nova tentativa. Gritou pelo nome deles.

A cabeça do espantalho, abaixada até então, ergueu-se. Felipe sentiu suas vísceras se esmagarem ao peso daquela visão. Pensou em recuar, mas não havia mais volta. A grande figura girou em torno do si, não com a rigidez de madeira que gira fincada ao solo, mas com a leveza de quem flutua. O espantalho parou de frente para ele e dois faróis de luz quente e vermelha arderam em seus olhos.

No último filete de consciência, Felipe sentiu apenas a sanidade sendo drenada como água a jorrar de um vaso quebrado.

De repente, André estava sentado à mesa diante de quatro bestas famintas.

Capítulo 24

Os carros saíram um a um, até que restassem apenas os de Raquel e Ivone.

Raquel estava quieta, paralisada, em sintonia com a quietude restabelecida ao desligar o carro. Se fosse fazer o que tinha em mente, tinha que ser agora. Ligou novamente o carro, despertando um ronco desproporcionalmente alto para o seu plano de manter-se oculta. Manobrou o carro, estacionando-o a um canto escondido. Saiu e caminhou em direção ao carro de Ivone; ficaria à espreita por trás de uma das colunas.

Como uma fera paciente que espera horas para desferir um ataque repentino em uma presa, passaram-se intermináveis quinze minutos, até que Raquel pudesse finalmente ouvir os passos de Ivone. Não havia dúvida, era ela. Só havia um carro além do seu e aqueles passos, aquele ritmo, seria reconhecível até no inferno. Em silêncio, quase sem respirar, arrependeu-se do esconderijo. Era perto demais. A coluna parecia afinar a cada novo passo da diretora, fazendo Raquel encolher-se mais e mais até ficar na ponta dos pés. Que estúpida, devia ter ficado esperando dentro do carro, pensou. Agora não tinha o que fazer, era torcer para não ser descoberta.

O carro de Ivone deu partida e saiu do estacionamento. Raquel respirou aliviada e voltou para o colégio.

— Olá professora, está tudo bem? — disse o segurança do outro lado do portão, próximo à recepção.

— Oi Emanuel, tudo sim. É que esqueci as chaves de casa na minha gaveta.

— Jurava ter visto você sair há mais de meia-hora.

— Estava numa ligação. Posso entrar? — disse Raquel impaciente, posicionando-se diante do portão.

— Certeza de que está tudo bem? Nada que eu possa resolver?

— Meu único problema é que preciso de minhas chaves para ir pra casa.

O segurança abriu o caminho e Raquel entrou, percebendo um sorriso diferente no rosto dele.

— Acompanho então a senhora, já desliguei parte das luzes.

— De forma alguma, não quero ser inconveniente. A sala dos professores é logo ali. — Raquel caminhou decidida.

— Não há problemas algum em acompanhá-la. Você está linda hoje, professora.

— Emanuel, por favor. Não venha você querer ser inconveniente.

Raquel subiu as escadas, passou direto pela sala dos professores, e continuou pelo corredor escuro. Apenas uma lâmpada ao final do

corredor estava ligada, dando uma impressão de completo abandono ao local. Sob uma penumbra de congelar o sangue, Raquel parou de frente à porta que apresentava em letras graúdas: DIRETORIA.

Tentou a maçaneta, mas era óbvio que a sala estaria trancada. Movida por um sentimento de extrema excitação, retirou um grampo do cabelo, liberando uma longa mecha ao ombro. Retirou as esferas metálicas das pontas com os dentes e enfiou a ferramenta recém-criada na fechadura. Já tinha visto aquilo em filmes. Era tudo uma questão de confiança, disse a si mesma.

Voilà.

A porta abriu como que por chave mestra. A inquietação crescente e o medo de ser pego em flagrante, a fez atirar-se para dentro da sala e procurar como louca pelo objeto desejado. Bastaram algumas tentativas e lá estavam elas, jogadas desleixadamente dentro de uma caixa em cima de um dos armários. Raquel pegou a que mais lhe pareceu reluzente em meio à penumbra, guardou na bolsa e retirou-se da sala. Tentou fechar a porta com o grampo, alucinada, mas não funcionava. As pontas dos dedos já estavam doloridas quando ouviu alguém subindo as escadas que dava acesso ao corredor. A sombra enorme já se projetava na parede diante à escada. Não conseguiria trancar a sala e voltar a tempo. Mas que merda! Que ficasse aberta e a retardada da Simone levasse a culpa na segunda-feira! Raquel correu, tinha que ultrapassar a sala dos professores antes que o segurança chegasse ao corredor.

Raquel tocou a maçaneta da sala dos professores, simulando estar saindo dali, justo na hora que Emanuel apareceu.

— Vim apenas conferir de estava tudo bem, professora.

Ela olhou para ele assustada; a respiração pesada.

— Peço perdão se eu a assustei, Raquel.

— Boa noite! — disse descendo as escadas e seguindo em direção ao estacionamento sem olhar para trás.

Ao entrar no carro, começou a rir sozinha como uma maluca. Retirou a medalha da bolsa e sorriu ao ver que não houvera erro. A medalha brilhou auricolar, hipnotizante. Nunca uma medalha de latão tivera tanto valor.

Alguém bateu então na janela do carro.

Raquel deixou a medalha cair entre suas pernas. Ela se arrepiou. Como estava gelada.

— Que susto! Você quase me mata do coração — disse Raquel descendo o vidro.

— Mil desculpas, não foi minha intenção — disse Alice.

— Não pensei que houvesse alguém ainda aqui.

— Fiquei trancada no banheiro, cheguei a pensar que passaria a noite lá dentro.

— Arrombou a porta?

— Não, pulei por cima da cabine.

— Meu Deus! Vão pensar que tem gente presa do lado de dentro. Alguém vai ter que pular de volta para destrancar. — As duas caíram na gargalhada. — Onde está seu carro?

— Está na oficina. Você se importa de me deixar em algum lugar onde eu possa pegar um táxi? Meu celular descarregou.

— Imagina! Posso deixar você em casa, Alice.

— Não mesmo, Raquel. Moro muito longe do colégio.

Raquel não se permitiu ser bloqueada pela insegurança. Se seu coração acelerou, nem mesmo se deu conta. Ser sincera foi na verdade um bálsamo.

— Façamos o seguinte, o que acha de dormir na minha casa? Posso preparar alguma coisa. Tenho alguns filmes.

— Adorei a ideia. — Alice precipitou-se, dando a volta pela frente do veículo.

Raquel ficou surpresa com a reação dela. Suas mãos suaram ainda mais. Retirou a medalha, agora quente, dentre as pernas e guardou-a rapidamente na bolsa.

Alice entrou no carro e saíram da escola. Raquel olhou de esguelha para o lado algumas vezes durante o caminho, sentindo um absurdo frio na barriga ao perceber que também estava sendo observada. As duas trocaram sorrisos de intenções ainda desconhecidas enquanto conversavam.

Apesar da carona inesperada, Raquel não poderia se desviar do seu plano. Pediu desculpas a Alice e mentiu dizendo que precisaria passar na casa de sua mãe. Seria rápido. Alguns instantes depois, o carro parou de frente a uma casa azul.

— Volto já, Alice. Pode me aguardar aqui? — disse pegando a bolsa e descendo do carro.

Já eram mais de onze horas da noite quando subiu os degraus que davam para a pequena varanda. Tomara que seja a casa certa, pensou. Olhou para a rua uma última vez, para as casas vizinhas. Nenhum barulho lá fora, apenas o motor do carro ainda estalava. Um pequeno número de casas deixava escapar alguma luz ainda acesa. Um gato preto cruzava a rua.

Levantou o jarro em cima da janela, mas a chave não estava lá. Quase ao mesmo tempo, observou que o tapete diante da porta estava ligeiramente torto. Quem sabe? Abaixou-se e levantou o tapete. Aquele era o seu dia.

Ela passou a chave e entrou. O som plangente das dobradiças foi a confirmação de que precisava. Diante da escuridão, seu olfato foi o primeiro a protestar. O cheiro de bebida e cigarro inundava o ambiente, um cheiro nostálgico que a fez lembrar-se da adolescência,

da época que o pai começara a beber. A iluminação vinda da rua foi-lhe então, depois de alguns instantes, suficiente para ver todos os contornos necessários daquele ambiente. A um canto, embalagens de salgadinhos e porcarias de todo tipo acumulavam-se; na mesa de centro, filtros de cigarros transbordavam de um cinzeiro metálico; no sofá, uma mulher cadavérica estava sentada com a cabeça pendendo para o lado. Parecia dormir.

Raquel então sentiu algo em seu peito, algo que parecia queimar. Ela sentiu que poderia mudar algo, que poderia fazer a diferença. E naquele momento ela entendeu quem ela era. E principalmente o que ela era capaz de fazer. Naquele momento, sem nem entender exatamente o porquê, lembrou-se mais uma vez do pai.

Ela voltou-se para o armário e viu, ao lado da televisão, o retratos com o menino de blusa verde listrada.

Ana Luísa acordou assustada. Colocou a mão na cabeça, não compreendendo o que havia se passado. A terrível e habitual dor de cabeça. Teve a impressão de ouvir passos e a porta se fechando. Uma figura, de outro planeta talvez, retirando-se do aposento com discrição. Tenho que beber menos dessa porra, pensou. Abrindo um largo bocejo, apoiou-se em um dos braços enquanto se esticava para pegar a garrafa de vodka. Ao abrir a boca, sentiu então um formigamento intenso na bochecha esquerda. Desistiu da garrafa e foi ao banheiro. Sua bochecha queimava.

Lá fora, um carro dava partida e banhava a casa com os seus faróis.

No espelho, pôde contar quatro dedos muito bem desenhados. Perplexa, caminhou de volta para a sala com uma das mãos no rosto.

Teria a casa sido invadida? Saqueada? Acendeu a luz e, antes mesmo que olhasse para os lados para ver se dava por falta de algo, teve sua atenção desviada por um objeto reluzente e dourado na mesa de centro. Ao aproximar-se, viu a medalha posicionada cuidadosamente ao redor do porta-retratos. Ana Luísa sentou-se diante a foto. Não era só a medalha e a foto. Aquilo parecia ter mexido com algo dentro dela. Ela estava se sentindo diferente.

Ela chorou até cair no sono àquela noite.

Capítulo 25

Bonifácio já estava deitado quando Cândida chegou do enterro. Ali ficou, fingindo estar dormindo, até que não houvesse mais uma única pessoa de pé na casa. O silêncio era absoluto quando decidiu se levantar pouco depois das onze horas da noite.

Antes de sair do quarto, perdeu-se nos contornos da mulher e dos filhos. Voltou e deu um beijo na testa de cada um. O caçula se mexeu, mas não acordou.

Pegou a Bíblia de Firmina e foi até a cozinha. Acendeu a lamparina sobre a mesa e folheou o livro em busca da única passagem que encontrara destacada. Leu e releu o versículo. Firmina não deixaria uma dica justo num livro que nunca leio, pensou. Aquela definitivamente não era uma dica para ele. Ela estudava aquele livro, ela procurava por algo que pudesse ser útil ao momento em que eles estavam passando. E marcou aquela passagem simplesmente por se lembrar de algo que Bonifácio certa vez lhe falara.

Mesmo incerto sobre o significado, transcreveu o conteúdo em um pedaço de papel e guardou-o no bolso. Abriu a porta que dava para o quintal e seguiu para o pequeno cômodo onde Sebastião costumava trabalhar. Procurou pela caixa de ferramentas dentro do armário e retirou a pua.

Aquela seria a sua segunda chance.

Bonifácio chegou à igreja quinze para a meia-noite. Deu a volta pela construção, chegando até a porta principal. Forçou-a, mas a porta não cedeu. Dirigiu-se para a lateral da igreja e, não vendo alternativa, descarrilhou as venezianas dos trilhos com um pedaço de ferro que encontrou no chão. Entrou pela janela. Estava tudo escuro.

Tateando as colunas, encontrou uma primeira vela. Estava no corredor central, cercado pelas duas fileiras de bancos. Acendeu as outras, indo em direção ao altar.

Com a claridade instaurada, pôde perceber que a nova condição era, na verdade, tão ou mais aterradora que a escuridão de há pouco. As velas acesas mostravam pouco mais que olhos frios e sem vida de santos de gesso caindo em sua direção.

Ele seguiu para o altar.

Os quinze minutos se passaram e trouxeram a meia-noite.

E pontualmente ele chegou.

Estar de frente para aquilo era algo medonho. Insuportável. Bonifácio ficou sem fôlego, tendo que se lembrar de sorver o ar pelas narinas forçosamente. As chamas das velas tremularam à aproximação da besta, apagando-se uma a uma enquanto ela rumava em direção ao altar. Bonifácio não podia acreditar naquilo. O diabo, com seus olhos

vidrados, parecia sorrir. Um sorriso largo e lunático.

Você precisa acreditar.

O diabo parou diante do altar e fez uma reverência, quase raspando um dos chifres em seu rosto.

— É um grande prazer conhecê-lo.

Bonifácio então o surpreendeu com uma manobra impensada. Não houve cumprimento ou resposta. Deu dois passos à frente, descendo do altar, e abraçou-o. Bonifácio sabia que aquela era a sua maior arma. Era a sua maior força. Ele só *precisava* acreditar.

Lúcifer lembrou-se do vento fresco batendo em seu rosto e em seus cabelos enquanto voava com suas grandes asas. Isso havia sido há muito tempo. Uma lembrança perdida que o colocou à beira de um estupor, em um inesperado estado de júbilo. Mas fora apenas por um breve instante, até a lembrança esvair-se novamente e tudo virar escuridão.

As velas da igreja que ainda resistiam cederam por fim. E toda vela ou lamparina da cidade se apagou. Jaguaruara sucumbiu às trevas por um minuto e assim o faria nos dias seguintes. Essa seria a marca e a lembrança de sua soberania.

Bonifácio nunca mais foi visto.

Capítulo 26

Somente depois das quatro horas da tarde do outro dia, Pedro conseguiu voltar para pegá-los. Adentrou o velho alpendre e encontrou Rose paralisada. O olhar frio e vidrado a semelhança de um boneco de porcelana.

— O que aconteceu, Rose?

Ela não respondeu.

Pedro entrou e tamanha foi sua surpresa ao ver André empunhando uma espingarda, apontada para um velho amarrado a uma cadeira. A casa, em um dia, transformara-se em cativeiro. No rosto do homem, sangue e hematomas deixavam claro que não tivera uma noite fácil. Vicente, diante de uma das janelas da cozinha, olhava para fora com as duas mãos sobre a cabeça.

— Que droga! O que aconteceu aqui?

O velho levantou as sobancelhas intumescidas ao ouvi-lo. Num sentimento de êxtase e excitação, soltou sons ininteligíveis, remexendo-se na cadeira. Ele quase tombou. Pedro precipitou-se para o homem, pondo-se a desatar as cordas que o prendiam.

— Você conhece esse homem, Pedro? — disse André, podendo finalmente entender algo pronunciado por ele.

— F-fi-filho!

Pedro desatou os nós e o homem quase caiu. Pedro sustentou o corpo, repousando-o no chão.

— O que diabos vocês fizeram? — disse Pedro reparando no sangue do pai nas próprias mãos.

— Peço desculpas em nome dos meninos. Não tínhamos como saber quem era esse homem — disse Rose adentrando a cozinha. — Entenda nossa situação! Desde que tudo começou a dar errado, a única pessoa em que confiamos é você, Pedro.

— Podiam tentar não sair esmurando o primeiro que aparecer pela frente. — Ele olhou ao redor. — Onde está o Felipe?

Ninguém respondeu àquela pergunta.

— O que seu pai fazia aqui ontem à noite? — perguntou Vicente.

Pedro deu um sorriso bobo, descrente da pergunta que acabara de ouvir. Aquela pergunta, para quem mentia sobre a morte do pai há tantos anos, era por demais irreal. Na mesma hora, Rose entendeu tudo e lembrou-se da foto da igreja, a última.

— Temos muito que conversar. Não imaginei que as coisas iam terminar dessa maneira. Peço desculpas por não ter conseguido chegar pela manhã, como havia prometido. Sei que estão com fome e sem saber o que fazer. As coisas na cidade também estão um caos. Só agora consegui sair da pousada. Tenho medo que alguém descubra

que estou ajudando vocês. Como isso nunca aconteceu, eu sinceramente não sei o que seriam capazes de fazer comigo. — Ele engoliu em seco e voltou-se para Rose. — Fico feliz que confiem em mim, mas por que não me deram ouvidos quando falei que não deviam botar os pés fora desta casa? Agora temos mais um amigo de vocês desaparecido e a cidade de Nova Jaguaruara entregue a ladrões e traficantes.

— Você está falando da... — tentou André, largando a espingarda a um canto.

— Da bendita fuga da delegacia.

— Não venha colocar culpa na gente. A ideia foi quase que completamente sua — disse André.

— O que quero dizer é que maldita foi a hora que vocês chegaram em nossa cidade. Primeiro, fazia quase vinte anos que não havia nenhum desaparecimento próximo à velha igreja. Segundo, o que a cidade de Nova Jaguaruara sofreu da noite da fuga da cadeia até agora certamente entrará para os memoriais da cidade. Não estão interessados? Preocupados demais com o que vocês estão passando? Pois bem, vou dizer assim mesmo. Trinta e dois prisioneiros fugitivos. Faço aqui questão de manter o número oficial, isto é, com vocês. E o resultado dessa enorme farra? Vinte e sete carros roubados, vinte e duas casas arrombadas, dezenove comércios saqueados e cinquenta e cinco casos de assaltos à mão armada pelas ruas da cidade. Nem a pousada escapou. Não tenho mais computadores na recepção e metade das televisões dos quartos foram roubadas. Tive que passar a manhã com o dono fazendo inventários para ver o que ele consegue recuperar com a seguradora. Ainda passei mais de uma hora na delegacia depondo no início da tarde. Agora sou um suspeito.

— Não sei o que dizer...

— As coisas saíram do controle, Rose. Só isso. Sugiro que vocês passem mais uma noite aqui. Tem policiais armados na estrada, próximo à cidade. Estão procurando pelos fugitivos e estão parando quase todo carro que passa lá. Lamento informá-los, mas a atenção máxima ainda é para vocês.

— Você nos deve explicações. Ainda não entendo o que seu pai estava fazendo aqui de noite — disse Vicente.

— Vocês estão famintos. Comam primeiro. — Apontou para a sacola que trouxera. — Depois quero mostrar uma coisa a vocês — Escorou-se a uma das janelas e acendeu um cigarro.

Um quarto de hora depois, Pedro seguiu para a saída da cozinha que dava para o quintal, sendo acompanhado pelos outros.

— É aqui o local onde meu pai vem se escondendo há anos.

No quintal, havia uma porta de acesso para um pequeno quarto desligado da casa.

— As pessoas de Nova Jaguaruara acreditam que ele foi um dos desaparecidos. O último. Bem, até vocês chegarem aqui. Ninguém da cidade lembra — continuou — que minha avó teve um primeiro filho. Um bebê que não passou do décimo dia. Isso pode parecer irrelevante, mas isso não o torna o primogênito.

— O que você quer dizer com isso? — disse André.

— Entremos.

O interior do cômodo, preenchido por prateleiras em todas as paredes internas, denunciava tratar-se de depósito ou dispensa. Materiais e ferramentas. Uma oficina, talvez, pensou Vicente. Uma pequena janela dava para o quintal e permitia a passagem da luz do final da tarde. Um colchão velho a um canto e uma mesa com algumas cadeiras eram toda a mobília presente. Na mesa, uma quantidade exagerada de parafina derretida e jamais retirada indicava que alguém estivera usando aquele lugar como refúgio há muito tempo.

Pedro sentou-se diante da mesa. Os outros fizeram o mesmo, com exceção de seu pai, que se deitou no colchão e ficou a contemplar com um sorriso bobo a iluminação do final de tarde. Coçou-se como o cachorro duas ou três vezes até achar a melhor posição.

— Bem, por onde começar... Existe uma lei em Nova Jaguaruara. Ela consiste em escondermos um antigo segredo custe o que custar. As crianças aprendem desde cedo com os pais. Não tudo! O suficiente. O suficiente para que seus filhos não tenham o trágico fim que chegou a outras famílias tantos anos atrás. A história foi perdendo seus detalhes a cada geração, entretanto. Mesmo a fé sobre o que é dito caiu bastante, de toda forma, as pessoas tem medo destas terras. Dois conselhos nos são dados desde cedo: não bisbilhotar a antiga igreja e seus arredores e não falar sobre isso com pessoas de fora.

— Ainda não entendo como estas pessoas desaparecem, Pedro. — disse Vicente.

— Conte-nos mais sobre Bonifácio — disse Rose com uma voz amistosa.

— Dinheiro foi ganho aos montes por meio dos milagres. Bem, a fama de Bonifácio espalhou-se, trazendo pessoas com as mais diferentes doenças. Pessoas viam de longe em busca de socorro. Chegaram também, além de doenças, os primeiros casos de possessão. Bonifácio conseguia expulsar os demônios dessas pessoas, mas eles apenas ficavam a vagar pela cidade. Apenas a igreja sabe o processo exato para a realização de um exorcismo. O resultado disso é que pessoas foram utilizadas por essas entidades malignas como via de entrada para este mundo. Bonifácio, pensando estar curando essas pessoas, apenas estava liberando demônios em Jaguaruara. Ninguém sabe ao certo, mas os desaparecimentos parecem ter começado logo após o desaparecimento do próprio Bonifácio.

— E por que as pessoas desaparecem, Pedro? — insistiu Vicente.

— Para viver neste mundo, eles precisam de duas coisas. Escuridão e alimento. E eles se alimentam de carne humana.

— E por que a igreja não fazia os trabalhos de exorcismos? — disse Rose.

— Charlatões! Os trabalhos de Bonifácio traziam em mais quantidade o que mais interessava à igreja.

— Dinheiro — sussurrou Vicente.

— Exato! E é por isso que os trouxe aqui. — Pedro apontou para uma das prateleiras, onde estavam posicionadas e igualmente espaçadas nove aglomerados de grandes pedaços de argila. — Em Nova Jaguaruara, há uma lenda sobre velhas botijas com dinheiro enterradas. Muitos cavaram seus quintais na infância com a esperança de achar dinheiro, eu mesmo fazia isso quando garoto. O que ninguém imagina, é claro, é que essas botijas realmente existam, mas escondidas a alguns quilômetros de lá, nessa parte do mundo que poucos sabem existir. Parte do dinheiro recebido pelos trabalhos foi utilizada para a construção da igreja, o restante foi escondido em botijas de barro. Bonifácio escondeu dez botijas pelo terreno por medo de usar o dinheiro. Guardou-o por segurança, para usá-lo um dia, quem sabe.

— Vocês encontraram todas? — Perguntou Rose.

— Não. Cada monte corresponde a uma botija — disse apontando para a prateleira. — Falta uma.

— Como descobriram a localização delas? — disse Vicente.

— Da forma convencional.

— Que seria?

— Através de sonhos.

— Não pode ser... — disse Vicente balançando a cabeça. Rose tocou em seu braço para que ele se controlasse. André ouvia tudo em silêncio, atento.

— Meu pai escuta vozes de pessoas que moravam aqui.

— Cl-Clemên-cia — o velho falou. Os joelhos estavam abraçados contra o peito e ele balançava de um lado para outro no colchão.

— Ele sempre fala isso. Sempre pedindo para que os espíritos tenham piedade.

— O que vocês fizeram com o dinheiro?

— Queimamos, Rose — disse apontando para uma lata de metal a um canto.

— E o que aconteceu com Bonifácio no final das contas? — disse finalmente André.

— Ninguém sabe explicar, como eu já havia dito. Vai ver foi o primeiro a desaparecer de Jaguaruara.

— De-devorado p-pelo p-próprio S-Satana-nás.

Rose benzeu-se ao ouvir aquela voz; parecia vir da boca de um animal selvagem que acabara de aprender a falar.

— Coisas que o meu pai diz escutar dos antigos moradores. Desde que veio morar aqui, descobrimos muitas coisas sobre o passado desse lugar.

— Cle-Clemência.

— Muito do que contei é desconhecido pelo povo de Nova Jaguaruara. Cabe a vocês acreditar ou não.

— A c-cruz f-foi es-esculpi-pida p-pelo pr-próprio S-Satanás.

— Por que não destroem a igreja? — disse Vicente voltando-se para Pedro.

— Temos medo. Não temos ideia do que pode nos acontecer. Nosso povo já foi poupado uma vez. Não sabemos o que fazer contra isso.

— E você e seu pai, por que não desaparecem como aconteceu com as outras pessoas? — disse André.

— Porque não somos primogênitos.

— Isso de novo — disse André com uma nota de impaciência na voz.

— O que ainda não entendi, Pedro, foi como seu pai veio acabar aqui. — disse Vicente. Pela janela, o céu adquiria um tom rosáceo de fim de tarde.

— Por muito tempo eu me culpei pela morte do meu irmão, afinal ele só entrou na igreja por minha causa. Só depois pude entender que nada poderia me acontecer nesse terreno. A maldição atinge apenas os primogênitos que por aqui passam. Essa é a maldição dessa terra. Logo após o seu desaparecimento, meu pai veio procurá-lo. Os policiais nunca o deixavam vir sozinho e nunca o permitiam adentrar a mata ao redor da igreja. Diziam que era perigoso demais. Um dia então ele veio sozinho e descobriu essa cidade. Me contou tudo, as vozes que ouvia, os gritos de terror no meio da noite e, principalmente, que esse lugar não representava perigo para ele ou para mim. Ele tinha esperança de rever meu irmão, até mesmo morto. Queria pelo menos se despedir. Mas o tempo passou e seu juízo se foi junto. Acho que esse lugar deixou ele louco. Ele não voltou para casa e o povo da cidade acreditou que ele tivera o conhecido fim. Minha mãe, ela sabia que ele estava por aqui, só veio a me contar depois. Mas ele já não era o mesmo homem de antes. Ela não aguentou a perda do filho e do marido. Suicidou-se no ano seguinte. Por mais que eu tentasse convencê-lo, ele se recusou a voltar para Nova Jaguaruara e por esta terra maldita perambula há duas décadas. No dia que deixei vocês, voltei escondido e pedi a ele para que se mantivesse aqui neste quarto durante toda a noite. Ele não resistiu a curiosidade, é claro. Faz muito tempo que não vê ninguém além de mim. Venho aqui quase

todo dia trazer água e comida. Não conversamos muito, às vezes nem sei se ele ainda sabe quem eu sou.

— Eu não sei o que dizer cara — disse Vicente, apertando o seu ombro com uma das mãos.

— A maldição só atinge então os primogênitos? — perguntou Rose com um tom assombrado.

— Não podemos tirar os olhos de você, Rose — disse Vicente, espantando-se consigo mesmo e com o que acabara de dizer. Estava caindo na história dele, pensou.

Pedro confirmou com a cabeça. Era a primeira vez que conversava abertamente sobre aquilo com alguém. Sentia-se aliviado em parte, mas o sentimento era acompanhado por uma terrível sensação de culpa. Sabia que não deveria ter compartilhado aquilo tudo com outras pessoas, ainda mais de outra cidade; crescera com esse lema. Mas era o mínimo que ele podia oferecê-los. A sensação de rebeldia e desobediência, entretanto, era ao mesmo tempo saboreada ao se lembrar dos olhares debochados vez ou outros recebidos pelo povo de Nova Jaguaruara.

— Para mim, é o suficiente — disse André levantando-se. — Não vou passar outra noite aqui.

Precipitou-se para a saída. Abriu a porta do quartinho e retornou para o quintal. Já era quase noite.

— O que houve, André? — disse Rose seguindo-o. Os outros fizeram o mesmo. O velho foi no encalço arrastando-se com as mãos e os pés.

— Estou voltando para Fortaleza. Vou caminhando até a cidade mais próxima e vou tentar uma carona. Não acharemos mais ninguém aqui. Maria e Felipe estão mortos. Mortos! — Sua voz beirava a histeria. Cruzou a cozinha e seguiu pelo corredor em direção à saída.

— O que você está esquecendo é que a cidade mais próxima é Nova Jaguaruara — disse Pedro. — Eles vão ter um enorme prazer em linchá-lo em praça pública depois do que você fez. Com sorte você volta para a cadeia, André.

— Ele tem razão. Temos que esperar a poeira baixar. Mesmo que tudo isso seja verdade, estaremos a salvo aqui, nesta casa — disse Vicente.

André atravessou o alpendre. Quando desceu o último degrau, e pisou no maldito solo, uma rajada de vento derrubou-o no chão. Durante a queda, jurou ter ouvido cascos batendo no chão, por toda parte. A escuridão agora era total.

— Qual o seu problema? — disse Vicente, alcançando-o. — Vamos, levante-se! Só mais uma noite aqui e pensaremos em algo.

— Eu não posso continuar aqui! — Ele deixou escapar um soluço. — O Gustavo não é meu irmão.

— O que você está dizendo? — Vicente segurava-o pelo braço, tentando levantá-lo, mas André ainda estava esparramado diante da casa.

— Fui adotado! Uma criança deixada à porta da casa de uma família. Meus pais nunca me esconderam a verdade. E como esconder, quando se tem um irmão que faz questão de lembrar isso o tempo inteiro? — André começou a chorar. — Vocês não fazem ideia do que eu sentia na infância. A sensação de que eu não devia estar ali me acompanhava todo santo dia. Eu era o intruso. O menino abandonado. O menino que nem os próprios pais fizeram questão. Era isso o que Gustavo dizia para mim. Mas eu sempre fui melhor que o Gustavo. Em tudo o que eu fiz. Sempre dei mais orgulho aos nossos pais. Sempre conquistei tudo que o Gustavo conseguiu. Tudo.

— Por que nunca nos contou?

— Tenho vergonha disso, Vicente.

— Você sabe quem é sua mãe verdadeira? — disse Pedro aproximando-se.

— Que diferença isso faz, droga? — disse André.

— Ele quer saber se você é o primeiro filho ou não — disse Vicente, erguendo-o.

André não tinha aquela resposta.

— Já escureceu, devemos voltar para dentro da casa. Agora. — disse Pedro, e ajudou Vicente a conduzi-lo de volta à casa. Rose observava a cena da varanda, ao lado do velho.

As lanternas não mais funcionavam, as pilhas estavam fracas. Uma vela foi então acesa por Pedro no centro da mesa da cozinha, onde os cinco se mantiveram sentados enquanto a noite se arrastava. As horas passaram e algo martelava sem freio na cabeça de Pedro, fazendo-o sentir pela primeira vez uma sensação de insegurança no interior daquela casa. André fora marcado por aquele sopro. Só podia ter sido isso. Enquanto a chama da vela estivesse acesa, estaria tudo bem, ele pensou. Mas estava temeroso para o que aconteceria em breve.

André não falou uma só vez, retirando igualmente o ânimo de qualquer um que quisesse prestar-se a tal ofício. Na maior parte do tempo, manteve o olhar fixo para o lado de fora numa expressão confusa, chamando por vezes a atenção de Rose. Era como se ele visse algo pela janela.

A chama apagou.

— Pedro, acenda a vela. Rápido!

— Não vai acender, Vicente.

— Meia-noite — disse Rose.

André baixou a cabeça ao ver, num relance perturbador, o contorno das quatro criaturas que estavam sentadas à mesa diante de

si. Chifres apontados para o teto e pares de cascos posicionados sobre a mesa, numa bizarra imagem de bodes a iniciar uma partida de baralho ou, quem sabe, prestes a fazer uma refeição. Teve vontade de olhar uma segunda vez, mas não queria correr o risco de olhar para aqueles olhos. Ouviu então o som de cascos. As criaturas deviam estar agora de pé. Vendo então o objeto colocado ao lado, escorado à parede para garantir-lhes segurança, não viu outra saída. Deixou-se cair, virando a cadeira na direção da parede e tomando a espingarda em suas mãos. Pôs o cano em sua boca e, ainda de olhos fechados, pôde sentir o sabor metálico e nauseante até ter os olhos tomados por um forte clarão.

Capítulo 27

Com a bacia equilibrada na cabeça, Alzira caminhou para o braço do Rio Acaraú que desaguava próximo à cidade de Jaguaruara. Alguns passos atrás, os dois filhos, Antenor e Juvenal, carregavam uma barra de sabão e outros dois baldes de roupas murmurando alguma canção.

Alzira chegou cedo àquela manhã. Não encontrando as habituais amigas de conversa, pôs-se ao trabalho, deixando os filhos se ocuparem em seus próprios jogos à beira do rio. A quietude do local trouxe a lembrança do terrível sonho que tivera na noite anterior. Lembrou-se também do amontoado de pessoas diante da casa de Firmina pela madrugada. Ela havia sido uma das primeiras a chegar diante do alpendre. A mulher benzeu-se. Era a segunda pessoa a ter visto morta em sua vida. A primeira fora o Padre Honório, poucas semanas atrás.

Ao lembrar-se do Padre, estremeceu, distraiu-se, quase deixando uma peça de roupa ser levada pela correnteza. Agarrou-a, voltando o olhar para os filhos que corriam a certa distância. Como estavam ficando parecidos com ele, principalmente o mais velho, Juvenal. Olhos, orelhas e nariz idênticos, os quais Alzira puxava, repuxava e rezava na tentativa de lhes conferir outra forma. O menino a cada dia trazia novas feições do velho Padre, mas Alzira contava com as distrações da vida e o esquecimento do povo para que ninguém jamais chegasse a qualquer associação. Tudo pelo descanso do finado daquelas tantas línguas. Até aquele momento, a história de que o pai era um senhor que vinha vez ou outra de Sobral parecia bastar.

Os dois meninos nadaram, afastando-se da mãe. Juvenal era o mais afoito, zombando de Antenor a cada braçada por ele não ter coragem de ir para o fundo. O posto de irmão mais velho fazia Juvenal achar-se sempre o mais corajoso e, irritado pelos mimos recebidos pelo caçula, vivia a pregar-lhe peças. Nadou mais um pouco contra a margem do rio e manteve-se ereto, com a cabeça fora d'água. Mãos e pés em um balé tão sincrônico, que davam a impressão de que o menino estava de pé. Lançou assim o desafio.

Antenor olhou para a direita, vendo a mãe distraída com a lavagem das roupas. Voltou-se para o irmão e aceitou. Juvenal estava de pé, tudo que precisava fazer era caminhar até ele.

A cada passo, o coração batia mais forte contra o peito. O fundo tornou-se então lamoso. A lama subia pegajosa e gelada por entre os dedos, criando uma nuvem negra que subia a cada novo passo. Para a sua surpresa, percebeu que a distância para o irmão não diminuía e finalmente entendeu que Juvenal estava a nadar desde o começo.

Era hora de voltar. Deparou-se então com uma declividade brusca no último passo e, de repente, estava coberto pela água.

Alzira teve sua atenção recobrada diante da cena. Juvenal, na tentativa de salvar o irmão, estava sendo puxado para baixo. Teve fôlego para um único grito. A mulher correu pela margem na direção dos golpes cada vez mais fracos e se atirou na água, batendo braços e pernas o melhor que pôde. Segurou os dois pelas roupas e, depois de algumas pernadas, sentiu o chão abaixo de seus pés. Juvenal soltou-se e nadou até a margem. Antenor, desacordado, foi carregado nos braços da mãe e deitado ao chão.

Alzira lembrou-se novamente do sonho. Levantou-se e olhou em volta em busca de ajuda. Não havia ninguém. Desolada, ajoelhou-se do lado do filho. O outro chorava abraçado aos joelhos, pronunciando desculpas em meio aos soluços.

Antenor então tossiu. E rolou para o lado, cuspidando água. O corpo encurvou-se em posição fetal. Alzira abraçou o corpo trêmulo do filho, beijando-lhe a face. Juvenal se aproximou.

— Saia daqui — disse Antenor. Seu rosto estava pálido.

— Não sei o que aconteceu aqui hoje, mas espero que você entenda que é o irmão mais velho, Juvenal — disse apontando para ele. — Você protege seu irmão.

— Estávamos só brincando.

— Não interessa! Tome isso de lição e faça seu papel da próxima vez.

Quando voltaram, a animação do grupo foi bem menor do que na ida. A caminhada foi feita em silêncio.

— Sei o que você mais teme. — Foi a única coisa dita por Antenor a Juvenal ao chegar em casa aquele dia.

Ao final da tarde, Alzira decidiu não ir para o enterro. Não queria que os meninos vissem aquilo. Ficou em casa, engabelando-os. É claro que eles tinham ouvido falar da morte da velha e queriam ver como qualquer pessoa da cidade. Mas não conseguiram convencê-la.

Diferente dos outros dias em que deitavam cedo, somente por volta das dez e meia da noite que Alzira deitou Antenor, seguindo então para o quarto de Juvenal, que, apesar de ser o mais velho, era quem mais lhe dava trabalho para dormir. Como de costume, acendeu uma vela e sentou-se ao lado de sua rede. Balançou-o de um lado para outro, contando histórias e inventando detalhes a seu modo. Entre uma conversa e outra o menino acabava adormecendo. Uma vela e meia, esse era geralmente o tempo para Juvenal cair no sono.

Juvenal estava prestes a dormir, quando, pelos olhos semicerrados, viu a chama da vela tremular e apagar repentinamente. As janelas e portas estavam fechadas e não passara vento algum ali. Juvenal sentou-se na rede, recolhendo um dos pés que pendia para

fora; o grito preso na garganta.

— Não se preocupe filho, estou aqui. Vou acender a vela novamente.

Alzira riscou o primeiro palito, o estalido esperado não surgiu. O segundo palito, nem sequer a mínima faísca. O terceiro palito, nada. A escuridão era total.

— Preciso que você fique aqui na rede quietinho, filho. Não acorde seu irmão. Ele precisa descansar, teve um dia difícil. Vou à cozinha pegar outra caixa.

Embora Juvenal tivesse medo do escuro, algo estava diferente aquela noite. Havia algo a mais naquele breu. Ainda que os palitos não tivessem riscado, ele sentiu um cheiro queimado, quase podre. Olhou de um ponto a outro, veloz como um pássaro num rápido pouso, tentando produzir som algum de forma a camuflar-se no escuro. A respiração ofegante era abafada pelo lençol. Foi então surpreendido por dois pontos vermelhos. Dois grandes olhos queimando como brasa, crescendo, aproximando-se. Diante de si, Juvenal pôde ver um breve contorno daquela face. Uma boca escancarada, exibindo múltiplas fileiras de dentes de natureza ofídica. Juvenal gritou.

A escuridão então se desfez diante do fogo. A vela estava acesa novamente ao seu lado; Alzira estava com uma das mãos ainda em concha, a outra a balançar o palito. Juvenal, num último relance, viu a horrenda criatura arrastando-se para o cômodo vizinho, como um animal acuado e repellido.

— Apenas a sua imaginação — disse Alzira antes mesmo que Juvenal recobrasse o fôlego. — Já passou da meia-noite, filho. Vamos dormir.

Alzira deixou o quarto, mas o menino manteve-se acordado. A angustiante sensação de estar sendo vigiado revirava suas entranhas. Tinha certeza que algo o observava do cômodo vizinho, algo que não ousaria aproximar-se enquanto a chama queimasse. E assim ele fez até amanhecer, tão logo uma vela chegava ao fim, pulava da rede e transferia a chama para a vela seguinte. Fez isso seis vezes, até o ponto que a chama tornou-se insignificante à claridade da manhã.

Juvenal sentou-se à calçada e observou a cidade acordando, pessoas iam e vinham. Pensou sobre o que tinha visto. Lembrou-se de que a própria mãe não dormia direito há duas noites. Um estranho sonho, tudo que soubera, além de que não havia sido o único adulto a tê-lo.

Cândida e Clemência passaram do outro lado da rua. A expressão de preocupação no rosto delas estava estampada e o menino pensou no que mais poderia ter acontecido. Juvenal passou o dia em alerta, tentando ouvir as conversas dos adultos. Tentando entender algo que

sentia estar errado. Tentando ouvir os ruídos de algo que estava se desdobrando sobre aquela cidade. E isso lhe ocupou o dia inteiro. As brincadeiras com o irmão hoje não existiam. Ele era a última pessoa que Antenor queria conversar.

A expressão de pânico de Cândida e Clemência continuava em seus rostos quando, quase seis horas da tarde, Juvenal as viu novamente passando pela rua. Desde aquela hora da manhã, só agora estavam voltando. Pareciam exaustas. Cândida olhou para Clemência e disse algo apontando para o menino. Clemência balançou a cabeça em afirmação. Juvenal ficou apreensivo com a aproximação das duas senhoras.

— Olá Juvenal, sua mãe está? — perguntou Clemência.

— O que houve? Não estão com a melhor cara — disse Alzira saindo da casa no mesmo instante. Juvenal ficou a ouvir a conversa.

— Bonifácio sumiu. Procuramos por toda a parte — disse Cândida.

— A morte da mãe está recente. Deve estar por aí tentando colocar a cabeça no lugar — disse Alzira.

— Não sei. Estou preocupada. Ninguém tem notícias. Ninguém o viu — disse Cândida. — Já procuramos em todo canto, menos em um lugar.

— A igreja — disse Clemência. — Sabemos que tem a chave de lá.

— Claro que sim, sou a responsável pela limpeza. Mesmo após o falecimento do padre, ainda vou pelo menos duas vezes por semana. A igreja não pode ficar entregue às baratas. Tem que estar pronta para quando chegar um novo padre. Afinal, o que seria da gente...

— Poderia ir até a igreja com a gente? — disse Cândida.

— Claro. Vou pegar a chave.

Alzira entrou, encontrando Antenor fuçando as gavetas da cozinha, vasculhando as prateleiras e organizando a posição de alguns objetos. Pediu para que parasse o que quer que estivesse fazendo e acendesse logo uma vela. A casa estava ficando escura; Juvenal logo não teria coragem de entrar.

Retornou com a chave e as três caminharam em direção à igreja.

Juvenal continuou sentado na calçada, observando as três afastarem-se. Movido pela curiosidade, pensou em segui-las. Espiar. Mas foi surpreendido pelo chamado do irmão, vindo do interior da casa.

— Antenor? Você me chamou? — Ele entrou. — Por que não acende uma vela? Mal consigo enxergar.

— Não estou achando os fósforos. Por favor, me ajuda a procurar. — Sua voz era de alguma forma estranha, abafada.

Juvenal deu mais um passo. O menino foi então surpreendido

por um forte empurrão, sendo arremessado contra o chão. O irmão estava escondido atrás da porta.

— O que você está fazendo, seu idiota?

— Agora é a minha vez. — Antenor jogou-lhe uma vela. — Quero ver como vai acendê-la.

— Por favor, me passe os fósforos. Por favor! — Juvenal gritava com as mãos estendidas para Antenor, que bloqueava agora a saída para a rua. O bolso de Antenor estava estufado pelas várias caixas escondidas.

Precisava levantar-se e empurrá-lo. Só isso. Mas, enquanto racionalizava a ação, paralisou ao sentir o mesmo odor fétido da noite anterior tomando conta da sala. E, mais uma vez, os mesmos olhos. Não um par, mas centenas de pontos luminosos ardendo em brasa. Eles não hesitaram. Juvenal gritou uma última vez ao sentir os dentes longos e serrilhados rasgando sua barriga e sua cabeça; os ossos foram roídos e os olhos estourados. Não sobrou nada.

Antenor foi assim surpreendido por algo que jamais entenderia. O grito visceral invadiu-lhe sem perdão. Ele estremeceu. Riscou um palito e quando a luz espalhou-se pela sala, encontrou apenas a vela rolando diante de seus pés. O corpo do irmão fora simplesmente engolido pela noite.

— Mãe de Deus! Quem terá feito isso? — disse Alzira ao deparar-se com uma das janelas da igreja quebrada.

Cândida e Clemência não deram atenção, seguindo para a entrada.

Alzira girou a chave e empurrou a pesada porta. A escuridão era enorme. Pôs-se a acender as velas das colunas mais próximas.

Cândida retirou uma das velas do castiçal, passando a chama para as demais posicionadas ao longo do corredor principal.

— Como veem, não há ninguém aqui — disse Alzira.

— Se importa se olharmos no quarto do Padre? — disse Cândida, sendo surpreendida pelo chamado da Clemência.

— Bonifácio? É você? — Clemência tinha os olhos vidrados em direção às primeiras cadeiras, próximo à escuridão do altar.

— Desculpe-me — disse Alzira aproximando-se dela. — Está tudo bem?

— Bonifácio? — disse mais alto, voltando-se então para as outras — Vocês não vêm? Na primeira fila?

— Você está me assustando, Clemência — disse Cândida recuando em direção à saída. — Não há ninguém ali.

Clemência arrancou uma das velas do suporte e seguiu pelo amplo corredor em direção ao intruso. O medo era tamanho que ela nem sequer sentiu os pingos da vela rolaem pelos seus dedos.

— Bonifácio? — disse Clemência uma última vez a três fileiras de distância.

A estranha criatura virou a cabeça na sua direção. Sob a penumbra, olhou para os seus olhos e a chama da vela morreu.

Clemência jamais relatou o que sentira ao olhar para aqueles olhos. Uma visão aterradora da qual ela precisou de tempo para encontrar a si própria depois. Sua racionalidade ruíra. Precisaria colocar os pensamentos e as ideias de volta no lugar após a terrível visão. Ela viu fome, miséria e destruição. Sentiu como se nada na vida jamais pudesse dar certo. E foi tomada naquele instante pela sensação mais triste e desprezível que uma pessoa poderia sentir. Ela sentiu que estar vivo era um grande azar. E experimentou um sentimento amargo de descrença nas pessoas, descrença na sorte, descrença no futuro.

Clemência recuou de costas a passos lentos, cambaleantes, em direção à saída. O diabo manteve-se sentado. Virou-se para o altar e misturou-se à escuridão.

Elas correram.

Alzira passou a chave e nunca mais voltou lá. Nem mesmo se preocupou de chamar alguém para consertar a janela. A construção, desde então, tornou-se abandonada.

Saindo da igreja, as três foram mais uma vez surpreendidas. Antenor parou diante da mãe com uma vela apagada na mão e uma terrível notícia.

Capítulo 28

— Querem fazer os pedidos? — perguntou a garçonete sem rosto.

— Uma água com gás, por enquanto. Ainda não decidi — disse Vicente. A garçonete pediu licença e afastou-se. — O quê você vai pedir, Rose?

— Não sei. Não estou com muita fome.

Estavam no Tonel, um bar próximo ao Campus do Pici. Vicente e Rose gostavam daquele bar, muito embora não o frequentassem desde a época da faculdade, há pelo menos quinze anos. O local estava exatamente como da última vez. As paredes eram sujas e tomadas por cartazes de antigas bandas de rock; Vicente conhecia quase todas. A cada novo olhar, era como se aparecesse esse ou aquele cartaz, como se mudassem de posição em questão de segundos, às escondidas. E realmente o faziam. O teto era baixo e tinha poucos pontos de luz. A iluminação fraca disfarçava as irregularidades do chão e dos móveis, numa tentativa de tornar o local mais agradável de uma forma muito mais barata. Uma música desconhecida tocava.

Rapazes e moças sem rostos caminhavam por entre as mesas e por mais que Vicente tentasse identificar algum conhecido, não conseguia ver nada além de pele sem expressão.

— Como você está depois de tudo o que aconteceu, Rose? — disse desistindo do cardápio.

— Levando.

— Sei como é. Também estou me esforçando. — Vicente serviu-se de uma garrafa de cerveja que apareceu sobre a mesa. — Juro que não percebi a garçonete trazendo o pedido.

— Uma pena que tenha vindo errado. Você pediu água, certo?

— Não faz diferença. Água mais alguns aditivos — ele sorriu.

— Como estão as coisas desde que você voltou, Vicente? Digo, quanto ao processo com o juiz. — Havia algo de dissimulado em sua voz.

Vicente apertou os olhos pensativo, incomodado, não conseguindo lembrar da última vez que tinha ido ao fórum ou sequer visto o filho desde que retornara da viagem.

— Relaxe, Vicente. Talvez não tenha se dado conta ainda.

— Do quê?

— Desculpem o atraso, resolvendo umas coisinhas — disse André sentando-se em uma cadeira que até então não estava ali. Vicente tinha certeza que não.

— O que está acontecendo aqui? — disse num sobressalto, derrubando a garrafa de cerveja. Ninguém do bar deu atenção.

— Não achava que iria embora sem dar um adeus, não é mesmo? — disse André.

— Você ainda não entendeu, Vicente? — disse Rose, tentando acalmá-lo. — Sente-se.

Rose levantou a mão para a garçonete sem rosto e, na mesma hora, apareceu um copo de cerveja diante de cada um deles. Toda a bagunça estava limpa. Rose deu dois grandes goles.

— Vou te fazer duas perguntas — ela continuou.

— Aonde você quer chegar? — Vicente percebeu que o nível da bebida no copo dela não mudara.

— Sei que desteta perder uma boa charada e sei que me odiaria se eu te desse a resposta assim tão fácil. — Rose sorriu, divertindo-se. — Vou te fazer duas perguntas e quero que você se esforce em respondê-las.

Vicente relaxou os ombros sobre a cadeira, entregando-se aos jogos da amiga. André olhava satisfeito de um para o outro.

— Pergunta número um: quantas vezes já visitou seu filho desde que voltamos de Nova Jaguaruara?

A confusão na cara de Vicente era impagável.

— Pergunta número dois: como saímos das ruínas da antiga cidade de Jaguaruara?

— Não pode ser... — disse Vicente, levando uma das mãos à boca. — Estamos mortos? Morremos naquela maldita cidade?

— Você perdeu — disse André.

— Não seja estúpido, Vicente! Estamos em um sonho — disse Rose, tomando mais um gole do inesgotável copo.

— Como você sabia?

— As pessoas nos meus sonhos nunca têm rosto.

— Então estamos em um sonho seu?

— Exatamente! Em um sonho dela — disse André. — Mas não se sinta seguro por conta disso. Vocês, digo... Vocês mesmo, carne e osso, ainda estão em Jaguaruara.

— Como é que é? — disse Vicente.

— Rose ainda corre perigo. Devem acordar e dar o fora de lá. Dar um jeito de passar pelos policiais e seguir em frente. Tocar a vida de vocês. Nada de procurar por mais ninguém.

— Por que fez aquilo, André? — disse Vicente.

— Atirei na minha própria cabeça. Isso foi há algumas horas para vocês, há uma eternidade para mim. Peço desculpas pela cena que viram ao acenderem a vela. Tinha miolo meu por toda parte, eu sei. — Ele deu uma pausa e tomou um gole da cerveja. — Eu jamais me deixaria virar comida praquilo que eu vi. Naquela tarde, pus os pés para fora da casa quando já estava escuro e pude sentir naquele instante que era só questão de tempo até que me encontrassem. E não

demorou muito. Estavam à espreita, a me observar pela janela. Mesmo dentro da casa de Bonifácio, eles conseguiram entrar no horário certo. Saíram de um longo jejum. Estão mais fortes, pelo que me disseram.

— Pelo que te disseram? — disse Rose.

— Num piscar de olhos, logo após ver o meu corpo ao chão, eu já estava em outro lugar. Não os encontrei, mas estava no local em que Maria e Felipe estão presos, juntos a tantos outros. O espírito dos que foram consumidos ficam eternamente perdidos no inferno. O que posso dizer é todas as sensações de derrota, dor e doença são misturadas e injetadas em você naquele lugar. Gritaria e lamentação por toda pare. Um verdadeiro inferno.

— Como você conseguiu escapar? — disse Vicente.

— Assim que eu percebi onde estava, antes mesmo de começar a procurá-los, uma voz soou ao meu ouvido. Guiou-me. Pediu para que eu fechasse os olhos. Disse que por eu não ter olhado para aqueles olhos no meu último instante de vida, eu ainda poderia ter uma chance. E assim eu deveria continuar, longe daqueles olhos. Assim o fiz e pude ver uma claridade intensa através de minhas pálpebras. Era como se fosse dia. Eu estava diante de Bonifácio. Ouvi o som de cascos se aproximando, a presença dele, porém, os deteve. Meu espírito então ficou leve e eu ascendi em meio ao lamaçal podre do inferno. Passei por todas as suas camadas. Bonifácio acompanhou-me o quanto pôde, até ser novamente puxado para baixo.

— Minha nossa! Do que você precisa, André? — perguntou Rose, estendendo-lhe a mão.

— Como?

— Minha mãe sempre dizia que os mortos voltam para pedir favores nos nossos sonhos.

— Eu estou tranquilo. Nenhuma pendência, nenhuma complicação. Lavei as mãos. — Balançou as mãos para o alto. — Venho, entretanto, a pedido de Bonifácio. No dia em que ele enfrentou o diabo, ele imaginou duas formas de vencê-lo. A primeira foi com o seu próprio contato, o que não preciso dizer que não funcionou, não é mesmo?

— Qual a segunda?

— Não sei, Rose. Bonifácio pediu para procurá-los. Há tempos ele tenta entrar nos sonhos de alguém de Nova Jaguaruara, mas nem mesmo ele é capaz dentro daquela prisão. Bonifácio estava há anos esperando por esse momento. Há mais de um século ele aguardava atento por uma brecha.

— E o que ele disse?

— Ele disse: Procurem a vista mais ampla da casa de Deus.

— O que você quer que façamos com isso, André? — disse Vicente.

— Não sinto raiva de mim, caro amigo. Sou só um homem morto. — Sorriu e bebericou do copo de cerveja. — Estávamos cercados! Bonifácio foi o mais discreto ao passar o recado. Não perderia sua única chance.

— Isso para mim não significa nada — disse Rose.

— Eu confio nele. Eu confio em vocês. — Deu uma olhada para as pessoas ao redor, percebendo uma inquietação repentina no ambiente. — Bem, acho que nos despedimos aqui.

— Nunca mais vamos nos ver, meu amigo? — disse Vicente.

— Com sorte sim! Daqui a uns cinquenta anos pra vocês, daqui há um milhão de anos para mim. — Voltou-se então para Rose. — Enxugue suas lágrimas! Sei o que você está pensando. Conheci um menininho lá em cima. Ele também escapou dos malditos olhos. Vou tomar de conta dele agora.

— Lamento por não ter contado — disse sorrindo em meio às lágrimas.

— Tudo bem. Eu faria o mesmo.

As pessoas do bar começaram a desaparecer uma a uma, as mesas tremeram e a claridade foi aumentando rapidamente.

— Você está acordando, Rose. Adeus.

Rose tentou segurar-lhe a mão. Acordou-se, porém, a tatear o chão; as pontas dos dedos estavam dormentes. Estava na sala de uma casa velha e abandonada, dormindo no chão contra uma parede. Vicente, Pedro e o pai dele dormiam ao seu lado.

Sua cabeça doía tremendamente. Tivera um sonho, não conseguia lembrar exatamente com o quê. De relance, viu um vulto passando pela porta que dava acesso à cozinha.

— André — disse Rose baixinho, fechando os olhos e voltando a dormir.

Capítulo 29

Firmina morreu, sendo seguida por Bonifácio e então Juvenal no terceiro dia.

A partir de então, como predito no sonho, uma morte aconteceu a cada dia. Uma pessoa desaparecia na noite de Jaguaruara. Sempre na escuridão, de forma rápida e implacável. Um sopro. A luz era a única proteção. Ninguém tinha coragem de caminhar pelas ruas escuras ou ficar em algum cômodo de casa sem que lamparina ou vela estivesse acesa. Nada disso era, porém, o bastante. Por um minuto, a cidade era entregue à escuridão e alguém desaparecia num sorteio maldito. Muitos relatavam ver coisas horríveis de todo tipo à meia-noite. Um não voltava para compartilhar.

A morte de Bonifácio foi a queda da pequena cidade. A próspera Jaguaruara em que as pessoas não adoeciam e que chegavam aos cem anos de idade não mais exibiria seus trunfos. Viciados e pervertidos não mais se deleitariam com a redenção gratuita. O peso do vício e da idade seriam novamente sentidos na carne. A cidade amofinou como animal velho e moribundo, a espantar as moscas com as orelhas feridas.

O braço do rio que passava próximo, perene desde o nascimento de Bonifácio, secou em questão de duas semanas. Seus últimos visitantes foram pessoas e animais sedentos, bebendo-lhe da água imunda e lamacenta de seus derradeiros dias. A situação agravou-se com a chegada da fome e de doenças dos mais variados tipos, inimigas desconhecidas. Sem saber como tratar as enfermidades, muitos sucumbiram às mais simples. E não demorou para que um bando de pessoas desesperadas e sem uma líder perdessem o fino fio do equilíbrio. Saques aos mercados e às casas foram praticados. Água e comida foram roubadas e desperdiçadas em golpes fracassados. Pessoas morreram pela fome, pela doença e pela rivalidade gerada.

Os reservatórios por fim secaram. Não havia água e nem o menor sinal de chuva no céu. Deu-se início a pior seca de todos os tempos, a seca de 1915. Os primeiros relatos da seca surgiram de Jaguaruara e não tardou para que notícias chegassem de outras regiões igualmente castigadas. A seca espalhou-se como um câncer, partindo da cidade maldita em direção a outros municípios. Pessoas fugiram a esmo com seus filhos, andarilhos sem destino, morrendo de sede e com a pele esturricada ao longo das estradas e dos trilhos de trens que iam para a capital. Corpos pútridos amontoavam-se nos acostamentos, verdadeiras trincheiras. No total, mais de 100 mil pessoas morreram e outras 250 mil largaram suas vidas numa tentativa de fugir da seca.

Ao contrário do que ocorreu na seca de 1877, em que Dom Pedro

II havia enviado equipes de engenheiros para a construção de poços em algumas regiões do nordeste, a maior parte dos investimentos contra a seca de 1915 foi adotada em medidas de contenção. Para controlar o grande volume de retirantes que fugiram em direção aos principais núcleos urbanos, foram criados os primeiros campos de concentração brasileiros, verdadeiros currais, onde as pessoas eram mantidas confinadas em prol da ordem e da civilidade desejada pela elite cearense. Os currais do governo mantiveram os reféns da seca, com suas cabeças raspadas no zero, vigiados como criminosos por soldados e cercados por altos muros e arame farpado. As condições precárias de vida, a superlotação, a falta de higiene e as doenças que se disseminavam nesses locais levaram centenas a morrer diariamente. Como o diabo gostou de tudo aquilo.

E das infames coincidências da vida, dessas que ninguém consegue explicar, um bode chegou com um dos grupos de retirantes à Fortaleza. Um bode! Mas um bode inocente, que ficou famoso por caminhar, indo e vindo, pelos mesmos locais, desde a Praça do Ferreira à Praia de Iracema. Após sua morte, o bode foi empalhado e mantido no Museu do Ceará.

Jaguaruara foi uma das poucas cidades escolhidas em 1915 para a construção dos reservatórios. A chegada dos engenheiros trouxe esperança para a população. O problema da cidade, entretanto, não era apenas a falta de água. Os desaparecimentos persistiam e a única solução que encontraram foi fugir. O reservatório, tão necessário, não poderia ser construído ali. Precisavam de tempo para decidir onde recomeçar.

Algumas famílias hesitaram em abandonar a cidade que haviam construído tijolo por tijolo. Seus filhos já haviam sido levados de qualquer maneira. Conformaram-se. Diante da grande miséria e do desespero, a centelha de matar o próprio filho passou também por alguns. Era um acordo, entretanto, sujo demais a ser realizado e não tardou para que desistissem de Jaguaruara. Sabiam que a terrível herança seria passada e não havia apego a lugar algum superior ao preço de se perder o primeiro filho.

Um grupo formado por primogênitos partiu em busca de novas terras. Com seus cavalos magros e acampamentos improvisados, ganharam distância da cidade. E mesmo fora de seus limites, o grupo era refém da escuridão todas as noites. Quando um deles não desaparecia, presumiam que alguém na cidade o havia.

Vinte e um quilômetros além de Jaguaruara, chegaram a uma pequena vila formada por não mais que vinte famílias. Pediram abrigo e ali ficaram até o anoitecer. Nada aconteceu. A vela foi consumida até o fim. O pequeno povoado ouviu o necessário para aceitarem um acordo. Tempos difíceis aqueles. Receberiam mais de trezentas

famílias em troca da construção dos reservatórios.

A população migrou em grupos para a nova cidade, não levando mais de um mês para que a mesma fosse então construída. Apesar da violenta seca, a fuga de Jaguaruara representou um tempo de renovação para aquele povo. Um marco. Uma nova cidade, onde poderiam fazer sua história e criar seus filhos, era recebida como um novo presente de Deus. A nova cidade foi assim estabelecida, carregando, porém, a mesma marca silenciosa e agourenta, manifestada apenas com a chegada do último grupo à Nova Jaguaruara.

— Vai me contar agora onde esconderam as botijas? — disse Sebastião enquanto faziam a última refeição antes da partida.

— Que diferença isso faz, homem? Estamos prestes a deixar tudo isso para trás — disse Clemência.

— O dinheiro poderia nos ajudar com a vida nova, mas entendo sua posição.

— Bonifácio não sabia se era seguro usar o dinheiro e guardou-o por precaução. Prefiro manter a vontade dele. Quem sabe ajude outra pessoa algum dia.

— O dinheiro vai perder o valor, Clemência. É papel.

— Nem todo ele.

— É o que estou pensando?

— Uhum. Mas essa Bonifácio escondeu sozinho. Não faço ideia.

— E acha mesmo que dessa forma vão acabar quebrando a maldição?

— A terra vai me comer e eu não vou saber.

— Na dúvida, podiam ter se livrado. Destruído de uma vez por todas.

— Quem sabe um dia.

— Você não tem mais muitos, mulher.

— Não tenho mais medo. Você ainda tem?

— Da morte? Hoje não mais. O tempo prepara a gente para cada fase da vida.

Clemência sorriu.

— Desde que fugir tornou-se nossa melhor opção — continuou Sebastião, soltando a xícara de café e estendendo-lhe uma das mãos —, meu único medo era o de demorar mais uma noite aqui e perder você.

— Você sabe que isso não poderia acontecer.

Clemência apertou a mão dele, sorrindo ao ver as mãos enrugadas com os dedos cruzados. Tinha sido um longo tempo desde que se conheceram.

— Já olhei nos olhos dele — disse readquirindo um olhar

ríspido. — Não tenho medo se ele aparecer de novo.

— Deixe de bobagem! Não sosseguei até que nossos filhos, sobrinhos e netos fossem embora. Fiz questão de que partissem no primeiro dia. Fico feliz que Benvinda e Cândida tenha ido com todos eles. E nós, contra a vontade de todos, ainda estamos aqui.

— Infelizmente, o tempo me transformou numa velha cheia de gostos. Desde que soube que teríamos que partir, decidi que queria ser uma das últimas.

— Sei o quanto essa cidade representa pra você, Clemência.

— Aqui encontrei tudo que uma pessoa precisa pra ser feliz. — Ela aproximou-se, fazendo um gesto há tanto não praticado.

Ele mesmo não se lembrava da última vez que haviam se beijado. De olhos fechados, os lábios em contato, sentiram por um breve instante o frescor da juventude.

— Partimos em cinco minutos! — gritou alguém do lado de fora.

Os dois afastaram-se rindo, tímidos pelo flagrante. Levantaram-se, deixando os pratos do café da manhã sobre a mesa.

— Tem certeza de que não vai mesmo levar nada? — disse Sebastião tomando a mala em uma das mãos.

— Apenas a roupa do corpo, homem. Já te disse. Vou deixar essa terra da forma como ela me recebeu. Vá pegar sua muleta, está lá no quarto. Devem estar esperando apenas pela gente.

— Se é assim, também estou pronto — disse soltando a mala ao lado da mesa. — Também vou deixar tudo para trás. Levar apenas o maior presente que consegui aqui.

Clemência sorriu e, de braços cruzados para ajudar o marido, saíram para a rua. Não se deram o trabalho de fechar portas nem janelas. Uma carroça esperava-os diante do alpendre. Tomaram seus lugares e partiram em direção à nova cidade.

Ao passar pela igreja, Clemência benzeu-se ao avistar o crucifixo no alto. Um corpo magro, com costelas salientes, pendia da cruz como se feito de carne. Moscas voavam ao redor. Clemência ficou em silêncio, não mostrando o que vira para Sebastião.

A imagem deformada consumiu seu tempo e juízo aquele dia. Mesmo após chegar à Nova Jaguaruara e ser conduzida à nova e recém-construída casa, Clemência carregava um pressentimento de que as coisas não haviam sido completamente resolvidas. Ficou apreensiva durante todo o dia, disfarçando para o marido, mas ansiosa pelo anoitecer. Precisava saber o que viria.

À meia-noite, a vela que iluminava o quarto se apagou. Sebastião dormia. Clemência levantou-se da cama e abriu a janela que dava para a rua. Nem um mínimo traço de luz lá fora. No outro dia não faltaram relatos do acontecido, ninguém, entretanto, havia desaparecido.

Capítulo 30

Vicente fora o último a adormecer. Não havendo motivação nem tranquilidade para essa atividade, cedeu ao sono pelo desgaste. Rose estava sentada contra uma parede, com a cabeça pendendo de um lado para outro em um sonho intranquilo; os olhos estavam inchados e as maçãs do rosto molhadas. Vicente trocou a vela mais uma vez até ser vencido e finalmente tombar ao chão próximo a ela. Pedro e o pai dormiam próximos.

O desaparecimento dos outros não se comparou ao impacto da visão que tiveram ao reacender a vela naquela noite. Um desaparecimento trazia consigo um sentimento de esperança pelo reencontro. O que estava diante deles não. O som do tiro veio seguido por um mórbido e acusatório silêncio. Na escuridão, todos, exceto André, responderam.

— Ele não devia ter saído da casa. Não há como escapar — disse Pedro, conduzindo os outros para a sala, enquanto Vicente tentava, inutilmente, desviar o olhar de Rose da cabeça irreconhecível no chão.

Rose sentou-se a um canto e nada falou. A sua expressão, contudo, era a de quem estava prestes a pular no abismo, desistir de tudo e entregar-se a um mundo recluso e só seu. Chorou em silêncio até adormecer, exausta, contra a parede.

— Vicente, o que você pretende fazer com o corpo? — disse Pedro.

— Levar para a família. Amanhã, de um jeito ou de outro, vamos dar o fora daqui, Pedro. Estamos ficando loucos!

— Não creio que seja uma boa ideia levar o corpo de André. O que contarão para a família? O que dirão para a família de Maria e Felipe?

— Ora mais, contaremos tudo.

— Use o bom senso. Ninguém vai acreditar em vocês. Melhor pensarem que os corpos foram perdidos na explosão após o acidente. Além do mais, se vocês abrirem o bico, a polícia de Fortaleza vai acabar pegando vocês. Eles não vão desistir assim tão fácil. O único jeito de poder recuperar a sua vida é guardando o segredo.

— O que você sugere então? Que eu deixe ele apodrecendo aqui?

— André deve ter visto algo perturbador demais pra ter tomado essa decisão. Seu corpo escapou, mas eu não sei se o seu espírito terá a mesma sorte.

— Aonde você quer chegar?

— Esse foi o local em que Bonifácio viveu por toda a vida. Sugiro deixarmos o corpo aqui. Podemos enterrá-lo no quintal. Acredito que isso seja o melhor que podemos fazer por ele nesse momento.

— Fazemos isso pela manhã?

— Não, ainda há tempo! Façamos agora. Talvez seja o único jeito de salvá-lo. Nunca ouviu falar de para onde vai a alma dos suicidas?

Vicente não entendeu aquela lógica. Não tendo, porém, por que discordar, acompanhou-o até o quarto que dava para o quintal. Pegaram duas pás. Vinte minutos depois, o corpo de André foi então enterrado. Pedro insistiu em fazer uma curta oração. Vicente não ficou. Atordoado, cruzou a cozinha de cabeça virada, evitando olhar para o sangue semissólido no chão. Na sala, sentou-se ao lado de Rose. Do outro lado, o pai de Pedro dormia enrolado como um animal de rua.

A vela estava no fim quando Pedro entrou. Vicente não acreditava que fosse dormir aquela noite. Não querendo ficar no escuro, acendeu outra. Seus olhos, porém, não demoraram a pesar diante da forte claridade.

Poucas horas depois, acordou-se tossindo com a fumaça e o cheiro de cigarro dentro da casa.

— Me desculpe, impossível resistir a um ao acordar — disse Pedro encostado em uma das janelas, o vento indo de encontro a sua boa intenção.

Vicente ignorou-o, virando-se para Rose.

— Já está de manhã, Rose. Temos que partir — disse, despertando-a.

— Ainda me pergunto como fará pra passar por Nova Jaguaruara sem serem vistos — disse Pedro.

— Precisamos de uma distração. Só isso.

— Onde está André? — disse Rose olhando em volta sonolenta, bocejando.

— Não se lembra do que aconteceu ontem?

— Eu o vi.

— Não temos tempo para isso, Rose. É esse local! Está fazendo isso com a gente. Temos que dar o fora daqui hoje, enquanto é dia.

— Você estava lá, Vicente.

— Você corre perigo aqui. Não adianta mais. Ninguém vai aparecer.

— Por favor, tente se lembrar.

— Lembrar do quê? — disse irritado.

— Do sonho que você teve essa noite.

— Não sei do que você está... — Vicente calou-se, mirando a cera da vela derretida. — O Tonel, aquele bar fodido próximo à faculdade...

— Exatamente — disse Rose, arregalando os olhos. — André nos trouxe uma mensagem de Bonifácio. Não consigo lembrar.

Pedro continuava a fumar, não dando a mínima para aquela

conversa. Seu pai, por outro lado, que até então se ocupava em esmagar insetos com a mão, teve toda a atenção voltada para os dois. Vicente e Rose evitaram estabelecer contato visual com ele, embora tivessem percebido a sua aproximação rastejante pelo chão.

Vicente concentrou-se num esforço desmedido. Não conseguia se lembrar de quase nada. Após alguns instantes, escapou-lhe então uma frase desconexa e sem sentido.

— A vista mais ampla da casa de Deus.

— O que isso pode significar?

— C-ca-casa de D-deus. Casa-sa de De-deus. — O homem repetiu, puxando o braço de Rose. Levantou-se de súbito e correu para fora da casa. Parecia querer que o seguissem.

— O que está acontecendo — disse Pedro alheio, da janela.

Rose não hesitou. Correu para fora, acompanhada de Vicente. Pedro apagou o cigarro com os pés e saiu em seguida.

O homem correu ligeiro à frente, repetindo a frase. Quinze minutos depois, estavam de frente ao local que o caminho já denunciava.

— A igreja! — disse Vicente.

Os três pararam diante da velha construção, enquanto o homem corria em círculos, pronunciando algo ininteligível, como um cachorro satisfeito ao achar algo escondido.

— A vista mais ampla da casa de Deus — repetiu Rose, aproximando-se. Procurava alguma pista.

Vicente se pôs no mesmo trabalho. Mas não importava o quanto olhasse em volta, nada atraía mais sua atenção que a janela lateral quebrada e a escuridão que lhe escapava. Apontou o local para Rose.

— O que você está sugerindo, Vicente?

— Talvez devêssemos procurar pelo lado de dentro.

— Você só pode estar ficando maluco — disse Pedro, interpondo-se diante da janela. — Já passei por isso antes e não vou deixar ninguém entrar aí novamente.

— Talvez seja o único jeito — disse Rose, concordando com Vicente. — Saia da frente. Por favor, Pedro.

— Vocês não sabem o que pode acontecer.

— Isso é verdade. Eu não sabia o que poderia acontecer desde que cheguei aqui. Não sabia que sofreria um acidente de carro, nem muito menos que seria preso e perderia três amigos. Peço para que você me dê passagem, por gentileza, pois a última coisa que estou preocupado agora é se devo ou não entrar nessa maldita igreja.

Pedro deu um passo para o lado. Em seu rosto pairava um semblante de dúvida.

Vicente pulou para dentro e Rose aproximou-se da abertura.

— Rose, não faça isso. A maldição pode recair em você.

— Precisamos entender a mensagem, Pedro.

— Leve isso. — Passou o isqueiro cromado para ela. Em seu rosto, Rose divisou a expressão de um garotinho assustado. — Não deixe ele apagar.

Rose pulou.

A escuridão era esmagadora, competindo em intensidade com o cheiro imundo que impregnava o ambiente. Ela sentiu dificuldade em respirar. Tomada por uma sensação claustrofóbica, pensou em voltar, mas lembrou-se do objeto em mãos. Acendeu o isqueiro, projetando um enorme halo luminoso. Sentiu-se melhor. Procurou por Vicente e encontrou-o já indo longe. Ele caminhava, com as mãos à frente, por um dos corredores. Ela apressou-se em sua direção.

Os longos bancos enfileiravam-se delimitando um amplo corredor central e dois corredores laterais, que partiam desde a entrada e formavam dois longos arcos. Imagens de santos e anjos preenchiam cada canto. Rose sentiu-se observada. O som de cada passo provocava-lhe mais arrepios que giz em quadro negro.

— O que você está fazendo? — sussurrou ao alcançá-lo.

— Procurando por alguma pista, Rose. Qualquer coisa. — Sua voz baixa denunciava que estava tomado pelo mesmo medo. Falavam baixo como se alguém ou alguma coisa dormisse ali dentro.

— A vista mais ampla da casa de Deus. — Ela girou a cabeça, prestando atenção a qualquer mínimo detalhe que lhe saltava aos olhos, fosse uma vela derrubada ao chão, fosse um banco levemente desalinhado.

— Que loucura! Nem sequer sabemos o que estamos procurando. A visão mais ampla...

— Mas é claro, Vicente. Do altar! — disse Rose.

Os dois seguiram para a pequena escadaria de acesso. O som dos passos ainda mais intimidadores ao pisarem no chão de mármore. Posicionaram-se por detrás da mesa, diante de todas as colunas e bancos da igreja. Era como se estivessem prestes a celebrar um missa.

Na mesma posição de um padre, com as mãos apoiadas sobre a mesa, Vicente olhou para todas as direções, imaginando o que poderia ter lhes escapado. Algum detalhe, qualquer que fosse, que pudesse ser captado apenas dali. Fez uma varredura por todo o ambiente, terminando por fim na mesa diante de si. A mesa era coberta por uma longa toalha, que escorria até o chão em todas as direções. Crucifixos e taças estavam posicionados à espera de uma próxima missa.

Nada.

— Melhor voltamos para pensar do lado de fora. Não sei até quando o isqueiro vai aguentar.

— Não, Rose.

— O que foi? Teve alguma ideia?

— Não! Não há o que ser feito.

— Temos que continuar procurando.

— Foi apenas um sonho! Temos que pensar num jeito de dar o fora dessa cidade. Isso sim.

Ao dar o primeiro passo para sair diante da mesa, o pé de Vicente bateu em algo.

— Rose, volta aqui.

Sob a chama do isqueiro, encontrou uma ferramenta, a qual julgou ter sido cuidadosamente posicionada ali; metade escondida, metade escapando por fora da tolha.

— Uma antiga furadeira manual — disse Rose.

Vicente levantou a toalha e olhou para debaixo da mesa, para a escuridão que a ferramenta apontava.

— Embaixo do nosso nariz.

Rose empurrou os objetos da mesa, abrindo espaço para que Vicente colocasse o grande ovo de barro. Estava fascinada com a harmonia e as proporções do objeto, até encontrar uma irregularidade.

— Um furo! — disse, inserindo o indicador.

Vicente testou o furador. O encaixe era perfeito.

— Algo foi colocado aqui depois de pronto.

Vicente pegou um dos castiçais em cima da mesa e com um golpe, quebrou a botija. Moedas caíram, espalhando-se por sobre a mesa com um brilho tímido e amarelado. Rose tomou uma em suas mãos.

— Não pode ser... Isso é ouro!

— A décima botija.

Estavam boquiabertos, hipnotizados.

Um pedacinho de papel dobrado entre as moedas chamou-lhes finalmente a atenção.

Vicente abriu e leu:

Porventura a minha palavra não é como o fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra? Jeremias 23:29

— Porque o nosso Deus é um fogo consumidor... — disse Rose, olhando em volta da antiga construção.

— Você está pensando o mesmo que eu?

— Se formos fazer isso, temos que ser rápidos — disse apontando para a fraca chama do isqueiro.

Na parede de trás do altar, Vicente encontrou dois lampiões. Quebrou-os com o castiçal e o cheiro do querosene subiu ao formar duas grandes poças.

Rose estava prestes a deixar o isqueiro cair, quando Vicente interrompeu, segurando sua mão. A chama era ridícula.

— Vamos levar o ouro.

— Você está louco? Bonifácio não teve coragem de usar o dinheiro. Ele mesmo escondeu tudo.

Vicente empurrou os objetos que estavam sobre a mesa, deixando apenas a botija quebrada e as moedas. Uniu as quatro pontas da toalha e improvisou um enorme pacote.

— Não temos tempo para isso, Vicente. — Ela estava ofegante.
— Não sabemos com o que estamos lidando.

— Estou seguindo a lógica de vocês, Rose. Se a localização de uma botija nos foi dada através de um sonho, seu conteúdo é merecidamente nosso!

Rose balançou a cabeça. Não era exatamente uma negação. Era dúvida.

— Tomara que estejamos fazendo a coisa certa. — Ela soltou o isqueiro.

O fogo transformou-se de uma mínima chama para uma enorme massa causticante, crepitando e liberando odores conforme consumia os objetos mais próximos. O fogo cresceu rápido, liberando luz e calor em todas as direções.

Vicente e Rose correram para a janela, cobertos por centenas de olhos despertos e famintos. Toda a construção parecia dobrar-se e torcer-se pelos estalos incessantes provocados pelo fogo. Eram sons de ossos quebrando. No último momento, antes de saltar para fora, Rose pôde jurar ter ouvido um grito.

— O que vocês fizeram? — perguntou Pedro.

— Você vai entender — disse Vicente.

A fumaça então irrompeu de todas as frestas. Cinco minutos depois, as chamas alcançaram o topo, consumindo o crucifixo. E a imagem queimou como carne podre, liberando um cheiro nauseabundo.

Capítulo 31

— Trouxe isso para você — disse Bruno, colocando uma maçã, daquelas bem grandes, em cima da mesa de Raquel ao final da aula.

— Muito obrigada, querido.

O menino sorriu, caminhando para a saída.

— Bruno! — chamou Raquel. — Acho que ainda não lhe disse o quanto estou feliz por você. Que bom que as coisas estão melhores para o seu pai e agora vocês podem morar juntos. Torci muito durante o processo. Como foi a primeira semana?

— Perfeita! Todo dia ele me pega após a aula, almoçamos juntos e então me deixa em casa. Ele tem que voltar pro trabalho novo dele e é nesse tempo que eu faço a lição. Fico feliz que ele não precise mais viajar. À noite a gente joga, assiste filme ou prepara algo juntos para comer. Não poderia ser melhor. — Bruno olhou distraído para um canto. — Posso dizer algo que não faz muito sentido? Sinto saudades da minha mãe.

— Não se assuste com isso. Foram anos de convivência. É natural que você leve um tempo para se acostumar com a mudança. Como ela vai?

— Não sei explicar. Tudo que eu mais queria era ir embora daquela casa e morar com o meu pai. Mas ela mudou... Desde a noite da entrega dos boletins, no mês passado, que ela está agindo diferente. Não recebemos mais visitas de amigos dela, nem nunca mais encontrei qualquer garrafa de bebida pela casa. Naquele dia, confesso que gostaria de ter vindo para a premiação, mas ela não se lembrou. No outro dia, porém, ela me entregou a medalha toda orgulhosa. Disse que o colégio havia mandado pelos correios.

— Sim... A diretora sempre envia para as crianças que não podem comparecer.

— Conseguiu até um emprego no início do mês. Sei que ela está se esforçando. Tenho medo de ter abandonado ela justo quando mais precisava de mim.

— Não pense assim, querido. Ninguém abandonou ninguém. Digamos que todos vocês estão precisando de um tempinho para se reajustar. Mantenha o contato com ela, que as coisas vão ficar bem.

— Posso confessar mais uma coisa para a senhora?

— Claro!

— Gostaria muito que conhecesse meu pai. — O menino sorriu, balançando de um lado para o outro. — Ele está solteiro, você também...

— Bruno, Bruno! — disse Raquel ajoelhando-se para ficar da sua altura. — Tem coisas da vida de adulto que você ainda não consegue

entender, mas acredite em mim quando eu digo que não daria certo.

— Eu te acho bonita!

— Ah, obrigada, cavalheiro. Mas posso te contar também um segredo? Estou saindo com outra pessoa. Depois te apresento.

— Poxa vida! Então meu pai vai ter que conhecer alguém em outro lugar?

— Exatamente.

— Com licença — disse Alice aparecendo à porta. — Raquel, tenho que deixar umas coisas na sala dos professores. Nos encontramos em quinze minutos lá embaixo, tudo bem?

— Tá ótimo! Estarei no carro. — Raquel piscou um olho.

Alice repetiu o gesto e acenou para Bruno, despedindo-se.

— Raquel — disse Bruno voltando-se para a professora. — Muito obrigado.

— Por que está dizendo isso, querido?

— Você me fez acreditar que tudo daria certo — disse ele sorrindo, quase tímido. — Você faz eu me sentir bem todas as vezes que eu converso com você.

— Bruno, você é uma criança ótima. Sei que terá um futuro brilhante.

— Melhor eu ir. Meu pai deve estar quase chegando.

— Até amanhã, querido.

— Posso te dar um abraço?

Naquele momento, Bruno se sentiu a criança mais especial do mundo. Que sorte a sua ter Raquel como professora e amiga, ele pensou. Ao afastar-se do abraço, reparou no pescoço dela um sinal do lado direito. Um sinalzinho pequeno, o qual nunca tinha reparado. Tinha cor de sangue.

Ele foi embora.

Raquel acompanhou o menino com o olhar enquanto ele saía da sala. Que bom que as coisas finalmente pareciam bem para Bruno. Ela estava feliz. De certa forma, sentia-se responsável, nem que fosse por um tantinho sequer. E esse tantinho para ela era algo enorme.

De repente, Raquel foi tomada por um desconforto. Uma sensação estranha, parecida com medo, mas não era medo. Uma sensação nova, desconhecida. Ela passou a mão na nuca. Algo fisgava lá dentro.

Bruno desceu os últimos degraus da escola, despedindo-se de um ou outro aluno, e foi para a calçada esperar pelo pai.

Vicente estava próximo, mas o trânsito fluía devagar. Chegando ao último quarteirão, de onde já podia ver Bruno, o sinal fechou. À sua frente, antes da faixa de pedestres, parou um carro com os dizeres: *Porque o nosso Deus é um fogo consumidor*. Vicente encostou a cabeça no vidro e ficou a lembrar de tudo que acontecera na última viagem

que fizera a trabalho.

O sinal abriu. O carro da frente acelerou desgovernado, subindo a calçada da escola. Bruno foi arremessado a seis metros de distância.

O carro parou diante da blitz, mas antes mesmo que os policiais fizessem a vistoria, Pedro saltou do carro aos gritos:

— A velha igreja está pegando fogo! Vi alguns dos fugitivos ateando fogo nela agora mesmo!

Dois policiais entraram numa viatura, tomando o caminho indicado. Outro manteve o posto. No meio do alvoroço, Pedro entrou no carro e seguiu adiante.

— Não acredito que deu certo! — disse Pedro em comemoração para suas caronas, escondidas por velhas lonas no interior do carro. Vicente e Rose saíram do espaço entre os bancos da frente e o banco traseiro e tomaram seus lugares.

— Não posso acreditar que ainda estavam bloqueando a saída da cidade. Eles não vão desistir nunca? — disse Rose, olhando pelo vidro de trás.

— Deixarei vocês na rodoviária de Acaraú. Sai um ônibus agora às nove e meia para Fortaleza. Peguem ele e nunca mais voltem aqui.

— Com todo o respeito, mas isso não será difícil — disse Vicente.

Após deixá-los na rodoviária, Pedro voltou para Nova Jaguaruara. Não havia mais nenhum policial na entrada da cidade. Os carros passavam livres mais uma vez. O que era para ser percebido como algo normal, deixou-o inquieto. De frente à pousada, uma viatura estacionada o esperava.

— Preciso que me acompanhe até a delegacia, Pedro.

— O que eu fiz de errado, Jorge?

— Pode poupar o fôlego, rapaz. A atuação que fez há pouco já foi o suficiente. Um de nossos homens acabou de seguir você. Me ligou dizendo que tinha acabado de deixar dois dos fugitivos em uma rodoviária. Onde estão os outros dois?

— Morreram. Voltamos para procurar pela primeira moça. Disse que não adiantaria, mas eles insistiram.

— Onde você estava com a cabeça?

— Eu digo o mesmo! O que você achou de prender aquele grupo de inocentes? Não pude concordar com aquilo.

— Ora, ora! Não se complique ainda mais. Você assume então que teve participação daquela fuga em massa?

— Não sabia que as coisas iam tomar essas proporções.

— Você ferrou com tudo, seu merda. Além de toda a roubalheira, duas pessoas de fora fugiram sabendo do segredo dessa cidade.

— Eles prometeram não contar nada. Confio neles.

— Você não sabe de nada. Devia honrar o seu pai e o seu irmão,

mas ao invés disso, você levou ainda mais sangue para aquela maldita terra. — O policial adiantou-se, abrindo a porta traseira da viatura. — Você não me dá outra opção.

Pedro seguiu em silêncio até a delegacia. Minutos depois, entrou de cabeça baixa, para evitar o olhar dos curiosos que já se adensavam ao redor do prédio. Jorge fez questão de ele mesmo o acompanhar até a cela.

— Você vai aguardar aqui alguns dias até seu julgamento, mas você sabe que se meteu numa situação complicada demais.

— Jorge, o que você vai fazer hoje à meia-noite?

— Nada. Provavelmente estarei dormindo, por quê? — disse surpreso, percebendo um olhar de desafio.

— Se você realmente quiser entender o que houve esta semana, peça para que esteja acordado à meia-noite.

— Para ver o óbvio?

— Espero que não.

O policial saiu.

A cela de forma alguma era aconchegante, mas contentou-se por ter sido colocado sozinho. Nas outras celas, os fugitivos que haviam sido recuperados soltaram uma ou outra piadinha. Pedro não deu ouvidos.

Às dez horas da noite, as luzes das celas foram desligadas. A pequena luminosidade, que vazava pela janela da porta da recepção, permitiu Pedro contentar-se com os contornos das grades e dos desenhos nas paredes e no teto. Distraía-se como uma criança a observá-los vezes sem fim. Estava ansioso para dar meia-noite e sabia que não conseguiria dormir. Pensou no pai e em como o povo receberia a notícia de que ele ainda estaria vivo. Sabia que cedo ou tarde teria que contar aos policiais, ou ele morreria de fome na cidade abandonada. Depois de um longo tempo, o qual não conseguiu julgar quanto com precisão, foi surpreendido com a porta que dava acesso à recepção sendo aberta; uma sombra corpulenta foi projetada até a outra extremidade do grande salão.

— Pedro — disse Jorge baixo ao chegar diante de sua cela, não querendo chamar a atenção dos outros presos, que agora dormiam —, o que você acha que vai acontecer dessa vez? Está quase na hora.

— Eu não sei.

— Fui até a velha igreja ver com os meus próprios olhos. Está destruída. Você acha que fizeram a coisa certa?

— Já vamos saber.

— Você participou da destruição?

— Não. Só assisti.

— Espero que não carreguem nenhum mal com eles.

— É o meu maior medo.

— Está quase na hora — disse Jorge, os olhos fixos nos ponteiros do relógio de pulso.

Deu meia-noite.

O policial não acreditou. Os ponteiros continuavam a girar e, mais que isso, ele podia vê-los. Aos seus olhos surpresos, o grande trapézio de luz projetado pela porta que dava para o saguão mantinha-se tão firme e sólido quanto qualquer barra de ferro daquele recinto. Estaria tão pasmo quanto se soltasse um copo de vidro e este não caísse e se espatifasse ao chão; era o deslumbramento da mais irrefutável lei sendo quebrada.

Pedro olhou com satisfação para o sorriso de incredulidade que surgiu no rosto sisudo do policial.

— Quantos deles morreram mesmo?

— Três, por quê?

— Tenho coisas pra resolver.

Minutos depois, Pedro caminhava pelas ruas em liberdade.

Em suas mãos, o único celular do grupo que conseguiu recuperar com Jorge antes de sair da delegacia. A intenção de Pedro não era entregá-lo de volta. No fundo, sabia que nunca mais tornaria a vê-los e nem sentia vontade de forçar um contato, por menor que viesse a ser. Sua intenção era outra.

Ao chegar à pousada, conectou o celular a um dos computadores novos e procurou por fotos. Imprimiu três.

No dia seguinte, entrou no carro e viu o pacote feito com um pedaço da toalha de mesa, rasgada de forma irregular, à mão. Esquecera-se completamente. Abriu e viu o brilho alucinado das moedas de ouro. Que sorte de os policiais não terem procurado por nada em seu carro, pensou.

Era cedo quando saiu da pousada, queria passar na igreja da cidade sem ser visto antes de partir. Ao entrar, dirigiu-se para o mural com as fotos das pessoas desaparecidas. Retirou a foto de seu pai e guardou-a no bolso. Ao lado da foto do irmão, fixou uma foto de Maria e uma de Felipe. Quando chegou a vez de André, no último momento, não achou adequado fixá-la ali. Pedro olhou ao redor e teve uma ideia. Sorriu. Arrancou a fita adesiva de um dos cartazes da parede ao lado e colocou no verso da foto. Correu até o altar e, certificando-se de que ainda estava sozinho, colou-a de baixo da grande mesa.

Partiu de Nova Jaguaruara, tomando antes o rumo da velha igreja. Parou em frente aos destroços. O cheiro de queimado ainda era forte; parecia carne queimada. Pela última vez adentrou a cidade fantasma e pegou o pai. Fugiram. Pedro não se despediu de ninguém. Com a sua parte do dinheiro da botija, comprou uma pousada em uma praia em Itarema e lá residiu até o fim de sua vida. Seu pai trabalhou

como caseiro da pousada e os dois jamais foram reconhecidos pelos poucos habitantes de Nova Jaguaruara que por acaso apareceram por lá.

Pedro jamais retornou a ver Vicente ou Rose.

Vicente ficou com dois terços das moedas encontradas na botija. Rose não aceitou sua parte, por mais que ele tentasse convencê-la do contrário. Ainda pensou em entrar em contato com Pedro, para dividir igualmente entre os dois, mas preferiu não forçar contato. Melhor não. Doou a parte de Rose à sua indicação.

Encontraram-se cada vez menos depois de retornarem de Nova Jaguaruara. A amizade parecia ter caído em um poço profundo e escuro demais. Os encontros não faziam bem, despertava, pelo contrário, lembranças das mais terríveis. Lembranças de coisas conhecidas naquele lugar. Recordavam-se dos amigos perdidos e de tudo que haviam passado naquela maldita cidade. Afastaram-se naturalmente com o tempo. As ligações foram tornando-se cada vez mais escassas, até o ponto em que nem mais os aniversários foram lembrados.

Vicente encontrou-a em um supermercado anos depois. Continuou olhando para as compras do carrinho, passando direto pelo corredor. Teve a impressão de que ela também fizera o mesmo.

A multidão rapidamente se amontoou ao redor do corpo de Bruno.

Vicente, ainda parado antes do semáforo, sentiu-se dragado da realidade. Aquilo não podia ser verdade! Estava impotente diante do inaceitável fato de que seu filho estava morto. Sentia-se sufocado, como se toda partícula de ar tivesse desaparecido de dentro do carro. Tudo o que lhe restava, porém, era encarar os fatos. Acelerar o carro até o local seria o primeiro passo para desencadear uma cadeia de eventos indesejados. Acelerar. Descer em meio à multidão. Tomar o corpo mole do filho em seus braços. Mas não havia alternativa, não poderia ficar parado ali para sempre. Retirou o freio de mão e, no momento que ia acelerar em direção ao local do acidente, um homem saiu do meio da multidão e foi em sua direção.

Ele fez sinal para que Vicente o esperasse. Vicente pisou no acelerador. O carro não respondeu. O homem aproximou-se da porta de passageiro, mas Vicente foi mais rápido, acionando o trancamento da mesma. O homem, entretanto, com muita desenvoltura, abriu-a indiferente, sentando-se ao seu lado.

— Que diabos...

— Nossa! Não pensei que seria tão rápido. — O homem tinha um tom debochado. Um ar de superioridade que ele não suportava.

— O que está acontecendo? Preciso ir até o local do acidente. É meu filho! — Vicente tentou abrir a sua porta. Estava presa.

— Não há o que fazer. Relaxe! Vamos bater um papo antes de você retomar a sua vida infeliz, Vicente.

— Como sabe o meu nome?

— Sem apresentações, por favor. Não sejamos ridículos. Confio em suas faculdades para entender o que está se passando aqui. — Em seu rosto, uma expressão alucinada de satisfação com o pânico na cara de Vicente.

Vicente tentou abrir a porta mais uma vez e, para a sua surpresa, viu pela janela um mundo congelado. O vento soprava e as folhas se agitavam, mas as pessoas, os carros e tudo ao redor eram meros objetos inanimados. Apenas ele e seu passageiro pareciam ter vida, dentro daquele microcosmo, imersos em uma cidade de bonecos de cera.

— Como eu estava dizendo, já você retoma a sua vidinha infeliz. Quer dizer — disse o homem tocando o painel do carro —, que guinada você deu. Sempre adorei o cheiro de carro novo, sabia? Já era tempo de me convidar para dar uma volta, não? Tive o prazer de conhecer também o seu apartamento esses dias. Um luxo para uma pessoa como você. Incrível como não me notou. Ah, mas poucos são os que me notam. Adoro acompanhar as pessoas quando caminham pela casa durante a noite. Fico escondido nos cantos mais escuros, onde a iluminação não consegue chegar. Adoro observar o comportamento delas.

— O que você quer comigo?

— O desejo de todos, não? Acordar de um sonho e tornar-se rico? Até mesmo deu um depoimento falso para a polícia sobre o acidente que causou a morte dos seus amigos. Que feio, Vicente! Quero ver também como vai fazer para declarar para o Leão toda essa mudança. Todo mundo tem um dedo sujo. É isso aí. Você também. — Risos. — Quem diria! Logo você, um merdinha nascido com dívidas até o pescoço. Acompanhei de perto seu pai por muitos anos. Um viciado de merda! Bastou ganhar algumas apostas e logo não conseguiu mais parar. Arruinou com o casamento e deixou os dois únicos filhos atolados em dívidas. Não vou dizer que ele não tentou sair do jogo. Claro que tentou, todos tentam, mas ninguém consegue resistir aos meus encantos. Sei como cutucar da maneira certa e enlouquecer qualquer um.

— Você matou meu pai?

— Não Vicente! Seu pai se matou ao se envolver com aqueles agiotas. Ele fez as escolhas dele. Você fez as suas. Casou-se com uma mulher tão problemática como seu pai, também com seus próprios vícios. Não venha com essa para cima de mim.

— Você arruinou a família do meu pai e depois a minha.

— Encare os fatos. Deus, no meio de toda a sua criação, teve a melhor invenção de todas. Ele deu ao homem o livre arbítrio. Todos fazem suas escolhas, mas é claro que alguns se perdem no meio do caminho. É natural. São possibilidades demais, tentações demais. — Abriu as mãos espalmadas para cima. Era como se estivesse diante de um grande auditório repleto de derrotados. — Vejamos as coisas de uma maneira diferente. Deus é como um cozinheiro que faz um jantar estupendo, maravilhoso. Uma mesa farta e longa repleta de tudo que imaginar de uma ponta a outra. Mas aí você prova e vê que falta tempero. Vê que não tem sal. E é justamente aí onde eu entro. Eu dou sabor à vida, Vicente. E depois do jantar, ainda tenho as mais maravilhosas sobremesas para oferecer. Só mesmo muita oração para resistir às minhas tentações — disse sorrindo largamente, como se tivesse acabado de proferir a piada do século.

— Não acredito nele. — Vicente aproveitou um momento em que ele olhava para fora e desligou o ar condicionado. Precisava fazer um teste. O vento lá fora continuava a soprar e o sol a bater no parabrisa.

— Fala de Deus? — disse voltando-se para ele. — Você tem que sair de cima do muro, meu caro. Não pode negar os dois lados para sempre. Ele existe! E a prova disso é que eu estou aqui. Agora sejamos francos um com o outro. Acreditar nele ou não, não faz diferença. Ele nem está aqui mesmo.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que ouviu. Uma criança que faz um castelo de areia e depois vai embora pra casa. Só isso. Agora quer saber por que eu continuo aqui? Porque não há criação melhor. Sei que sou odiado por muitos e que ninguém quer ouvir meu nome, mas tem tantos outros que me adoram. Você não tem ideia de quantos fracassados gritam pelo meu nome dia e noite. Alguns eu devoro, alguns eu dou para outros demônios, alguns eu torno em grandes líderes. E assim a vida vai caminhando. Já são séculos e séculos assim.

— Eu derrotei você — disse Vicente.

— Opa! Que audacioso. Gosto disso! Travamos uma batalha sem nem ao menos nos conhecer. Sorte a sua ter tido ajuda de Bonifácio. Acredita que o idiota achou mesmo que poderia me destruir? Tolo! Eu só não imaginava que ele teria essa outra carta na manga. E eis que você aparece mais de um século depois e... Bem, acha que pode me vencer. Apenas um humano, é isso que você é. Uma criação de barro. — Ele deu uma gargalhada. O tom teatral espetava o juízo de Vicente como uma agulha.

— O que você quer comigo? — disse apertando o volante entre as mãos.

— Nada demais. Apenas queria conhecer o homem que destruiu uma de minhas passagens.

— Fala da velha igreja?

— Tenho minhas maneiras de estabelecer a ponte do mundo para onde fui expulso para esse de vocês. Aquela era apenas uma.

— Então estamos resolvidos. Agora sabe quem eu sou e o que eu fiz contra você.

— Nada melhor do que conhecer um oponente, não é mesmo? É uma pena que não venha para o meu lado. Vai continuar em cima do muro. Conheço seu tipo.

— Não tenho tempo para isso.

— O que você mais tem agora é tempo, meu caro. Tornei você um homem rico.

— Não! Não te devo nada! Esse dinheiro nunca foi seu.

— Poupe-se, Vicente — disse apontando para o amontoado de pessoas. — Prepare-se para o que vem a seguir.

— Não mesmo! Você vai embora agora e nunca mais vai aparecer.

— Você não tem medo? Gosto disso!

— Eu não tenho medo!

— Nem de como será sua vida sem seu filho?

— Isso não está acontecendo! É apenas um de seus truques.

— Como você soube? — disse surpreso, perdendo a eloquência.

— É meio-dia! Você não é forte o suficiente para aguentar a toda essa luz. Além do mais, estamos num carro fechado e não há calor algum — disse apontando para o ar condicionado desligado.

— Estou admirado! Finalmente aprendeu a captar as incoerências dos sonhos? Hora de nos despedirmos então. Hora de acabar com essa maravilhosa encenação. Nada melhor e pra fazer a gente se sentir mais vivo que um pesadelo, não é mesmo? Mas relaxe, foi só uma pequena visita. Seus próximos anos dirão se nos encontraremos ainda ou não.

O diabo então olhou para ele com um último sorriso lunático; os olhos a escapar das órbitas. Uma visão assustadora, como a de um psicopata prestes a atacar. Ele saltou para cima de Vicente.

Vicente despertou de um pulo. No banco do passageiro, não havia ninguém. Mas o ar estava tomado por um cheiro forte, que lembrava o mais barato incenso. O ar condicionado funcionava normalmente.

Estava parado no semáforo, a um quarteirão da escola, de onde pôde ver Bruno adiantando-se em direção à pista, acenando. À sua frente então, percebeu um carro com os dizeres: *Porque o nosso Deus é um fogo consumidor.*

O sinal abriu.

Vicente tirou o freio de mão e pisou fundo no acelerador, batendo no carro antes mesmo que ele pudesse cruzar a faixa de pedestre. O trânsito engarrafou e os motoristas buzinaaram possesos de ódio.

— Meu Deus do céu! — disse uma senhora saindo do carro da frente.

— Desculpe-me pela batida, senhora — disse forçando uma cara de arrependimento.

— Não acredito que teremos de esperar a perícia, meu jovem. Tenho uma consulta marcada para logo.

— Posso lhe fazer uma proposta?

Mas antes que ela respondesse, Vicente voltou para o carro. Sentou-se e começou a escrever em um pedaço de papel.

— Acho que isso será o suficiente para arcar com o prejuízo.

A mulher recebeu o cheque, voltando-se para ele admirada.

— Mas senhor...

— Tudo bem. Use o necessário e passe adiante. Tenha uma ótima tarde — disse, despedindo-se.

No cheque, havia o valor restante que havia sobrado no banco. Dera a entrada no apartamento e no carro, isso bastava. Que o dinheiro ajudasse mais alguém.

Vicente dirigiu até a calçada da escola, estacionando o carro amassado próximo ao filho.

— Que azar, pai! — disse Bruno ao entrar.

— Você que pensa, filho! — disse, descabelando o menino com uma das mãos. — Vamos! Estou morrendo de fome.

Vicente deu partida. Viu então, do outro lado da rua, o mesmo homem que acabara de entrar em seu carro no sonho. Encarou-o. O homem sorriu timidamente em resposta, sem nada entender. Vicente deixou o carro seguir, balançando a cabeça e sorrindo para si mesmo.